



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - EEH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – PPGT
DOUTORADO EM TEOLOGIA**

DIRCE GOMES DA SILVA

**POR UMA MISSÃO EM DIÁLOGO
À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**

CURITIBA

2024

DIRCE GOMES DA SILVA

**POR UMA MISSÃO EM DIÁLOGO
À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Área de Concentração: Teologia Sistemática, Pastoral e Espiritualidade; Linha de Pesquisa: Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso e Casa Comum na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Elias Wolff

CURITIBA

2024

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

S586p
2024
Silva, Dirce Gomes da
Por uma missão em diálogo à luz do magistério do Papa Francisco / Dirce
Gomes da Silva; orientador: Elias Wolff. – 2024.
279 f.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2024
Bibliografia: f. 248-279

1. Teologia. 2. Missão da Igreja. 3. Ecumenismo. 4. Diálogo inter-religioso.
5. Francisco, Papa, 1936-. I. Wolff, Elias. II. Pontifícia Universidade Católica do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD. 20. ed. – 230



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº.007.2024
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE TEOLOGIA**

Dirce Gomes da Silva

Aos vinte e seis dias de agosto de dois mil e vinte e quatro, às cartoze horas reuniu-se por videoconferência a banca examinadora constituída pelos professores doutores Elias Wolff, Joachim Andrade, Andreia Cristina Serrato, Clélia Peretti, Claudio Ribeiro para examinar a Tese de doutorado de **Dirce Gomes da Silva** ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Doutorado, no ano de 2021, na Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral, Linha de Pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa. A doutoranda apresentou a tese intitulada: **POR UMA MISSÃO EM DIÁLOGO À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**. A candidata fez uma exposição sumária da tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi **APROVADA** pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16hs:50 min. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores(as) participaram da banca de Defesa de Tese por videoconferência e estão de acordo com termos acima.



Documento assinado digitalmente
ELIAS WOLFF
Data: 30/08/2024 08:13:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Elias Wolff
Presidente/Orientador

Prof. Dr. Joachim Andrade
Convidado Interno
Profa. Dra. Andreia Cristina Serrato
Convidada Interna
Prof. Dr. Claudio Ribeiro
Convidado Externo
Profa. Dra. Clélia Peretti
Convidada Externa

Prof. Dr. Waldir Souza
Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



Ao Papa Francisco.
Ao professor Dr. Elias Wolff.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Uno e Trino, fonte da missão, mistério de Deus revelado em Cristo, o Bom Pastor, que me concedeu o dom de pesquisar a sua missão. Pela sua graça, pude aprofundar e conhecer um pouco mais seu amor misericordioso, que se estende a toda criatura por meio do seu diálogo de amor.

Ao professor, Dr. Elias Wolff, deixo aqui expressa minha eterna gratidão, tanto pelas incansáveis orientações como também por possibilitar uma bolsa taxa da PUCPR, vinculada ao seu projeto de pesquisa sobre o ecumenismo na América Latina, do qual sou Bolsista Produtividade CNPq.

À minha Congregação Religiosa, Irmãos de Cristo Pastor, com especial agradecimento à minha comunidade, Maria Mãe da Igreja em Tapejara/Pr.

À Pontifícia Universidade Católica PUC – PR e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação.

Aos professores, de modo especial aos que diretamente contribuíram com minha formação, seja pelas disciplinas ministradas, seja pela contribuição nas diversas bancas.

Aos colaboradores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, meu especial agradecimento aos colaboradores da secretaria, na pessoa do secretário Jefferson dos Santos Silva e aos bibliotecários por toda atenção e orientações.

“Um diálogo é muito mais do que a comunicação duma verdade.
Realiza-se pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica através das
palavras entre aqueles que se amam”
(Francisco, 2013, n. 142).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a missão em perspectiva dialogal no magistério do Papa Francisco. Visa verificar os elementos que configuram a missão em um contexto plurirreligioso e multicultural trabalhando elementos fundamentais para que o diálogo seja constitutivo do ser e agir da igreja em nosso tempo. O objetivo é verificar os elementos que configuram a missão em diálogo nos diferentes contextos do pluralismo sociocultural e religioso em que vivemos hoje. Para isso, analisa-se o processo evolutivo da missão a partir do magistério do Concílio Vaticano II e do Papa Francisco e o relaciona às propostas teológicas de diálogo intercultural, ecumênico e inter-religioso. O objeto formal e material da tese é a análise do pontificado do magistério do Papa Francisco como abordagem original à proposta de uma teologia da missão em perspectiva dialógica. A metodologia utilizada desenvolveu-se pela análise qualitativa da bibliografia que trata do objeto da tese, com perspectiva investigativa, descritiva, interpretativa e indutiva. As Sagradas Escrituras, os documentos do Concílio Vaticano II, do magistério do Papa Francisco e das conferências episcopais, são as fontes primárias da pesquisa, recorrendo também às pesquisas de teólogos e teólogas na busca de respostas às questões levantadas na Tese. A hipótese levantada na pesquisa é que o magistério de Francisco oferece significativas contribuições para a igreja realizar sua missão de modo dialogal. A pesquisa busca, então, verificar quais são os impulsos desse pontificado para tornar o diálogo constitutivo da missão da igreja, mostrando as implicações disso para a organização interna da igreja e suas relações externas. A questão a ser respondida é: como a igreja realiza sua missão evangelizadora enquanto experiência de vida compartilhada com diversos modos de ser, viver e crer, em fidelidade ao Evangelho de Cristo em nosso tempo? As respostas apontam que a igreja é cooperadora da *missio Dei* e é chamada a estar em estado permanente de missão, superando práticas missionárias colonialistas, exclusivistas e autorreferenciais. A pesquisa conclui que, em tempos e contextos plurais, o processo missionário de uma 'Igreja em saída' se dá pela vivência dialógica, sinodal, pelo ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Uma pertinente renovação da missão eclesial exigirá a ultrapassagem de posturas dogmatistas e disciplinadoras, desenvolvendo posturas de inclusividade, dialogicidade e parcerias, o que possibilita a missão de pregar o Evangelho, contribuir na construção da fraternidade universal e no cuidado da *Oikomene*, a Casa Comum. Mesmo com os impulsos do Papa Francisco, o processo caminha lentamente. Urge acolher na prática missionária da igreja o método dialogal, como apontado pelo Papa Francisco. Isso fortalece a cooperação ecumênica e inter-religiosa que amplia os horizontes da missão, com novas hermenêuticas dos caminhos do Reino de Deus, protagonizado por Jesus de Nazaré, o missionário do Pai, na história da humanidade.

Palavras-chave: missão; diálogo; papa Francisco; ecumenismo; diálogo inter-religioso; igreja em saída.

ABSTRACT

This research aims to analyze the mission from a dialogical perspective in the magisterium of Pope Francis. It aims to verify the elements that shape the mission in a multi-religious and multicultural context, working on fundamental aspects so that dialogue is constitutive of the church's being and acting in our time. The objective is to verify the elements that shape the mission in dialogue in the different contexts of socio-cultural and religious pluralism in which we live today. To this end, the evolutionary process of the mission is analyzed based on the magisterium of the Second Vatican Council and Pope Francis, relating it to theological proposals for intercultural, ecumenical, and interreligious dialogue. The formal and material object of the thesis is the analysis of the pontificate of the magisterium of Pope Francis as an original approach to the proposal of a theology of mission from a dialogical perspective. The methodology used was a qualitative analysis of the bibliography dealing with the subject of the thesis, from an investigative, descriptive, interpretive, and inductive perspective. The Sacred Scriptures, the documents of the Second Vatican Council, the magisterium of Pope Francis, and the episcopal conferences are the primary sources of the research, as well as the research of theologians in the search for answers to the questions raised in the thesis. The hypothesis raised in the research is that Francis' magisterium offers significant contributions for the church to carry out its mission in a dialogical way. The research then seeks to ascertain what the impulses of this pontificate are to make dialogue constitutive of the church's mission, showing the implications of this for the church's internal organization and its external relations. The question to be answered is how does the church carry out its evangelizing mission as an experience of life shared with diverse ways of being, living, and believing, while remaining faithful to the Gospel of Christ in our time? The answers indicate that the church is a cooperator in the *missio Dei* and is called to be in a permanent state of mission, overcoming colonialist, exclusivist, and self-referential missionary practices. The research concludes that, in plural times and contexts, the missionary process of an 'outgoing Church' takes place through dialogical, synodal living, ecumenism, and inter-religious dialog. A pertinent renewal of the ecclesial mission will require overcoming dogmatist and disciplinary attitudes, developing attitudes of inclusiveness, dialogicity, and partnership, which will enable the mission to preach the Gospel, contribute to building universal brotherhood, and care for the *Oikomene*, the Common Home. Even with Pope Francis' encouragement, the process is moving slowly. The church's missionary practice urgently needs to embrace the dialogical method, as pointed out by Pope Francis. This strengthens ecumenical and inter-religious cooperation, which broadens the horizons of mission, with new hermeneutics of the paths of the Kingdom of God, led by Jesus of Nazareth, the missionary of the Father, in the history of humanity.

Key words: mission; dialogue; pope Francis; ecumenism; interreligious dialogue; church on the way out.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> , sobre o apostolado dos leigos, Concílio Vaticano II.
ABEFC	Articulação brasileira pela economia de Francisco e Clara.
AE	<i>Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe</i> .
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> sobre a atividade missionária da Igreja, Concílio Vaticano II.
AL	Exortação Apostólica pós-sinodal, <i>Amoris Laetitia</i> , sobre o amor na família.
CCM	Centro Cultural Missionário.
CDSI	Compêndio da doutrina social da igreja.
CEBI	O Centro de Estudos Bíblicos.
CEBs	Comunidades eclesiais de base.
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano.
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço.
CFE	Campanha da fraternidade ecumênica.
ChV	Exortação Apostólica <i>Christus Vivit</i> , aos jovens e todo povo de Deus.
CIMI	Conselho Missionário Indigenista.
CMI	Conselho Mundial de Igrejas.
CMi	Cooperação Missionária – <i>Cooperatio Missionalis</i> .
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
COMINA	Conselho Missionário Nacional.
CONIC	Conselho Nacional da Igrejas Cristãs.
CTI	Comissão teológica internacional, para o sínodo.
DA	Diálogo e Anúncio.
DAp	Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. de Aparecida.
DDC	Documento <i>para el Discernimiento Comunitario</i> .
DDF	<i>Dicastero per la dottrina della fede</i> .
DDI	<i>Dicastero per il dialogo interreligioso</i> .
DE	Diretório sobre Ecumenismo.
DEC	Dicastério para a para a educação católica.

DF	Documento final da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo em 1910.
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.
DH	Declaração <i>Dignitatis humanae</i> sobre a liberdade religiosa, Concílio Vaticano II.
DM	Diálogo e Missão.
DP	Documento preparatório.
DPUC	<i>Dicastero per la promozione dell'unità dei cristiani</i> .
DV	Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a revelação divina, Concílio Vaticano II.
EA	Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Ecclesia in America</i> , sobre encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão solidariedade na América.
EG	Carta Encíclica, <i>Evangelii Gaudium</i> , sobre a alegria do evangelho.
EN	Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> , sobre evangelização no mundo contemporâneo.
ES	Carta encíclica <i>Ecclesiam Suam</i> sobre os caminhos da igreja.
EM	Espiritualidade Missionária
FC	Exortação apostólica <i>Familiaris Consortio</i> , sobre a função da família cristã no mundo de hoje.
FS	<i>Fiducia Supplicans</i> , Dichiarazione “ <i>Fiducia supplicans</i> ” sul senso pastorale delle benedizioni.
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> , sobre a fraternidade e a amizade social.
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i> , sobre a chamada à santidade no mundo atual
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no mundo de hoje, Concílio Vaticano II.
GT	Grupo de trabalho.
IL	Sínodo dos bispos Assembleia especial para a região pan-amazônica - <i>Instrumentum laboris</i> .
IL	XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, <i>Instrumentum laboris</i> .
LD	Exortação apostólica <i>Laudate Deum</i> , sobre a crise climática.
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> , sobre a fé.

LG	Constituição dogmática, <i>Lumen Gentium</i> sobre a igreja, Concílio Vaticano II.
LS	Carta Encíclica <i>Laudato si'</i> , sobre o cuidado da casa comum.
MLDI	Carta Apostólica em forma de “Motu Próprio” <i>Mitis Iudex Dominus Iesus</i> , sobre a reforma do processo canónico para as causas de declaração de nulidade do matrimónio no código de direito canónico.
MM	Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i> , sobre o Dia Mundial dos Pobres.
MV	<i>Misericordiae Vultus</i> , Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia.
NA	Declaração <i>Nostra Aetate</i> sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs, Concílio Vaticano II.
NMI	Carta Apostólica Novo <i>Millênio Ineunte no termo do grande jubileu do ano 2000</i> .
PCDI	Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso.
PMN	Plano Missionário Nacional.
PO	Decreto <i>Presbyterorum ordinis</i> , sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, Concílio Vaticano II.
POM	Pontifícias Obras Missionárias.
QA	Exortação Apostólica Pós-Sinodal - Querida Amazônia, Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.
RFP	<i>Religions for Peace</i> .
RMi	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i> , A Validade Permanente do Mandato Missionário.
SD	Documento de Santo Domingo: Texto Conclusivo da IV Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe.
SDV	Sínodo dei vescovi, i giovani, la fede e il discernimento vocazionale.
SN	Síntesis de la Fase Continental del sínodo de la sinodalidad en América Latina y el Caribe.
SOUC	Semanas de oração pela unidade cristã.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> sobre o Ecumenismo, Concílio Documentos do Concílio Vaticano II.

UUS	Carta Encíclica <i>Ut Unum Sint</i> sobre o empenho ecumênico.
VG	Constituição apostólica <i>veritatis Gaudium</i> , sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	16
1.2	PROBLEMA E HIPÓTESE	17
1.3	JUSTIFICATIVA	18
1.4	OBJETIVOS	20
1.5	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
1.6	METODOLOGIA	27
1.7	DESENVOLVIMENTO	28
2 A	COMPREENSÃO DE MISSÃO HOJE	31
2.1	EVOLUÇÃO SEMÂNTICA DO CONCEITO	33
2.2	FUNDAMENTOS BÍBLICOS TEOLÓGICOS	42
3	A MISSÃO NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO	53
3.1	O SENTIDO DE MISSÃO NO SER E AGIR DE FRANCISCO	54
3.2	O PERFIL MISSIONÁRIO DA IGREJA	59
3.2.1	Igreja em saída	60
3.2.2	Igreja misericordiosa	71
3.2.3	Igreja pobre com os pobres	74
3.2.4	O cuidado da Casa Comum	78
3.3	ÂMBITOS DA MISSÃO	81
3.3.1	Ad intra	81
3.3.2	Ad extra	88
4	MISSÃO NO CONTEXTO DA CULTURA DO ENCONTRO E DO DIÁLOGO	104
4.1	INTERCONEXÕES ENTRE MISSÃO E DIÁLOGO	105
4.2	A CULTURA DO ENCONTRO NO MAGISTÉRIO DE FRANCISCO	117
4.2.1	A cultura do encontro na práxis do Papa Francisco	121
4.3	DIÁLOGO: SIGNIFICADO E DESAFIOS	125
4.3.1	Teologia do diálogo	133
4.3.2	Diálogo intercultural	142
4.3.3	Diálogo ecumênico em Francisco	144
4.3.4	Diálogo inter-religioso em Francisco	148
4.3.5	Diálogo social para a paz e a fraternidade universal	149

4.4	DÍÁLOGO COMO MÉTODO E CONTEÚDO DA MISSÃO	152
4.4.1	Missão em diálogo: cooperação entre igrejas-irmãs.....	155
4.4.2	Igrejas-Irmãs, horizonte de proximidade e solidariedade	159
4.4.3	Formas e critérios de cooperação missionária.....	163
4.4.4	Cooperação ecumênica	166
4.4.5	Cooperação inter-religiosa	178
4.4.6	Exemplos de cooperação na dinâmica do diálogo inter-religioso	185
5	POR UMA ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA DIALOGAL	190
5.1	ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS.....	192
5.2	ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO	196
5.2.1	Exercícios espirituais: uma pedagogia espiritual para a missão	197
5.2.2	Concepção da espiritualidade missionária segundo o Papa Francisco .	199
5.2.3	Do deserto à missão	203
5.3	ESPIRITUALIDADE DIALOGAL.....	205
5.3.1	Caminhos para uma espiritualidade missionária dialógica	210
5.3.2	Espiritualidade missionária plural	220
5.4	ESPIRITUALIDADE SINODAL, CHAVE PARA A MISSÃO	227
5.4.1	Comunidade eclesial em missão	234
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	241
	REFERÊNCIAS	248

1 INTRODUÇÃO

Esta Tese visa dar continuidade à análise e reflexão científica do tema abordado na dissertação do mestrado *Missão em diálogo: o ser e agir da igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II*, considerando que o magistério do Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, vem se configurando conforme os princípios do Vaticano II. Assim, a tese que propomos é que no magistério do Papa Francisco há um vínculo intrínseco entre missão e diálogo. Temos como objeto de estudo a missão em perspectiva dialogal e, como objeto formal, o magistério do pontificado do Papa Francisco.

O modo de ser e de agir do Papa Francisco revela para a Igreja e para a sociedade o compromisso de uma abordagem teológica no prosseguimento do “*aggiornamento*” proposto pelo Vaticano II. Um processo de renovação eclesial intensa que, por meio do método teológico do diálogo, tem suscitado novos métodos e novas expressões em todo processo de evangelização da Igreja. Este método teológico de missionar diante do contexto pluralista, tanto social como religioso, se abre a todas as pessoas de boa vontade. Por isso, em sua carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social, o Papa Francisco por 47 vezes menciona o vocábulo diálogo. Para ele, diálogo é uma forma paciente, uma escuta ativa e confiante no processo de evangelização (Francisco, 2020, n. 134).

Dessa forma, pelo diálogo, o processo missionário torna-se um espaço onde cada pessoa, cada comunidade e culturas transmitem seus valores e, ao mesmo tempo, acolhe as ricas experiências provenientes do outro. Assim, ressalta o Papa Francisco (2020, n. 134). “Não é necessário dizer para que serve o diálogo, é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo”.

Uma ação missionária que não seja interposta pelo diálogo supõe uma inexistência do cuidado pelo bem comum e, ao mesmo tempo, revela uma imposição do modo de ser e pensar sobre o outro com negociações expressas em uma relação de convicções e vantagens sobre si próprio. Assim sendo, a premissa do Papa Francisco é que, por meio do diálogo, a realidade das coisas e as exigências morais universais venham transcender, abrindo caminhos em vez de construir muros. Sendo este o seu desejo, Francisco (2020, n. 217) faz o seguinte apelo: “Armemos nossos filhos com as armas do diálogo”.

Perante os desafios apresentados pelo mundo pluricultural e plurirreligioso, pesquisando o pensamento teológico do Papa Francisco, ainda que parcialmente, percebemos que o Papa Francisco mantém o desejo de sair de uma Igreja hegemônica baseada em uma evangelização de cunho doutrinário para uma Igreja inclusiva de missão em diálogo. Um magistério que, a partir de uma espiritualidade cristocêntrica, sua fidelidade encontra-se no Concílio Vaticano II que foi uma assembleia eminentemente ecumênica que teve em vista transformar e adaptar a igreja às mudanças do mundo contemporâneo. Buscaremos aí pesquisar estes fundamentos teológicos de um atual pontificado e quer firmar o processo de cooperação da *missio-Dei* em diálogo, dando continuidade à nova compreensão da missionariedade dada pelo Vaticano II, a saber: missão em diálogo, de mútua cooperação e de proximidade.

Neste prosseguimento à renovação do Vaticano II, que desde a sua convocação até a aprovação final, por meio de seus diversos documentos, a intencionalidade adotada como caminho foi o diálogo, um diálogo construtivo, que desencadeou outros ciclos dialogais em uma dinâmica que desobstruiu antigas polarizações. As transformações provenientes do concílio e prosseguindo com o Papa Francisco têm provocado novas possibilidades para a missão, na qual a igreja é chamada a realizar. Deste modo, o agir do Papa Francisco demonstra que a teologia do diálogo se torna o marco relevante que aponta caminhos para uma nova visão eclesiológica na construção do Reino de Deus, como chave hermenêutica da missão.

Do ponto de vista do *aggiornamento*, almejado pelo Vaticano II, certamente a missão realizar-se-á no diálogo, na inserção, na inculturação, adaptação, solidariedade, testemunho e serviço. Seguramente, neste diálogo, desponta na igreja a necessidade de abrir-se ao mundo e envolver-se com os desafios e questões enfrentados pelas pessoas em suas vidas cotidianas. Desta forma, o diálogo torna-se uma ferramenta essencial para toda renovação eclesial. Por meio do diálogo, a igreja conecta-se com as realidades da sociedade, compreende as necessidades das pessoas e responde seus anseios de maneira relevante.

Por outro lado, o historiador italiano Massimo Faggioli, professor da Villanova University, nos EUA, no seu artigo intitulado “Os limites de um pontificado”, de maneira respeitosa e com uma linguagem eclesial, aponta as fragilidades e incoerências no dinamismo do magistério do Papa Francisco. Segundo ele, a opinião dos teólogos e teólogas é marcante no que se refere aos limites e às ideias espirituais do Papa

Francisco. Para ele, o Papa Francisco “tem sido muito mais eficaz na desconstrução de um paradigma eclesialístico e teológico limitado cultural e historicamente do que na construção de um novo paradigma” (2020, p. 1). Nota-se que o Papa Francisco interpretou o papado como o gesto de abrir espaços e processos em níveis diferentes, mas foi frágil no que diz respeito ao nível da estrutura eclesialística.

Neste sentido, um claro exemplo doloroso que fere a “Igreja em saída” é a valorização dos círculos tradicionalistas litúrgicos, com os novos decretos relativos à forma extraordinária da missa, uma vez que o fenômeno do tradicionalismo litúrgico não condiz com a “Igreja em saída”. Para o teólogo Massimo Faggioli, o Papa Francisco desenvolve um papado rico em gestos e possibilidades de abrir novos espaços e processos diferentes, contudo, muito menos ao nível de estrutura eclesialística, comprometendo assim a missão em diálogo (Faggioli, 2020).

Todavia, o processo dialógico promovido pelo Papa Francisco não apenas permite que a igreja se atualize, mas também está desencadeando outros ciclos de conversas e reflexões com o mundo, com a sociedade, com as religiões. A sua dinâmica dialógica, cada vez mais, está superando antigas polarizações e criando um ambiente eclesial mais aberto e inclusivo. Infere-se então que a missão em diálogo é um serviço ao Reino de Deus que, na busca da fidelidade ao Espírito de Deus, recriará, no hoje da história, a prática de Jesus de Nazaré.

Neste sentido, considera-se a missão não uma prática burocrática que se esgota em um “fazer”, mas uma presença amiga, amorosa, profética e crítica, capaz de manifestar o amor e a misericórdia de Deus nas suas ações, palavras e testemunhos de vida. Certamente, Francisco (2013, n. 26) quer consolidar uma abertura eclesial através da fidelidade a Jesus Cristo provocada pelo Concílio Vaticano II. É uma transformação cuja raiz evangélica deseja que a Igreja seja cada vez mais fiel a Cristo e à *missio-Dei*.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O mundo de hoje, caracterizado pelo individualismo e intolerâncias, em uma busca pragmática e imediatista pelo materialismo, sem critérios éticos, desafia cada vez mais o dinamismo da missão em diálogo. Este contexto revela a urgência da superação de uma prática missionária autocentrada que visa desconsiderar todas as

outras formas e meios que levem à salvação. Por efeito, Vígil (2006, p. 75) afirma que esta prática exclusivista confirma que, no contexto católico, o exclusivismo, como paradigma de teologia das religiões, é equivalente ao eclesiocentrismo, onde a Igreja se converte em centro da ação missionária, tendo como mediação obrigatória a salvação. Assim, urge buscar fundamentos na teologia e propor caminhos a partir do que diz João Paulo II, ou seja, que a missão em diálogo “é parte integrante da missão evangelizadora da Igreja” (João Paulo II, 1990, n. 55). Ainda nesta mesma linha, o documento *Diálogo e Anúncio* indica que o diálogo representa um grande desafio, “o primeiro a ser enfrentado”, sobretudo em um mundo plural em que o papel das tradições religiosas não pode ser descuidado (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA. n. 4-7).

Assim, entende-se que a fé deveria transformar-se em ação missionária por meio da qual as religiões estabeleceriam o diálogo entre si e visariam à transformação do mundo, por meio do cuidado da natureza, da defesa dos pobres, na construção do respeito entre si, na busca da fraternidade e da paz. Conforme aponta o Papa Francisco, o próprio cristianismo, “mantendo-se fiel à sua identidade e ao tesouro de verdade que recebeu de Jesus Cristo” (Francisco, 2015, n. 121-201), diante das novas situações históricas, deveria não cessar de repensar e reformular em diálogo o modo de realizar a missão no contexto histórico em que vive, buscando caminhos de libertação.

1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE

O problema que tivemos em vista para considerar é a inquietude em que vive a humanidade com a frágil capacidade de conviver com a realidade plural. Neste sentido, a tese deseja responder às seguintes perguntas: O pontificado do Papa Francisco, cada vez mais, vem abrindo caminhos e novas possibilidades para a missão em diálogo. Quais foram os impulsos do pontificado do Papa Francisco que configuram essa realidade teológica: Missão em Diálogo, no sentido de dar uma resposta às inquietações da realidade plural?

Nos tempos atuais, através dos impulsos do Concílio Vaticano II e do magistério do Papa Francisco, a missão da igreja é desafiada no seu modo de ser e de agir eclesial. Como realizar essa missão de forma dialógica como experiência de vida

compartilhada em fidelidade ao evangelho de Cristo diante do emergente pluralismo tanto religioso como social?

Como a missão em diálogo, em uma perspectiva teológica do Papa Francisco, poderá tornar-se na realidade atual da Igreja, uma vivência de evangelização e respeito pelo outro? Como propor uma missão em diálogo, segundo a visão do Papa Francisco, no mundo plurirreligioso e multicultural? Como sair de um debate autorreferencial presente em nossas culturas institucionais eclesiais para a saída de uma prática de missão dialógica, como teologia do encontro, da proximidade e respeito às diferentes expressões, conforme propõe o Papa Francisco?

Assim sendo, a resposta provisória que se deseja dar a questões que a tese verifica é a hipótese: O magistério do Papa Francisco, enquanto teologia do povo, orienta para a compreensão de missão em perspectiva dialogal. Todavia, para os tempos de hoje, quais as características de uma missão em diálogo? Como a missão em diálogo no magistério do Papa Francisco reafirma o Concílio Vaticano II para o nosso tempo? Qual a relação entre missão cristã e as diferentes denominações cristãs e religiões? O que é o diálogo inter-religioso e suas formas de realização?

1.3 JUSTIFICATIVA

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, no ano de 2013, o Papa Francisco, quase equiparando por 58 vezes, menciona o substantivo feminino “missão” e o substantivo masculino “diálogo” 56 vezes. Esse dado justifica o tema da tese em questão: missão em diálogo. De acordo com o pensamento de João Paulo II (1990, n. 86), “a causa missionária deve ser [...] a primeira de todas as causas”. A propósito desse tema, o Papa Francisco assim expressa seu sentimento: “Que sucederia se tomássemos realmente a sério estas palavras? Simplesmente reconheceríamos que a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (Francisco, 2013 n. 15).

Por essa razão, e preciso assumir um propósito pastoral de caráter missionário, “que chegue verdadeiramente a todos, sem exceções nem exclusões, o anúncio essencial, a pessoa de Jesus Cristo, no que há de mais belo, de maior, de mais atrativo e, ao mesmo tempo, mais necessário” (Francisco, 2013, n. 35). Diante disso, colocamos neste estudo a concretização do desejo do Papa Francisco, também com

a aspiração de que a causa missionária em diálogo torne-se a primeira de todas as causas em todo contexto eclesial.

A vocação missionária que recebi no Batismo, fortalecida pelos sacramentos da Igreja, foi mais tarde firmada no envio missionário. Sou consagrada em uma congregação religiosa com o carisma missionário de manifestar ao mundo o amor de Cristo, pastor. Para esta missão do Cristo Pastor enviado do Pai, cuja missão foi anunciar o Reino de Deus, sinto-me motivada e desafiada. Ademais, o desejo é investigar este tema como iluminação para a ação missionária da Igreja na cooperação da *missio-Dei*. Não pretendo investigar como quem impõe uma verdade ou as próprias convicções, mas, de forma dialógica, fazendo-me próxima de todos como irmãos e irmãs. Assim, acredito que esta continua a ser a fonte das maiores alegrias para a vivência de minha vocação e da Igreja.

Procurando cada vez menos me contentar com uma teologia de gabinete há cerca de 30 anos, minha vida tem se pautado pela animação missionária por meio de diversos setores da Igreja, presente sobretudo nos conselhos de animação missionária tanto ao nível nacional, regional e diocesano. Além disso, experimentei a inserção missionária na convivência com os povos originários na Amazônia nas dioceses de Borba e Humaitá. Outrossim, foi por meios de articulação de projetos missionários que pude estar na África, Guiné-Bissau e Haiti.

O serviço de docência, pela disciplina de missiologia, ecumenismo e diálogo inter-religioso, também me colocou neste caminhar de cooperação. Esses caminhos de experiência epistemológica e vida sempre me despertaram uma existencial inquietação de como cooperar na missão de Deus sem impor uma verdade, porém, anunciar a Verdade, sem imposição ou com pretensão de converter as pessoas para as minhas convicções de fé.

De maneira testemunhal, o pontificado do Papa Francisco tem nos auxiliado na visão missionária, dialógica, cuja atitude é aprender com o outro. Ele mesmo insiste no quanto podemos aprender uns com os outros. Um diálogo autêntico envolve não somente conhecimento mútuo, mas também mútuo enriquecimento. Com efeito, faz-se necessária uma disposição interior para aprender. O Documento Diálogo e anúncio do Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso do Dicastério para a evangelização dos povos” (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 49a) insiste: “Aprender e receber dos outros, e por intermédio deles, os valores positivos de suas tradições”.

Assim, entende-se que não se trata apenas de receber informações sobre os outros, para conhecê-los melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (Francisco, 2013, 246). Justifica-se a tese, o magistério da Igreja (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, 21.49b), ao destacar que as ciências humanas sublinham que, por meio do diálogo interpessoal, o ser humano faz a experiência das suas limitações, mas também descobre a possibilidade de superá-las e pode caminhar com confiança ao encontro do outro.

Portanto, a missão deve ser sempre uma missão em diálogo. Toda ação missionária não pode ser vista como plataforma para a conversão, mas “o seu próprio valor” requer um espírito de equilíbrio, de abertura e acolhimento, de busca comum da verdade, e “a prontidão em se deixar transformar pelo encontro” (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 41-47 c). Assim sendo, missão em diálogo não constitui mero binômio inerente às relações estabelecidas entre diferenças, mas uma questão teológica fundamental que exige discernimento e diálogo permanentes. Com este intuito, aspiramos abordar o tema desta tese por uma missão em diálogo na perspectiva do Papa Francisco, considerando os aspectos da ação missionária da Igreja, conectada com o Ecumenismo, o diálogo inter-religioso e a cooperação missionária em seus aspectos bíblico, teológico e missiológico.

1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é verificar os elementos que configuram a missão em perspectiva de diálogo no magistério do Papa Francisco, tendo presente o atual contexto plurirreligioso e multicultural. E, como objetivos específicos: a) Verificar a compreensão de missão hoje e seu processo evolutivo a partir do Concílio Vaticano II pertinente à teologia do diálogo na perspectiva do magistério do Papa Francisco; b) Refletir o sentido da missão no ser e agir do Papa Francisco, como o perfil missionário da Igreja hoje; c) Desenvolver a missão relacionada à cultura do encontro e do diálogo; d) Analisar o conceito do diálogo como método constitutivo da missão no Pontificado do Papa Francisco; e) Verificar o vínculo entre missão, diálogo ecumênico e inter-religioso no ensino do Papa Francisco; f) Apontar elementos para uma espiritualidade missionária dialogal, como vivência fundamental para a participação na *missio-Dei*.

1.5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta tese propositiva terá como referencial teórico a mediação *socioanalítica* para um discurso crítico sobre a relação missão em diálogo na perspectiva do Papa Francisco. O acesso ao conteúdo teórico-bibliográfico, com revisão de literatura, possibilitará o acesso sobre o tema pesquisado, por meio das fontes teológicas bíblicas, das fontes primárias do magistério do pontificado do Papa Francisco e das fontes do magistério da Igreja, onde o próprio Papa Francisco buscou suas inspirações para o tema em questão.

Os artigos, periódicos e livros catalogados usaremos como critérios pesquisadores, teólogos e teólogas cujas pesquisas estão em sintonia com a *missio-Dei* e o magistério do Papa Francisco. Considerando uma visão teológica onde Teologia se faz acolhendo as dores e os sofrimentos do mundo, em uma atitude missionária de proximidade, de diálogo, de respeito, sensibilidade e compaixão.

Na compreensão de que nenhuma obra acadêmica nasce de um vazio, do nada, enquanto pesquisadores(as), não estamos sozinhos(as). Porém, estamos inseridos em uma rede de diálogo e de intercâmbios contínuos. Assim sendo, o objeto material de caráter documental terá como fonte textual a magnitude das obras do Magistério, da teologia e do perfil missionário, do Papa Francisco, cujas bases pautam-se pela epistemologia inserida em uma estrutura filosófica, poética e teológica. Suas obras literárias, antes e depois do pontificado, buscam iluminar o processo de resposta à hipótese da tese em pesquisa.

As obras literárias de Francisco que serão destacadas são estas: a importância do caminhar com Jesus como o coração da vida cristã; A alegria de Evangelizar; A Igreja da Misericórdia como sua visão para a Igreja; O Evangelho da vida nova: seguir Cristo, servir o homem e a Catequese sobre a Igreja. Seus ensinamentos, enquanto pontificado, pautarão pelas fontes primárias por meio das Exortações apostólicas: *Evangelii Gaudium* - Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013). "Querida Amazônia" - Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (2 de fevereiro de 2020), "*Christus vivit*" - Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus (25 de março de 2019), *Gaudete et exsultate* - Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual (19 de março de 2018), *Amoris Laetitia* - Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família (19

de março de 2016), e nas três Encíclicas: *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020), *Laudato si'* (24 de maio de 2015), Carta Encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013)". Além disso, seus discursos, catequeses e mensagens.

Os documentos do Concílio sublinharão uma dupla visão da missão nas fontes dos documentos dogmáticos (*Lumen Gentium* e *Dei Verbum* e os decretos como *Ad Gentes*) e na questão missionária. A pesquisa encontrará as bases teológicas para o diálogo explícitas na declaração *Nostra Aetate*, que partilha o caminho para o diálogo com o Islã e o judaísmo. E uma abertura elogiável, enfim, encontraremos no decreto *Unitatis Redintegratio* ao firmar a importância do diálogo com as outras comunidades cristãs não católicas.

O magistério pós-conciliar terá sua relevância na pesquisa, nos fundamentos teológicos de um agir missionário ancorado pelo diálogo, fundamentado em uma compreensão hermenêutica, dita no documento Diálogo e anúncio (1996) do Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, pois "o diálogo não é somente natureza interpretativa, antropológica, mas sobretudo teológica (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 38). Como também no Documento Diálogo e Missão o qual afirma que toda a missão da Igreja deve ser realizada de forma dialogal. Assim, por 53 vezes evoca o vocábulo diálogo, afirmando que o diálogo torna-se, cada vez mais, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca (Secretariado para os Não-Cristãos, 1984, DM, n. 13. 29).

Por meio de cartas Encíclicas e exortações apostólicas como também homilias e discursos, o tema missão em diálogo, na eclesiologia do Papa Francisco, tem se engradecido nas fontes do Magistério dos Pontífice dos últimos tempos: João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Como afirma João Paulo II (1990, n. 57): "O diálogo é um caminho que conduz ao Reino e seguramente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai".

O Magistério da Igreja, mediante os Dicastérios pontifícios, congregações para evangelização dos povos, secretariados e conselhos pontifícios, as Conferências episcopais da América Latina e do Caribe, Assembleias eclesiais sinodais e comissão teológica internacional discorrem que: "Como Jesus o fez, a força desse anúncio de vida será fecundo se o fizermos por meio do testemunho de proximidade, escuta, humildade, solidariedade, compaixão e diálogo" (CELAM, 2007, DAp, n. 363).

Os documentos pesquisados da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil–CNBB confirmam que a comunidade eclesial se fortalece na fidelidade do anúncio de

Jesus Cristo, numa igreja em estado permanente de missão, que acontece em diálogo, antecipada pelo testemunho. Trata-se de uma tarefa diária de levar o evangelho a todas as pessoas de modo respeitoso e amável, “pois a missão supõe proximidade, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação e compromisso com a justiça social” (CNBB, 2014, Doc, 100, n. 186, 2019–2023, Doc 109, n. 187).

Com relevante contribuição, teólogos e teólogas, missiólogos e missiólogas de língua estrangeira, de diversas Universidades internacionais, demonstraram, na pesquisa que *a missio-Dei*, enquanto teologia da missão em constante mudanças de paradigmas, que missão é diálogo, só diálogo. Por isso, nesta revisão de literatura, destacamos: David J. Bosch com a obra *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*; Massimo Faggioli e Kirsteen Kim com *Mission Theology of the Church*; Klaus Claus Krämer com *Mission is Dialogue, only Dialogue*; Lafont Ghislain contribui com *Movimenti e religiosi in “missione”: alcune domande*; Brian Yong Lee com *Discovering Pope*; Stefan Paas Francis, *Intercultural Theology and Missiology*, Gert Rüppell, *Changing mission – from Edinburg 1910 to Edinburg 2010 - Mission and “res publica Christiana”*.

Stephen B. Bevans e Roger P. Schoeder apresentam o *Constants in context: a Theology of Mission for today* como também o tema: *Revisiting_Mission_at_Vatican_II_Theology_and_Practice_for_Todays_Missionary_Church*; Jonathan Y. Tan, *Missio Inter Gentes. Towards a New Paradigm in the Mission*; Egídio Palumbo - *Essere chiesa “in uscita” oggi*; Gian Quinto Regazzoni, *Non esistono missionari in pensione*; Cristiano Riccardo, *Chiesa in uscita, Chiesa missionaria. Qual è la svolta sinodale*; John Roxborough, *Missiology after “Mission”?* Por outro lado, McElwee e a teóloga Tina Beattie apontaram as incongruências do Pontificado do Papa Francisco como abstratas, distantes e colocadas em um pedestal. As mulheres neste pontificado são sem projeções e protagonismo.

Aponta-se também Antônio Spadaro com *La diplomazia di Francesco La misericórdia*; Paola Zampieri com *Per una Chiesa aperta e in dialogo*. Carmine Matarazzo. *La tenda di Dio tra gli uomini Lo stile pastorale del cardinale Jorge Mario Bergoglio*. Julio L. Martínez contribui com *Per una teologia morale in uscita*, José Manuel Martins Lopes participa com *Abusi in nome di Dio? Amaladoss*, Michael Amaladoss *“La mission comme prophétie*. Juan José Tamoyo ajuda com *Outra*

teologia es posible, Las religiones, em tempo de globalizacion, Salvador Ros García . entra com La exhortación *Evangelii gaudium*: Guía espiritual de nuestro tempo.

Teólogos e teólogas de latino América de diversas universidades da América demonstram a realidade da missão na América Latina, confirmando a missão em diálogo, tendo presente o sonho do Papa Francisco e a concretização da missão realizada em unidade e diálogo. J. Norberto Saracco colabora com El Papa Francisco y la Unidad en la Misión. Román, José Manuel. La realidad de las misiones en América Latina, Victorino Pérez Prieto. Los desafíos del Papa Francisco a la teología hoy, Madrigal Terrazas, Santiago. “Las raíces espirituales y teológicas de la reforma del Papa Francisco, Luciani, R. La opción teológico-pastoral del pontificado de Francisco, López Fermín Rodríguez ¿Una fundamentación teológica para el diálogo interreligioso? Longuini Neto, Luiz. EL Nuevo rostro de la Mision,

Outros que contribuem são: Diego Irarrazaval com “En un cambio de época ¿qué Misión?”; Maximiliano Herráiz García com “La oración. experiencia liberadora, Espiritualidad de la liberación y experiencia mística Teresiana; Carlos Maria Galli participa com La teología pastoral de *Evangelii Gaudium* en el proyecto misionero de Francisco, Pablo VI y Francisco La alegría de Cristo, Líneas teológicas, pastorales y espirituales del magisterio del Papa Francisco, Segundo Galileia. *El camino de la espiritualidade*; Víctor Manuel Fernández colabora com Aparecida com guia para leer el documento y crónica; Fabio Eliseo Ávila Cabezas com El diálogo social y la cultura del encuentro; José Maria Vigil contribui com os traços da espiritualidade missionária a partir da América Latina, La nueva relevancia de la espiritualidad.

Pesquisadores(as) brasileiros, teólogos e teólogas, missiólogos e ecumênicos, através das suas obras, mostram que a missão em diálogo, na perspectiva do Papa Francisco, trata-se de uma prática missionaria em transformação. Fortalecida por uma espiritualidade do seguimento de Jesus, torna-se uma Igreja em saída que, de forma dialógica, a partir dos princípios pluralistas, busca caminhos para a vivência da unidade.

Neste sentido, enquanto revisão de literatura, destacam-se, na pesquisa, os seguintes autores:

Elias Wolff - ressalta os caminhos de diálogo para uma Igreja em saída em A unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia Ecumênica; A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo; Caminhos do Ecumenismo no Brasil; História, Teologia, Pastoral, *Unitates Redintegratio*, *Dignitates Humanae*, *Nostra*

Aetate, Comentários, Igreja em Diálogo; Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã; O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II; Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso; Maria no diálogo ecumênico. Contribuições para as relações entre católicos e protestantes na América Latina.

Roberto E. Zwetsch - ressalta a Missão como compaixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana.

Claudio Oliveira Ribeiro - sublinha o Princípio pluralista, enquanto Andrade Joachim fala de uma missão em transformação.

Rudolf von Sinner – contribui com o cristianismo a caminho do Sul e Missão e Ecumenismo na América Latina: Parceria na Missão de Deus, Ecumenismo. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões, confirma a importância da missão em diálogo.

Paulo Suess - sublinha *La Nueva Evangelización*, Francisco: nome novo, programa impossível; A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*; A missão no canteiro de obras do Vaticano II. Projeto Missionário, Missão e Misericórdia, a transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii gaudium*. Para um novo paradigma da missão no atual contexto da América Latina, introdução à teologia da missão: convocar e enviar, servos e testemunhas do Reino.

Leonardo Boff - destaca o Papa Francisco como Igreja em saída: de onde para onde? Vera Ivanise Suess - apresenta os Sinais proféticos que indicam o caminho; Maria Clara Lucchetti Bingemer - sublinha a Mística inter-religiosa; Agenor Brighenti – refere-se à Igreja como uma Instituição em crise em uma sociedade em crise, destacando a importância por uma evangelização inculturada; Pedro Casaldáliga - destaca a importância da missão a partir de uma Espiritualidade de Libertação.

Raquel de Fátima Colet - destaca a dimensão pedagógica do diálogo; José Comblin dá o devido destaque às palavras-chave do Concílio Vaticano; Luiz José Dietrich, Nadi Maria de Almeida, Victor Dunne e Roseane Almeida da Silva, a partir de uma visão bíblica, sublinham o Pluralismo religioso e estudo crítico da Bíblia como desafios à missão em diálogo; Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido, ressalta a importância do diálogo. Knitter Paul F., ao falar das religiões, enfatiza as teologias das outras religiões.

Christine Lienemann-Perrin, ao abordar a perspectiva missiológica, falará da conversão em um contexto inter-religioso. Ao passo que Lourenço Vitor Hugo traz uma

Igreja “em saída”, segundo a *Evangelii Gaudium*. Marcial Maçaneiro destaca a Teologia das Religiões, Salvação e religiões não-cristãs. Tânia Maria Couto Maia, por sua vez, versa sobre o diálogo evangelho-cultura na experiência missionária. Humberto Mariotti desenvolve Diálogo: um Método de Reflexão, Melo, Joaquim Pereira. A formação cristã e o diálogo, Mickens, Robert. discorre A radical teologia do Papa Francisco, Moraes, Pedro da Silva. Diálogo e cultura do encontro. Nef Ulloa, Boris Augustin y Barbosa Guimarães, Adriana. A Cultura do Encontro. Nery, José, Israel sublinha mundo secularizado e Pluricultural. Ao passo que Panazzolo, João. Destaca que a missão é para todos: introdução à missiologia.

Roberlei Pamsiewicz sublinha a importância do Diálogo inter-religioso na missão e Passos Décio João destaca os grandes temas do pontificado do Papa Francisco e o Diálogo. Paleari Giorgio traz na pesquisa a Espiritualidade e a Missão. Pedrosa-Pádua Lúcia apresenta as Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco e Perroni Marinella enfatiza o Querigma e profecia como hermenêutica bíblica do Papa Francisco. Boaventura de Souza Santos, por sua vez, contribui com a obra Para uma sociologia das ausências.

Clélia Peretti e a doutoranda Ivoneide Queiroz descrevem o magistério do Papa Francisco como uma exaltação do papel e contribuições da mulher tanto na teológica como na vida social e política. Enquanto Soares, Afonso, Maria Ligório destacará a Teologia em saída: para reaprender a aprender com as religiões e suas vivências plurais. Stefano Raschietti. Sublinhará as Perspectivas decoloniais do sínodo para a Amazônia e Teixeira. Faustino enfatizará o Ecumenismo e o diálogo inter-religioso: a arte do possível. Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio, O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso e Torres Queiruga, Andrés enfatizará Autocompreensão cristã, diálogo das religiões.

O teólogo prof. Dr. Antônio Luiz Catelan Ferreira, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, membro da Comissão teológica internacional (CTI), sublinhará que os fundamentos da sinodalidade, indicados pelo Papa Francisco, fundamentam-se a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II. Sobre tudo os números 10 e 12 da Constituição dogmática *Lumen gentium*, do Concílio Vaticano II: todos os batizados como constituintes do povo de Deus; a união espiritual dos fiéis e a infalibilidade *in credendo*; o *consensus fidelium*; a participação do povo de Deus na função profética de Cristo. Nesse contexto, para Ferreira, o papa expressa propriamente sinodal *sensus fidei* na qual ele se caracteriza como um “‘olfato’ para

discernir as novas estradas que o Senhor abre para a Igreja”. Trata-se do discernimento pastoral (Ferreira, 2018, p. 395).

1.6 METODOLOGIA

O tema proposto para a presente pesquisa será desenvolvido através da pesquisa exploratória bibliográfica, visando produzir análise do tema e chegar a um novo enfoque e conclusões objetivas através da abordagem qualitativa. Por isso, inclui: “a indução analítica, a análise de conteúdo, hermenêutica, e manipulações utilizando arquivos, computador” (Kirk; Miller, 1986, p. 10).

Assim sendo, as fontes primárias serão os documentos conciliares do Concílio Vaticano II, os documentos do magistério do Papa Francisco, como estes documentos: diálogo e missão, diálogo e anúncio no aprofundamento de informações bibliográficas, seleção de pesquisa e investigação do que existe sobre um assunto e o conhecimento de teólogos e teólogas que tratam desse assunto.

Considerando o objeto material da pesquisa, buscar-se-á uma aproximação com o objeto formal mediante referências bibliográficas de teólogos e teólogas de missiólogos e missiólogas de diversas denominações cristãs que corroboram com o Papa Francisco da necessidade de uma missão em diálogo neste universo plural. Tal metodologia facilitará propiciar argumentos e evidências que favorecerão respostas às hipóteses que desejamos responder, ainda que parcialmente, e validade de resultados condizentes com a missão em diálogo.

Buscaremos, portanto, investigar conceitos, desafios contextuais a partir da evolução da missão relacionada à teologia do diálogo, como também descrever referenciais bíblicos e teológicos que norteiam o pensamento da missão em diálogo, tendo como meta o Reino de Deus. Além disso, busca-se analisar o método do diálogo no querigma cristão e suas implicações. À luz do magistério do Papa Francisco e documentos do magistério da igreja pós-conciliar, apresentaremos o perfil missionário do Papa Francisco com seus horizontes e desafios, apontando para uma igreja em saída, em estado permanente de missão, tendo por meta fundamental a busca da missão em diálogo, o diálogo inter-religioso e a missão em perspectiva ecumênica.

1.7 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa será desenvolvida em 05 seções subdivididas em primárias, secundárias e terciárias, com as seguintes propostas: 1ª Introdução; 2ª A compreensão de missão hoje; 3ª A missão no magistério do Papa Francisco; 4ª Missão no contexto da cultura do encontro e do diálogo; e 5ª Por uma espiritualidade missionária dialogal.

Na seção 1, o objetivo é apresentar a dinâmica do projeto da tese em seu desenvolvimento. A seção 2 terá como objetivo compreender a missão hoje no seu processo semântico evolutivo, investigando os conceitos, tanto no sentido plural quanto no singular. Por meio das fundamentações bíblicas e teológicas, a seção considerará que a cooperação na *missio-Dei* faz-se mediante a escolha, eleição do povo de Deus e envio do próprio Deus na pessoa de Jesus de Nazaré o missionário do Pai.

Assim, pelo envio dos discípulos e discipulas, a Igreja, enquanto Povo de Deus, é inclusiva e participativa. Como comunidade dos discípulos de Jesus, é impelida e desafiada a sair de seu ambiente para se abrir a outras pessoas, povos, culturas, em um audacioso movimento de aproximação, continuando a missão de Jesus até os confins do mundo.

Considerando na tese o pontificado do Papa Francisco, ainda nesta seção, sublinhar-se-á sua vida e missão. Também, mostrará que o diálogo para o anúncio é decisivo porque a missão em diálogo tem sua forma holística e não dicotômica.

Na seção 3, o objetivo da investigação será mostrar a missão no magistério do Papa Francisco por meio do sentido da missão no seu ser e agir. Assim, será exposto o perfil missionário da Igreja com a novidade deste papado ao vislumbrar a Igreja em saída, a Igreja misericordiosa, o ser pobre com os pobres, e o cuidado da casa comum.

Ademais, serão destacados os âmbitos da missão presente na ação evangelizadora da Igreja tanto *ad intra* quanto *ad extra*. No diálogo *ad ecclesia* destacaremos: os princípios de conciliaridade, a família, paróquia, diocese, a importância da colegialidade e o processo de sinodalidade como também o desenvolvimento da missão do laicato e da mulher. No âmbito *ad extra*, será enfatizado que a missão da comunidade dos discípulos de Jesus é olhar para além de si mesma, despertando o mundo para o diálogo. Será investigada a missão e

sociedade, considerando a cultura, a economia e a política. Também será abordado sobre missão e ecumenismo, missão e diálogo inter-religioso, missão e casa comum.

A seção 4 visa desenvolver a missão no contexto da cultura do encontro e do diálogo. A cultura do encontro e do diálogo, tema emblemático no pontificado do Papa Francisco, quer promover o diálogo, a compreensão e a colaboração entre diferentes culturas, crenças e pessoas. Investigando os conceitos e etimologias dos vocábulos do diálogo e do método e suas implicações para a missão, delinearemos a teologia do diálogo como também as questões hermenêuticas na importância deste método para o agir missionário. Ademais considera-se que o diálogo é conteúdo do Evangelho pregado, conforme afirma João Paulo II, “diálogo é salvação” (João Paulo II, 1995, n. 35).

Portanto, para o anúncio missionário, o diálogo intercultural favorecerá a abertura ao pluralismo religioso e o anúncio missionário será apresentado em um mundo plural e diverso, evitando qualquer tipo de relativismo, indiferentismo e sincretismo. Uma atitude de acolhida, na verdade, e no amor, deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs (Francisco, 2013, n. 251). Também o processo de evangelização por meio do diálogo se faz fundamental no mundo multicultural. O contexto das culturas e da ciência, do diálogo entre fé, razão e ciências, são espaços onde o Papa Francisco assegura o compromisso que também abrange a *missio-Dei*.

A tese demonstrará, ainda, que o diálogo, como método e conteúdo da missão, desenvolverá um agir missionário de cooperação, solidariedade e proximidade. Cooperação missionária é a indicação de uma ação missionária, de projetos de Igrejas irmãs, previsto no Programa nacional missionário da CNBB (PNM). Além disso, a cooperação ecumênica e inter-religiosa trará elementos essenciais na dinâmica dialógica na concretização da unidade e do pluralismo religioso. Assim, o Reino de Deus se tornará presença nos novos areópagos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos, 17, 22-31, p. 1934) com atitudes missionárias que dizem não ao autorreferencialíssimo, e de maneira poliédrica deseja “comunicar a todos o amor de Deus sem deixar parar a música do Evangelho” (Francisco, 2018, p. 2).

O intuito da seção 5 é propor a realização da missão da igreja que tem em sua base a Espiritualidade Missionária (EM), que, dialogal, é algo dinâmico, que brota da força do Espírito, que conduz o missionário(a) à cooperação da *missio-Dei*. Como diz o teólogo evangélico Claudio Oliveira Ribeiro, “A missão de Deus desenvolvida pelas

Igrejas precisará se debruçar com maior atenção e zelo no campo da Espiritualidade” (Ribeiro, 2013, p. 7). Essa espiritualidade, que tem como base o seguimento de Jesus, é uma práxis que envolve não somente conhecimento mútuo, mas também mútuo enriquecimento, ou seja, uma disposição sincera em aprender e receber dos outros e, por intermédio deles, os valores positivos de suas tradições.

A seção ainda apresentará que o contexto eclesial proliferado por pseudoespiritualidade, muitas vezes, expressa atitudes desencarnadas e descomprometidas com a missão. Vive-se hoje o apreço por várias formas de “espiritualidade do bem-estar” sem comunidade, sem compromissos” (Francisco, 2013, n. 90). Atentam e desafiam o ardor missionário e se opõem ao querigma e ao anúncio missionário do Deus revelado em Jesus Cristo, pleno do Espírito Santo. Neste sentido, as subseções sobre a sinodalidade e ministérios confirmarão a valorização da espiritualidade de comunhão.

2 A COMPREENSÃO DE MISSÃO HOJE

A presente seção visa compreender a missão hoje, corroborados com as fontes bíblicas e teológicas de teólogas e teólogos que pesquisam o mesmo tema. Para a compreensão da missão hoje se faz necessário recorrer às fontes do processo histórico da missão. Por isso, ao longo da seção, apresentaremos que os processos históricos nem sempre permitiram uma compreensão hermenêutica do diálogo, estabelecendo a universalidade do cristianismo mediante métodos cuja ideia central era salvar as almas através do anúncio da conversão. No entanto, para o Papa Francisco, a missão é uma disposição de proximidade histórica, encarnação na realidade concreta, independente de raça ou credo.

A fundamentação bíblica e teológica favorecerá a compreensão do processo missionário a partir da formação do povo de Israel. Povo eleito e enviado com a missão de abençoar (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 12,1-3, p. 49) e propagar a salvação de Deus até os confins do mundo como luz das nações (Bíblia de Jerusalém, 2002, Isaías 49,6, p. 1332). Em Jesus, o missionário enviado do Pai, se concretiza a centralidade do Reino de Deus. Pelo seu modo de ser agir desde sua encarnação, vida, morte e ressurreição, segundo vontade do Pai, o anúncio de salvação chega a todos, especialmente os mais pobres e vulneráveis do seu tempo.

Ressaltaremos na pesquisa que a compreensão de missão hoje, mais do que uma prática de doutrinação, anti-diálogo e exclusividade na salvação, é vista como um movimento de saída de si em direção ao outro, sob a ótica do Deus Criador e Salvador. Portanto, para a compreensão da missão hoje, se fez necessário considerar o magistério do Papa Francisco. Assim, neste contexto, conhecer suas origens se torna substancial.

Jorge Mario Bergoglio, argentino, nascido em 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires, geograficamente num bairro portenho de Flores, era filho de imigrantes italianos. Seu pai, Mario Giuseppe Bergoglio Vassalo, era trabalhador ferroviário e sua mãe, Regina Maria Sivori Gogna, nascida em Buenos Aires, ocupava-se da casa e da educação dos cinco filhos. Foi batizado no dia 25 de dezembro de 1936, na Paróquia Basílica salesiana de São Carlos Barromeu, pelo padre Enrique Pazzoli.

Ainda muito jovem, Jorge Mario Bergoglio ouviu o chamado ao sacerdócio, então, ingressou no seminário Diocesano de Vila Devoto, na periferia de Buenos Aires. Contudo, em 1958, ingressou na companhia de Jesus, os Jesuítas, fazendo o

noviciado na ordem fundada por Ignacio de Loyola. A 11 de março de 1958, entrou no noviciado da Companhia de Jesus. Completou os estudos humanísticos no Chile e, tendo voltado para a Argentina em 1963, obteve a Licenciatura em Filosofia no colégio de São José em San Miguel.

De 1964 a 1965, Bergoglio foi professor de literatura e psicologia no colégio Imaculada de Santa Fé em Buenos Aires. Ao concluir a teologia, com 33 anos, foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969. A seguir, “foi enviado à Espanha para dar continuidade à clássica formação Jesuítica” (Strazzari 2014, p. 41). E, no dia 27 de junho, recebe a ordenação episcopal e escolhe com lema *Miserando atque eligendo*¹. No seu brasão, inseriu o cristograma IHS, símbolo da Companhia de Jesus.

No Consistório de 21 de fevereiro de 2001, João Paulo II o faz Cardeal da Igreja, atribuindo-lhe o título de São Roberto Bellarmino. E, assim, “no dia 19 de março inaugura seu ministério petrino com 43 anos como presbítero e 20 como bispo”. (Altmeyer, 2013, p.119). O anúncio “*Habemus Papam*”, no dia 13 de março de 2013, apresenta o Cardeal argentino José Mario Bergoglio, jesuíta, 76 anos, arcebispo de Buenos Aires como Papa da Igreja Católica. Ele escolhe como nome Francisco e, antes de proferir a benção *Urbi et Orbi*, com um gesto inovador, pede ao povo que reze por ele. Agora, Francisco, Bispo de Roma, Papa.

Vale ressaltar que Francisco é o primeiro papa nascido na América Latina e o primeiro pontífice do hemisfério sul. Também é o primeiro pontífice não europeu em mais de 1.200 anos e, na sucessão de Bento XVI, é o 266º papa da Igreja Católica Apostólica Romana. Neste sentido, o teólogo argentino Carlos Maria Galli (2014, p. 28) descreve que Francisco é o Papa da “periferia do mundo ao coração da cidade”. Além disso, acrescenta:

Em 2013, a renúncia revolucionária de Bento XVI e a eleição revolucionária de Francisco indicaram o sopro do Vento de Deus que trouxe o Papa do Sul do Sul. Francisco é um ícone pastoral da Igreja encarnada nesta região, que agora se preocupa com todas as igrejas. Jorge Mario Bergoglio expressou repetidamente a sua pertença eclesial, teológica, espiritual, emocional, cultural e política à América Latina. Em vários de seus escritos fez uma hermenêutica de nossa cultura, com aqueles que ‘foram encorajados a pensar a América a partir da América e como latino-americanos’ (Galli, 2014, p.28, tradução nossa).

¹ “Olhou-o com misericórdia e o escolheu”: tirado de uma homilia de São Beda, o Venerável, um sacerdote do século VIII, quando ele fala de Jesus chamando Mateus, o publicano, e o Senhor, olhando para ele com um sentimento de amor, o escolhe como seu discípulo. O Brasão do Papa Francisco, disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/elezione/stemma-papa-francesco.html>. Acesso em: 17 maio, 2024.

A magnitude das suas obras apresenta para a Igreja, para o mundo, o seu Magistério, sua teologia e o seu perfil missionário, que se pauta numa base epistemológica fincada numa estrutura filosófica, poética e teológica. Suas obras literárias, antes do pontificado e depois, buscam a construção de um novo humanismo num processo de formação humana integral. Até o atual momento da pesquisa, destacamos: 112 cartas apostólicas, 40 constituições apostólicas, 80 Motu próprio. Vale ressaltar.

07 Exortações apostólicas: “Querida Amazonia”: Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (2 de fevereiro de 2020), “Christus vivit”: Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus (25 de março de 2019), Gaudete et exsultate: Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual (19 de março de 2018), Amoris laetitia: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família (19 de março de 2016), Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013). ‘C’est la confiance’: Exortação Apostólica sobre a confiança no amor misericordioso de Deus por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face (15 de outubro de 2023), ‘Laudate Deum’: Exortação Apostólica a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática (4 de outubro de 2023). **03 Encíclicas:** Fratelli tutti (3 de outubro de 2020), Laudato si’ (24 de maio de 2015), Carta Encíclica Lumen fidei (29 de junho de 2013) ²

Esse acervo bibliográfico apostólico do magistério do Papa Francisco possibilitará aprofundar o conhecimento teológico da missão nos tempos atuais a partir da evolução semântica do conceito.

2.1 EVOLUÇÃO SEMÂNTICA DO CONCEITO

Diante do contexto plural em que vivemos, tanto eclesial quanto social, o conceito de missão também teve seu processo evolutivo. Para o teólogo e missiólogo Bertil Ekström a *missio-Dei* historicamente tem seu início na promessa de Deus com seu primeiro clarão de salvação ao resgatar a pessoa caída (Bíblia de Jerusalém, 2002; Gn 3,15, p.38). A preocupação divina com a humanidade se firma nas páginas do primeiro testamento enquanto cumprimento das profecias. Ademais, pela divulgação do evangelho por meio dos cristãos no movimento missionário na Igreja primitiva que se fortaleceu a partir da igreja de Antioquia por iniciativa do Espírito

² Franciscus, Jorge Mario Bergoglio, 13.III.2013, Biografia, fotografias, calendário, Encíclicas e Exortações, disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt.html>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Santo e do desempenho missionário de Barnabé e Saulo (Bíblia de Jerusalém, 2002, At 13, 1-3, p. 1924) (Ekström, 2001, p. 13–14).

Segundo Raschietti (2020, p.48), “desde o início, a Igreja, enquanto Povo de Deus, inclusiva e participativa, comunidade dos discípulos de Jesus, foi impelida e desafiada a sair de seu ambiente para se abrir a outras pessoas, povos, culturas, em um audacioso movimento de aproximação”. Ele afirma que, por sua natureza, essa abertura nunca teve limitações e exclusividades de gênero, raça, cultura, classe social, fronteiras.

Assim, a palavra “missão”, etimologicamente vem do substantivo feminino que segundo Saraiva, (2007, p. 614), é de origem latina, *missus*”, que significa ação de deixar, ir. Do verbo *mittere*, enviar. Função ou encargo que se confere a alguém. Já no dicionário de Teologia,

a missão é uma característica fundamental da Igreja, chamada a ser sinal e instrumento de salvação de Deus no mundo, para toda a humanidade. Duas tarefas principais cabem, assim, à Igreja e a cada crente: dar testemunho do Evangelho (evangelização) e servir aos homens (diaconia). Num sentido mais restrito, entende-se por missão o trabalho de difusão da fé (Logoste, 2004, p. 1152-1153).

David J. Bosch fala em missão no sentido transformador, por isso, ele sente a necessidade de ajustar o termo em dois sentidos, isto é, no sentido plural e singular.

Temos que distinguir entre missão (singular) e missões (plural). A primeira refere-se principalmente à *missio Dei* (missão de Deus), isto é, a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e a atividade de Deus, que abrange tanto a igreja quanto o mundo, e na qual a igreja tem o privilégio de participar. A *missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus para o povo. Missões (as *missiones ecclesiae*: os empreendimentos missionários da igreja), referem-se a formas particulares, relacionadas a tempos, lugares ou necessidades específicas, de participação na *missio Dei* (Bosch, 2011, p. 10, tradução nossa).

Emerge, assim, a essência da missão afirmada no Decreto *Ad gentes* (Decreto [...], 1965, n. 2 p.352) onde Deus é apresentado como a fonte da Missão, a *missio Dei*. Esta missão nasce do desígnio libertador de Deus, do seu amor fontal. Este duplo sentido da missão revela e importância de todas as iniciativas relacionadas a tempos, lugares ou necessidades específicas de pregar o Evangelho, tendo como fim Aquele que ama o mundo, que se envolve, que envia seu Filho Jesus Cristo, que se encarna, cumprindo o seu projeto de salvação e vida para toda a humanidade (Bíblia de

Jerusalém 2002, João 10,10, p. 1869). Por isso a missão é atividade de Deus, que abrange tanto a igreja quanto o mundo.

O documento *Ad Gentes* do Vaticano II descreve a Igreja como “peregrina” [...] “missionária por natureza” (Decreto [...],1965, n. 2 p.352). Com este adjetivo, “missionária”, quer afirmar que a Missão da Igreja é a sua vocação, sua identidade, sua razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade. “Como o Pai me enviou também eu vos envio”. Dizer igreja é dizer missão: “[...] “a igreja nasce da missão e existe para a missão: existe para os outros e precisa ir a todos” (CNBB, 2011, Doc 94, 76, p. 68). A teóloga missiológa Kirsteen Kim assegura que:

a *missio Dei* enfatiza a prioridade da atividade de envio de Deus no mundo, pelo Filho e o Espírito, e a contingência da igreja é a sua missão em atividades sobre isso. Portanto, uma teologia de missão da igreja está preocupada com sua participação da igreja na Missão de Deus para e no mundo. isso é amplo suficiente: abrange a participação na missão de Deus para a plenitude da vida; praticando vida em comunidade, encarnado sobre o evangelho dentro de cada cultura; testemunha e dialoga; proclama a verdade do Evangelho; e testemunha a unidade (Kim, 2010, p.1, tradução nossa).

Andrade (2018) argumenta que a missão original da Igreja é compreendida, acima de tudo, como uma obra de Deus, a *missio-Dei*. Mais do que uma prática de doutrinação, antidiálogo e exclusividade na salvação, é vista como um movimento de saída de si em direção ao outro, sob a ótica do Deus Criador e Salvador. Este movimento em direção ao outro é o que define a missão, que também pode ser interpretada como a transição de uma cultura para outra, ou de um lugar para outro, estabelecendo um diálogo de salvação entre os indivíduos envolvidos. E, também, declara que:

a missão está intimamente ligada a Deus; portanto, falar de Deus, a princípio, é falar da missão em sua nascente, em seu desígnio gerador. Com efeito, a missão nasce da iniciativa do amor de Deus, Uno e Trino. O conceito *missio Dei* proclama o amor gratuito de Deus e sua generosa e não manipulável Presença no mundo: Deus é amor e, como tal, exerce sua soberania amorosamente. Tudo parte ou começa com a afirmação de São João, acima mencionada: ‘Deus é amor’ (1Jo 4,8) (Andrade, 2018, p. 482).

Isso justifica o chamado da Igreja para abraçar sua vocação missionária e posicionar-se em um movimento de saída, cada vez mais engajada no diálogo com o mundo, de forma a refletir a imagem do Reino de Deus em nossa realidade, através de nossos planos, decisões e ações. É preciso levar em conta as palavras de João

Paulo II, na *Redemptoris Missio*, onde ele enfatizou que a proclamação do Evangelho para aqueles que estão distantes “é a tarefa mais importante da Igreja” (João Paulo II, 1990, n. 34), e que a atividade missionária “é o maior desafio da Igreja” (João Paulo II, 1990, n. 84), e que a “causa missionária deve ser a prioridade” (João Paulo II, 1990, n. 86). Portanto, em sua mensagem para o dia mundial das missões no ano de 2001 ele ressalta que:

A missão é ‘anúncio jubiloso de um dom, que se destina a todos e, por conseguinte, há de ser proposto a todos com maior respeito da liberdade de cada um: o dom da revelação do Deus Amor, que ‘amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único’ (Jo 3,16) [...] A Igreja, portanto, não pode subtrair-se à atividade missionária junto dos povos, e permanece tarefa prioritária da *missio ad gentes*, o anúncio de que é em Cristo, ‘Caminho, Verdade e Vida’ (Jo 14,6), que os homens encontram a salvação’ (NMI 56). É um convite para todos, é um apelo urgente ao qual deve ser dada uma resposta imediata e generosa. É preciso ir! É necessário pôr-se a caminho sem hesitações, como Maria, a Mãe de Jesus; como os pastores que despertaram ao primeiro anúncio do Anjo; como Madalena quando viu o Ressuscitado (João Paulo II, 2001, p.2).

Neste sentido, o testemunho de uma missão em diálogo aproxima todos os povos para anunciar o Evangelho, “não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria” (Francisco, 2013, n.14). Missão não é sair da Igreja e trazer as pessoas para dentro, mas como afirma Wolff,

[...] missão não é ‘ganhar’, ‘conquistar’ ‘concentrar’. A credibilidade da Igreja está profundamente vinculada à capacidade de dar-se ao outro para enriquecê-lo com o que tem de melhor em si: a graça de Cristo. A proposta do Evangelho é inclusiva, é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem mais próximos da Igreja, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas (Wolff, 2018, p.116).

Assim, a Igreja, em seu papel missionário e testemunhal, deve se esforçar para aprimorar a interpretação da Palavra de Deus revelada, rejeitando qualquer doutrina inflexível e renovando sua linguagem na propagação da fé. Paralelamente, a Igreja deve estar ciente da constante atuação do Espírito Santo, que sabe exatamente o que é necessário em cada época e momento (Francisco, 2013, n. 280). Isso explica por que “a diversidade não compromete a unidade da Igreja diante da pluralidade” (Miranda, 2017, p. 15). Por isso, Suess explicita que:

Missão é Igreja em saída, cuja sintaxe acompanha um dicionário de verbos que se fazem carne no dia a dia:abençoar, acompanhar, alegrar, anunciar, atrair, caminhar, chamar, converter, convidar, renunciar, despojar, discernir, encontrar, enviar, iluminar, impelir, optar, ouvir, priorizar, sair, transformar.

Missão faz parte da nossa identidade, porque 'é algo que não posso arrancar do meu ser, se não quero me destruir. É preciso nos considerar como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar' (EG 273). A missão é coração e não apêndice (Suess, 2014, p.3-4).

Kim (2010) concorda com Suess, acrescentando que a teologia missionária está focada no propósito missionário, ou seja, na abordagem do testemunho da presença próxima de uma igreja no mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 1,8, p.1900). Por isso, ela destaca a importância da autenticidade do testemunho. Nesse contexto, percebe-se o quanto a vida interior da fé é moldada por estruturas que não correspondem à *missio-Dei*.

Ao se referir à figura do missionário, Kim afirma que o teólogo missionário manifesta sua preocupação com a proclamação das boas novas a toda a criação (Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos 16,15, p.1795). Kim questiona como, então, ser um discípulo, uma discípula em todas as nações e como ser Cristo para o mundo?. Considerando que a principal teologia da missão não são as questões de ordem da igreja, como liturgia, ministérios ou outras preocupações internas, "mas sim um sair de si mesmo para o outro" (Kim, 2010, p.3). Além disso, ela acrescenta:

Missão é não é algo que emana de uma igreja estabelecida; em vez de, missão é anterior à Igreja, representando os primeiros cristãos resposta do movimento a contextos em constante mudança. 'Ser igreja é estar em missão'. Na vivência da mística do aproximar-se dos outros com a intenção de procurar o seu bem, amplia-se o interior para mais dar-se do que receber. porque 'a felicidade está mais em dar do que em receber' (Bíblia de Jerusalém, 2002, At 20, 35, p.1940, tradução nossa).

Nesse contexto, o Papa Francisco adverte que "apenas aqueles que se sentem bem, que buscam o bem do próximo e desejam a felicidade dos outros podem ser missionários" (Francisco, 2013, n. 272). Quanto mais os olhos se abrem para ver o outro, mais iluminada se torna a fé na crença em Deus. Sem dúvida, a mente e o coração serão enriquecidos com a tarefa da evangelização. Portanto, o Papa Francisco estabelece seu pontificado na teologia da missão, incentivando e orientando a Igreja para uma transformação missionária. Suess (2018, p.7) denomina esse processo de "cinco taças de vinho".

1.A alegria como pano de fundo de todo o projeto missionário. Ela é o motor da Igreja em saída, nos faz caminhar e seguir os vestígios daquele que é o caminho 2. A proximidade como encarnação e discernimento na realidade. A encarnação nas múltiplas realidades e contextos, a violência, as lágrimas e

as dores palpáveis se tornam desafio e teste da audácia e das alegrias missionárias que podem ser corrompidas. A EG exorta todos os batizados: ‘Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!’ (EG 83). 3. A opção pelos pobres, os outros e os pecadores são aqueles aos quais Jesus anunciou a Boa-Nova e pelos quais deu a sua vida. As nossas opções não são exclusivas, mas têm focos prioritários e preferenciais que nos fazem sentir, com profunda alegria, a presença de Deus nesses irmãos e irmãs. 4. A misericórdia é a alegria do encontro com a generosidade e a misericórdia de Deus. A misericórdia é a alegria recuperada através de um bem perdido. A misericórdia é a alegria sobre a recuperação de três perdas: a ovelha, a moeda e um filho. 5. A transformação como pressuposto e horizonte de esperança e do Reino. Ovelha, moeda e filho não voltam para uma terra-sem-males. São novamente cercados por desafios que enfrentam no horizonte de uma conversão pessoal e de uma transformação (Suess (2018, p.7).

Desta forma, Papa Francisco ressalta a doce e reconfortante graça de evangelizar” (Francisco, 2013, n. 9) retomando as eloquentes palavras ditas por Paulo VI a todo povo fiel na *Evangelii Nuntianti*:

Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso, semear com lágrimas! [...] Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo, que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova. Não dos lábios, de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo. Estes são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para o reino ser anunciado e a Igreja, seja implantada no meio do mundo (Paulo VI, 1976, n. 80).

Considerando isso, toda evangelização, como força da comunidade eclesial, segue o mandato missionário de Jesus: “Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 28, 19–20, p. 1758). Ele ainda acrescenta: Nestes versículos, vemos o momento em que o Ressuscitado envia seus seguidores para pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para fé por meio dele possa alcançar todos os cantos da terra.

Neste ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (Francisco, 2013, n. 20).

Com efeito, esse “ide” até os confins da terra e até o fim dos tempos convida a quebrar todas as barreiras e preconceitos em relação a qualquer situação humana e a reconhecer a presença de Deus nas diferentes circunstâncias: “de fato, estou percebendo que Deus não faz distinção entre as pessoas; pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, independentemente da nação a que pertença” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 10,34-35, p.1920).

Neste propósito missionário, diante das multidões que buscam receber a Boa Nova, o chamado do Papa Francisco é convocar os batizados a recuperar o fervor do espírito e, se necessário, com lágrimas, evangelizar com uma alegria suave e reconfortante. Neste processo missionário renovado, a sua é uma evangelização cada vez mais renovada que proporciona aos crentes, aos descristianizados, tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé. Sempre que buscamos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, surgem novos caminhos, métodos criativos, outras formas de expressão. Na verdade, toda ação evangelizadora autêntica é sempre nova (Francisco, 2013, n. 10-12).

Assim, essa ação missionária tem como característica específica: ir ao encontro dos povos que não foram alcançados ou onde a Igreja não é suficientemente forte e inculturada para proclamar o evangelho (Decreto, [...] AG, 1965, n. 35, p.391; João Paulo II,1990, n. 34). Levando em conta que essa tarefa não tem limites, sua atividade também é ampliada pelo Papa João Paulo II para outras situações, com seus fenômenos sociais: áreas urbanas, a juventude, as migrações, os refugiados e outros contextos que exigem libertação.

O Papa João Paulo II ainda destaca nesta tarefa a importante atividade de ir aos novos Areópagos do mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 17, 22-31, p.1934), nos quais somos chamados à unidade e à solidariedade, tais como: as condições de pobreza, o direito da mulher, da criança, da cultura, da ecologia e a promoção da paz, chamadas as novas culturas, os meios de comunicação, as redes sociais e o vasto campo da pesquisa científica, das relações internacionais, da política e da economia que favorecem o diálogo e levam a novos projetos de vida (Decreto, [...], AG, 1965, AG 12; p. 365; João Paulo II,1990, 37b; Bevans, Stephn, 2016, p. 220).

O “anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destino universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos” (Francisco, 2013, n.181). Nesta ação, a missão aos povos revela que a Igreja, enquanto “sacramento universal de salvação”

(Constituição, [...] LG, 1964, n. 48, p.97; Decreto, [...] AG, 1965, n.1, p.351), de forma alguma, suas tarefas devem estar centradas em seus territórios paroquiais, diocesano ou nacional.

Sendo a universalidade a alma da missão e do discípulo missionário de Cristo, pela ativa ação missionária junto de outros povos, a Igreja, no diálogo e pelo diálogo, exerce na prática a comunhão fraterna com os povos em suas diferentes culturas (AG 20). Por isso, no pensamento teológico do Papa Francisco, missão é um chamado para sair de si mesmo.

Miranda (2017, p. 13), considerando todo contexto histórico do movimento missionário, enfatiza que a Igreja, enquanto sacramento de salvação, está cada vez mais desfigurada diante da herança de uma igreja cuja características ainda revela época da cristandade. Os batizados não evangelizados demonstram uma relevante dicotomia entre fé, vida cristã e vida pessoal. A ênfase ainda perdura uma evangelização baseadas em fórmulas doutrinárias, morais e atitudes autoritárias.

Por isso, Stephen B. Bevans destaca que a Igreja missionária de hoje exige uma reavaliação radical dos métodos e conteúdos teológicos à luz de sua tarefa missionária, ou seja,

na teologia, este recolhimento da Igreja missionária de missionária. A teologia tem que servir a um propósito evangélico. Tem que refletir sobre hoje exige um repensar radical dos métodos e conteúdos teológicos à luz da sua tarefa a fé com atenção real aos costumes e tradições particulares, sabedoria e aprendizado, conhecimento científico e realização artística (Bevans, 2013, p. 274, tradução nossa).

Nesse contexto, a Igreja, a partir da ciência teológica e ao refletir sobre a importância real da tarefa missionária, estará mais próxima dos propósitos evangélicos em sua prática de quem possui a missão de Deus. Assim, estará atenta às tradições e à cultura. O Papa Francisco apoia esse pensamento ao afirmar que todos somos chamados a crescer como evangelizadores. Por essa razão, a Igreja deseja viver hoje uma profunda renovação missionária, com novas formas de evangelizar em sua tarefa diária: “é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos” (Francisco, 2013, n. 127).

O Sumo Pontífice destaca a valorização da formação a partir do aprofundamento do amor e do testemunho. Todos somos chamados a dar aos outros

o testemunho explícito do amor salvífico a partir de novos métodos e expressões (Francisco, 2013, n.121.127). Nesse contexto, entende-se o que Casaldàliga diz:

[...] que missão assumimos? A que vocação respondemos? Como colaboramos com a obra de Deus? A missão acontece no risco e na intempérie da vida humana, ao sopro do Espírito, isso sim, e na Igreja, mas não exatamente 'na sacristia' ou 'na cúria' fechadas (Casaldàliga, 1993, p.15).

Por isso, para Michael Amaladoss, a missão é um testemunho. Não se trata apenas de atividades. É a própria existência do ser Igreja. “É um chamado que se concentra na proclamação profética da Boa Nova de Jesus” (Amaladoss, 2000, p.116). Nesse processo, o sonho do Papa Francisco é uma opção missionária transformadora onde os costumes, estilos, horários, linguagem e toda a estrutura eclesial se tornam espaços de evangelização e não de autopreservação. Onde toda a Igreja se torne mais missionária, com agentes pastorais em constante atitude de saída (Francisco, 2013, n.27).

Essa visão do Papa Francisco de uma opção missionária para o professor Willian Gregory da Clarke University, Dubuque, Iowa, EUA, é uma determinação para melhor vivência da natureza missionária da Igreja. Segundo Gregory (2022), a contribuição de Francisco para o ensino da missão equivale ao seu esforço de formar e encorajar a Igreja para guiar seus passos nas áreas mais críticas contemporâneas e ajudá-la a compreender que daqui para frente tudo deve ser em “chave missionária, tudo” (Gregory, 2022, p. 351, tradução nossa).

Por isso, o testemunho e a missão são vivenciados como um serviço que se baseia na gratuidade do evangelho, palavra de origem grega *εὐαγγελίζω* que significa trazer ou anunciar boas novas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 1,19; p.1787; Apocalipse 14, 6.p.2156). Dessa forma, o Evangelho, como boa notícia, pode não ser levado em consideração quando a missão é praticada com conflitos em oposição aos outros, porque a missão não é sobre ganhar, conquistar, acumular. Evangelizar é compartilhar autenticamente a graça de Deus, a vida em abundância oferecida em Cristo através do Espírito Santo. “O Evangelho, como uma proposta inclusiva, é para todos, e não apenas para alguns” (Wolff, 2018, p. 116).

O Evangelho da Graça está presente em todas as formas de doação da vida: no diálogo paciente, na presença silenciosa e no testemunho, na contemplação e na ação, na caridade e na justiça, e, sobretudo, na alegria, na simplicidade e na misericórdia. No anúncio dessa gratuidade da redenção

muitos deram a vida. Derramaram seu sangue, romperam com a lógica de custo-benefício, contextualizaram o Vaticano II (Suess, 2006, p.135).

Portanto, a missão é o esforço criativo para transformar uma pastoral de conservação em uma pastoral decididamente missionária (CELAM, 2007, DAp. n. 370). Isso significa sair do "ninho" e ir ao encontro daqueles que estão distantes de Cristo (João Paulo II, 1990, n. 34). A tarefa primordial da Igreja é aprofundar o *Kerygma*. “Não se trata de despertar a fé de maneira teórica, mas sim de despertar a possibilidade de abertura aos valores evangélicos” (Wolff, 2018, p. 335).

Por ser trinitário, o *Kerygma* é o centro de toda ação evangelizadora e de todas as tentativas de renovação eclesial, tanto comunitária quanto social e ecumênica. Consequentemente, essa tarefa exige atividades de proximidade por meio de visitas, abertura ao diálogo, paciência e acolhimento cordial que não condena (Francisco, 2013, n. 160.165).

Essa é precisamente a missão que a Igreja é chamada a prosseguir (Paulo VI, 1975, n. 15.52). Nesse mesmo sentido, Suess (2013, p. 86) afirma que “a igreja é convocada para o anúncio do *kerygma* missionário”, cujo centro é o mistério pascal de Cristo, transformando toda a perspectiva de prosperidade em gratuidade, de narcisismo em altruísmo, de egoísmo em gestos de fraternidade e solidariedade.

Wolff (2018, p.116) explicita que a “missão está positivamente relacionada com as diversas maneiras de acreditar em Deus e de viver na sociedade”. Portanto, é importante enfatizar que a credibilidade do Evangelho pregado deve necessariamente passar pelo exemplo de vida, levando em conta que o testemunho e a missão são vividos como um serviço baseado na gratuidade da proposta do Evangelho que é pregado.

2.2 FUNDAMENTOS BÍBLICOS TEOLÓGICOS

A fundamentação bíblica da missão em diálogo é pressuposta pelo pensamento do Papa Francisco, que desafia a Igreja a seguir o caminho de audácia missionária. Abrindo portas e janelas ele convoca todo o povo de Deus para uma “saída missionária”. Este é o seu sonho e desejo. “Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20). Um sair inspirado pela própria Palavra de Deus.

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo

a uma nova terra (cf. Gn 12, 1- 3). Moisés ouviu a chamada de Deus: 'Vai; Eu te envio' (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: 'Irás aonde Eu te enviar' (Jr 1, 7). Naquele 'ide' de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada (Francisco, 2013, n. 20).

No Primeiro Testamento das Escrituras Sagradas, o termo “envio” é entendido como uma escolha ou eleição de Deus. Isso é exemplificado em: “O Deus de vossos pais, me enviou até vós. Eu sou, me enviou até vós” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Êxodo 3,13-14, p. 106). No Novo Testamento, o conceito de missão é expresso pelos termos gregos *apostello* (o enviado) e *pempo* (que envia), como em “Como o Pai me enviou (*apostello*), também eu vos envio” (*pempo*). No entanto, por mais significativos que sejam esses termos, eles não capturam o verdadeiro conteúdo da missão, que é a proclamação do Reino de Deus (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 9,2, p.1804) e o chamado e busca pela conversão (Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos 3,1, p.1762; Lucas 3,3, p. 1792) (Panassolo, 2006 p. 15-15).

A palavra evangelizar enquanto verbo encontra-se em: Bíblia de Jerusalém (2002) - Lucas 4,18; p.1795; Atos dos Apóstolos 8,25, p. 1915; 1Coríntios 9,16-17; p. 2004; Efésios 2,17, p. 2042; 1Pedro 1,25. p.2114.

Já o substantivo Evangelho, palavra de origem grega *εὐαγγελίζω*, significa “trazer ou anunciar boas novas” (Gingrich, 19 p. 87). (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 1,19; p.1787; Apocalipse 14, 6.p. 2156). Proclamar, pregar o evangelho, evangelizar (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 4,23; p. 1710; Marcos 1,1; p. p.1759; Lucas 4, 43; p.1796; Lucas 8,1; p.1801; Atos dos Apóstolos 13 32; p.1926; Romanos 15, 20; p. 1990; 1 Coríntios 15,1; p.2012; 2 Coríntios 10,16, p. 2027; Gálatas 1,11, p. 2032; 1 Pedro 1,12; p. 2013). Ser evangelizado, receber a pregação das boas novas ((Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 11,5; p. 1522). . Neste contexto, Wolff esclarece que:

etimologicamente o termo evangelização procede da palavra Evangelho, que no Segundo Testamento tem o sentido de uma mensagem de produz alegria e paz, sem o, assim, uma boa notícia (Is 52,7). Também no mundo grego ‘evangelho’ é mensagem alegre, de modo que “evangelizar significa proclamar boas notícias, como a subida ao trono do imperador ou a vitória de uma batalha. No Segundo Testamento, não existe o termo evangelização, mas o verbo “evangelizar” é encontrado 57 vezes (28 em Paulo, 15 nos atos, 10 em Lucas), e ‘evangelho’ 76 vezes, das quais 60 em Paulo. Aqui ‘evangelho’ é a boa notícia de Deus ou de Jesus Cristo e relaciona-se ao Reino de Deus que Jesus traz para a humanidade (Wolff, 2018a, p. 334).

A missão, iniciada por Cristo, o enviado do Pai que veio para evangelizar os pobres (Bíblia de Jerusalém 2002, Lucas 4,16-21; p.1796), deve ser continuada pela Igreja, impulsionada pelo Espírito Santo, seguindo o mesmo caminho de seu Mestre. Iluminada pelo envio dos apóstolos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 9, 1-6, p. 1804.) e dos discípulos enviados por Jesus, o Filho, no poder do Espírito Santo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,1-12, p. 1807), e ciente de que a “colheita é grande, mas os operários são poucos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,2, p.1807),

Podemos também compreender as várias dimensões da missão: ser enviado em dupla (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,1, p. 1807), em situações de risco, “como cordeiros no meio dos lobos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,3, p.1807), com total desapego, respeitando o contexto anfitrião, trazendo paz (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,5, 1807), curando os enfermos e proclamando que o Reino de Deus está próximo (Lucas 10,9, p.1807).

Por isso, para o Papa Francisco, “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (Francisco, 2013, n. 176). Com este conceito de evangelização, o Papa Francisco afirma que nenhuma outra definição, parcial e fragmentada, será capaz de explicar a riqueza, a complexidade e a dinâmica da evangelização, a menos que a empobreça ou até mesmo a transforme. “O objetivo é anunciar o Reino de Deus, e isso é urgente! E hoje também é urgente! Não há tempo de perder em fofocas” (Francisco, 2013, p. 63). Assim, o Pontífice João Paulo II afirma a validade permanente da missão, dizendo que:

o Reino de Deus destina-se a todos os homens, pois todos foram chamados a pertencer-lhe. Para sublinhar este aspecto, Jesus aproximou-se sobretudo daqueles que eram marginalizados pela sociedade, dando-lhes preferência, ao anunciar a Boa Nova. No início do Seu ministério, proclama: fui enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres (cf. Lc 4, 18). As vítimas da rejeição e do desprezo, declara: ‘bem-aventurados vós, os pobres’ (Lc 6, 20), fazendo-lhes, inclusive, sentir e viver já uma experiência de libertação, estando com eles, partilhando a mesma mesa (cf. Lc 5, 30; 15, 2), tratando-os como iguais e amigos (cf. Lc 7, 34), procurando que se sentissem amados por Deus, e revelando deste modo imensa ternura pelos necessitados e pecadores (cf. Lc 15, 1-32). [...] Os discípulos constatarem que o Reino já está presente na pessoa de Jesus, e pouco a pouco vai-se instaurando no homem e no mundo, por uma misteriosa ligação com a Sua pessoa. Assim depois da ressurreição, eles pregam o Reino, anunciando a morte e a ressurreição de Jesus; Filipe, na Samaria, ‘anunciava a Boa Nova do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo’ (At 8, 12). Paulo, em Roma, ‘anunciava o Reino de Deus e ensinava o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo’ (At 28, 31). Também os primeiros cristãos anunciam ‘o Reino de Cristo e de Deus’ (Ef 5, 5; cf. Ap 11, 15; 12, 10) (João Paulo II, 1990, n. 14.16).

Essa citação destaca a universalidade do Reino de Deus e a missão de Jesus de trazer a Boa Nova, especialmente para os marginalizados da sociedade. Jesus proclamou que foi enviado para anunciar a Boa Nova aos pobres (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 4, 18, p. 1794) e expressou sua solidariedade para com eles, compartilhando a mesma mesa (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 5, 30; p. 1796; 15, 2, p.1816) e tratando-os como iguais e amigos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 7, 34, p. 1801). Ele revelou a ternura de Deus pelos necessitados e pecadores (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 15, 1-32, 1816).

Os discípulos reconheceram que o Reino de Deus estava presente em Jesus e, após a ressurreição, continuaram a pregar o Reino, anunciando a morte e a ressurreição de Jesus. Filipe na Samaria (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 8, 12, p.1915) e Paulo em Roma (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 28, 31, p.1953) anunciavam o Reino de Deus e o nome de Jesus Cristo. Os primeiros cristãos também anunciavam “o Reino de Cristo e de Deus” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Efésios 5, 5; p.2045; Apocalipse 11, 15; p.2153; 12, 10, p. 2154).

João Paulo II, na Encíclica, *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990), enfatizou a centralidade da missão de Jesus e dos primeiros cristãos de proclamar o Reino de Deus, um Reino aberto a todos e que se manifesta especialmente na preocupação e cuidado pelos pobres e marginalizados. Isso serve como um poderoso lembrete para os cristãos de hoje sobre o coração da mensagem do Evangelho e o chamado para continuar a missão de Jesus de proclamar o Reino de Deus mediante palavras e ações (Paulo II, 1990, n. 14.16).

A missão, portanto, é fundamentalmente a manifestação do Reino de Deus, uma realidade vivida por Jesus, que fez do Reino de Deus o centro de seu projeto missionário. Ele pede aos seus discípulos que proclamem a chegada do Reino dos Céus (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 10,7, p.1720; CELAM, 2007, DAp n. 361.363). Jesus continua a convocar, convidar e oferecer incessantemente uma vida digna e plena para todos. Esta é a essência da missão da Igreja: levar a presença do Reino de Deus a todos os lugares, refletindo o amor, a compaixão e a justiça de Deus no mundo.

A força desse anúncio de vida será fecundo se o fizermos com estilo adequado, com as atitudes do Mestre, tendo sempre a Eucaristia como fonte e cume de toda atividade missionária. Invocamos o Espírito Santo para podermos dar o testemunho de proximidade que entranha proximidade afetuosa, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo,

reconciliação, compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar, como Jesus o fez (CELAM, 2007, DAp, n. 363).

Essas palavras do Documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe são uma convocação de um anúncio baseado no modo de ser de Jesus, os missionários do Pai. Além disso, são um anúncio sustentado pela fonte da espiritualidade missionária, a Eucaristia, e no testemunho de prática das virtudes e gestos que favorece a solidariedade, e como compromisso com a vida a exemplo de Jesus de Nazaré.

Com esse anúncio do evangelho, o serviço e o testemunho poderiam ser mais eficazes e alcançar as vastas multidões ansiando pela Boa Nova do Evangelho se déssemos mais importância ao diálogo. Através do diálogo, a unidade será facilitada e a aceitação de Jesus Cristo deixa de ser apenas diplomacia ou um dever imposto para se tornar um caminho essencial para a evangelização (Francisco, 2013, EG, n. 246). O Reino torna-se presença nos novos areópagos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos Apóstolo 17,22-31, p.1934) da sociedade com atitude missionária que diz não ao autorreferencialíssimo e, de maneira poliédrica, deseja comunicar a todos o amor de Deus sem deixar parar a música do Evangelho (Francisco, 2018, p. 2).

Assinala-se, portanto, que a missão cristã não consiste apenas no que fazemos, mas também como fazemos - com amor, humildade, e em comunhão com o Espírito Santo, seguindo o exemplo de Jesus. É um chamado para viver o Evangelho de maneira integral, não apenas em nossas palavras, mas também em nossas ações. Com Sua encarnação, Jesus uniu-se a todos os homens e mulheres, tornando-se verdadeiramente um de nós, exceto no pecado (Constituição [...], 1965, GS n. 2, p.144). Nele, a dicotomia entre a realidade humana e divina não existe mais, mas sim uma unidade estabelecida pela Palavra e pela humanidade.

Segundo os Evangelhos, Ele manifesta-se com o silêncio, com a ação, com a oração, com o diálogo e com o anúncio. A sua mensagem é inseparável da ação; anuncia Deus e o seu Reino, não só com as palavras, mas também com os fatos, e com as ações que realiza. Aceita a contradição, o insucesso e a morte; a sua vitória passa pelo dom da vida. Tudo nele é meio e caminho de revelação e de salvação (cf. EN, n. 6-12); tudo é expressão do seu amor (cf. Jo 3,16; 13,1; 1Jo 4,7-19). Assim devem fazer também os cristãos: 'Por isto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros' (Jo 13,35) (Secretariado para os Não-Cristãos, 1984, DM, n. 13.15).

Da mesma forma, a missão dos apóstolos e dos discípulos missionários, que, independentemente das condições de seu contexto histórico, seguiram na mesma

esperança de anunciar o Reino de Deus pregado por Cristo, onde frequentemente a semente foi o sangue dos cristãos (Francisco, 2013, n.5). Com efeito, é uma missão caracterizada não pela conquista, mas pelas experiências evangélicas, que não busca converter o que é obra do Espírito, mas tornar visível o testemunho de servir e anunciar o Reino com grande respeito à diversidade. Por isso, os missionários não devem se preocupar tanto em “levar algo”, mas em “dar e receber”, ou seja, dar da pobreza e acolher a riqueza da cultura do outro (Coppi, 2006, p. 97).

Portanto, com convicção, tomamos como modelo o apóstolo São Paulo, que declarou: “Ai de mim se não proclamar o Evangelho” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 9,16, p.2004). Esta missão, realizada com coragem, é frequentemente executada com vulnerabilidade e fraqueza, como ele mesmo afirma: “escravo por todos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 9,19-22, p.2004). São Paulo não chega com palavras lisonjeiras, pretexto de ganância ou pretensão. Em vez disso, ele diz: “Fomos gentis com vocês”. Estamos determinados a compartilhar com vocês não apenas o Evangelho de Deus, mas também a nós mesmos, porque vocês se tornaram muito queridos para nós (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Tessalonicenses 2,5-8, p.2067).

Regazzoni (2022) enfatiza que a missão é uma responsabilidade coletiva, destinada a todos. Ele explica que a visão bíblica da missão é claramente uma obra do Pai, que nos envia a todas as culturas e povos, com o objetivo de garantir que cada indivíduo, de todas as épocas e culturas, possa reconhecer Deus como Pai. Ele cita a Bíblia Jerusalém, 2002, Êxodo 19,4-5, p.129): “Vocês viram o que eu fiz ao Egito e como eu os carreguei sobre asas de águia e os trouxe para mim. Agora, se vocês obedecerem à minha voz e guardarem a minha aliança, serão minha propriedade entre todos os povos (*inter gentes*), porque toda a terra é minha!”

No entanto, apesar desta grande inspiração da Palavra de Deus, ainda se observa uma evangelização deficiente. É evidente que uma instituição como esta, desalinhada com a história, não motiva os cristãos a abraçarem o novo e a se colocarem com corações fervorosos e pés em movimento. Há uma negligência particular em sair, desinstalar-se e ir ao encontro daqueles que estão distantes do rebanho e são mais vulneráveis, que são precisamente aqueles que deveriam ser o foco de todo o processo evangelizador da Igreja. Daí a afirmação: “A Igreja é chamada, antes de tudo, a ser testemunha da misericórdia” (Francisco, 2015, MV, n.25). Neste sentido, é importante ressaltar que:

[...] missão é olhar, contemplar, discernir, escutar, aprender, responder, colaborar. Assim ele completa que o caminho fundamental de tal missão é o diálogo com Deus e com as pessoas. Através de um diálogo respeitoso. Não impaciente, agressivo (Amaladoss, 2000, p. 65).

Diante de uma sociedade em constantes mudanças, a Igreja é desafiada também a mudar principalmente com relação à mentalidade, às estruturas e ações. O Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida (CELAM, 2007, DAp n. 365), optou decididamente pela conversão pastoral em prol do Reino de Deus, de forma que chegue a todos, em Espírito de comunhão e participação e convidou a impregnar as estruturas, os planos de pastorais com firme atitude missionária, abandonando as estruturas ultrapassadas que não favorecem a transmissão da fé.

O livro *“Discovering Pope Francis The Roots of Jorge Mario Bergoglio’s Thinking”* (2019), que é resultado de um simpósio internacional com o objetivo de promover a compreensão teológica do pensamento do Papa Francisco, desde sua interpretação da história até sua teologia da missão, traz uma reafirmação do Papa. Ele destaca que as mudanças de época, culturais e tecnológicas, que estamos vivenciando, tornam cada vez mais desafiador transmitir a fé.

Por isso, justamente neste momento, em favor da evangelização, ele convoca teólogos e filósofos a se comprometerem com a investigação, com o diálogo e com a oração para desenvolver uma síntese criativa que apresente a humanidade um maior apelo de Cristo ao mundo, que está em desesperada necessidade de misericórdia (Lee, 2019, p.12). Francisco está ciente que:

As reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história (Francisco, 2013, n. 17).

Diante disso, ele argumenta que, com audácia apostólica, está sendo feita uma tentativa de construir uma Igreja inteiramente missionária, que serve como memória, abrigo para os pobres, presente e esperança para todos. Nesse contexto, V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida, afirma que a “Igreja é chamada a repensar sua missão com audácia” (CELAM, DAp. 2007, n. 11), e assim confirma a proposta do projeto missionário do Papa Francisco ao dizer

da “doce e confortadora alegria de evangelizar” (Francisco, 2013, n. 9) que, segundo Brighenti (2013, p. 40), essa proposta contém quatro passos:

1. **Zelo apostólico:** Evangelizar supõe a *parrésia* de sair de si mesmo. Deslocar-se às periferias, não só geográficas, mas também existenciais: da dor, do pecado, das injustiças, da ignorância religiosa.
2. **Sair da autorreferencialidade:** Todos os males que ao longo do tempo sofreu a igreja tem suas raízes na autorreferencialidade. É um prender Jesus dentro de si mesmo como uma espécie de narcisismo teológico.
3. **Ser *mysterium lunae*:** Uma Igreja evangelizadora, que sai de si, para ser luz e dar luz às possíveis mudanças e reformas para a salvação das pessoas.
4. **Ser mãe fecunda:** Sem medo nem preconceitos diante dos desafios do contexto atual busca respeitar a autonomia do ser humano e liberdade de consciência para gerar a “vida, e vida em abundância” (Bíblia Jerusalém, 2002, João 10,10, p. 1869).

Permanecendo fiel à teologia do Vaticano II, da *Evangelli Nuntiandi* e das Conferências Episcopais da América Latina, o Papa Francisco reitera que “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (Francisco, 2013, n. 27). Sob a ótica da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida sua proposta é uma Igreja que não se centraliza em si mesma, não é autorreferenciada, não está preocupada com sua autopreservação, mas sim voltada para as periferias existenciais, sendo verdadeiramente missionária.

Portanto, o processo do projeto missionário do Papa Francisco começa com uma visão de dentro para fora da Igreja, ad *intra ecclesia*. Esta estrutura interna, em seu contexto de funcionalismo excessivo, semelhante a um “Alzheimer espiritual”, de círculos fechados e autorreferencialidade em um processo missionário, exige uma conversão pessoal, pastoral e missionária. De fato,

[...] a tônica da conversa é a descentralização, partilha de decisões na condução da Igreja e dos processos pastorais, superação de toda tendência ao monopólio e à autorreferência. Isso requer um processo de conversão pessoal quanto institucional, de modo a formar uma Igreja que melhor responda às exigências da missão hoje (Wolff, 2018 p.29).

O Papa Francisco entende que sua proposta missionária deve começar com reformas nas estruturas da Cúria Romana. Apesar das diferenças culturais,

linguísticas e nacionais de seus membros, a Cúria é um organismo dinâmico e complexo, composto por vários Dicastérios, Conselhos, Departamentos, Tribunais, Comissões e muitos outros elementos. Eles não têm todos a mesma função, mas estão coordenados para um funcionamento eficaz, edificante, disciplinado e exemplar. Como qualquer corpo, ela está limitada e sujeita a doenças que impedem seu funcionamento saudável. Lembrando os padres do deserto, ele apresenta um catálogo de 15 doenças curiais mais comuns na dinâmica da Cúria Romana³.

Além disso, em seu discurso de 21 de dezembro de 2015, o Papa Francisco afirma que a *ad ecclesia* precisa estar sempre se reformando com determinação, clareza e fervor missionário. Ele acredita que nem as doenças nem os escândalos podem ocultar a eficiência dos serviços e a consciência do *sensus Ecclesiae* e do *sensus Fidei*. Por isso, para uma estrutura eclesial fértil e produtiva, ele apresenta um catálogo de doze virtudes necessárias, que ele chama de “antibióticos curiais”. São elas: 1. Missionariedade e pastoreação. 2. Idoneidade. 3. Espiritualidade e humanidade. 4. Fidelidade à consagração. 5. Racionalidade e amabilidade. 6. Determinação. 7. Caridade na verdade. 8. Honestidade. 9. Respeito. 10. Atenção. 11. Ser impávido e pronto. 12. Sobriedade, renúncia ao supérfluo, resistência ao consumismo dominante (Francisco, 2015, p.3-5).

Portanto, as palavras do Papa Francisco ressaltam a necessidade contínua de reforma e renovação dentro da Igreja, com um foco claro na missão e na eficácia dos serviços. Estas virtudes, chamadas de “antibióticos curiais”, servem como um guia para a Igreja em sua jornada contínua de autodesenvolvimento e serviço à comunidade. Elas são um lembrete de que a Igreja, em sua essência, é chamada a ser um lugar de espiritualidade, humanidade, honestidade, respeito e sobriedade, sempre pronta para servir e resistir ao consumismo dominante. Por meio desse compromisso contínuo com a reforma e a renovação, “a Igreja pode continuar a desempenhar seu papel vital na sociedade e no mundo” (Francisco, 2015, p.1).

³ 1. Doença de sentir-se imortal. 2. A doença do martismo (que vem de Marta), da actividade excessiva. 3. Há também a doença do empedernimento mental e espiritual. 4. A doença da planificação excessiva e do funcionalismo. 5. A doença da má coordenação. 6. Há também a doença do Alzheimer espiritual. 7. A doença da rivalidade e da vanglória. 8. A doença da esquizofrenia existencial. 9. A doença das bisbilhotices, das murmurações e das críticas. 10. A doença de divinizar os líderes. 11. A doença da indiferença para com os outros. 12. A doença da cara fúnebre. 13. A doença do acumular. 14. A doença dos círculos fechados. 15. E a última: a doença do lucro mundano, dos exibicionismos (Francisco, 2014, p.1).

Amaladoss (2000b) descreve a missão como sendo a própria missão de Deus. Através da Palavra e da busca na abertura ao Espírito, busca-se transmitir sua vida abundante às pessoas que realizam a missão mistério de Deus. O objetivo da missão é o Reino - um novo céu e uma nova terra - que é a promessa de Deus a todos os povos. O percurso dessa missão é o caminho de Cristo: autoimolação e amor de serviço que salva. A tarefa dessa missão é a construção da comunidade humana como povo de Deus. O seu caminho fundamental é o diálogo com Deus e com as pessoas, com esperança e confiança. Um diálogo respeitoso, sem impaciência ou agressividade. Por isso, é cada vez mais urgente compreender o significado da teologia do diálogo e sua interconexão com a missão.

Ao concluir esta seção, compreende-se que a missão, por sua natureza, é sempre uma tarefa compartilhada. Um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial que propõe um mundo sem periferias e sem centro. Na busca pela fidelidade ao Espírito de Deus, procura-se recriar, no presente da história, a prática de Jesus de Nazaré.

A fundamentação bíblica e teológica auxiliou-nos na compreensão dos caminhos que colocam o processo missionário no chão da *missio-Dei*. Este caminhar como obra do Pai que envia todos para sair sob a inspiração da Palavra de Deus. Uma práxis cujo protótipo é o próprio Jesus de Nazaré, o missionário do Pai. Ao anunciar o Reino de Deus em sua vida, morte e ressurreição, confia esta mesma missão e envia apóstolos, discípulos e discípulas para continuar até os confins do mundo seu projeto de libertação, não como conquista, mas por meio da experiência evangélica.

Portanto, a missão é centrada em Deus e tem como objetivo principal a seu reinado. Assim, fazer discípulos é compreender o propósito inicial de Deus de encher a terra de homens e mulheres em perfeita comunhão com Ele para glorificar o Seu nome (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 1.27-28, p.34; Isaías 43,7, p.1321).

Assimilamos que missão é coração e não apêndice. Enquanto anúncio jubiloso, designa-se a todos os povos. A Igreja, enquanto peregrina de esperança por sua natureza missionária, abraça sua vocação missionária. Sua postura é ser uma comunidade eclesial em saída. Portanto, enquanto *missio-Dei*, o processo missionário ultrapassa toda prática anti-dialogante e simplesmente doutrinária para ir ao encontro das pessoas por meio do diálogo de salvação.

Evangelizar é trazer o Reino de Deus ao mundo, conforme afirma o Papa Francisco (Francisco, 2013, n.176), o anúncio do evangelho, o serviço e o testemunho poderiam ser mais eficazes e alcançar as vastas multidões ansiando pela Boa Nova do Evangelho se déssemos mais importância ao diálogo. Através do diálogo, a unidade será facilitada, e a aceitação de Jesus Cristo deixa de ser apenas diplomacia ou um dever imposto para tornar-se um caminho essencial para a evangelização (Francisco, 2013, EG n. 246).

Enfim, compreendemos que a missão não é para converter, mas para compartilhar uma mensagem de vida: Jesus Cristo. É para anunciar, é para ouvir, para entregar, é para aprender. Nessa sequência, a chave hermenêutica da missão em diálogo é o Reino de Deus, como foi a missão de Jesus: anunciar o Reino de Deus. Assim, pela disposição permanente ao diálogo, a missão, como proximidade histórica, encarnação, será *pericórese*, a exemplo do Deus Uno e Trino, intercomunicação e interpenetração ontológica que deseja salvar a todos.

3 A MISSÃO NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

Esta seção visa refletir e compreender a missão no magistério do Papa Francisco. A pesquisa demonstrará o ser e o agir missionário do Papa Francisco como sentido existencial da sua vida apostólica. Reconhecerá que, enquanto Papa dos processos, sua audácia missionária é ser missão. O seu ser missão provoca a Igreja a esperança focada em Cristo Jesus o missionário do Pai. No pontificado de Francisco, a missão é vista não como qualquer coisa, mas, uma teologia querigmática, de discernimento de misericórdia, de construção de pontes e de convívio pacífico com a humanidade.

O perfil missionário de Igreja enfatizado no pontificado do Papa Francisco traduz-se por meio de uma Igreja em saída missionária motivada pela teologia da proximidade, do encontro, levando às diversas realidades da humanidade ao mistério de salvação. Por isso que nesta seção sublinharemos os aspectos da Igreja em saída, da misericórdia, Igreja pobre com os pobres e o cuidado da Casa comum.

A investigação como “Igreja em saída”, consistirá na missão evangelizadora do Papa Francisco fundamentado nas fontes bíblicas nas quais busca iluminação para esta vivência. Esta forma de missionar é interpretada como uma jornada em que somos viajantes caminhando juntos com o objetivo de manifestar o Reino de Deus no mundo. Isso é alcançado através da proximidade, indo aos cruzamentos da vida, adquirindo o cheiro das ovelhas, tudo para que todos possam ter vida e vida em abundância.

Também a pesquisa mostrará os âmbitos da missão relacionados ao pontificado do Papa Francisco: o âmbito *ad intra* e o *ad extra*. O *ad intra* como processo evangelizador no interior da Igreja, por meio da dinamicidade das organizações internas da comunidade eclesial. Neste destacaremos: a conciliaridade da Igreja, a família, a paróquia, a diocesaneidade eclesial, o processo de colegialidade, a sinodalidade da Igreja, a missão dos leigos e destaque a cooperação missionária da mulher na Igreja.

O processo evangelizador da comunidade eclesial será demonstrado pela sua missão *ad extra*, por meio de sua conversão missionária, na desconstrução das estruturas que a impedem na ascensão dialógica com o mundo no contexto plural. Neste sentido, a pesquisa apresentará, nesta seção, a missão e a sociedade, principalmente em destaque a cultura, a economia e a política, como também a missão

no cuidado com a casa comum, a missão e ecumenismo, a missão e o diálogo inter-religioso.

Assim, investigar o processo da missão no magistério do Papa Francisco na perspectiva do método do diálogo segundo modelo existencial de sua vida é mergulhar em águas profundas de uma vida movida por experiências concretas de discípulo missionário de Jesus. Sua práxis missionária vislumbrada pela paixão será a motivação para a compreensão da missão do seu magistério, como também o sentido da missão no seu ser e agir.

3.1 O SENTIDO DE MISSÃO NO SER E AGIR DE FRANCISCO

A missão encontra-se na própria vida existencial do Papa Francisco. Como ele mesmo diz: “Eu sou uma missão nesta terra”, enviado para estar com os outros e ser para os outros” (Francisco, 2013, n. 273). “Experimentamos a alegria missionária ao partilhar a vida, procurando acender o fogo no coração do mundo” (Francisco, 2013, n. 271). Aqui percebemos o mesmo desejo de Jesus: Vim trazer fogo na terra e desejo que já esteja em chamas” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 12,49, p. 1813). Assim o magistério do Papa Francisco revela a teologia missionária com prontidão e audácia e aponta para o que é próprio da Igreja, ser missionária.

Para o teólogo e missiólogo Paulo Suess (2019, p. 43), “a missiologia, que era considerada um anexo opcional ao campo pastoral, com o Papa Francisco, tornou-se uma teologia fundamental”. A missão territorial tornou-se a essência da Igreja e de todo o povo de Deus, cujo centro é Deus. Mantendo um diálogo constante com o Concílio Vaticano II em seus escritos, seu magistério é um desdobramento missiológico do Vaticano II (Suess, 2019, p. 43-44).

Bombonato (2016) destaca a consciência da crise generalizada que se instalou na Igreja e a necessidade urgente de reforma, de revitalizar a fé e a prática dos cristãos, bem como de restabelecer o diálogo com a sociedade contemporânea. Esta missão, neste contexto socioeclesial, será responsabilidade do Papa Francisco, o papa dos processos, audácia, perseverança e discernimento para reforçar a esperança de uma igreja focada em Jesus Cristo, missionária, servidora e pobre que se abre para o diálogo e para o imprevisível do futuro.

Por isso, “a teologia missionária do Papa Francisco tem no coração o objetivo evangelizador da Igreja e da própria teologia” (Suess, 2019, p. 26). Assim, ele

demonstra por meio de sua prática este chamado missionário. É evidente que desde o início de seu pontificado, toda a sua ação é caracterizada por uma chave missionária. Daí surge o sentido do processo evolutivo da missão em seu magistério. Um impulso missionário que leva em consideração o que o Concílio Vaticano II preconizou, o redescobrimento profundo da vocação da Igreja. “Ser peregrina e por sua natureza missionária” (Decreto [...], AG, 1965, n. 2, p.352).

Sobre o sentido da missão no magistério do Papa Francisco, o teólogo jesuíta Santiago Madrigal descreve da seguinte maneira.

a linguagem da reforma e da renovação é a do Concílio Vaticano II, que nasceu precisamente desse mesmo sonho de colocar a Igreja num estado de missão. [...] O sonho do Papa Francisco coincide com a intenção de tornar a Igreja mais preparada para anunciar o Evangelho. Em suma: o que há de mais original no texto de Francisco é a ligação que ele estabeleceu entre missão, conversão e reforma, para que a Igreja cumpra a missão, e a missão evangeliza e renova a Igreja (Madrigal, 2018, p.13, tradução nossa).

Portanto, percebe-se que no magistério do Papa Francisco, o sentido da missão não é uma missão qualquer, mas a missão de Deus. Certamente transformado desde a infância pelo clamor dos povos da América Latina e do Caribe, muitas vezes não reconhecidos por seu próprio país de imigrantes europeus, ele é um papa missionário. Vindo de uma Igreja marcada por uma evangelização colonizadora, ele carrega consigo a grande tribulação da América Latina e do Caribe, de mártires, isto é, as tribulações e a vida dos povos indígenas, afrodescendentes, camponeses, operários, marginalizados e muitos outros que foram colocados à margem da sociedade. Assim, com conhecimento e experiência de vida, ele responde com propósito à interpelação apocalíptica:

Esses que estão vestidos com túnicas brancas, quem são e de onde vieram? Respondi: ‘Tu que sabes, meu Senhor’. Ele me disse: Estes são os que vieram da grande tribulação. Lavaram e branquearam suas vestes no sangue do Cordeiro. E Deus enxugará toda a lágrima de seus olhos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Ap 7, 13-14.17b, p, 2150).

Assim, os pontos programáticos da teologia missionária do Papa, após a *Veritatis gaudium*, de 27 de dezembro de 2017, são uma teologia querigmática, uma teologia do discernimento, da misericórdia e da acolhida, que se engaja em diálogo com a sociedade, as culturas e as religiões para a construção de uma convivência pacífica entre pessoas e povos. Ele vai além da teologia missionária estática,

fundamentalista e colonizadora, e se desdobra na Igreja peregrina e por sua natureza missionária, muitas vezes impactando na ministerialidade distante do povo e na prática dos sacramentos desvinculados do cotidiano.

Essas atitudes proféticas provocam um novo relacionamento entre a Igreja universal, local e todo o povo de Deus. Assim, vemos o discípulo missionário Francisco, que de forma dialógica e profética, tem emergido como o principal porta-voz em defesa da justiça, compaixão, paz, redução da pobreza e cuidado com o meio ambiente. Além disso, ele aponta caminhos, correndo o risco de compartilhar o mesmo destino do enviado do Pai, Cristo Jesus: “O testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos, que chegam a compartilhar a mesma cruz de Cristo, nos estimula” (CELAM, 2007, DAp n.14; Sues, 2019, p. 23).

Como se vê, Francisco é porta-voz de uma Igreja que, na fidelidade ao Mestre Jesus que, ao longo de sua vida pública, com multidões e fazendo discípulos, percorreu as estradas da Palestina, tem uma identidade: a missão. Essa missão, na vida do Papa Francisco, ganha relevância na postura de quem caminha e, hoje, palavra frequente em seu pontificado, como ele mesmo diz ao escrever sobre o evangelho do caminho: “O objetivo é o caminho” (Francisco, 2015, p. 11). Por isso, o Pastor evangélico argentino, J. Norberto Saracco, da *International Faculty of Theological Studies*, de forma testemunhal, apresenta alguns sinais sobre a missão do Papa Francisco, ao descrever o “*El Papa Francisco y la Unidad en la Misión*”. Portanto,

cabe a nós, homens e mulheres de fé, tentar discernir os tempos, ou seja como o Senhor da história e o que ela está nos contando. Observamos alguns sinais: a) A primeira coisa que chama a nossa atenção é o ressurgimento do fervor religioso não apenas em países com raízes cristãs, mas em cidades como a coreana, como vimos em sua última visita para o país asiático. Milhões de pessoas vivem num deserto na busca espiritual por Deus. b) O poder do testemunho pessoal. Quais impactos têm Francisco não são os seus discursos (embora as suas palavras sejam poderosas e cheias de significado), mas a sua vida. As pessoas falam do que ele faz, não apenas do que ele diz. c) O poder do amor. Seu gesto de respeito e boa vontade em relação ao presidente argentino serviu para quebrar um espírito de confronto que o atual governo instalou em nosso país. O mesmo aconteceu durante a sua visita ao povo palestino e a Israel. d) O valor da pobreza. Não da pobreza como a falta de bens que levam à miséria. Mas da pobreza como atitude de vida que serve aos outros, viver com o que é necessário e colocar os mais fracos em primeiro lugar. e) Um novo estilo de liderança, próximo das pessoas. f) Em vez do pensamento único, a liderança é dada à pluralidade. g) Chefe, que coloca os fracos em primeiro lugar e não os poderosos. h) Ele é líder de integridade no setor público e privado). i) A liderança que se manifesta em atos de serviço e não de privilégios (Saracco, 2017, p.41, tradução nossa).

Ao observar a descrição dos sinais tangíveis de como o Papa Francisco executa sua missão, em um período pós-conciliar marcado por progressos pastorais e uma necessidade urgente de renovação, percebemos um clima de mudança emanando da própria figura do Papa Francisco. Ele, que foi eleito Papa, é caracterizado por sua simplicidade e humildade, sua fala direta e clara, seus gestos proféticos e seu programa de renovação eclesial que busca dismantelar mentalidades e estruturas de poder rígidas.

Ao adotar a eclesiologia conciliar do “Povo de Deus”, uma herança do Concílio Vaticano II, o Papa Francisco enfatiza a contribuição crucial de todos no processo de participação ativa dos fiéis na Igreja (Miranda 2017, p. 175). Essa ênfase reforça a ideia de que cada membro da Igreja tem um papel vital a desempenhar na missão da Igreja, promovendo uma maior inclusão e participação ativa na vida da Igreja.

Por isso “as raízes teológicas do Papa Francisco” estão na teologia do povo, formando a base de seu estilo pastoral (Scannone, 2019, p. 46). A teologia dele é expressamente missiológica e permeada pela teologia do diálogo. Suess (2013, p. 171) afirma que agora temos um Papa com “DNA missionário”. Um novo *aggiornamento* surge em resposta aos novos sinais dos tempos em uma sociedade em profunda transformação.

Neste sentido, a ênfase do projeto do Papa Francisco é a missão. Ele próprio identifica-se como missão. Ele apresenta-se como um discípulo missionário de Jesus de Nazaré, não como uma dicotomia cartesiana entre prática e teoria, mas como uma experiência enraizada nas circunstâncias concretas da vida. Anúncio, gestos e prática estão interconectados. Por isso o teólogo Alex Vilas Boas descreve o projeto missionário do Papa Francisco da seguinte maneira:

em Francisco, é promovida pela misericórdia e pela dinâmica em saída para o diálogo, não para uma mentalidade de conquista colonial, mas para, respeitosamente, discernir formas de curar e cuidar do sofrimento das pessoas, serviço que expressa a gratuidade da misericórdia Divina, e o respeito pelas alteridades em igual dignidade. Ademais, enquanto cultura cristã, é imposta a tarefa de ampliar a catolicidade carolíngia para a fraternidade universal, promovendo uma Evangelização enquanto presença do Reino no mundo (EG 176), em que a Igreja vem como consequência e não causa, daqueles que se identificam com o chamado a um modo de ser. Todas as experiências de misericórdia, tais como a acolhida e reconciliação eclesial são sinais da ação do Espírito, assim como a ampliação da eclesiologia latino-americana de uma Igreja pobre, com os pobres como sinal do Vento do Espírito que sopra desde o sul (Villas Boas, 2016, 784).

Nesse sentido, de maneira poética, ele convida a Igreja, a comunidade dos discípulos de Jesus, a “a *“primeireiar”*”, a se envolver, acompanhar, frutificar e celebrar. Seguindo o exemplo do Mestre, ele também deseja oferecer misericórdia, incansavelmente se desdobrando até os cruzamentos do caminho para se aproximar dos mais pobres e excluídos, especialmente aqueles mais distantes dos ambientes religiosos (Francisco, 2013, n. 24). Como a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida enfatiza: “A vida é alcançada e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros, isso é definitivamente missão” (CELAM, 2007; DAp, n. 360).

A mudança no processo missionário vislumbrada por Francisco aponta para uma Igreja que vive a sua “natureza missionária” como uma Igreja “de portas abertas”. É uma saída em direção aos outros para alcançar as periferias humanas; não é uma corrida sem sentido e direção, mas com o coração compassivo e os pés ardentes em direção ao verdadeiro sentido da vida: Deus e seu projeto de libertação. “Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e ouvir” (Francisco, 2013, n. 46).

No décimo ano de seu pontificado (2023), o Papa Francisco propôs que toda a sua catequese, normalmente realizada às quartas-feiras na sala Paulo VI, tenha como tema a Paixão pela evangelização. No dia quinze de fevereiro de 2023, ele falou sobre a importância da evangelização e destacou que evangelizar não é apenas dizer “blá-blá-blá” trata-se de uma paixão que engloba todo ser da pessoa: a mente, o coração, os pés e as mãos.

Convém que a pessoa inteira esteja envolvida na proclamação do Evangelho e suas atitudes devem ficar expressas por uma paixão de evangelizar. Portanto sem anúncio, sem serviço, sem missão, a relação com Jesus não cresce (Francisco, 2023. p.1-2). Considerando isso, a partir do evangelista Mateus (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 10, 1-16, p.1720), ele destaca três aspectos: por que anunciar, o que anunciar e como anunciar.

Primeiro: “Por que anunciar” - para este anúncio, ele motiva a missão através da gratuidade apresentada por Jesus. 1. “Recebestes de graça, dai de graça!” (v. 8). O anúncio não começa por nós, mas pela beleza do que recebemos de graça, sem mérito: encontrar Jesus, conhecê-lo, descobrir que somos amados e salvos. É um dom tão grande que não podemos guardá-lo para nós, sentimos a necessidade de irradiá-lo; mas com o mesmo estilo, ou seja, na gratuidade.

Segundo: “O que anunciar?” Jesus declara: “Pregai, anunciando que o reino dos céus está próximo” (v. 7). O Papa Francisco enfatiza aqui a importância da “presença” e “proximidade” de Deus. Essa é a mensagem fundamental que deve ser proclamada, pois é uma característica essencial da missão divina. Deus está tão próximo das nações quanto está próximo de nós, como Ele mesmo nos recorda em (Bíblia de Jerusalém, 2002, Deuteronômio 4,7, p.262 Nesse contexto, três aspectos são cruciais: “proximidade”, “misericórdia” e “ternura”. Deus é o Próximo, o Terno e o Misericordioso. Essa é a verdadeira essência do anúncio missionário.

Terceiro: “Como anunciar”, Francisco destaca a importância do “método” na prática missionária, seguindo o exemplo de Jesus. O método abrange mente, coração, mãos e linguagem, considerando os três aspectos: pensamento, afeto e ação. Jesus nos envia como ovelhas no meio de lobos (v. 16). Se desejamos ser protegidos pelo Senhor, devemos permitir que Ele seja nosso Pastor. Ele não é o Pastor dos lobos, mas dos cordeiros mansos, humildes e fiéis.

O “**modo de anunciar**” também é importante. Jesus instrui o que “não levar” para a missão, em vez de prescrever o que levar. “Não levem ouro, nem prata, nem dinheiro nos cintos, nem alforje para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado” (vv. 9-10). A chave para o sucesso na evangelização é a simplicidade. O anúncio deve mostrar Jesus, evitando a mundanidade, que o Papa Francisco considera prejudicial à Igreja.

3.2 O PERFIL MISSIONÁRIO DA IGREJA

Ser Jesuíta é a marca do perfil missionário do Papa Francisco. Por isso, sua insistência programática no ímpeto missionário pela paixão pela evangelização. Visivelmente, nos seus escritos, reflexões, orações, posturas e gestos, revelam seu carisma missionário. Assim, sua proposta é provocativa, como ele mesmo diz: tudo dependerá de “um anúncio renovado que proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé” (Francisco, 2013, n. 11). Portanto, o legado de seu perfil missionário vislumbra aspectos significativos que dignificam a pessoa. Entre tantos aspectos destacaremos: a Igreja em saída, a misericórdia, a Igreja pobre com os pobres e o cuidado da Casa Comum.

3.2.1 Igreja em saída

Convém ressaltar que “Igreja em saída” não é apenas um chamado provocativo para a transformação missionária da Igreja (Francisco, 2013, n. 19-51), mas também se torna a espinha dorsal do pontificado do Papa Francisco, servindo como a força motriz que sustenta todas as ações missionárias da Igreja. Essa ação missionária é fundamentalmente referenciada na Exortação Apostólica na *Evangelii Gaudium*, onde se encontra aí o projeto missionário do Papa Francisco. Um projeto com uma visão abrangente do modelo de evangelização para o mundo contemporâneo (Francisco, 2013, n. 10).

A preocupação imediata do Papa Francisco por uma “Igreja em saída” é para aqueles irmãos que vivem sem a força, a luz e o conforto da amizade com Jesus Cristo, especialmente aqueles que vivem sem uma comunidade de fé para acolhê-los, e sem um horizonte de significado e vida. Por isso, ele insiste: “Vamos sair, vamos sair para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!” (Francisco, 2013, n.49).

O convite do Papa Francisco para uma “Igreja em saída” é a característica dominante de seu pontificado, que deseja ver uma nova experiência de fé cristã missionária renascer na Igreja, fundamentada no Evangelho, de modo que a mensagem de salvação realmente alcance a todos, sem exceção. Para o Papa Francisco, a transmissão da fé não se resume a uma difusão desarticulada de uma infinidade de doutrinas, mas ao testemunho da fé em Jesus Cristo, principalmente entre os mais pobres e vulneráveis da sociedade.

O atual cenário eclesial caracterizado por desafios e avanços tecnológicos, um acentuado subjetivismo, indiferença e um forte pluralismo religioso, torna-se necessário uma evangelização caracterizada por uma “Igreja em saída”, de forma dialogante. Iluminado pela Palavra de Deus, o Papa Francisco busca nas testemunhas bíblicas a base para seu projeto missionário.

Várias testemunhas bíblicas experimentaram a provocação do Deus que chama e envia, tais como: Abraão (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 12, 1-3, p.49), Moisés (Êxodo 3, 10, p.106), Jeremias, (Jeremias 1,7, p.1367) Maria sai para visita Izabel (Lucas 1, 39, p.1787), o “Ide” de Jesus aos apóstolos, (Lucas 9,1-2, p.1804; Mateus 28,19, p.1758), Paulo (Atos dos Apóstolos 9,15, p.1917). Hoje todos somos chamados a esta nova saída missionária apela o Papa Francisco. Todos somos convidados a aceitar este chamamento (Francisco, 2013, n. 20).

Iluminado pelo Evangelho, Francisco afirma que ser uma Igreja em saída missionária é viver precisamente os ensinamentos do Senhor - "a proximidade", "Tocar". É a vida de Jesus. Quando Ele comoveu-se às portas da cidade de Naim (cf. Lucas 7, 11-17, p.1798), Ele tocou o caixão, enquanto dizia à mãe em lágrimas: "Não chores". Proximidade é tocar a carne sofredora de Cristo. "Hoje nós, servidores do Senhor (bispos, sacerdotes, consagrados, leigos convictos), devemos estar próximos do povo de Deus. Sem proximidade, existe apenas palavra sem carne. Pensemos - faz-me bem pensar nisto" (Francisco 2016, p. 2).

Por isso, para quem sai, para levar uma boa notícia, o Papa Francisco recorda o envio de Jesus descrevendo com clareza suas ordens: o despojamento, como estilo de vida (Marcos 6,8s). Clareza de conteúdo, "o Reino dos Céus está próximo". Cura os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça deveis dar" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 10,1-14, p.1720) (Francisco, 2013, n. 1).

O sonho do Papa Francisco assemelha-se ao do Apóstolo Paulo, uma Igreja de muitos rostos (Francisco, 2013, n. 115), que ao sair, revisita, envolve, aproxima-se através do processo de inculturação, inclusão, adaptação e transformação (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 13,13, p.1925; 14,8, p.1927; 18, p.1925; Romanos 12,3, p.1986; 1Coríntios 12,4, p.2008; Efésios, 6,21, p.2047; Filipenses 3,17, p.2051; 1 Timóteo 3,8, p.2071).

Vale ressaltar que "discipulado e missão são como duas faces da mesma medalha: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva" (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 4,12, p.1907; CELAM, DAp, n.146). Ele é o Evangelho Eterno (Bíblia de Jerusalém, 2002, Apocalipse 14, 6, p.2156). E é o mesmo ontem, hoje e sempre" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 13, 8, p.2100).

Ao longo de dois milênios de cristianismo, diferentes povos, através da Igreja "em Saída" recebeu a gratuidade da Graça da fé por meio da proximidade, alteridade e diálogo com os diferentes, fazendo assim florescer na vida diária a força transformadora do Evangelho (Francisco, 2013, n. 116). Assim sendo, a alegria de sair é ter redescoberto o Evangelho, isto é, Jesus Cristo. Aquele que veio para que todos tenham vida e verdadeiro sentido da existência. É ele que impulsiona a comunidade dos crentes e cada cristão a "sair". Por isso eis o seu sonho:

[...] sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação. A reforma das estruturas exigida pela conversão pastoral, só se pode entender nesse sentido: fazer que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em as instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes de pastorais em atitude constante de 'saída' e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece sua amizade (Francisco, 2013, n. 28).

O Papa Francisco aqui firma o desejo do Deus de Israel, o Libertador, o Deus do êxodo e da saída, caminheiro que caminha ao lado do seu povo. Aqui a missão como Igreja em saída tem sua fonte e origem neste Deus presença e proximidade. A sua presença trinitária transborda em amor que se manifesta na missão do Filho e do Espírito Santo, enviados pelo Pai. De tal modo, Deus amou o mundo, que deu o seu filho unigênito, para que todo o nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 3,16, p.1848).

Já o Papa Bento VI, na missa, ao inaugurar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe no Santuário de Aparecida/SP ressaltou: "A missão de Cristo realizou-se *no amor*. Ele acendeu no mundo o fogo da caridade de Deus" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 12,49, p.1813). Neste mesmo caminho, ele faz o apelo à Igreja que deve seguir este mesmo caminhar, difundindo este mesmo amor ao mundo para que todos tenham vida e vida em abundância (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 10,10, p.1869).

Com efeito, é uma igreja em saída, que anuncia não por proselitismo, mas somente por atração, com palavra e gestos partindo do Deus Trindade, fonte e origem da missão que busca responder a um anseio que emana primeiramente do testemunho de vida pessoal e comunitário e se expande por uma verdadeira partilha (João Paulo II, 2001, n. 29, Bento VI, 2007, p. 3.)

Neste mesmo horizonte, a Igreja em saída é conduzida pelo Espírito Santo, que como em Pentecostes Ele, que antes de Cristo já operava no mundo (AG, n. 4), é o protagonista da missão e continua hoje movendo, renovando e sacudindo homens e mulheres em atitude decidida de saída de si a fim de evangelizar todos os povos. Então, a proposta da igreja em saída é que "Ele quer comunicar-nos a vida e colocar-nos a serviço da vida" (CELAM, 2007, DAp, n. 353; CNBB, 2019, DGAE, n. 22).

Conforme o evangelista São Lucas escreve, os pastores anunciam uma grande alegria para todo o povo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 2,10, p.1790). São João, nos escritos do livro do Apocalipse, também fala de uma Boa Nova de valor eterno

para anunciar aos habitantes da terra: a todas as nações, tribos, línguas e povos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Apocalipse 14, 6, p.2156).

Para o papa Francisco, o “sair” é geográfico, existencial. É um movimento em direção ao outro, em direção a outros sujeitos, culturas, povos, periferias geográficas, isto é, os empobrecidos, os descartados e fracassados (Polumba, 2014, p. 1). A propósito disso, ele sugere que:

ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe ‘envolver-se’. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar (Francisco, 2013, n. 24).

Aqui podemos observar o porquê da opção missionária, do Papa Francisco, o seu verdadeiro “sonho”, transformar toda estrutura eclesial, em que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e cada estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual, antes do que para autopreservação" (Francisco, 2013, n. 27).

Logo, a Igreja em saída, decididamente missionária, fará com que todas as pastorais, movimentos e serviços sejam mais comunicativas, abertas em atitude constante de saída e, assim, favorecerá respostas positivas a todos que esperam a amizade de Cristo (Francisco, 2013, n. 26). Assim sendo, a teologia da “saída” presente no magistério da Igreja diz que “A Igreja existe para Evangelizar” (Paulo VI, 1975, n. 14) e determina, que a Igreja deve estar em “estado permanente de missão” e para isso suas estruturas devem se tornar cada vez mais missionárias (Francisco 2013, n. 25.27).

O Papa Francisco destaca que é preciso criar uma amizade que encurta as distâncias para estar próximo da vida diária de todas as pessoas que necessitam ouvir essa boa notícia. Ele enfatiza aqui que essa ação missionária, em atitude decidida de saída, se preciso for, abaixa-se, pode chegar até a humilhação, contraem o cheiro das ovelhas para dialogar, escutar a voz da comunidade. Contudo, não basta sair, encontrar e dialogar, é necessário também acompanhar a comunidade em todos os

seus processos, mesmo que tenha que levar longas esperas. Isto se faz paciência histórica (Francisco 2013, n. 24).

Enveredar por este caminho é tomar consciência de que a Igreja é chamada a estar “em saída”, como o seu Senhor que “[...] sabe ir à frente, sabe tomar iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (Francisco 2013, n.24). Neste sentido, Dom Pedro Casaldàliga já dizia:

[...] a missão se desenvolve na rua", ali onde os humanos decidem seu destino. Os templos ou as cúrias devem estar a serviço dos filhos e filhas de Deus, talvez fora dos muros [...] O culto e a burocracia religiosa não se justificam por si mesmos e até são blasfemos quando, a seu lado ou sob seu domínio, por sua indiferença ou por sua impositividade, falham a justiça, a caridade. A missão acontece no risco e na intempérie da vida humana, ao sopro do Espírito, isso sim, e na Igreja, mas não exatamente "na sacristia" ou "na cúria" fechadas (Casaldàliga, 1993, p.16-17).

Será que agora estamos verdadeiramente decididos a promover uma autêntica Igreja em saída, ou estamos “no sempre fez” destinados a reproduzir o perfil da Igreja autorreferencial centrada em si? Até que ponto as estruturas eclesiais estão dispostas a entrar numa dinâmica de saída? “Igreja em saída” esta é uma expressão paradigmática da eclesiologia do Papa Francisco, com este modelo missionário ele quer justificar a necessidade de cada vez mais “tornar a Igreja conforme o Evangelho e partir daí, buscar meios de transformação na Igreja e no mundo atual” (Wolff, 2021, p.12). Assim o Teólogo Leonardo Boff, de maneira extensa e intensa apresenta o que é uma Igreja em saída conforme o desejo explícito do Papa Francisco.

saída de uma Igreja-fortaleza que protegia os fiéis. -Saída de uma Igreja-instituição absolutista, centrada em si mesma, aberta ao diálogo universal, com outras Igrejas, religiões e ideologias.-Saída de uma Igreja-hierarquia, criadora de desigualdades para uma Igreja-povo de Deus, -Saída de uma Igreja-autoridade eclesial, distanciada dos fiéis ou até de costas a eles, para uma Igreja-pastor-Saída de uma Igreja-Papa de todos os cristãos e bispos que governa para com uma Igreja- bispo de Roma.-Saída de uma Igreja-mestra de doutrinas e normas para uma Igreja-de do encontro afetoso.-Saída de uma Igreja-de poder sagrado, das pompa para uma Igreja-pobre e para os pobres, despojada de símbolos de honra (Boff, 2015, p.1).

Referindo-se agora a uma Igreja em saída em direção aos mais pobres, aos injustiçados, o teólogo Leonardo Boff ainda acrescenta que:

[...] saída da Igreja-que fala dos pobres para uma Igreja-que vai aos pobres, conversa com eles, abraça-os e os defende. -Saída de uma Igreja-equidistante dos sistemas políticos e econômicos para uma Igreja-que toma partido em favor das vítimas e que chama pelo nome os produtores das injustiças e convida a Roma representantes dos movimentos sociais mundiais para discutir com eles como buscar alternativas.-Saída de uma Igreja-automagnificadora e acrítica para uma Igreja-da verdade sobre si mesma contra cardeais, bispos e teólogos zelosos de seu status mas com cara de 'vinagre ou de sexta-feira santa'.-Saída de uma Igreja-da ordem e do rigorismo para uma Igreja-da revolução da ternura, da misericórdia e do cuidado.-Saída de uma Igreja-de devotos, como aqueles que aparecem nos programas televisivos, com padres artistas do mercado religioso, para uma Igreja-compromisso com a justiça social e com a libertação dos oprimidos.-Saída de uma Igreja-obediência e da reverência para uma Igreja-alegria do evangelho e de esperança ainda para esse mundo.-Saída de uma Igreja-sem o mundo que permitiu surgir um mundo sem Igreja para uma Igreja-mundo (Boff, 2015, p. 2).

Nessas citações vemos, de forma significativa, o novo paradigma eclesial, conforme já dizia Paulo VI, são novos Areópagos do mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 17, 22-31,p.1934), na qual somos chamados à unidade e à solidariedade, tais como: as condições de pobreza, o direito da mulher, da criança, da cultura, da ecologia e a promoção da paz, chamadas as novas culturas, os meios de comunicação, as redes sociais e o vastíssimo campo da pesquisa científica, das relações internacionais, da política e da economia que favorecem o diálogo e levam a novos projetos de vida (Francisco, 2013, n.12; João Paulo II, 1990, n. 37; Bevans, Stephn, 2016, p. 220). Portanto,

pôr-se em direção ao outro é preciso “descolonizar a mente”. Esta é a proposta do Papa Francisco para uma “Igreja em saída”. Pois, a missão desde o início tem caráter universal (cf. Mt 28,19), e não de imposição. O “ide” de Jesus não significa “invada”, o “ide” de Jesus significa “ame” universalmente. O amor é contagiante, respeita, acolhe, é capaz de ver valores, há liberdade para fazer e receber correções, dar e defender opiniões (Dietrich, L. J., Almeida, N. M. de Dunne, V., Silva, R. A. da, & Marques, M. A, 2020, p. 591).

Pôr-se em direção ao outro é sair. Sair como Jesus do seio do Pai para anunciar a palavra de amor a todos até as últimas consequências, de morte na cruz. Ele revela quem é o seu pai, “Aquele que conforta os corações despedaçados, enfaixa suas feridas e as cura” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Salmo 146, 3, p.1015). Em vista disto, Ele não permanece inativo: está em constante saída missionária, atua de manhã e à tarde, e reza de madrugada. Uma saída é capaz de se relacionar e permanecer sozinho para rezar.

Entra nas casas e faz amizades com as famílias. Um sair a todas as aldeias visando auxiliar aliviar a dor dos mais vulneráveis. Em primeiro lugar, age a partir do que escuta e vê. Se aproxima da sogra de Pedro, que está doente, e, ao segurar a sua mão, auxilia-a a levantar-se. “Revela que seu Pai é o Deus que está próxima da humanidade para acalmar, libertar, curar e purificar” (Bazaglia, 2024, p. 33).

Como Jesus, sair é a dinâmica do êxodo, do sair de nós mesmos, para comunicar a todos o amor de Deus. Assim, animados por uma espiritualidade de êxodo contínuo, trata-se de “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20). E assim, comparando este anúncio com a melodia musical, diz que:

se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no facto de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher (Francisco, 2018, p. 2).

Em contínua peregrinação, os discípulos e discipulados continuam pelos “desertos da vida inspirados na experiência de exílio contínuo” que fará as pessoas sentirem o já e o ainda não do Reino dos Céus (Francisco, 2017, n. 6). Assim, conforme destaca Wolff (2023, p.175-157) a razão da Igreja em saída reside na presença do Reino de Deus. Por isso, extraímos do pensamento do Papa Francisco (Francisco, 2013, n. 24) doze atitudes fundamentais que devem estar presentes na vida de quem se coloca decididamente na dinâmica da Igreja em saída:

1. Experimenta que a missão não é sua, mas é pura iniciativa do Senhor que a precedeu no amor (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 João 4, 10, p.2131).
2. Deseja encontrar as pessoas, transcende o medo e vai à frente, acolhe os que estão distantes da Igreja, chega às encruzilhadas dos caminhos para estar perto dos excluídos e mais vulneráveis.
3. Vive um inesgotável desejo de oferecer misericórdia, porque já experimentou a misericórdia infinita do Pai.
4. Pelo diálogo, encurtam-se as distâncias nas relações com os diferentes. E para assumir a vida humana, é capaz de se baixar até à humilhação, tocando a carne sofredora de Cristo.

5. Contraem o cheiro das ovelhas, e estas escutam a sua voz (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 10,27, p.1870).

6. Se sensibiliza e acompanha as dores da humanidade em todos os seus processos, por mais vulneráveis que sejam.

7. Conhece as longas esperas e suporta ação apostólica. Tem consciência que a missão exige muita paciência e tolerância.

8. Se mantém atenta aos frutos da missão, porque o Senhor a quer fecundar.

9. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio.

10. De modo criativo, faz com que a Palavra se encarne nas situações concretas da vida humana e dê frutos de vida nova.

11. Em doação e entrega, oferece a vida e, se preciso for, até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo (cf Bíblia de Jerusalém, 2002, Filipenses 2,7, p.2050). Contudo, não deseja estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora.

12. Celebra e festeja na comunhão fraterna cada pequena vitória, cada passo em frente da missão em diálogo. E, por fim na gratuidade, “recebeste de graças, de graça daí também” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 10,8, p.1720). O diálogo é o difícil método para realizar essa missão na qual devemos ser peritos e não o aprendemos facilmente. Ser Igreja em saída é não hesitar e não contentar com meia-medida. Sair com coragem para ter com Ele fora do acampamento levando a sua ignomínia (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 13,13, p.2101).

Destacamos ainda a relevância que o Papa Francisco dá à questão do sair missionário, quando chama a atenção do sair para ouvir o clamor da humanidade com tantas chagas da sociedade, nas interrogações dos tempos atuais e feridas: morais, existenciais, feridas de guerra, de fome, de desamor. Ele repete, devemos sair, como se fossemos a um hospital de campo, cuja primeira preocupação é o cuidado com as feridas, “a dosagem do colesterol vem depois” (Francisco, 2015, p. 56-57). Logo, esse modo de ser Igreja requer

uma saída da Igreja de si mesma por um conjunto de reformas no âmbito estrutural, teológico/doutrinal e pastoral, envolvendo-a como um todo, em suas diferentes instâncias e sujeitos. Tal processo se dá pelo exercício do diálogo *ad intra* e *ad extra*, discernindo juntos, sinodalmente, o modo de ser Igreja em saída, apontando para uma nova organização da *koinonia* entendida como unidade na diversidade e intercâmbio de dons. [...] Igreja em saída e diálogo se afirmam pelas reformas estruturais e institucionais necessárias para uma conversão pastoral, no abandono da

autorreferencialidade, da centralização do poder, de toda pretensão de monopólio da verdade. Então veremos afirmar-se na Igreja em saída o diálogo *ad intra* pela praxe da subsidiariedade, colegialidade e sinodalidade, e *ad extra* pelo ecumenismo, inter-religiosidade e interculturalidade (Wolff, 2023, p. 162.163).

Portanto, a urgência da ação missionária, em atitude de saída, comporta “corações ardentes, pés a caminho. Sair para evangelizar toda pessoa até os confins do mundo. A humanidade ferida por tantas injustiças precisa receber a boa nova da salvação em Cristo. É dever do cristão sair para anunciar sem excluir ninguém, não como uma obrigação, mas como quem partilha uma alegria (Francisco, 2013, n. 14). Ademais, trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (*parrésia*), à missão de toda a Igreja. Contudo, a força desse anúncio de vida somente será fecundo se for realizado conforme as atitudes de Jesus, isto é: proximidade afetuosa, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação e compromisso com a justiça social (CELAM, 2007; DAp, n. 363).

Urge, portanto, abandonar as estruturas ultrapassadas que não mais garantem a transmissão de fé e toda a comunidade eclesial decidir, com todas as forças, iniciar este processo de uma Igreja em saída. Para isso, Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida ressalta que se faz necessária uma firme decisão de todas as estruturas eclesiais: dioceses, paróquias, comunidades religiosas, pastorais e movimentos (CELAM, 2007, DAp, n. 365). Assim, o imperativo da Igreja em saída “não alcançará as comunidades se não estenderem o seu amor até os confins da terra e se preocuparem com os que estão longe como se fossem seus próprios membros. Todos devem assumir essa missão, tarefa que é comum e compartilhada” (Decreto [...]. 1965, AG, n. 35.37, p.391.393).

Desse modo, a “Igreja em saída” pelo exercício da proximidade, do encontro de uma igreja povo de Deus e de uma hierarquia estruturada de forma sinodal, favorece novas possibilidades de um novo agir pastoral, ou seja, a esperança de uma conversão eclesial estimula um novo agir pastoral. Contudo, as possibilidades só poderão ser entendidas quando todas as estruturas se tornarem mais missionárias. Isso exigirá que, além do êxodo geográfico e social, haja “mudanças culturais” (Suess, 2019, p. 69).

Percebe-se que não é fácil uma Igreja em saída, porque o paradigma inspira possibilidade de um novo agir pastoral através do encontro e da proximidade entre

povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada. Tudo consiste no abrir caminhos, caminhar juntos, quebrar as cristalizações que estorvam o dinamismo missionário. Além disso, superar a metáfora de avestruz, “por não saber voar, esconde a cabeça na areia”. Então, Igreja em “Saída não é receita mágica. É proposta para um longo caminho, de um horizonte que nos faz caminhar com “corações ardentes e pés a caminho” (Suess, 2019, p.68-73; Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas, 24, 13-35, p. 1833).

Por isso, para ele, o Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura para uma reforma contínua de si mesmo através da fidelidade a Jesus Cristo. Uma reforma que busca renovar a Igreja a partir de suas raízes evangélicas para que seja mais fiel a Cristo e à missão. Assim, a proposta da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida é retomada por Francisco: "Somos todos discípulos missionários" (Francisco, 2013, n. 120). Ela pede "uma atitude de conversão pastoral permanente" (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, DA, n. 366).

Portanto, uma “Igreja em saída”, cuja fidelidade baseia-se nos ensinamentos do Concílio Vaticano II, é aquela capaz de “*primeirizar*” (Francisco, 2013, n.20-23). Pois “A vida é alcançada e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (Francisco, 2013, n. 10). E no outro, “está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós” (Francisco, 2013, n. 179). A “resposta à doação absolutamente gratuita de Deus” (Francisco, 2013, n. 179) é a saída de si mesmo como “prioridade absoluta” da vida cristã.

Francisco anseia por uma Igreja focada na missão, que se descentralize de si mesma para se concentrar em Cristo através da conversão e nas pessoas por meio da missão. As características de uma Igreja voltada para o exterior, capaz de superar o autocentrismo, incluem:

- a) Uma Igreja de “portas abertas”, que não apenas espera convites, mas toma a iniciativa de se aproximar do próximo (Francisco, 2013, n. 46)
- b) Uma Igreja que se move além de si mesma em direção ao outro, alcançando as periferias humanas com a habilidade de parar, olhar nos olhos e ouvir (Francisco, 2013, n. 47).
- c) Uma Igreja que prioriza os pobres e doentes, aqueles frequentemente negligenciados e esquecidos, em vez de apenas amigos e vizinhos ricos (Francisco, 2013, n. 48).

Soares (2017) argumenta a favor de uma “teologia em saída”, que não teme evoluir dentro da tradição vital, mas que se atreve a ir além dos conceitos e fórmulas dogmáticas, facilitando assim a experiência autêntica de Deus, especialmente para futuros teólogos. O Papa Francisco enfatiza a necessidade de uma teologia que se engaje com as realidades do mundo, sugerindo que os teólogos devem estar na fronteira, em contato com o povo e suas lutas. Com base nos ensinamentos do Concílio Vaticano II, Francisco questiona quais critérios podem enriquecer os estudos eclesiais e promover o entendimento de uma Igreja em missão, propondo quatro critérios essenciais para a pesquisa.

1º Critério prioritário e permanente é a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma, ou seja, da feliz notícia, sempre nova e fascinante, do Evangelho de Jesus Conforme a (EG 11; 34ss; 164-165) 2º Critério inspirador, intimamente coerente com o anterior e dele derivado, é o diálogo sem reservas: não como mera atitude tática, mas como exigência intrínseca para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas. De fato, hoje, torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas. 3º Critério fundamental que quero recordar: a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação. 4º O quarto e último critério diz respeito à necessidade urgente de criar rede entre as várias instituições que, em todas as partes do mundo, cultivam e promovem os estudos eclesiais (Francisco 2017, n.4).

O Papa Francisco acredita que o Espírito Santo enriquece o Povo de Deus de várias maneiras para o exercício desses critérios: desde o “*sensus fidei fidelium*” até o magistério dos Pastores, do carisma dos profetas aos dos doutores e teólogos. Isso revela o valor essencial de uma Igreja em movimento Francisco, 2017. n 3). De fato, “a missão é o paradigma de todo o trabalho da Igreja” (Francisco, 2013, n. 15).

A “saída”, por não ser uma fórmula pronta e mágica, requer cautela e coragem (Francisco, 2013, n. 85-129). Outro aspecto é a confiança, pois a falta dela já significa a perda de metade da batalha e o sepultamento dos próprios talentos. Mesmo consciente de suas próprias fraquezas, o Papa Francisco insiste em perseverar e seguir em frente. Ele lembra o que o Senhor disse a São Paulo: “Basta-te a minha graça, para que a força manifestasse na fraqueza” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2 Coríntios 12, 9, p.2029).

3.2.2 Igreja misericordiosa

A misericórdia é o princípio hermenêutico do pontificado do Papa Francisco e a palavra-chave que ilumina o seu ministério. O seu magistério deve ser lido com duas palavras-chave: misericórdia e pobres, afirma Massimo Faggioli, professor da Villanova University, nos EUA. É uma misericórdia que em sentido global, não tem apenas um valor eclesial e espiritual, mas também social e político. A misericórdia evidenciada pelo Papa Francisco traz em si um argumento teológico em favor da “redescoberta da supremacia da misericórdia de Deus sobre a lei que também envolve as questões eclesiais” (Faggioli, 2016, p. 2).

Para Perroni (2019, p.78-79), a misericórdia é o léxico evangélico assumido pelo Papa Francisco. Na carta apostólica *Misericórdia et Misera*, escrita para encerrar o Ano Santo da Misericórdia vislumbra seu projeto de vida de misericórdia. A escolha de seu lema com as palavras do venerável Beda comentadas a partir do chamado do publicano Mateus: “Jesus vendo um publicano e desde o momento que o olhou com sentimento de amor o escolheu, lhe disse: Segue-me”⁴. Assim é notável que “misericórdia”, é uma palavra, cuja fonte está na Bíblia, é teológica, cristológica, isto é, “vem de Deus”. Para o Papa Francisco é uma expressão profunda de sua espiritualidade, centrada na cristologia. Uma interioridade forte, capaz de ser, ao mesmo tempo autocentrada e entregue.

Por conseguinte, a forte comoção do Papa Francisco encontra-se no dicionário bíblico com o termo hebraico “*hesed*” (misericórdia)⁵ que designa todos os laços que ligam os membros de uma comunidade tais como: favor, benevolência, afeto, bondade (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 20,13; p.59; 47,29; p.97; 1Samuel 20,8-15; p.418; Salmo 36,6-11, p.898). No começo da aliança fala-se exclusivamente da misericórdia de Deus, no sentido de amor gratuito (Bíblia de Jerusalém, 2002, Deuteronômio 7,7-13, p.268; 9,4-6; p.269; Ezequiel 16,3-14. p.1485; 2Samuel 7,12-15; p.440; Isaías 54,10. p.1342; Daniel 9,4, p.1571).

⁴ “*Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illis Sequere me?*”

⁵ Pfeiffer, Howard e JRea (2007, p.281) dizem que no AT, este termo representa duas raízes distintas: *rehem*, (que pode significar maciez), “o ventre”, referindo-se, portanto, à compaixão materna (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Rs 3,26, p. 473 “entranhas”), e *hesed*, que significa força permanente (Bíblia de Jerusalém, 2002, Sl 59,16, p.923; 62,12, p.926; 144,2, p.1013). No NT, a palavra “misericórdia” é a tradução da palavra grega *eleos*, ou “piedade, compaixão, misericórdia” (veja seu uso em (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,37, p.1808; Hebreus 4,16, p.2088), e *oiktirmos*, isto é, “companheirismo em meio ao sofrimento” veja seu uso em Bíblia de Jerusalém, 2002, Fp 2,1, p.2049; Cl 3,12, p.2058; Hb 10,28, p.2096.

Misericórdia de Deus é amor aos mais pobres, entre os quais sobressaem os pecadores (Bíblia de Jerusalém, 2002, Isaías 14,1s; p.1275; 49,13-15, p.1333; Lucas 10,29-37, p.1808; João 10,1-21, p.1868; Êxodo 34,6s, p.152; Isaías 27,11, p.1293; 30,18, p.1300; Lucas 7,36-50, p.1801; 15,1-32, p.1816). Esta graça e misericórdia de Deus se torna presente em Jesus Cristo (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2Coríntios 5,18-21, p.2022; 8,9, p.2024; Gálatas 2,21, p. 2033; Hebreus 2,5-13, p.2086; Efésios 2,4-7, p.2047; Colossenses 2,13s, p.2056; Tito 2,11, p.2080; 3,4, p.2080).

A compaixão humana, vista como uma resposta à misericórdia divina, é mais valorizada do que os rituais de adoração (Bíblia de Jerusalém, 2002, Oséias 6,6, p.1592; Mateus 5,7, p.1710; 9,10-13, p.1718; 12,1-7, p.1724; 23,23, p.1745; Lucas 10,29-3, p.1808; 6,36-38, p.1799; 13,6-9, p.1813; 15,1-32, p.1816). A visão do Papa Francisco sobre a misericórdia envolve a Igreja em diminuir a lacuna entre o Deus de Jesus que ela proclama e sua prática diária. Por isso, "a Igreja deve ser um refúgio de misericórdia gratuita, onde todos se sintam acolhidos, amados, perdoados e incentivados a viver de acordo com os ensinamentos do Evangelho" (Francisco, 2013, n. 114).

"Misericórdia" e "*mísera*" são os termos que Santo Agostinho usa para descrever o encontro de Jesus com a mulher adúltera (Bíblia de Jerusalém, 2002, Jo 8, 1-11, p.1862), conforme destacado pelo Papa Francisco ao concluir o Ano da Misericórdia (Francisco, 2016, n.1). A misericórdia divina, um conceito central das Escrituras Sagradas, representa a ação salvadora de Deus para com a humanidade (Francisco, 2015, n. 9). Essa ação de Deus implica em sua própria revelação, encontrada na vida e nas palavras de Jesus Cristo, "o rosto da misericórdia do Pai" (Francisco, 2015, 1). "Um sinal efetivo da ação do Pai" (Francisco, 2015, 3). Uma misericórdia que impulsiona todas as suas ações, sua missão (Francisco, 2015, n 8).

Galli (2016, p. 62) destaca que o Papa incansavelmente prega a misericórdia de Deus, que nos ama e perdoa. A misericórdia, conforme descrita pelo Papa Francisco, é fundamentada em uma forte raiz teológica, a saber, uma raiz essencial: o rosto de Deus. É um novo anúncio de Deus que expressa o compromisso de reabrir em espaços não apenas abstratos, mas existenciais. Revela quem é Deus (Spadaro, 2016, p. 210). Portanto, o chamado do Papa Francisco é:

[...] precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato

último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado (Francisco, 2015, p. 1).

O Papa Francisco, sempre leal ao Concílio Ecumênico Vaticano II, enfatiza a importância de manter viva a memória deste evento na Igreja. Ele lembra-nos das palavras inspiradoras do Papa João XXIII que, ao discutir a maneira correta de lidar com os erros da Igreja, evidenciou que a “misericórdia” é mais eficaz do que a severidade e as condenações. Ele expressou o desejo de que a Igreja torne-se cada vez mais uma mãe amorosa para todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade, inclusive para com seus filhos separados. Isso é especialmente relevante para as pessoas que estão atualmente vivendo sob opressão e enfrentando muitas dificuldades (João XXIII, 1962, VII.2-3). Portanto, para o Papa Francisco, a Misericórdia é:

fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado (Francisco, 2015, 1).

Assim, o Papa Francisco proclama: “A misericórdia de Deus: Que maravilhosa é essa verdade da fé em nossas vidas.” Ele recorre às Escrituras Sagradas para encontrar a expressão concreta deste amor de Deus na vida das pessoas. Um aspecto importante da misericórdia é sua ligação com a ação missionária. O Papa Francisco redefine essa conexão, considerando que a vocação missionária é trazer a misericórdia à humanidade.

Ao viver na misericórdia e oferecê-la a todos, a Igreja realiza-se e cumpre sua missão apostólica e missionária. A obra da misericórdia divina, portanto, coincide com a própria ação missionária da Igreja, com a evangelização, pois nela o rosto de Deus resplandece como Jesus nos mostrou (Francisco, 2014, p.11).

3.2.3 Igreja pobre com os pobres

"Nunca afastes teu olhar de algum pobre" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Tobias 4, 7, p.668). Com esta recomendação bíblica, de maneira simples, o cardeal de Buenos Aires se apresentou, vivendo de forma austera, desde o abandono do palácio episcopal para morar em uma pequena casa, utilizando o transporte público como meio de locomoção. Sua prática como bispo de Roma e pastor da Igreja revelou que seu caminho seria ser um Papa pobre para os pobres (Miranda 2013, p 141). "Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!" (Francisco, 2013, n.1).

Segundo Quevedo (2013, p.68), o Papa Francisco, por meio da prática dos Exercícios Espirituais do Concílio de Cartago, aprendeu que os bens do bispo devem ser compartilhados com os pobres. Isso reforça o que o Concílio Vaticano II declara no Decreto *Presbyterorum Ordinis*: tanto bispos quanto presbíteros são convidados a abraçar a pobreza, tornando-se mais semelhantes a Cristo. Acima de tudo, eles devem ser guiados pelo Espírito do Senhor, que foi ungido e enviado para evangelizar os pobres (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 4,21, p.1795; Decreto [...] 1965, PO, n. 17, p. 473).

Bombonato (2016, p. 132) afirma que, ao se apresentar como “vindo do fim do mundo”, o Papa Francisco já dá uma visão profunda de seu pontificado. Ele revela que traz consigo a experiência de uma prática periférica, que coloca no centro as preocupações e as esperanças, as angústias e as utopias das periferias. Nessa realidade, percebe-se que os pobres estão no centro de sua reflexão. Ele demonstra a dimensão constitutiva do ser cristão no contexto atual. Suas orientações exigem soluções abrangentes para combater a pobreza, restaurar a dignidade dos excluídos e cuidar da natureza (Francisco, 2015, n.139).

Por essa razão, o teólogo Rafael Luciani relata que a opção do Papa Francisco pelos pobres em seu magistério é fruto de sua experiência com as realidades populares e de sua fidelidade à teologia latino-americana, ou seja,

a leitura teológica e profética que emerge no magistério de Francisco é alimentada por sua experiência com o mundo da vida popular, mas sem se conectar com visões populistas ou localistas. Seguindo as teologias latino-americanas, ele entende que o 'pobre é uma categoria teológica' EG 198). A opção pelos não é apenas uma escolha para cada indivíduo pobre que encontramos ao longo do caminho, mas também é uma escolha estrutural (leva a mudança socioeconômica) e estruturante (requer uma mudança de mentalidade) (Luciani, 2016, p. 464, tradução nossa).

Assim sendo, no florescer do seu pontificado o Papa Francisco, na sua primeira Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, já envia o seu recado de pastor, cuja relevância serão os mais pobres⁶ e esquecidos da sociedade cuja vida está no contexto marginal da igreja e da sociedade. Por isso, percebemos o seu convite insistente a cuidar dos mais fracos: “os sem-teto, os dependentes de drogas, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados” e os migrantes (Francisco, 2013, n. 210).

Outras formas de pobreza destacada pelo Papa Francisco, são as vítimas de tráfico e de novas formas de escravidão: “Nas nossas cidades está implantado este crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos cheias de sangue por causa de uma cumplicidade cômoda e silenciosa” (Francisco, 2013, n. 211). “Duplamente pobres são as mulheres que sofrem situações de exclusão, maus tratos e violência” (Francisco, 2013, n.212). “Entre estes fracos que a Igreja quer cuidar” estão “as crianças em gestação, que são as mais indefesas e inocentes de todos, às quais hoje se quer negar a dignidade humana” (Francisco, 2013, n. 213).

Neste sentido, o próprio Papa Francisco confirma o seu modo de viver pobre para os pobres ao afirmar que:

[...] quando um homem concebe e assim se educa para viver dessa forma, a pobreza criatural original não é mais sentida com um handicap, mas como um recurso, no qual o que enriquece cada um, e livremente é dado, é um bem e um dom que recaem depois em vantagem de todos. Essa é a luz positiva com o qual o Evangelho nos convida a olhar para a pobreza (Francisco, 2014, p.8).

Esta opção preferencial pelos pobres tão vivenciado pelo Papa Francisco, nos tempos atuais é um caminho para comunhão e o compromisso como práxis do Reino de Deus no “já. Neste sentido, o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social, considerando que o compromisso social está no coração do Evangelho e a caridade é o centro do primeiro anúncio. E, ainda diz: “assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (Francisco, 2013, n.176.179).

Ele ainda escreve que este compromisso social é derivado da profissão de fé no Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. “O próprio mistério da Trindade nos lembra

⁶ Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Santo Padre Francisco, por 64 vezes menciona a palavra “pobres”.

que fomos criados à imagem desta comunhão divina, portanto, não podemos nos realizar nem nos salvar sozinhos” (Francisco, 2013, n. 178). A fé professada em Cristo, que se tornou pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, motiva o Papa Francisco a definir a natureza teológica do compromisso e a promoção dos pobres. “É imperativo ouvir o clamor dos pobres” (Francisco, 2013, n. 193).

A esse respeito, na *Evangelii Gaudium*, especificamente no quarto capítulo, o Papa Francisco cita várias passagens bíblicas, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, mostrando que a Palavra de Deus é a fonte inspiradora de onde devemos beber para descobrir a importância de ouvir o clamor dos pobres (Bíblia de Jerusalém, 2002, Êxodo 3, 7-8.10,p.106; Juízes 3, 15,p. 352; Deuteronômio 15, 9,p.277 ; Tobias 12,9,p.677; Daniel 4,24,p.1562; Eclesiástico 3,30,p.1149; Mateus 5,7,p.1710; Marcos 6, 37,p.1768; Mateus 25, 34-40,p.1750; Lucas 4, 18,p.1795; 2 Coríntios 8, 9,p.2024; Tiago 2,12,p.2019; 1 Pedro 4, 8,p.2118).

Aquino (2013, p. 217) assevera que, se há algo inegável nas Sagradas Escrituras e na história da Salvação, é a centralidade dos pobres e oprimidos. Eles são retratados como *Go'el*, que liberta seu povo da escravidão. Como Rei, que faz justiça, como Pastor, que cuida de suas ovelhas e as protege dos lobos, e como Pai, que cuida de seus filhos e filhas. Portanto, ao se constituir como povo de Deus, a Igreja também é chamada de Igreja dos Pobres, expressão usada pelo Papa João XXIII e frequentemente utilizada pelo Papa Francisco atualmente.

Nesse contexto, ele declara: "Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas que vi ao longo da minha vida são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar". Por isso, ele nos pede para "não os deixar sozinhos" e exorta que cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres (Francisco, 2013, n. 7.48. 187).

Certamente, como discípulo de Cristo e em fidelidade ao Concílio Vaticano II, que declara que os pobres devem ser a alegria e a esperança do missionário, seguidor de Jesus Cristo (Constituição, [...], 1965, GS, 1, p. 143). Além disso, o Concílio relembra o que os Padres e Doutores da Igreja sempre ensinaram sobre a obrigação do discípulo de Cristo de ajudar os pobres, não apenas com bens supérfluos. Aquele que se encontra em extrema necessidade tem o direito de tomar dos bens dos outros o que precisa. Por isso, assim sublinha o Concílio Vaticano II:

[...] sendo tão numerosos os que no mundo padecem fome, o sagrado Concílio insiste com todos, indivíduos e autoridades, para que, recordados daquela palavra dos Padres “alimenta o que padece fome, porque, se o não alimentaste, mataste-o” repartam realmente e distribuam os seus bens, procurando sobretudo prover esses indivíduos e povos daqueles auxílios que lhes permitam ajudar-se e desenvolver-se a si mesmos (Constituição, [...], 1965, GS, n. 69, p.225).

Neste seguimento, sua fidelidade também se fortalece nos escritos do Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida que ao longo de sua composição o capítulo 8, sobressai a opção pelos pobres. Por isso, reafirma que:

nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em um plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões. É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos, e evite toda atitude paternalista. É solicitado que dediquemos tempo aos pobres, prestar a eles uma amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossas vidas e, procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras: ‘Quando deres um banquete, convida os pobres, os inválidos, os coxos e os cegos’ (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lc 14,13, p.1815; CELAM, 2007, DAp, n. 380).

Certamente, os pobres precisam ser lembrados. Isso é assegurado pelo apóstolo Paulo, que após sua conversão, destaca o aspecto fundamental de sua missão e de toda a vida cristã, lembrado pelos apóstolos Pedro, Tiago e João: “Só nos disseram que deveríamos nos lembrar dos pobres, o que tenho procurado fazer com solicitude” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gálatas 2, 10, p.2033). Hoje, esse é um convite mais atual do que nunca, que se impõe pela sua evidência evangélica. Por isso, o Papa Francisco instituiu, no dia 20 de novembro de 2016, na conclusão do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, o Dia do Pobre. Na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, o Dia Mundial dos Pobres deverá ser celebrado todos os anos em todas as Igrejas,

à luz do Jubileu das Pessoas Excluídas Socialmente, celebrado quando já se iam fechando as Portas da Misericórdia em todas as catedrais e santuários do mundo, intuí que, como mais um sinal concreto deste Ano Santo extraordinário, se deve celebrar em toda a Igreja, na ocorrência do XXXIII Domingo do Tempo Comum, o Dia Mundial dos Pobres. Será a mais digna preparação para bem viver a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, que se identificou com os mais pequenos e os pobres e nos há de julgar sobre as obras de misericórdia (cf. Mt 25, 31-46). Será um Dia que vai ajudar as comunidades e cada batizado a refletir como a pobreza está no âmago do Evangelho e tomar consciência de que não poderá haver justiça

nem paz social enquanto Lázaro jazer à porta da nossa casa (cf. Lc 16, 19-21). Além disso este Dia constituirá uma forma genuína de nova evangelização (cf. Mt 11, 5), procurando renovar o rosto da Igreja na sua perene ação de conversão pastoral para ser testemunha da misericórdia (Francisco, 2016, n.21).

Nesse sentido, o Papa João Paulo II exorta que cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam se integrar plenamente na sociedade. Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres se faz presente em nós quando, no mais íntimo de nós mesmos, nos comovemos diante do sofrimento alheio (Francisco, 2013, n.191.193). “Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho, que é a primeira caridade, corre o risco de não ser compreendido ou de se perder naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação nos apresenta diariamente” (Francisco, 2016, MM, n. 50).

A Igreja do Brasil, em sua voz profética, já concretizava o desejo do Papa Francisco, reafirmando este compromisso com o povo brasileiro, para um olhar e uma prática solidária às populações das periferias urbanas e das zonas rurais - sem-terra, sem teto, sem pão, sem saúde - lesadas em seus direitos. E confirma o escândalo de ver a miséria todos os dias e ouvir os clamores e sofrimentos das populações que passam fome, apesar da existência de alimento suficiente para todos. Portanto, a Igreja do Brasil confirma que a fome se deve à má distribuição de bens e renda (CNBB 2002, n.2). “Ao ajudar os pobres, estamos com o Senhor, que está presente neles” (Francisco, 2023, n. 15.10.).

3.2.4 O cuidado da Casa Comum

O cuidado com a casa comum é um dos eixos existenciais da missão do Papa Francisco. Seu ardor missionário destaca-se como uma voz incansável na defesa do meio ambiente e de uma ecologia integral. Referindo-se à canção que o cantor, compositor e evangelizador, Antônio Cardoso, compôs à *Laudato si* e ao Sínodo Pan-amazônio, Francisco evidencia que:

Conforme diz a canção: 'É Francisco chamando um a um'.⁷ Suas palavras ecoam como um chamado à ação para cuidar da '*Oikomene*', a casa comum. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. 'Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades (Francisco, 2013, n. 183).

Reafirmando a importância do cuidado da casa comum, o Papa Francisco sublinha:

quando falamos em cuidar da casa comum, que é o planeta, fazemos apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas. De facto, se alguém tem água de sobra mas poupa-a pensando na humanidade, é porque atingiu um nível moral que lhe permite transcender-se a si mesmo e ao seu grupo de pertença. Isto é maravilhosamente humano! Requer-se este mesmo comportamento para reconhecer os direitos de todo o ser humano, incluindo os nascidos fora das nossas próprias fronteiras (Francisco, 2020, n. 117).

Por isso, o teólogo Victorino Pérez Prieto, Ph.D, professor de Teologia da Pontifícia Universidade de Salamanca (UPSA) escreve: "A fé cristã é intrinsecamente verde, seguidora de um Jesus de Nazaré ecologista; mas foi traída pela história da Igreja e da Teologia" (Prieto, 2017, n. 183). Contudo,

Francisco segue a teologia clássica que reconhece a Criação como manifestação do Criador. Mais do que isso, ele opera uma gradação nessa perspectiva quando contempla o conjunto cósmico das criaturas para apontar, de maneira contundente, a Terra em suas condições atuais. Há, pois, em Francisco um olhar que desce, da Criação cósmica à natureza fenomênica ao Planeta Terra, habitado pela humanidade, compreendido como 'nossa Casa comum (Maçaneiro, 2018, p. 262).

Como o primeiro Papa a publicar uma encíclica exortando a responsabilidade cristã de cuidar da criação, a Encíclica *Laudato si'* recorda à humanidade a responsabilidade de proteger não apenas a natureza, a criação, mas também as gerações futuras. "Cada criatura tem uma função e nada está fora do conjunto harmônico que Deus nos propôs". Considerando as contribuições de seus antecessores mais recentes, bem como ouvindo aqueles de fora da Igreja Católica que exortaram sobre o cuidado com a casa comum e por uma conversão ecológica global, o Papa Francisco faz o seguinte apelo:

⁷ CARDOSO, Antônio. **Hino do Sínodo Pan-amazônico**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/antonio-carlos/hino-do-sinodo-pan-amazonico>. Acesso em: 04 jun. 2024

É urgente proteger a nossa casa comum, isso inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (Francisco, 2015, n. 13).

Diante desse apelo, a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida e a assumir uma atitude de conversão diante dos diversos fatores que afligem “a casa comum”. Esses fatores levam ao desequilíbrio de toda a força que mantém o desenvolvimento integral da vida. Entre os muitos desafios, Wolff (2018, p. 120) destaca a poluição do ar, dos rios e dos oceanos, as mudanças climáticas, a falta de água potável, o desaparecimento dos ecossistemas e a perda de biodiversidade. Por isso, o Papa Francisco chama a atenção para a importância de dar atenção às causas que cada vez mais degradam o humano e o social, afetando sobretudo os mais frágeis do planeta (Francisco, 2015, n. 48).

Neste contexto, em que todas as coisas estão interligadas (Francisco, 2013, n. 117), torna-se imperativo buscar uma cultura ecológica que ofereça respostas aos problemas emergentes. Essa cultura deve envolver uma perspectiva diferente, um pensamento transformador, uma política consciente, um programa educacional abrangente, um estilo de vida sustentável e uma espiritualidade que se oponha ao avanço do paradigma tecnocrático (Francisco, 2013, n. 111).

Para isso, em comunhão com outras comunidades cristãs, o Papa Francisco instituiu o dia 01 de setembro como o Dia Mundial de Oração pela Criação, a partir do ano corrente. Essa celebração já ocorre há tempos na Igreja Ortodoxa (Francisco, 2015, p. 1).

Assegurando sua mística missionária no cuidado com a casa comum, o Papa Francisco, após 08 anos da Encíclica “*Laudato Si*”, revela ao mundo sua preocupação com a criação. Ele diz: “Com o passar do tempo, dou-me conta de que não estamos reagindo de modo satisfatório com este mundo que nos acolhe” (Francisco, 2023, n. 2). Assim, no dia 04 de outubro de 2023, ele reforça seu compromisso com a criação, obra de Deus, lançando a Exortação Apostólica sobre a crise climática intitulada “*Laudate Deum*”, que significa “Louvai a Deus”.

3.3 ÂMBITOS DA MISSÃO

A missão, da comunidade eclesial enquanto dialógica, se organiza em dois âmbitos. *Ad intra* e *ad extra*. O *Ad intra* se desenvolve por meio do contexto interno da comunidade. Desdobra-se aí ministerialidade de todos os batizados, através dos diversos conselhos de comunhão, tanto a nível diocesano, paroquial e comunitário. Assim, a Igreja materializa a *missio Dei* mediante o princípio da colegialidade, atuando “em comunhão”, “em concílio” e em sinodalidade (Constituição [...], 1964, LG, n. 22, p.64). No âmbito externo, há a disposição missionária para o serviço, enquanto a Igreja concretiza a *Missio Dei* no mundo. Missão esta que se manifesta no testemunho dos diferentes modos de viver na sociedade e no mundo plural com abertura ao diálogo e ações condizentes com a proposta evangélica (Wolff, 2018, p. 115-116).

3.3.1 Ad intra

Na dimensão *ad intra*, a Igreja desenvolve a missão em sua própria existência, vivendo e celebrando o mistério em Cristo. Por diversas maneiras de evangelizar, ela impulsiona a “saída” para sua dinâmica interna. Assim, a missão *ad intra* é realizada através dos meios internos da comunidade eclesial. O Papa Francisco, fiel às propostas do Concílio Vaticano II, busca intensamente o diálogo nas organizações internas da Igreja Católica. Os processos pastorais, proposta do Papa Francisco, é são a descentralização e a superação de qualquer tendência ao monopólio e à autorreferência. “No diálogo *ad intra Ecclesia*, o importante são os princípios de conciliaridade, a família, a Paróquia, a Diocese, colegialidade, a sinodalidade, a valorização do laicato e da mulher” (Wolff, 2018, p.29).

a) Conciliaridade

O princípio da Conciliaridade ocupa um lugar de destaque na teologia católica. O objetivo primordial é preservar a comunhão e a unidade entre as igrejas e seus líderes espirituais. Este “modelo conciliar” sustenta que a Igreja, “quando reunida em concílio ecumênico, tem a capacidade de tomar decisões que esclarecem a compreensão da verdade do Evangelho” (Wolff 2023, p. 64-65).

O Papa Francisco diz à Cúria Romana, que a mesma para cumprir fielmente a sua missão, é convocada sempre a melhorar, a crescer em comunhão, em santidade

e sabedoria Isso demonstra a coerência com a convicção de que “as estruturas *ad intra*” da Igreja universal também precisam atender a este chamado para uma conversão pastoral” (Francisco, 2014, p. 3). No entanto, como qualquer organismo, “ela está sujeita a limitações que podem impedir seu funcionamento saudável e eficaz sobretudo no que diz respeito a uma centralização excessiva, que, em vez de contribuir complica a vida da Igreja e o seu dinamismo missionário” (Francisco, 2013, n. 32).

b) Família

A família, como uma Igreja doméstica, é igualmente convocada a experimentar a comunhão eclesial. Isso é evidenciado na Carta aos Efésios, onde o apóstolo Paulo discute o mistério da relação entre Cristo e a Igreja, que serve como um reflexo do vínculo matrimonial. “É um grande mistério, refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Efésio 5, 32, p. 2046). Neste sentido, o Papa Francisco exorta na Exortação apostólica *Amoris Laetitia*: “Diante das famílias e no meio delas, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio” (Francisco, 2016, n. 58), reafirmando o que ele diz na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, “que o anúncio é o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário deve ocupar o centro da atividade evangelizadora” (Francisco, 2013, n. 35).

Na *Amoris Laetitia*, a palavra “diálogo” aparece 24 vezes, atuando como uma expressão silenciosa, pois, no amor, os silêncios frequentemente falam mais alto do que as palavras. O diálogo aparece como uma forma privilegiada e essencial de experimentar, expressar e desenvolver o amor na vida matrimonial e familiar. Além disso, o diálogo se constitui como um meio de aprendizado para pessoas que vivem juntas e desejam se comunicar de várias maneiras. Por isso, o Papa Francisco enfatiza que “é sempre necessário cultivar certas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico” (2016, n. 136). Já o Papa João Paulo II reforçava o diálogo na família quando afirmava que:

o espírito de amor que reina numa família guia tanto a mãe como o filho nos seus diálogos, nos quais se ensina e aprende, se corrige e valoriza o que é bom As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja (João Paulo II 1981, n. 55).

É de suma importância, portanto, que a família sirva como um modelo exemplar. A família, como a menor unidade da sociedade, desempenha um papel crucial na formação do caráter e dos valores de seus membros. Como tal, é imperativo que a família exemplifique os princípios de amor, respeito, compreensão e solidariedade. Estes valores, quando vividos e demonstrados no ambiente familiar, têm o potencial de se propagar para a comunidade mais ampla, contribuindo para uma sociedade mais harmoniosa e compassiva. Por conseguinte, a família não é apenas um refúgio de conforto e segurança, mas também uma escola de virtudes humanas e cidadania responsável. Por meio de suas ações e interações diárias, a família tem a oportunidade de ser um farol de luz, guiando cada membro em seu caminho de crescimento pessoal e desenvolvimento moral.

c) Paróquia

O Papa Francisco enfatiza que a paróquia, como presença eclesial, é um território, um espaço para a escuta da Palavra, para o desenvolvimento da vida cristã, para o diálogo, o anúncio, a generosidade caridosa, a adoração e a celebração. Por meio de suas atividades, a paróquia encoraja e molda seus membros. "É uma comunidade de comunidades, um santuário onde os sedentos vêm beber para continuar sua jornada, e um centro de constante envio missionário" (Francisco, 2013, n. 28). Portanto, é urgente renovar as paróquias para que se tornem cada vez mais espaços eclesiais de proximidade das pessoas, de comunhão, participação e missão.

Por isso, Wolff (2018, p. 35) destaca que a missão em nível paroquial concretiza-se, de forma dialógica, "pois é formada por cristãos leigos e leigas que, pelo batismo, estão comprometidos com a *missio-Dei*" Nesse sentido, como base da Igreja local, comunidade de comunidade, em sua organização estrutural, a paróquia deve cada vez mais "superar o paroquialismo" (CNBB, 2014, Doc, 100, n. .320), a visão feudal, na busca de um maior compromisso com os ensinamentos do Concílio Vaticano II e do Papa Francisco, urge, de forma criativa, vivenciar sua vocação para a missão.

d) Diocese

Segundo o Papa Francisco, a Diocese, como uma Igreja específica, é o principal sujeito da evangelização e, como Igreja manifestada em um espaço definido, é um testemunho tangível do exercício da sinodalidade, através da atuação dos

presbíteros, leigos consagrados e vários conselhos pastorais, movimentos e serviços (Francisco, 2013, n. 30; Wolff, 2018, p. 33; Wolff 2023, p. 77). Do mesmo modo, enfatiza que a "Igreja local é composta por comunidades de fiéis que organizam a vivência da fé por proximidade territorial e afetiva, formando a comunidade paroquial".

e) A colegialidade

A colegialidade e comunhão nas Dioceses é vivenciada por meio das conferências episcopais presentes em cada país. O Papa Francisco reconhece que houve pouco progresso no sentido de uma conversão pastoral *ad intra*, apesar de seus esforços também nas estruturas da Igreja Universal. Observa-se ainda uma centralização excessiva que, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária (Francisco, 2013, n.32). "As conferências episcopais podem oferecer uma contribuição diversificada e frutífera, para que o sentimento colegial leve a aplicações concretas" (Wolff, 2023. p 75).

f) Sinodalidade

O Papa Francisco afirma que a sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja no Terceiro Milênio (Francisco, 2015, p. 2). Por que a existência e ação da igreja são caracterizadas pela sinodalidade, na perspectiva da missão? A sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão. *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est* (a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária), ela existe para evangelizar. Todo o Povo de Deus é o sujeito do anúncio do Evangelho.

Portanto nela, cada batizado é chamado para ser protagonista da missão, pois todos somos discípulos missionários. A Igreja, portanto, é chamada a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes em sua vida para discernir os caminhos da evangelização ouvindo a voz do Espírito (Comissão Teológica Internacional, 2018, p. 19).

Essa missão, no processo da sinodalidade, significa caminhar juntos. Segundo Wolff, através do diálogo, o missionário cristão louva a Deus e anuncia a salvação de Deus, primeiramente sua missão é a presença e ação de Deus na vida de cada interlocutor (Wolff, 2016, p. 101-102). Primeiramente, em atitudes de gratuidade e humildade, admite que Deus já está presente na vida das pessoas a quem o evangelho será anunciado. Portanto, a ação missionária, em perspectiva sinodal, se baseia em uma teologia na qual a hermenêutica proposta é que a Missão deve ser

realizada em diálogo, pois esta é uma atitude integrante da missão evangelizadora da Igreja (João Paulo II, 1990, n. 55).

g) Laicato

De acordo com o Concílio Vaticano II, os leigos na comunidade eclesial, movidos pelo amor às missões, são autênticos colaboradores nas missões. Eles desenvolvem a atividade missionária através do ensino nas escolas, da administração de assuntos temporais, e da atividade paroquial e diocesana. Além disso, eles cooperam no âmbito das universidades ou institutos científicos, nas pesquisas históricas ou científico-religiosas, no conhecimento dos povos e das religiões, e colaboram fraternalmente com outros cristãos e não-cristãos nas organizações internacionais.

Especificamente referindo-se aos leigos, o Vaticano II destaca a importância da promoção de valores verdadeiramente humanos, bem como o desenvolvimento da arte de conviver e a cooperação de maneira fraterna. Para esse fim, é necessário estabelecer um verdadeiro diálogo consigo mesmo e com os outros, cultivando, acima de tudo, boas relações humanas. Finalmente, alerta que na missão, ao comunicar a mensagem de Cristo, o diálogo deve ser estabelecido com todos, sejam crentes ou não crentes (Decreto [...], 1964, AA, n. 29.31, p.558-561).

h) Mulheres

As mulheres foram as primeiras a testemunhar a ressurreição (Bíblia de Jerusalém, 2002, João, 20,26, p.1893). Na *Evangelium Gaudium*, o Papa Francisco descreve a situação atual da mulher na sociedade e na comunidade eclesial. Ele reconhece a capacidade única das mulheres e a maneira como elas desempenham sua missão na Igreja, tanto internamente (*ad intra*) quanto externamente (*ad extra*), em várias responsabilidades sociais e eclesiais, através de vários atos, gestos e nomeações. Conforme descreve a professora Dr^a Clélia Peretti e a Doutoranda Ivoneide Queiroz sobre o Papa Francisco, explicitam que, em seu magistério, ele exalta

o papel das mulheres em todos os setores da sociedade, afirmando que sua contribuição não deve se limitar a temas 'femininos'. Francisco valoriza o papel da mulher, sua presença na vida social, econômica e política ao nível local, nacional e internacional, assim como eclesial. Enfatiza a grande contribuição das mulheres na teologia e sua contribuição no Magistério da

Igreja. Na sua teologia, entende a mulher como - um ser ontológico - na Igreja, enquanto instituição. Isso porque compreende que a própria Igreja é “feminina” e que Maria, a Mãe do Filho de Deus, é mulher, Mãe da Igreja; foi ofertada ao discípulo amado, (representando toda humanidade, não apenas o masculino) como Mãe: ‘Eis aí tua Mãe’, e a Ela toda a humanidade: ‘Mulher, Eis aí teu filho’ (Jo, 19, 26–27) (Peretti; Queiroz, 2021, p. 135).

No entanto, o próprio Papa Francisco afirma que este espaço ainda é limitado e pede uma expansão mais significativa na Igreja. “Entre elas, continuamente encontramos os gestos mais admiráveis de heroísmo diário na defesa e cuidado da fragilidade de suas famílias” (Francisco, 2013, n.104.212). Na Jornada Mundial da Juventude de 2013 no Rio de Janeiro, no encontro com os Bispos, ao discutir a Igreja em estado permanente de missão, o Papa Francisco destaca o papel das mulheres na transmissão da fé. Assim ele se expressa:

[...] não reduzamos o empenho das mulheres na igreja; antes, pelo contrário promovamos seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade’. [...] O papel da mulher não é somente maternidade, ser mãe de família, mas, é mais forte: a igreja é feminina: a Igreja, é esposa, é mãe. O papel da mulher na Igreja não somente deve ser o de mãe, de trabalhadora, limitada (CNBB, 2013, p.71-117).

Percebemos uma significativa evolução no pontificado do Papa Francisco referente ao papel feminino na Igreja onde ele busca por meio de gestos e palavras valorizar a mulher. A jornalista e radialista vaticanista Gudrun Sailer (2023) ressalta que ele foi o primeiro Papa a nomear mulheres como membros dos organismos da Cúria com um aumento significativo no número de mulheres empregadas na cúria Romana. Com um, percentual de 19,3% para 26,1% nos últimos 10 anos.

Salier (2023) ainda diz que hoje, na Santa Sé, nos órgãos da cúria Romana, nas equipes diretivas com os prefeitos e nos níveis de gestão, as funções de subsecretaria e secretária são cargos assumidos por cinco mulheres nomeadas pelo pontífice. Em 2021, a religiosa italiana Alessandra Smerilli, é nomeada, para o cargo mais alto já ocupado por uma mulher, ser secretaria no Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral.

Embora não faça parte da cúria Romana, Salier (2023) sublinha que o Papa Francisco nomea para o Sínodo uma secretaria geral, a religiosa francesa Nathalie Becquart. Outra novidade foi a nomeação das secretárias das Comissões Pontifícias. Em 2021, o Papa nomeou a biblista Nuria Calduch-Benages, religiosa espanhola,

secretária da Pontifícia Comissão Bíblica, anexada ao Dicastério para a Doutrina da Fé. Em 2022 nomeou a teóloga argentina Emilce Cuda secretária da Pontifícia Comissão para a América Latina junto ao Dicastério dos Bispos. Notável também foi a criação de uma Comissão sobre o diaconato das mulheres.

Outra função de responsabilidade foi a nomeação das brasileiras: Cristiane Murray, como vice-diretora da Sala de Imprensa da Santa Sé e Ir. Regina da Costa Pedro, como diretora das Pontifícias Obras missionárias (POM) no Brasil. Sua nomeação foi comunicada pela Santa Sé em 30 de novembro de 2022, sendo a primeira mulher a assumir a direção nacional (CNBB, 2022).

Em entrevista à Revista de Serviço de Animação Missionária (SIM), Ir. Regina recorda que na Carta Apostólica *Maximum Illud*, de 1919, o Papa Bento XV já reconhecia o valor da colaboração das mulheres nos espaços de evangelização. Para ela, a novidade do Papa Francisco é a abertura, com escolhas e nomeações claras e consistentes, para as estruturas eclesiais. Como também o combate ao clericalismo. “São experiências que recordam o exemplo de Jesus e das comunidades nascentes da Igreja” (Pedro, 2023, p. 8).

O Papa Francisco afirma que: “uma Igreja sem mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria” (CNBB, 2013, p.117). Por esse motivo, na Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, ao falar sobre o Dicastério para os leigos, a família e a vida, possibilitou para o futuro a nomeação de mulheres para dirigir um dicastério, ou seja, se tornem prefeitas, um cargo que antes era reservado a cardeais e arcebispos. Segundo o Sumo Pontífice,

o Dicastério procura aprofundar a reflexão sobre a relação homem-mulher na sua respetiva especificidade, reciprocidade, complementaridade e igual dignidade. Oferece a sua contribuição para a reflexão eclesial sobre a identidade e a missão da mulher e do homem na Igreja e na sociedade, promovendo a sua participação, valorizando as peculiaridades femininas e masculinas e também desenvolvendo modelos de liderança para a mulher na Igreja (Francisco, 2022, art. 131, p. 43).

Por outro lado, ainda parece emaranhada essa reciprocidade, complementaridade e igual dignidade. Num artigo publicado no *National Catholic Reporter*, 07-03-2023. Kate McElwee, diretora-executiva da *Women's Ordination Conference*, escreve que:

'abstratas, distantes e colocadas em um pedestal, as mulheres são projeções, não protagonistas, no imaginário papal. A desconexão de Francisco com as mulheres em toda a sua humanidade leva a momentos de 'morangos no bolo', retratos de caricaturas 'fofoqueiras' de mulheres e, pior ainda, a santificação da opressão. Quando as mulheres são uma metáfora, até mesmo valorizada, é-lhes negada a voz, o arbítrio moral e a capacidade de ouvir, discernir e reivindicar o chamado de Deus' (McElwee, 2023, p. 2).

Neste sentido, corrobora com McElwee a teóloga Tina Beattie, professora de Estudos Católicos na Universidade de Roehampton, em Londres, e diretora do Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing. Beattie (2018, p. 27) compreende que já está na hora de a Igreja Católica abrir um maior diálogo em relação à teologia feminista. A visão teológica e o estilo do Papa Francisco estão marcados por valores e perspectivas presentes na teologia feminista. Porém, segundo a teóloga, ele nunca se envolveu com teólogas. Urge abrir os espaços e abrir o diálogo para maiores mudanças. Na visão de Beattie, o Papa Francisco, até o momento, não conseguiu estabelecer nenhuma alteração significativa no papel da mulher na Igreja.

Mesmo diante destas incongruências do pontificado do Papa Francisco em relação à mulher, em seu discurso proferido em 7 de fevereiro de 2015 à Plenária do Dicastério da Cultura, focado no tema "As culturas femininas: igualdade e diferença", o Papa disse que é hora de as mulheres "não se sentirem como hóspedes, mas plenamente participantes das várias esferas da vida social e eclesial". Ele adverte que "este é um desafio que não pode mais ser adiado" e enfatiza a urgência de "oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja", promovendo "uma presença mais ampla e incisiva nas comunidades" com maior envolvimento das mulheres "nas responsabilidades pastorais" (Francisco, 2015, p. 1).

3.3.2 *Ad extra*

Diante do advento que marcou o fim da hegemonia da Igreja, em uma sociedade pluralista e laica, o Concílio Vaticano II aceitou o desafio de dialogar com a sociedade para que a Igreja pudesse desempenhar melhor sua missão (Miranda, 2017, p. 124). Por isso, o Papa Francisco afirma: "Exige-se de toda a Igreja uma conversão missionária: não se pode contentar com um anúncio meramente teórico e desconectado dos problemas reais das pessoas" (Francisco, 2016, n. 201). Francisco ainda acrescenta:

a necessidade duma evangelização que denuncie, com desassombro, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e econômicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência. Para isso, temos de entrar em diálogo e cooperação com as estruturas sociais, bem como encorajar e apoiar os leigos que se comprometem, como cristãos, no âmbito cultural e sociopolítico (Francisco, 2016, n. 201).

Além disso, Luciani destaca que o Papa Francisco, fiel aos seus predecessores, tem sua teologia marcada pelo uso instrumental da Doutrina Social da Igreja. Sua escolha teológico-pastoral e missionária é inspirada na teologia latino-americana. Uma escolha que entrelaça o coração dos movimentos populares, das comunidades eclesiais de base, trazendo à tona a recepção do magistério universal do Concílio Vaticano II (Luciani, 2016, p.82).

Amaladoss (2006, p. 195) enfatiza que “a missão da comunidade dos discípulos de Jesus é olhar para além de si mesma, despertando para o diálogo com o mundo”. A comunidade Eclesial, ao dialogar com o mundo, estará pronta não apenas para oferecer, mas também para receber do mundo. Como descrito na declaração *Dignitatis Humanae*, a Igreja dialoga com as estruturas políticas, pedindo liberdade não apenas para si mesma, mas para todas as religiões. Assim, indiretamente, ela se comunica com outras comunidades religiosas, reconhecendo-as como legítimas detentoras de direitos humanos e políticos (Declaração [...], 1965, DH, n. 2-3, p.600-601).

O Concílio Vaticano II enfatiza que nosso respeito e amor devem se estender àqueles que pensam ou agem de maneira diferente de nós em questões sociais, políticas ou até religiosas. Nesse entendimento, aponta a caridade como meio para alcançar o diálogo. João Paulo II já descrevia que a tarefa da Igreja em direção ao Reino de Deus deve ser assegurada por um duplo sentido: promover os chamados valores do Reino, como paz, justiça, liberdade, fraternidade, e favorecer o diálogo entre povos, culturas, religiões. Além disso, o Pontífice afirmava que, guiada pelo Espírito Santo, a Igreja, através do diálogo, anunciará Cristo promovendo a acolhida e a vida para todos (João Paulo II, 1990, n. 17.28).

O Decreto sobre a atividade missionária da Igreja do Concílio Vaticano II alerta que, para poderem dar frutuosamente testemunho de Cristo, as pessoas devem se unir com estima e caridade e buscar participar na vida cultural e social, através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana (Decreto [...], 1965, AG n. 11, p.364). Garantindo este apelo, apresentaremos a seguir alguns âmbitos do diálogo

apresentado pelo Papa Francisco que favorece esta vivência missionária da missão nos horizontes ad extra da comunidade Eclesial.

a) Missão e sociedade (cultura, economia, política.)

As rápidas mudanças, os progressos revolucionários nas ciências e nas técnicas e, ao mesmo tempo, as crescentes ameaças em conflitos sociais, militares e ecológicos infundiram em muitas pessoas a sensação de uma insegurança generalizada e uma profunda “desorientação”. Todos falam de crises, crises petróleo ou crises psicológicas e espirituais. A instabilidade cresce, exterior e interiormente.

Os sistemas políticos, econômicos, éticos e religiosos são muito vulneráveis e cresce a necessidade de segurança em todas as áreas. As igrejas não são isentas dessa desorientação e insegurança generalizadas. Membros de comunidades questionam criticamente o sentido do culto e perguntam ceticamente pelo sentido das reformas do culto. Pastores, lideranças eclesiais e sínodos estão empenhados em discutir as crises sociais e suas próprias crises. Ademais, como bem sublinha Spadaro,

reconhecemos os males da Igreja e do mundo como o Papa os expressou em seus primeiros meses de pontificado: o jugo da competitividade, a cultura do desperdício, a globalização da indiferença, a cultura anestesiante da opulência, o consumismo; depois o fundamentalismo, a indiferença relativista, os ataques à liberdade religiosa, a desertificação espiritual, a interrupção da transmissão geracional da fé, a redução do casamento a mera gratificação afetiva; e, novamente, o mundanismo espiritual, o funcionalismo, o clericalismo, a obsessão pela aparência, as divisões belicosas na Igreja (Spadaro, 2023, p.10).

No contexto da missão, os desafios das diferenças culturais podem dificultar a concretização do diálogo. No entanto, como exemplificado pela missão do apóstolo Paulo, é possível dialogar com pessoas de diferentes origens e fundar comunidades, mesmo diante das diferenças (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 1,18, p.1994). A complexidade da linguagem e do conhecimento está intrinsecamente ligada aos contextos das relações, e somente por meio dessas relações recíprocas podemos compreendê-las plenamente (Suess, 2008, p. 168).

Para enfrentar esses desafios, Bevans (2016, p. 59) diz que o missionário, ao missionar, inicialmente, deve estudar os mapas locais, aprender a língua, os provérbios e os saberes tradicionais do povo. Essa imersão mútua transforma tanto o

missionário quanto o povo. Além disso, o Vaticano II nos chama “a adotar uma postura de humildade ao apresentar nossa verdade” (Wolff, 2012, p. 146).

Considerando que os fatores sociopolíticos são intrínsecos à dimensão da vida, Amaladoss (2006, p. 73) afirma “que os indivíduos são profundamente influenciados pelo contexto social em que vivem”, o que apresenta desafios na construção de relações no âmbito da missão em diálogo. Esses fatores incluem questões relacionadas aos direitos humanos, processos de democratização, política, etnia, racismo, grupos e movimentos sociais. Além disso, observamos um aumento da violência física e simbólica, bem como questões relacionadas ao gênero e aos estudos culturais.

O Papa Francisco lembra-nos que a maioria das pessoas em nosso tempo enfrentam dificuldades cotidianas, mesmo nos chamados países ricos. O medo e o desespero afetam inúmeras pessoas (Francisco, 2013, n. 52). Por outro lado, o Concílio Vaticano II, em sua Constituição sobre a Igreja no mundo atual (GS), reconhece as complexidades sociopolíticas, destacando que o progresso humano e o desenvolvimento da sociedade estão interligados.

A natureza social do ser humano exige relacionamentos e contatos sociais. Ao interagir com os outros, crescemos em nossas qualidades e nos tornamos capazes de responder à nossa própria vocação, servir mutuamente e dialogar com nossos irmãos (Constituição, 1965, GS, n. 25, p.168). Por isso, Wolff (2007, p. 244) ressalta que diante da situação sociopolítica que afeta a humanidade, existe uma relevante teologia da unidade que sustenta a fidelidade missionária.

b) Missão e ecumenismo

No contexto do diálogo ecumênico, o Papa Francisco relembra o apelo de Jesus para que “todos sejam um” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Jo 17, 21, p. 1888). Além disso, ele ressalta que a prática da Unidade Cristã é um dos principais objetivos do Concílio Vaticano II (Decreto [...], 1965, UR n. p.309). Considerando a urgência da Evangelização e o número de pessoas que ainda não receberam a mensagem de Jesus, ele faz um apelo:

se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. A imensa multidão que não recebeu o anúncio de Jesus Cristo não pode deixar-nos

indiferentes. Por isso, o esforço por uma unidade que facilite a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se transformar num caminho imprescindível da evangelização (Francisco, 2013, n. 246).

Neste contexto, é notável a quantidade de críticas e reclamações que os missionários recebem devido ao escândalo da falta de escuta, diálogo e divisão entre os cristãos. O anúncio do evangelho, o serviço e o testemunho poderiam progredir com mais eficácia e alcançar as vastas multidões sedentas pela Boa Nova do Evangelho se déssemos maior importância ao diálogo com determinação. Através do diálogo, a unidade será facilitada e a recepção de Jesus Cristo deixará de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se tornar um caminho essencial da evangelização (Francisco, 2013, n. 246).

O Papa Francisco cada vez mais tem clareza ao dizer que o diálogo sempre é amável e cordial, por isso, nunca devemos descuidar do vínculo essencial entre diálogo e anúncio. O diálogo sempre é enriquecedor para ambos. Contudo, para um frutífero diálogo, a verdadeira abertura, implica conservar-se firme nas próprias convicções com uma identidade clara e feliz, mas “disponível para compreender as do outro” Assim, na missão, aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. E através do “método do diálogo, poderemos assumir juntos o dever de servir à justiça e à paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio” (Francisco, 2013, n. 250).

No entanto, neste método, a linguagem que sobressai é o termo caminho, caminhar juntos, para descrever a essência do povo de Deus, peregrino para Deus. Assim, o próprio conceito significa caminhar na presença de Deus. Neste caminhar Francisco assume concretamente a teologia ecumênica como imperativo para a missão em diálogo, situando-se ao longo da história que a mais de cinquenta anos com o Concílio Vaticano II, firmou este propósito com o decreto *Unitatis Redintegratio*, (1964) como também de seus predecessores São João XXIII e Bento XVI, afirma o Drº Santiago Madrigal Terrazas, teólogo Jesuíta professor da Universidade Comillas de Madri (Terrazas, 2019, p.17).

Assim, o Papa Francisco expressa o seu desejo:

[...] há urgente necessidade de um ecumenismo que, juntamente com o esforço teológico em vista de recompor as controvérsias doutrinárias entre os cristãos, promova uma comum missão de evangelização e de serviço. Indubitavelmente, já existem numerosas iniciativas e boas colaborações em

vários lugares. Mas todos nós podemos fazer ainda mais, juntos, para dar um testemunho vivo “a todo aquele que nos perguntar a razão da nossa esperança” (cf. 1 Pd 3, 15): transmitir o amor misericordioso do nosso Pai, que recebemos de graça e, generosamente, somos chamados a dar de graça (Francisco, 2016, p.2).

Em vista disso, o Secretariado para os Não-Cristãos no documento Diálogo e Missão, ao descrever os vários modos e aspectos da missão, afirma que também “há o diálogo, no qual os cristãos encontram os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto, em direção à verdade e colaborar em ações de interesse comum” (Secretariado para os Não-Cristãos, 1984, DM n. 13). Assegura o Decreto “Ad gentes” sobre a Atividade Missionária da Igreja que:

os irmãos que creem em Cristo são discípulos de Cristo, regenerados pelo Batismo, participantes de numerosos bens do Povo de Deus. Quanto o permitirem as condições religiosas, deve promover-se a ação ecumênica, de sorte que, banindo toda a aparência de indiferentismo, de confucionismo e odiosa rivalidade, os católicos colaborem com os irmãos separados, em conformidade com as disposições do decreto sobre o Ecumenismo, por meio da comum profissão de fé em Deus e em Jesus Cristo diante dos gentios, na medida do possível, e pela cooperação em questões sociais e técnicas, culturais e religiosas. Colaborem, sobretudo, por amor de Cristo, seu Senhor comum: que o Seu nome os una! (Decreto [...], 1965, AG, n.15, p.369).

Logo, a divisão no anúncio do Evangelho se torna um grave obstáculo (João Paulo II, 1995, n.98-99). É mister recordar o que nos diz o papa João Paulo II, as relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Preveem e exigem, desde já, toda a colaboração prática possível aos diversos níveis: pastoral, cultural, social, e ainda no testemunho da mensagem do Evangelho.

A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si, e apresenta o rosto de Cristo Servo em uma luz mais radiante. Tal cooperação, baseada na fé comum, não só aparece densa de comunhão fraterna, mas é uma epifania do próprio Cristo (João Paulo II, 1995, n.40).

Assim, falar de missão em perspectiva ecumênica é compreender a missão no mundo habitado, a *oikoumene*, isto é, uma missão para todo o mundo e uma missão com todo mundo, onde todos têm muito a oferecer e muito a aprender. Wolff (2020, p. 3) diz que o contexto de globalização em que vive a humanidade favorece a missão no sentido de maior interação e intercâmbios entre as diferenças, tanto no mundo cultural, étnico, político, econômico e religioso. Neste caso, os diferentes modos de

viver e conviver, presentes nas diversas culturas, encontram na teologia ecumênica a fonte que dá vida e fortalecimento a estas vivências. Passando da tolerância do outro para a aceitação, do simples conhecer para o reconhecer.

Por isso, Sinner (2009, p. 7.18) corrobora com Wolff, ao afirmar que a fé é inclusiva, não tem fronteiras, nem culturas, raças, gênero ou poder econômico.

missão e ecumenismo são duas faces da mesma moeda, não existe igreja sem missão e nem igreja que não procure sua unidade em Cristo. Conforme a imagem do corpo, com seus respectivos dons. A missão visa o mundo, a *oikoumene* (terra habitada), conforme (Mt 24,14).” “Este Evangelho do Reino será pregado pelo mundo inteiro para servir de testemunho a todas as nações” (*oikoumene*) (Sinner 2009, p. 27).

No contexto de missão, os católicos podem se agregar a outras Igrejas e comunidades eclesiais. Assim sendo, todo o planejamento das atividades missionárias propõe o esforço de implementar a cooperação, conforme indica o Diretório Ecumênico, que o testemunho comum já é, por si, missionário. Deste modo, caminha o movimento ecumênico, porque “o fundamento do Batismo e patrimônio da fé nos é comum”. Assim, todos os que são enviados em missão, exorta o diretório para que sejam sensíveis a esta necessidade de cooperação com outros irmãos (Conselho pontifício para a promoção da unidade dos cristãos, 2018, DE n. 205-206). Porque “Ecumenismo e missão se pertencem e inter-relacionam mutuamente” (Francisco, 2022, carta à 11ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas – Karlsruhe Alemanha).

Ademais, o Papa Francisco diz que, diante da imensa multidão que não recebeu o anúncio de Jesus Cristo, urge não ficarmos indiferentes, mas, em espírito fraterno, se faz necessário unir os esforços por uma unidade que facilite a recepção de Jesus Cristo. Assim acrescenta o Papa Francisco: “Os sinais de divisão entre cristãos, em países já dilacerados pela violência, juntam outros motivos de conflito vindos da parte de quem deveria ser um ativo fermento de paz” (Francisco, 2013 n. 246). Assim, ele ainda ressalta, no dia 21 de junho de 2018, na peregrina ecumênica, que:

Missão tem em vista todos os povos, e cada discípulo, para ser tal, deve tornar-se apóstolo, missionário. O Conselho Ecumênico das Igrejas nasceu como instrumento do movimento ecumênico que foi suscitado por um forte apelo à missão: como podem os cristãos evangelizar, se estão divididos entre si?).[]. O mandato missionário, que é mais do que a *diakonia* e a promoção do desenvolvimento humano, não pode ser esquecido nem anulado. Em causa está a nossa identidade. O anúncio do Evangelho até os últimos confins da terra é conatural ao nosso ser de cristãos. Com certeza, a maneira

de exercer a missão varia segundo os tempos e lugares e, perante a tentação – infelizmente habitual de se impor seguindo lógicas mundanas, é preciso lembrar-se de que a Igreja de Cristo cresce por atração (Francisco, 2018, p.1).

Como missão é uma proximidade a todos sem discriminação, urge por parte dos cristãos um sentir a necessidade da cooperação, do testemunho comum, da interação ecumênica nos projetos missionários confessionais. Tal realidade foi a provocação ao grande evento histórico, a Conferência Missionária Internacional, realizada em Edimburgo, em 1910. Participaram 1.200 delegados de 159 sociedades missionárias, marcando, de fato, a origem do movimento ecumênico moderno no mundo. Nessa, as autoridades da denominação cristã católica romana por vezes recusaram o convite para participarem. Assim, compreende-se que a igreja católica por muito tempo teve dificuldade de reconhecer a importância da contribuição missionária das outras denominações cristãs. A esperança de acolhida veio com o Concílio ecumênico Vaticano II (1962-1965).

não desenvolver a dimensão ecumênica da igreja em saída é não possibilitar que a igreja realize a saída de si mesma para “primeirar” no encontro das diferenças que enriquecem a beleza do Evangelho e da graça de Deus no mundo. Sem a ecumenidade da igreja não se desenvolve seu verdadeiro significado eclesiológico (Wolf, 2021, p. 25).

Nessa dimensão ecumênica de uma igreja em “saída”, percebemos alguns sinais de ecumenidade que, no momento, favorecem as igrejas a saírem dos compartimentos estanques e unirem-se nas questões que afligem a humanidade. Esses sinais fazem-nos, então, tomar consciência da comum pertença de todos os batizados à única igreja de Cristo e ao único Povo de Deus que se empenha pela busca e vivência da unidade dos cristãos já não pode mais ser um fato de elite, esta prática cristã deve envolver todos os cristãos (Decreto [...], 1965, UR, n. 5, p. 316), até gerar um estilo de vida cristã que, no respeito às legítimas diversidades, “ultrapasse todas as separações que se incrustaram na história” (Cereti, 2016, p.9).

Ratzinger (2016, p. 432.457) afirma que a realidade cristã, enquanto vai ao encontro dos outros de maneira efetiva e afetiva, está em constante purificação. E a abertura para o mundo, na perspectiva dos textos do Vaticano II, consiste em diálogo e colaboração com todas as pessoas de boa vontade.

c) Missão e diálogo inter- religioso

O conceito de missão no contexto religioso a partir do Concílio Vaticano II e agora assegurado pelo Francisco como igreja em “saída” recebe um aporte mais amplo e envolvente, firmando uma igreja que se considera por sua natureza missionária, cuja missão é de Deus. E graças à vontade salvífica universal de Deus, a salvação vai além da Igreja Católica-Romana. Logo, os três núcleos relevantes para a missão da Igreja destacados pelo Vaticano II são: o trabalho missionário propriamente dito, o diálogo inter-religioso, a colaboração solidária nas grandes questões da humanidade (Ratzinger, 1976, p. 46, apud Suess, 2017, p. 11).

A partir desse ponto, inculturação, libertação e diálogo inter-religioso passam a ser aspectos integrantes da missão. Isto ele faz ao afirmar a missão como envio de Cristo e do Espírito para realizar o plano de Deus para o mundo, levando a boa Notícia de Jesus de maneira dialógica. Assim, as bases teológicas para a missão em diálogo encontram caminhos e novas possibilidades de diálogo firmadas na declaração *Nostra Aetate*, ao partilhar o diálogo com o Islã e o judaísmo. Como também o decreto *Unitatis Redintegratio* a outras comunidades cristãs não católicas.

Por isso, o Conselho Mundial de Igrejas – CMI e o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso – PCDI, por ocasião da Pandemia COVID 19, lançaram um documento conjunto intitulado “Servir a um mundo ferido na solidariedade inter-religiosa. O objetivo do documento é encorajar as igrejas e organizações cristãs a refletirem sobre a importância da solidariedade inter-religiosa em um mundo ferido.

reestruturar projetos e processos de solidariedade inter-religiosa através de uma análise dos projetos em curso e dos existentes, pontos fortes, para estabelecer onde estes ganhariam com o trabalho em cooperação com outras comunidades, organizações ou agências. Reestruturar projetos de uma forma que afirme a diversidade em que nós somos criados. O nosso trabalho só poderá refletir a plenitude da humanidade se resistirmos à tentação de permanecer ‘entre nós’. Servir juntos um mundo ferido torna todos nós vizinhos. A solidariedade ecumênica e inter-religiosa permite aos nossos religiosos, compromisso de se tornar um fator que une, em vez de dividir, pessoas. Quando trabalhamos de mãos dadas com crentes de outras religiões e pessoas de boa vontade, modelamos a paz, a justiça e a interconexão que estão no cerne das nossas convicções de fé (Pontifical Council for Interreligious Dialogue, World Council of Churches, 2020, p.19).

Por isso, para Amaladoss (1995, p. 18), o diálogo inter-religioso é um processo interpessoal entre as várias religiões por meio de símbolos, cultura, língua e

sentimentos, no qual envolve os aspectos pessoal e social. Neste sentido, se Deus é a origem comum e a finalidade de todos os povos, compreender o pluralismo de religiões não é uma questão “caótica”, mas uma construção cujo arquiteto é o próprio Espírito Santo. Assim sendo, o diálogo inter-religioso ainda é algo expressivamente novo na dinâmica das tradições das Igrejas cristãs. Por isso, o Documento Diálogo e Anúncio assim se expressa ao falar do diálogo inter-religioso.

uma justa avaliação das outras tradições religiosas supõe normalmente um estreito contato com elas. Isto implica, além de conhecimentos teóricos, uma experiência prática do diálogo inter-religioso com os seguidores destas tradições. Mas também é verdade que uma correta avaliação teológica destas tradições, pelo menos em termos gerais, permanece sempre um pressuposto necessário para o diálogo inter-religioso. Devemos nos aproximar sensivelmente destas tradições porque encerram valores espirituais e humanos (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA. n 14).

Por isso, o Papa João Paulo II destaca que o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. O compreende como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco. Dado à relevância da missão *ad gentes*, ir aos povos, afirma que o mesmo não contrapõe a atividade missionária da igreja, “pelo contrário, tem laços especiais com ela e constitui uma sua expressão” (João Paulo II, 1990, n. 55.56). Papa Francisco corrobora com João Paulo II ao dizer que:

este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente – como propõem os Bispos da Índia – estar aberto a eles, compartilhando as suas alegrias e penas. Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais. Os esforços à volta dum tema específico podem transformar-se num processo em que, através da escuta do outro, ambas as partes encontram purificação e enriquecimento (Francisco, 2013, n. 250).

Assim sendo, a primeira atitude no diálogo inter-religioso deve ser a de escutar atentamente o outro. Mas para escutar, é necessário ser capaz de fazer silêncio e ouvir com profundo respeito, deixando de lado os preconceitos e desarmando-se de suas concepções teológicas e doutrinárias. Destacaremos três elementos descritos por Wolff (2016, p. 99-103)

- a) **O caráter teológico-espiritual:** isto é, uma vivência que não se baseia apenas no contexto sociocultural ou antropológico, mas no reconhecimento do mesmo espírito, agindo no coração de cada pessoa. Somos um nas diferentes formas de buscar a Deus;
- b) **A espiritualidade do diálogo inter-religioso:** essa forma de espiritualidade desenvolve, naquele que deseja partilhar sua experiência, um intercâmbio de dons manifestado em atitudes de respeito e alteridade. Assim sendo, “o missionário cristão, deixando Deus ser Deus, não leva Deus aos membros das outras religiões, mas partilha com eles suas experiências”.
- c) **Objetivos e formas do diálogo inter-religioso:** um diálogo inter-religioso marcado pela espiritualidade dialogal pretende aprofundar os compromissos religiosos e, ao mesmo tempo, responder aos apelos de Deus e ao dom gratuito que ele faz a cada pessoa. Portanto, mais do que relacionamento, é aprofundamento de fé em uma caminhada conjunta como apelo do próprio Deus.

Por esta razão, com a presença de tantos missionários em territórios onde o cristianismo não tem predominância, percebe-se progresso na compreensão recíproca e na cooperação ativa. O diálogo também teve um impacto positivo sobre a própria Igreja Católica, como também outras religiões foram levadas através do diálogo à renovação e a uma maior abertura. O diálogo inter-religioso permitiu à Igreja compartilhar com outros os valores evangélicos (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA. n. 53-54). É por isto que, apesar das dificuldades, com o Papa Francisco, o empenho da Igreja no diálogo se mantém firme e irreversível.

Assim, para a construção de um diálogo inter-religioso autêntico, se supõe o reconhecimento dos valores do pluralismo religioso, o qual se desdobra na acolhida do desígnio misterioso de Deus. Mesmo sendo uma realidade relativamente recente nas relações entre as tradições religiosas, o diálogo inter-religioso cada vez mais se torna expressivo nos tempos modernos (Teixeira, 2008, p. 128-129).

Contudo, o teólogo. Paul F. Knitter, de forma curiosa, diz: “o diálogo precisa ter limites”. São poucos os missionários que consideram que tanto o anúncio quanto o diálogo são componentes essenciais da tarefa missionária, no final da tarefa ainda o que fica é a prioridade permanente “Jesus” (Kenitter, 2008, p.141)

- .d) **Missão e Casa Comum:** Papa Francisco reconhece a mãe terra como pobre, oprimida, devastada e abandonada (Bíblia de Jerusalém, 2002, Romanos, 8,

22, p. 1980; Francisco, 2015, n.2). A casa comum é a “boa mãe” que a todos acolhe e com ela partilhamos nossa existência. Portanto, o serviço missionário também se sustenta pela missão no compromisso libertador junto a Casa comum. Assim o cuidado com a casa comum também a missão até os confins do mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 1, 8, p. 1900).

Por isso sua insistência ao afirmar que “o meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (Francisco, 2015, n. 01. 95).

estamos vivendo um momento crucial para a continuidade da vida no planeta. Maltratada e saqueada, a criação se lamenta e os seus gemidos se unem aos de todos os abandonados. Os pobres são os que mais sofrem as consequências da degradação socioambiental. O Papa Francisco convida a ouvi-los, exortando todos, sem exceção, a um “novo estilo de vida”, a uma ‘conversão ecológica’. É urgente “mudar de rumo”, assumindo a responsabilidade do “cuidado da Casa Comum”. A mudança de relações e de hábitos possibilita enfrentar a questão climática e ecológica. A missão da Igreja no mundo precisa ser orientada para essa finalidade (POM, 2016, p. 11).

Portanto uma Igreja em saída missionária, é também uma Igreja que ama e protege a criação. Pelo processo de encarnação vive sua missão em defesa da Criação promovendo relações de fraternidade por meio do bem viver quebrando qualquer relação de autorreferencialidade na constante preocupação com o outro. Neste sentido, “cuidado com a casa comum não é mais uma moda passageira ou uma opção que pode ou não ser feita. É uma parte essencial da nossa condição de cristãos” (CELAM, 2018, n. 15.134, tradução nossa).

Neste cuidado missionário da casa comum duas campanhas missionárias são realizadas no Brasil por meio das Pontificais Obras missionárias (POM). Em 2011, “Missão e Ecologia” teve como lema “A misericórdia de Deus é para todo ser vivo” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Eclesiástico, 18,12b, p.1170) e, em 2016, com o tema: “Cuidar da Casa Comum é nossa missão”, tendo como texto bíblico iluminador “Deus viu que tudo era muito bom” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 1, 31, p. 33) que a revela a admiração do Criador pela criação (POM, 2016, p. 5).

Assim sendo, em nossa Casa Comum, tudo está interligado, unido por laços invisíveis, como uma única família universal. Por isso que ele a todos estende o questionamento: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem nos suceder, às crianças que estão crescendo?” (Francisco, 2015, n.160). O Papa Francisco insiste

que “a existência humana se baseia sobre três relações intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (Francisco, 2015, n. 66).

nessa preocupação de Francisco se faz menos apelo à fulminação ambiental do que a um trabalho de inserção no coração do mundo, onde as opções de caráter ecológico podem ser incorporadas à decisão coletiva. Verifica-se aí uma modalidade ético-teológica inteiramente nova. Ela exige de todos nós uma familiaridade maior com o dom precioso de nossa ação, com o que podemos fazer de melhor em nossa relação com o outro. Da ideia e uma antropologia integral, sugerida por Francisco, emana-nos a possibilidade de experimentarmos um profundo aprendizado desse regime de opção coletiva e ecológica (Xavier, 2016, p.93).

Por isso, urge unir toda família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral com processo de proteção a casa comum. Assim, “todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades (Francisco, 2015, n. 13.14). Wolff, (2018, p. 120) ressalta que a Igreja em sua missão evangelizadora não pode se esquivar da busca de consciência dos vários fatores que a cada momento ameaçam a *Oikoumene*, ou seja, a casa comum. Entretanto, ele destaca o desequilíbrio nas forças que mantêm a vida. A poluição do ar, o desaparecimento da biodiversidade a crise ecológica. Esta crise tem sua origem nas questões éticas, antropológicas espirituais do atual contexto social.

A missão enquanto cuidado com a casa comum, tem sua vivência por meio de tantos missionários e missionárias que fizeram e fazem de sua vida uma ação missionária em defesa de uma ecologia integral. Entre tantos destacamos, a vida de Irmã Dorothy, Stang, religiosa da Congregação *Notre Dame* de Namur. Ela foi um destas testemunhas que por 40 anos em terras brasileiras “viveu uma intensa luta pelo direito à terra dos camponeses e pela preservação da floresta Amazônica. Chico Mendes, ambientalista, sindicalista, ativista político e seringueiro. Militante da conservação do meio ambiente, assassinado em 1988 por donos de terras opositores à sua luta.

O Missionário comboniano, Padre Ezequiel Ramin, ordenado na Itália e enviado ao Brasil em 1980 para assumir o trabalho em Cacoal (RO), a 480 quilômetros da capital Porto Velho, na defesa dos indígenas e trabalhadores rurais sem terra. Aos 32 anos, foi assassinado em 1985, na Amazônia brasileira, quando voltava de uma missão de paz. Irmã Cleusa Coelho, agostiniana, aos 52 morreu em defesa da terra indígena e buscando a paz, os direitos dos mais pobres e a defesa dos direitos

indígenas. Neste contexto de vida doada e tombada o documento de Santarém de 2022 sublinha:

a referência aos mártires é, ao mesmo tempo, um louvor orante e uma denúncia aos níveis de violência a que chegam os enfrentamentos nos territórios amazônicos. Quanto mais irmãos e irmãs tombam por causa do Reino, mais a Igreja tem a consciência de estar sendo fiel à missão recebida e vivenciando com radicalidade seu processo de encarnação na realidade e evangelização libertadora (Documento de Santarém, 2022, n. 34).

A conferência Nacional dos bispos do Brasil (CNBB) em suas diretrizes Gerais da Ação evangelizadora (2011-2015) demonstra a sua insistente preocupação com missão do cuidado da casa comum recordando que:

importante campo de ação, hoje, é educar para a preservação da natureza e o cuidado com a ecologia humana, através de atitudes que respeitem a biodiversidade e de ações que zelem pelo meio-ambiente. Entre essas ações, destaca-se a preservação da água, patrimônio da humanidade, evitando sua privatização; do solo, combatendo o problema do lixo e da utilização de agrotóxicos; e do ar, especialmente atentos à questão da emissão de gases poluentes. O esforço por maior crescimento econômico deve ser orientado para o desenvolvimento sustentável (CNBB, 2011, n. 122).

Portanto o meio ambiente é um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a sobrevivência à toda criatura (Francisco, 2015, n. 95). Por conseguinte, diante dos mais diversos desafios que afligem a casa comum o Papa Francisco indica a necessidade de uma eficiente cooperação global com regras universais para enfrentar os desafios ambientais, sanitários, culturais e sociais (Francisco, 2023, n. 42).

Concluimos esta seção sobre missão no magistério do Papa Francisco, compreendendo que o anúncio em 13 de março de 2013, no segundo dia do conclave, marcado pela ascensão da fumaça branca, trouxe uma nova era de esperança e renovação missionária para a Igreja e o mundo. Demostramos assim que o Pontificado do Papa Francisco vem cada vez mais infundindo um novo vigor missionário na Igreja, tanto no âmbito interno como externo.

Diante do exposto, reconhecemos, cada vez mais, que o Papa Francisco surpreende a Igreja e o mundo com propostas de abordagem inclusiva, compassiva e dialógica. Obviamente, a pesquisa aponta que não se trata de procurar mudanças por si, porém urge ter convicções. E que, pela “Igreja em saída” em chave missionária,

dar-se-ão as mudanças de paradigma. A partir de uma episteme que considere a conjuntura contextual, enquanto peregrinos, de forma autêntica, realizar a construção do Reino de Deus meta da missão da Igreja.

Se faz necessário a compreensão de que, enquanto discípulos de Jesus, somos chamados e enviados a proclamar a Alegria do Evangelho, não por proselitismo, mas por atração, com atitudes de abertura, diálogo e disponibilidade e também com gestos de solidariedade até os confins do mundo. A “Igreja em saída” iluminada pelas experiências bíblicas do Deus libertador, do Deus do êxodo e do caminho que, ao aproximar de seu povo, arma sua tenda no meio de nós, fazendo-se Deus conosco, chega ao extremo da humilhação para dialogar. Como nos diz Dom Pedro Casaldáliga, “a missão se desenvolve na rua, ali onde as pessoas decidem seus destinos” (Casaldáliga, 1993, p. 16).

Como o teólogo Carlos Maria Galli, também concluímos que: “O projeto do Papa Francisco pode ser resumido em duas frases: sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo em chave missionária (Francisco, 2013, n.27) e a saída missionária é o paradigma de toda a Igreja” (Francisco, 2013, n. 15; Galli, 2017, p. 113). Todavia, “antes de tudo, é necessário redescobrir e encorajar o zelo apostólico e um maior empenho missionário. Ter a coragem de propor o Evangelho como modelo de 'vida verdadeira', segundo o que Deus propôs aos homens e mulheres em Cristo” (Matarazzo, 2012, p. 27).

O sentido da missão no ser e agir do Papa Francisco reflete que, mesmo diante das crises e da urgente reforma, vê-se a revitalização da fé impulsionada pela esperança de uma evangelização cujo foco é a pessoa de Jesus. Trata-se de uma Igreja pobre com os pobres, servidora, misericordiosa e sensível às dores que afligem a casa comum.

Nestes tempos, o impulso missionário caminha sob as esteiras do Concílio Vaticano II que assegura a verdadeira identidade da Igreja, o ser missionária. De forma dialógica, o Papa Francisco aponta caminhos transformadores por atitudes de misericórdia, compaixão e cuidado com a casa comum. Assim, com raízes na teologia do povo, enfatiza-se um novo tempo na igreja, cujo perfil missionário é uma Igreja em saída para ouvir os clamores da humanidade.

Os âmbitos da missão levam a concluir que a presente evangelização tanto *ad intra* quanto *ad extra* se dá pelos princípios geradores de comunhão por meio das estruturas paroquiais, dioceses, no testemunho de sinodalidade da missão dos leigos

e na intensa cooperação das mulheres na evangelização. Assimilamos que a missão da Igreja, conforme o Papa Francisco, é um olhar para além de si no compromisso com a sociedade, a cultura, a política, a economia. Assegura-se, portanto, uma missão mística, uma missão com o diálogo inter-religiosos e a missão na proteção da criação, nossa casa comum.

4 MISSÃO NO CONTEXTO DA CULTURA DO ENCONTRO E DO DIÁLOGO

O objetivo da seção que segue é pesquisar a Missão no contexto da cultura do encontro e do diálogo. A ideia da investigação é apresentar o diálogo, elemento essencial da missão e primordial no processo de evangelização da comunidade eclesial. Neste contexto, discutiremos a ação missionária fundamentada no diálogo e na compreensão hermenêutica, considerando a arte do anúncio. Segundo o documento “Diálogo e anúncio”, o diálogo não é apenas interpretativo e antropológico, mas principalmente teológico, pois Deus é diálogo de salvação. Jesus, o missionário do Pai, é o protótipo desta missão, anunciando o Reino de forma dialógica.

Considerando que para o anúncio do evangelho as interconexões entre missão e diálogo são decisivas. Porque a missão em diálogo é holística e não dicotômica. Diálogo e missão são necessariamente subordinados reciprocamente.

Compreender a emblemática expressão da cultura do encontro por meio da proximidade e do método do diálogo é abrir novos horizontes ativos de comunhão eclesial. Pela escuta ativa e no respeito às experiências do interlocutor na diversidade de seu contexto cultural, a evangelização se faz presente como sinal do Reino de Deus. O Papa Francisco assegura este modo de evangelizar ao apresentar por 56 vezes o processo dialógico na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013).

Neste sentido, o conteúdo pesquisado buscará expor o diálogo com seus significados e desafios a partir das contribuições dos ensinamentos teológicos do Papa Francisco no seguimento do magistério do Concílio Vaticano II e seus antecessores. Nas subseções que seguem, se buscará apontar para um futuro de esperança, sobretudo no que se refere aos aspectos da estrutura eclesial, justiça social, de ecologia integral, do bem-viver, em relações fraternas, ecumênicas e inter-religiosas.

Exploraremos os conceitos e desafios inerentes ao diálogo, tal como delineados pelo magistério do Papa Francisco, cujo pontificado é distintamente marcado pelo diálogo. A investigação inicial concentra-se na cultura do encontro, do método, do diálogo e do discernimento. O método do diálogo foi escolhido pelo Papa Francisco, para promover a cultura do encontro e do diálogo, tanto dentro quanto fora das estruturas eclesiais. Considerando que o diálogo constitui a essência do Evangelho proclamado, conforme expresso por João Paulo II: “diálogo é salvação” (João Paulo II, 1995, UUS, n. 35).

No que tange ao diálogo como método e conteúdo da missão, a pesquisa delineará no contexto de cooperação entre as igrejas-irmãs como proximidade e ajuda mútua na evangelização. Trata-se de um árduo e desafiador projeto missionário abraçado pela igreja do Brasil desde 1972. Também consideraremos, neste contexto, missão como cooperação ecumênica e inter-religiosa enquanto proposta de uma igreja missionária que, em comunhão com outras denominações cristãs, busca a unidade por meio de ações missionárias concretas.

Finalmente, na última subseção, exporemos o diálogo como método e conteúdo da missão. Num mundo plural e diverso, a missão só será possível pela perspectiva ecumênica em diálogo, evitando qualquer tipo de relativismo, indiferentismo e sincretismo. “Uma atitude de abertura, na verdade, e no amor, deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs” (Francisco, 2013, n.251).

4.1 INTERCONEXÕES ENTRE MISSÃO E DIÁLOGO

Missão e diálogo é um binômio inseparável no contexto missionário. Por isso que Amalados (2000, p. 22–23) afirma que, na missão, “a pessoa não proclama em um momento e dialoga no outro porque a proclamação e o diálogo se tornam uma conversa om o mesmo elemento de uma única relação”. Assim sendo, o diálogo para o anúncio do evangelho é decisivo porque a missão em diálogo é holística e não dicotômica. Diálogo e missão são necessariamente subordinados reciprocamente. “Na vida se encontram juntos, porque a proclamação é dialógica”.

No dinamismo da missão, até mesmo na Boa Nova de Jesus Cristo, ~~se~~ leva-se em conta a atividade do Espírito no outro, isto é, sua liberdade e seu contexto existencial. Logo, a missão baseada pelo método do diálogo envolve sensibilidade ao contexto, testemunho e convicções de fé. Para Wolff (2018), a proposta dialógica da missão faz parte da concepção que o Papa Francisco tem do que é para ele é missão. É importante ressaltar que a missão não acontece no vácuo, mas

[...] entre diferentes sujeitos, pessoal comunidade, povos cultura, igreja e religiões. Ela se se realiza num mundo plural que exige uma igreja concebida de também ela numa saída pluralidade tanto na sua organização interna como externa. A missão em num mundo plural, a Igreja propõe o evangelho, não impõe, o que exige diálogo com outras ofertas de sentido para a vida (Wolff, 2018, p. 17).

Os teólogos, ao abordarem sobre a interconexão entre missão e diálogo, descrevem a importância da missão em diálogo como uma abordagem para uma compreensão comunicativa da missão, assim eles dizem que:

[...] o diálogo como forma de comunicação indica uma atitude séria e conversa significativa entre duas partes com base na igualdade. Um diálogo deriva sua vitalidade da natureza mútua da afirmação e resposta. Consiste numa troca de argumentos, experiências e pontos de vista. Tem como objetivo compreender, esclarecer e consenso. Um diálogo pode perseguir diferentes objetivos: Pode ajudar as pessoas conhecerem uns aos outros ou pode ser um instrumento útil para resolver problemas sociais numa sociedade pluralista (Krämer and Vellguth, 2012, p.3, tradução nossa).

Inovada a postura evangélica e eclesial através do método dialógico, o(a) enviado(a) descobre Deus presente na vida das pessoas. E, mediante o método dialogal, método considerado pelo Vaticano II, insere-se na realidade, ouvindo e respeitando as experiências históricas do interlocutor. Nesse sentido, a prática missionária culmina em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus, fonte da missão. “Como a evangelização é um processo complexo, o método do diálogo contribuirá para a realização desta missão de forma eficaz” (Dupuis, 1999, p. 495).

Assim, a perspectiva dessa inovada postura evangélica e eclesial não é mais a luta contra o erro e o uso da severidade, mas uma igreja que prefere usar medicina da misericórdia (Kloppenburger, 1969, p. 8). Tal atitude não é um caminho opcional, mas sim exigência da sua fidelidade àquele que a iniciou, ou seja, um caminho irrenunciável e aberto à esperança, uma responsabilidade que é de todos.

Wolff (2018, p.7) afirma que, se a Igreja não dialogar, estará consequentemente colocando em risco sua missão de estar a serviço do Reino de Deus. Além disso, por sua natureza, ela é chamada à comunhão, participação e missão, sendo assim “dialogar é uma exigência *ad intra* na Igreja”, porém, para o bom desenvolvimento de sua missão, é também uma exigência *ad extra*. Neste sentido, o diálogo para a missão da Igreja é mais que método. Ele é conteúdo do evangelho pregado. Conforme afirma João Paulo II, na carta Encíclica *Ut Unum Sint*, “diálogo é salvação” (João Paulo II, 1995, n. 35).

Deste modo, a proposta é uma eclesiologia dialógica, considerando posturas *Ad intra*, isto é, uma relação dialógica com a hierarquia, ministérios e fiéis. Também,

uma relação dialógica *Ad extra*, revela a opção da Igreja conciliar expressa na superação das tendências autorreferenciais para uma Igreja vocacionada ao diálogo.

Desta maneira, a Igreja em missão, conduzida pelo Espírito, através da história, em diálogo, é vocacionada a ser continuadora da missão de Cristo enviado para evangelizar os pobres (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 4,18, p.1795). Pela inculturação, no contexto real em que se vive, através do diálogo, o “método mais aconselhável”, o missionário, faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio (Francisco, 2013, n. 5; Paulo VI, 1964, n. 38).

Assim como o Verbo de Deus se fez homem, assim é necessário que nós nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo, é preciso tomarmos, sem distância de privilégios ou diafragmas de linguagem incompreensível, os hábitos comuns, contanto que estes sejam humanos e honestos, sobretudo os hábitos dos mais pequenos, se queremos ser ouvidos e compreendidos. É necessário, ainda antes de falar, auscultar a voz e mesmo o coração do homem, compreendê-lo e, na medida do possível, respeitá-lo. E quando merece, devemos fazer-lhe a vontade [...]. O clima do diálogo é a amizade; segundo o exemplo e o preceito que Cristo nos deixou (cf. Jo 13,14-17) (Paulo VI, 1964, n. 49).

Neste sentido, temos consciência de que falamos de diálogo, temos o conhecimento de nossa vocação missionária, cujo objetivo é acima de tudo proclamar a Boa Nova de Jesus. Além disso, com ela testemunhamos a promoção de uma vida reconciliada, dialogante em defesa da vida e da paz como sinal do Reino de Deus. Por outro lado, falamos de missão em diálogo, mas ainda temos muitas atitudes incoerentes quando se trata de dialogar. Ainda temos uma forte imagem de missão colonizadora. Nos falta a humildade de nossas próprias percepções e fraquezas.

Klaus Krämer e Klaus Vellguth (2012, p. 14) dizem que uma missão percebida dialogicamente deve opor-se a qualquer forma de atitudes fundamentalistas. Indiferença hostil com opiniões divergentes é tão pouco conciliável com uma atitude dialógica como também agressiva com métodos missionários ou o uso da força para converter outros. Apesar de tudo, as diferenças legítimas são o direito básico de cada indivíduo e devem ser respeitadas a sua convicção da reivindicação mais elevada da sua religião à verdade.

Portanto, no ato de missionar, não deve haver divisões destrutivas e desrespeitosas entre religiões e nenhuma violência contra os dissidentes, nenhuma exploração unilateral de uma situação de fato, posição de poder em relação às

minorias. Além disso, sem métodos dissimulados à custa de outras religiões e, acima de tudo, nenhuma instrumentalização indevida de sentimentos religiosos.

Assim sendo, a partir do que é constitutivo ao ser humano, a saber, a vivência de relações fraternas e interpessoais mediatizada pela relação eu-tu. Como nos pede o Papa Francisco: “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno” (Francisco, 2013, n. 101). Brighenti (1998, p. 69) afirma que o início de um processo de diálogo se move preponderantemente pelas relações e pelo afeto. Wolff (2016, p. 181) também ressalta que “o verdadeiro encontro interpessoal se dá no espírito que move as pessoas que se encontram”. Não obstante as diferenças, o ser humano, através de sua interioridade, relacionar-se-á com o outro, pelo respeito mútuo, nos espaços de acolhida, no reconhecimento e valorização mútua, e sobretudo na reciprocidade dialogante.

O Papa João Paulo II corrobora com este pensamento ao reafirmar que a atitude de diálogo é uma passagem obrigatória para a autorrealização da pessoa, na qual já contém em si uma dimensão existencial. Ele conduz os interlocutores a um sincero espírito de caridade fraterna, respeito, humildade e amor à verdade. Portanto, na missão, o diálogo não somente foi iniciado, mas se tornou uma necessidade a ser aprimorada (João Paulo II, 1995, n. n.31). Desta forma a missão em diálogo nos liberta de nossos gabinetes e nos leva a descobrir elementos importantes da vida que merecem nosso maior compromisso enquanto cristãos (Córdova, 2014, p. 53.73).

Neste sentido, esse modo relacional será expresso muito mais pela vivência recíproca existencial do que pelas expressões de verdade e conhecimentos intelectuais. Neste horizonte, a missão vem consolidada, permeada pela percepção de uma ação missionária, cujas atitudes estão comprometidas pela dimensão de um comportamento relacional, interpessoal, na valorização das intersubjetividades. Tais comportamentos implicam atenção, respeito e acolhimento no que tange nas relações interpessoais sobre as diferentes diversidades pelo qual somos chamados a conviver e a dialogar. Com essas novas atitudes, “o diálogo torna-se, assim, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca” (Secretariado para os Não-Cristãos, 1984, DM, n. 43).

A missão tem então uma dimensão comunitária: viver e agir em comunhão. “Vede como eles se amam”. É uma vivência relacional que não exclui ninguém, mas através da inter-relação, cativa, atrai. O próprio testemunho torna a cooperação na missão de Deus. Assim, a experiência inter relacional implica um método, um modo

de agir. Compreende-se então que missão é um compromisso comunitário, que não se faz de modo individualista, isolado, mas em “um só coração e uma só alma” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos. 4,32, p.1908). Diante disso,

[...] urge desenvolver uma identidade relacional, na qual construo a minha verdade interagindo com a verdade do outro. Posso oferecer e receber algo, num mútuo enriquecimento das verdades identitárias. O diálogo torna-se, então, autoritativo na afirmação da verdade (Wolff, 2023, 110).

Por conseguinte, acentua-se então a valorização da dialogicidade na relação interpessoal, no conjunto de toda e qualquer ação missionária. O pensamento de Freire (1987, p. 30.51), em sua obra *Pedagogia do oprimido*, auxilia-nos, ao descrever que o “diálogo fenomenica e historiciza a essencial intersubjetividade humana. E ainda assegura, ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta”. Trata-se de um diálogo autêntico que leva em consideração as intersubjetividades, ou seja, deixar-se transformar pelo encontro, pelo diferente, com sincera disposição para receber e aprender com o outro. “Os dialogantes admiram um mesmo mundo” (Freire, 1987, p.11).

O anúncio e o diálogo são dois caminhos no qual “todos os cristãos são chamados a estar pessoalmente empenhados para cumprir a missão única da Igreja, (Pontifício Conselho, para o Diálogo inter-religioso,1996, DA n. 82). O anúncio do Evangelho é uma mensagem necessária e única. Portanto, não é uma ação facultativa para a Igreja; é um dever que lhe foi incumbido através do mandato do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, o missionário do Pai, enviado ao mundo para que todos tenham vida e vida em abundância (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 10,10, p.1869;(Francisco, 2013, n. 165; Paulo VI,1975, n. 5).

Por se tratar de uma mensagem de salvação para toda a humanidade, o anúncio do evangelho não permite indiferença, sincretismo ou acomodações. A mensagem da salvação é de extrema importância e deve ser compartilhada com zelo e dedicação. Afinal, é uma oferta de esperança e vida eterna para todos aqueles que creem.

Neste sentido, o documento “Diálogo e Anúncio” explicita que uma fé frágil e fragmentada pode constituir um obstáculo na dialogicidade do anúncio do evangelho. Conforme o próprio documento afirma: são obstáculos ao diálogo que requerem muita paciência (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA n. 53). Irmão Nery (2013, p. 55), por sua vez, afirma que “o maior desafio atualmente, no contexto

do anúncio da fé, consiste em viver e compartilhar a fé cristã em um mundo cada vez mais secularizado e plural”.

A fragilidade da fé manifesta-se como se Deus não existisse, e gradualmente essa filosofia se enraíza sem que percebamos. O Papa Paulo VI também reconhece que as situações de descristianização estão em constante crescimento. Muitos homens e mulheres receberam o batismo, mas vivem à margem da vida cristã. Essa fé, exposta a provações e ameaças, corre o risco de definhar, especialmente quando confrontada com o secularismo.

Portanto, trata-se de uma fé que pode morrer por asfixia ou inanição se não for alimentada e sustentada diariamente (Paulo VI, 1975, n. 52; 54). Diante dessa fé frágil, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, aponta alguns fatores críticos: o distanciamento, a falta de relacionamento com o próximo, a ausência de compromisso com o mundo e a falta de paixão pela evangelização. Esses comportamentos contribuem para o declínio do fervor, a crise de identidade cristã e o acentuado individualismo. Essa debilidade afeta a missão (Francisco, 2013, n.78-79). Como afirmou Ratzinger (2007, apud Francisco, 2013, n. 83), “a fé vai se deteriorando e se degenerando na mesquinhez”.

Francisco ainda observa que essa fé desenvolve uma “psicologia do túmulo” (Francisco, 2013, n. 83). É uma fé que nos leva ao círculo confortável dos íntimos, vivenciando um Cristo sem carne e cruz, com relacionamentos mediados apenas por artefatos. Por outro lado, para uma vivência positiva da fé, Francisco destaca que a verdadeira fé nos conduz ao encontro com o rosto do outro, estando lado a lado na comunidade. Além disso, “com presença física, devemos estar atentos às interpelações dos sofrimentos humanos” (Francisco, 2013, n. 88).

Nesse contexto, Andrès Torres Queiruga também enfatiza que a missão não se trata de uma universalidade de conquista, na qual a revelação está concentrada exclusivamente em uma tradição bíblica. Essas abordagens são maneiras de combater a terrível tentação do exclusivismo cristão, “que já deveria ter sido sepultado e esquecido” (Queiruga, 2007, p. 69). Considerando que a missão em diálogo e a convivência com outras religiões não estão restritas aos especialistas e não levam à traição da fé. Queiruga (2007, p. 140) disserta da seguinte forma:

O diálogo não é, portanto, um capricho, mas constitui uma condição intrínseca da verdade, porque não é possível aproximar-se sozinhos, fechados nos egoísmos dos próprios limites, da riqueza infinita da oferta

divina. Unicamente todos juntos, dando e recebendo, num contínuo intercambio de descobertas e experiência, de crítica e enriquecimentos mútuos, vai-se construindo na história à revelação salvífica.

De acordo com Sinner (2007, p. 130), “o diálogo implica uma postura própria e uma atitude de abertura em relação ao outro”. Nesse contexto, somos capazes de compreender a fé do outro e da outra. Além disso, na confiança de um Deus que deseja salvar a todos, reconhecemos que na convivência e na interação podemos aprender com os outros. Reafirmamos a relevância da hermenêutica da confiança, através da qual nos auxiliamos mutuamente, especialmente no conhecimento de Deus e do nosso lugar no mundo.

Todo diálogo exige compromisso com a própria convicção e, ao mesmo tempo, transformação de posturas para o exercício da escuta acolhedora. Um diálogo autêntico pressupõe encontros humanos marcados pela alteridade, com capacidade de conviver com as inquietações próprias deste caminhar. Assim, “para o diálogo, é indispensável colocar para conversar aqueles que compõem o coletivo” (Ribeiro, 2018, p. 71).

Essa convicção está fortemente afirmada também no documento *Diálogo e Missão*, que entende a missão da Igreja como um processo constituído por cinco passos: presença e testemunho, serviço de promoção humana, vida litúrgica/espiritual, diálogo e anúncio/catequese. Nesse contexto, o diálogo é ‘uma atitude e um espírito’, e por isso ‘a norma e o estilo necessário de toda a missão cristã’. Na mesma direção segue o documento *Diálogo e Anúncio*, afirmando que ‘o diálogo inter-religioso e o anúncio, embora não no mesmo nível, são elementos autênticos da missão evangelizadora da Igreja. São legítimos e necessários’ (Wolff, 2023, p. 128).

Como então realizar estes passos? O Papa Paulo VI dirige à Igreja o modo como este anúncio deve ser feito: “de maneira progressiva e paciente e com exímio respeito àqueles que escutam a mensagem, como também respeito a liberdade e a lentidão no acreditar” (Paulo VI, 1975, n. 79). Neste sentido, o Documento pontifício “*Diálogo e Anúncio*” busca, no Evangelho e no magistério do Papa Paulo VI, as qualidades necessárias para quem tem em vista cumprir o dever de evangelizar. São elas:

a) Confiante no poder do Espírito e obediente ao mandato recebido do Senhor. (EN16). **b)** Fiel na transmissão do ensinamento recebido de Cristo e conservado na Igreja, depositária da Boa Nova a anunciar (cf. EN 15). “A fidelidade a uma mensagem da qual nós somos servidores. ‘Evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente

eclesial' (EN 60). **c)** Humilde, porque consciente de que a plenitude da revelação em Jesus Cristo foi recebida como dom gratuito, e que os mensageiros do Evangelho nem sempre estão plenamente à altura das suas exigências. **d)** Respeitoso da presença e da ação do Espírito de Deus nos corações daqueles que escutam a mensagem, reconhecendo que o Espírito é 'o agente principal de evangelização' (EN 75). **e)** Dialogador, dado que no anúncio aquele que escuta a Palavra não é um ouvinte passivo. Existe um progresso dos 'germes do Verbo', já presentes em quem escuta, para o mistério pleno da salvação em Jesus Cristo (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 70).

Essas características apontam para uma transformação na concretização da *missio-Dei*. Anteriormente, essa missão consistia em convidar as pessoas a se tornarem discípulas de Jesus na Igreja. Agora, surge a pergunta: como abordar a natureza e os métodos do anúncio? Há dois extremos a considerar: 1) Anúncio explícito: Pode-se correr o risco de realizar o anúncio do Evangelho de forma explícita, confiando apenas no poder da Palavra e propondo um conjunto de doutrinas e instituições intrinsecamente boas.

No entanto, isso pode resultar em permanecer alheio às próprias pessoas a quem se dirige. 2) Atenção à realidade concreta: podemos estar mais atentos à realidade concreta dos povos que recebem o anúncio. Feitas essas considerações, é possível perceber que existe o risco oposto de suavizar o anúncio da Palavra que deixamos de proclamar explicitamente Jesus Cristo. É importante encontrar um equilíbrio entre essas abordagens para uma missão eficaz e relevante. Devemos ser sensíveis à cultura e às necessidades das pessoas, mas também ousados em proclamar a mensagem central do Evangelho: "Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor" (Lafont, 2017, p. 3).

Conforme afirma o teólogo José Comblin:

Pode-se arriscar repetir os mesmos métodos já utilizados no anúncio, que cuja ideia central era salvar as almas, reproduzindo assim em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu. Civilizar era a outra ideia principal da época, integrada ao colonialismo com intuito de civilizar os povos que não eram europeus (Comblin, 2005, p. 22).

O teólogo e missiólogo Paulo Suess, na obra *La nueva evangelizacion* Desafios históricos y pautas culturales, escreve que:

os missionários adquiriram séculos de experiência e autoridade missionária e universitária na defesa da fé e na propagação da verdade na Europa, inclusive no campo da Inquisição, quando chegaram a Hispaniola (atual Haiti e República Dominicana) em 1510. A prática missionária de um único ano foi

suficiente para que os dominicanos chegassem à conclusão de que a justiça com os índios faz parte da verdade catequética. O pecador do 'novo mundo' não é o pagão indígena, mas o colonizador cristão: 'Todos vocês estão em pecado mortal', diz Antonio de Montesinos em seu sermão profético no quarto domingo do Advento de 1511. O pregador se considera uma 'voz que clama' no deserto (Is 40, 3; Mt 3, 3) (Suess, 1993, p.14).

Converter era Missão. A missão era entendida como evangelização, o que significava conversão. Mas o que evangelização realmente significa? Provavelmente, ela é mais bem descrita naquela frase de efeito do inesquecível D.T. Niles (Sri Lanka): "Evangelismo não é um programa, é ser cristão" ⁸ (Rüppell, 2010, p.3)⁹. Também vale aqui ressaltar o que o professor Prof. Dr. Gert Rüppell escreve sobre a missão dos europeus em terras Indianas], ou seja,

a relação entre os Missionários Europeus e os trabalhadores Indianos está longe do que era. Deveria ser, e que um certo distanciamento, uma falta de compreensão mútua e de abertura, uma grande falta de relações francas e amizade existe em todo o país... Através de todas as eras vindouras a Igreja Indiana se levantará em gratidão para atestar o heroísmo e o trabalho abnegado do Corpo missionário. Você deu seus bens para alimentar os pobres. Vocês deram seus corpos para serem queimados. Também pedimos amor, dê-nos amigos (Rüppel 2010, p. 1, tradução nossa).

Por sua vez, o Padre Dr. Klaus Kramer, diretor nacional das Pontifícias Obras Missionárias da Alemanha, diz que:

desde o início da era moderna, o conceito de missão tem sido usado como um termo técnico para a difusão da fé cristã entre não-cristãos. Neste sentido, também pode ser estendido a atividades por parte de outras religiões. A definição do conceito de missão pode ser reduzida a cinco elementos: (1) um procedimento planejado, metódico e organizado; (2) uma intenção conquistar o Outro para a própria fé; (3) uma tentativa de persuadir outros a juntarem-se à sua própria comunidade religiosa; (4) uma convicção da verdade da própria fé; e (5) uma convicção de que a aceitação também está em o interesse objetivo da pessoa a ser convertido (Krämer, 2012, p.4, tradução nossa).

Por isso, a teóloga reformada Chistine Lienemann-Perrin dá-nos o aporte relevante de que: "O tema da conversão não tem espaço no encontro com pessoas de outras crenças, pois o diálogo só seria possível com a desistência da conversão" (Lienemann-Perrin, 2005, p. 72). Como sublinhou Michel Amaladoss, um dos teólogos jesuítas indianos que desenvolve a temática missão como um apelo à conversão, essa

⁸ "Evangelism is not a program, it is being a Christian"

⁹ Prof. Dr. Gert Rüppell Universidade de Bielefeld - Research Interests Ecumenical Theology / Ethics, Ecumenical History, Missiology, Inter-religious Dialogue, Ecumenical and Inter-cultural Formation

temática é “uma interpelação de mudança, um convite a vivência do Reino de Deus, uma exortação a entrar no dinamismo criativo da ação de Deus no mundo, fazendo novas todas as coisas” (Amaladoss, 1995, p. 298).

O apelo é que as pessoas enviadas em missão façam uma avaliação dos métodos e das maneiras de fazer missão. Daí a importância de um sério exame de consciência, comparando os métodos anteriores empregados à missão com a proposta dos atuais métodos hoje propostos pelo Vaticano. Um deles é que seja evitado todo e qualquer método e expressão “europeísmo” no ambiente missionário (Ratzinger, 2016, p. 466). O teólogo Claus klaus krämer, levando em consideração a missão em diálogo, aponta algumas possíveis atitudes aos que são enviados em missão. Segundo ele,

os missionários, que vão à missão não vão converter. Eles não vão proselitizar. Eles também não vão ‘ensinar’. Eles estão dispostos a ouvir as outras religiões, aprender com suas riquezas ocultas, e nelas experimentar Deus. Vão, não apenas para se inculturar (em vez de não cultivar e aculturar as pessoas que são objeto de sua ação missionária), mas a “inreligion”, encarnar em sua cultura e religião, e experimentar Deus também através dessa religião. O ‘Diálogo’, então, é interação, ida e volta, eu te dou para que você me dê, eu pego e eu te dou, eu me dou e também aceito. A missão, vivida em uma atitude pluralista é diálogo, troca, aprendizagem mútua, exploração sem fundo, fertilização mútua. E tudo isso é de uma maneira altruísta, gratuita e sinceramente amorosa. Não é fingir um diálogo simplesmente para preparar o terreno para anunciar minha religião como verdadeira (Krämer, 2012, p. 447).

A partir do Concílio Vaticano II, com o decreto sobre a atividade missionária da Igreja, missionar é tornar-se solidário com as pessoas através do diálogo e da cooperação, tendo consciência de que as palavras e ações serão sempre precedidas pelo testemunho de vida (Decreto [...], AG, 1965, n. 11-13, p.364.366). Brighenti (1998, p. 16) nessa mesma direção também ressalta que o Vaticano II, pela tônica do diálogo, “rompe com o eclesiocentrismo e o etnocentrismo”.

Assim, inaugura um modelo de missão, sobretudo na forma de relações fraternas com as outras religiões e culturas. Neste sentido, a missão em diálogo é a proposta de processo de aproximação, relação fraterna, interpessoal, no qual implica a abertura e disposição sincera para ouvir. Ainda mais, por mais alheio que pareça, é um se colocar no lugar, em uma atitude de respeito dialogante.

Por isso, a relação dialogante não é somente um método para a realização da missão, mas um elemento autêntico de missão. Logo, a atitude de escuta faz parte do anúncio (Brighenti, 1998, p. 70-71). Enfim,

trata-se de estabelecer uma relação de simpatia, que permite conhecer o outro. Por isso o diálogo exige uma relação horizontal, e só ele comunica e gera uma práxis criadora e transformadora. Por isso se nutre do amor, da humildade e da confiança. O antidiálogo quebra as relações, estabelece uma relação vertical, desamoroso arrogante, desesperançoso, autossuficiente. Não é possível uma relação entre sujeitos, numa relação dominante (Brighenti, 1998, p. 72).

Por conseguinte, o teólogo Faustino Teixeira também sublinha que a missão entendida segundo o modelo tradicional, mais do que a conversão radical de vida, o seu objetivo era firmar os interlocutores na pertença à Igreja. Todavia, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o seu objetivo passa a ser sobretudo a construção do Reino de Deus e, a seu serviço, a edificação da Igreja como comunidade profética. Assim, entende-se que:

ao centrar-se no Reino, a atuação missionária ganha novo impulso, toma-se mais dinâmica, plantada no solo da história e orientada para o futuro. Passa a ser simultaneamente ato de anunciar a boa nova libertadora e gesto profético de denúncia contra as situações (Teixeira, 1999, p. 522).

O teólogo e professor Claudio de Oliveira Ribeiro, integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa “Espiritualidades, pluralidades e diálogos”, da Anptecre/Soter, elabora uma teologia da missão no horizonte da teologia das religiões e do pluralismo religioso. Assim, Ribeiro (2020, p. 364) escreve que, no horizonte de um contexto religiosamente plural, na prática da fé cristã, a questão da missão é uma realidade crucial e desafiadora, “porque na perspectiva do diálogo há ainda por parte dos evangelizadores o medo da perda de identidade religiosa e a assimilação do sincretismo, e o medo da missão se tornar inviável pelo diálogo inter-religioso”. Por isso, ele afirma acrescenta que:

[...] a perspectiva do diálogo leva os grupos cristãos a repensarem a missão que se centrou em um mero exercício de tentar convencer as pessoas em crenças distintas do cristianismo a se converterem à religião cristã e aos seus princípios e crenças tradicionalmente construídas. No espaço do diálogo, as tradições religiosas interpelaram-se levando suas vivências para caminhos mais profundos. Trata-se de uma abertura para a escuta, para a mudança e para maior compreensão do próprio espaço de fé. Pois o diálogo há uma mudança e a criação de um lugar fértil para a espiritualidade (Ribeiro, 2020, p. 365).

Todavia, para o Papa Paulo VI, além dessas atitudes, toda ação missionária não pode jamais descuidar da pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito homem, morto e ressuscitado, centro e ápice de toda evangelização (Paulo VI, 1975, n. 27). Teixeira (2006, p. 51) confirma o descrito pelo Vaticano II, que o mandato missionário é tão universal quanto à vontade salvífica de Deus. A profissão explícita da fé em Cristo é possibilitada pela pregação missionária, na qual Ele é o objeto deste anúncio como “mediador, mestre, salvador e libertador” de toda a humanidade. Por conseguinte, na Catequese de 15 de fevereiro de 2023, diz o Papa Francisco:

não há ir sem estar: antes de enviar os discípulos em missão, Cristo - diz o Evangelho - ‘reúne-os’ (cf. Mt 10, 1). O anúncio nasce do encontro com o Senhor; toda a atividade cristã, especialmente a missão, começa a partir dali. Não se aprende numa academia: não! Começa pelo encontro com o Senhor. Com efeito, testemunhá-lo significa irradiá-lo; mas, se não recebermos a sua luz, extinguir-nos-emos; se não o frequentarmos, anunciar-nos-emos a nós próprios e não a Ele - anuncio-me a mim mesmo, não a Ele - e tudo será vão. Portanto, só a pessoa que andar com Ele poderá anunciar o Evangelho de Jesus. Quem não andar com Ele não pode anunciar o Evangelho. Anunciará ideias, mas não o Evangelho. Mas de igual modo não há estar sem ir. Sem anúncio, sem serviço, sem missão, a relação com Jesus não cresce (Francisco, 2023, p. 1).

Considerando as palavras do Papa Francisco, que enfatiza tornar o anúncio como uma pastoral decididamente missionária (CELAM, 2007, DAp n. 380), podemos afirmar que, a partir de Cristo, as “exigências intrínsecas de serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão” serão o alicerce da ação missionária da Igreja, em fidelidade à missão de Deus. Essa prática não se baseia em elementos superficiais ou formais, “mas sim na fé que se traduz em compromisso com o cuidado pela vida” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 10,10, p. 1869). O diálogo desempenha um papel crucial, promovendo o testemunho comum do Evangelho e buscando a unidade entre as Igrejas, convicções e solidariedade, construindo um caminho de cooperação através da prática do diálogo.

Cabe ressaltar, ainda, que “o diálogo, por sua natureza, envolve reciprocidade e tem como objetivo superar o medo e a agressividade” (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA n. 83). Conforme mencionado pelo teólogo José Comblin:

o Concílio usou abundantemente a palavra diálogo e sempre com a consciência de que estava realizando uma mudança radical. O diálogo significava uma mudança global de atitude da instituição eclesial em todas as áreas. Deve haver diálogo entre a Igreja e o mundo: com os irmãos

separados, com os judeus, com os não crentes, com todos os homens, entre a hierarquia e os leigos, entre bispos e sacerdotes. O diálogo é uma arte que deve ser cultivada e treinada nos seminários (Comblin, 2005, p 17).

Por causa disso, o Papa Francisco recorda que necessariamente toda atividade missionária para a eficácia de suas tarefas implica um caminho de diálogo. O anúncio do evangelho, o serviço e o testemunho poderiam caminhar com mais eficácia e chegar às imensas multidões sedentas da Boa notícia do Evangelho se com afinco déssemos maior importância ao diálogo. “Pelo diálogo, a unidade será facilitada e a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para se transformar em um caminho imprescindível da evangelização” (Francisco, 2013, n. 246).

É nessa direção que o Teólogo Faustino afirma que o diálogo na missão torna-se não apenas um método, uma opção, mas um dever, uma necessidade. O diálogo, embora seja parte essencial da missão, não deve ser considerado um fim em si mesmo, nem um mero passo em direção ao anúncio. Pelo contrário, ele é um elemento integral na experiência do Reino de Deus, ocupando um lugar central em toda ação missionária (Teixeira, 1995, p. 11–12). Nesta lógica, a prática missionária da igreja, como espaço de diálogo, é chamada a se submeter continuamente a uma rigorosa análise e avaliação crítica no que diz respeito a sua concepção de missão.

4.2 A CULTURA DO ENCONTRO NO MAGISTÉRIO DE FRANCISCO

Vivemos em tempos marcados pela diversidade, em que se colocam em questão os valores da alteridade, isto é, um cenário que perde cada vez mais o sentido do estar com, da proximidade, do sentir-se ao lado do outro, da escuta, da conversa e do diálogo. O etnocentrismo ganha espaço, uma fisionomia problemática, lançando uns povos contra os outros e afirmando a dinâmica de urna “incomunicabilidade” letal. Diante desta realidade, “o que é intolerável não é a diferença, mas a indiferença”, ou seja, a incapacidade de reagir ao “desgaste da compaixão” que cresce a cada momento (Teixeira, 2002, p. 505–506).

A dificuldade de pensar no outro, muitas vezes, está associada ao crescente fascínio pela subjetividade e à cultura individualista, com predominância a satisfação do ego. Compreende-se nestes comportamentos a independência como libertação

dos vínculos familiar, comunitário e social. O que conta é o viver aqui e agora (CNBB, 2014, Doc 100, n. 13–14).

Urge compreender a emblemática expressão “cultura do encontro e do diálogo”, raiz no marco do magistério e testemunho do Papa Francisco. Um tema difícil de ser afirmado numa cultura da pós-verdade na qual vive a humanidade. Contudo, ela se faz necessária para que a humanidade possa conviver, na verdade (Wolff, 2023, p. 133-134). Deste modo, compreende-se que, desde o início de seu pontificado, a categoria “encontro” recebe destaque em seus pronunciamentos, discursos, catequese e, principalmente, nos seus gestos. Como ele mesmo diz:

[...] já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque “o todo é superior à parte. O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças (Francisco, 2020, n. 215).

Com a “cultura do encontro” o Papa Francisco destaca a importância de promover o diálogo, compreensão e colaboração entre diferentes culturas, crenças e pessoas. Essa abordagem incentiva a construção de pontes em vez de barreiras, buscando a união e o entendimento mútuo na sociedade. Por isso, quando ele exorta a promover a cultura do encontro, está indicando que tal dinamismo implica sair de si para ir rumo ao outro, para fazer-lhe o bem, para servir, para levar a alegria do evangelho.

Este modo de ser é um “estilo de vida”, algo natural na forma de as pessoas e os povos se relacionarem. Com este tema da cultura do encontro e do diálogo, sublinharemos o que o Papa Francisco diz: essas atitudes são necessárias porque são teológicas e vêm do próprio Deus revelado em Jesus Cristo que vem ao encontro do seu povo; “encontro que serve, que ajuda, que é o servo, que se humilha, que é condescendente com todos os necessitados” (Francisco, 2016, p.1).

Para melhor compreensão deste encontro na Meditação matutinas, 8 de junho de 2018, na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta, o Papa Francisco utiliza a flor de amêndoa¹⁰, originária da Palestina, como um símbolo. Através dessa

¹⁰ Essa flor é a primeira a florescer na primavera e representa vigilância. Ela é mencionada seis vezes na Bíblia e foi utilizada pelos patriarcas e profetas para ilustrar que Deus é o primeiro a nos esperar (Gênesis 43,11; Êxodo 37,19-20; Êxodo 25,34; Números 17,18; Jeremias 1,11; Eclesiástico 12,5).

linguagem simbólica, o Pontífice deseja enfatizar que o amor de Deus sempre nos precede: “Esperar-nos, amar-nos, ajudar-nos (Francisco, 2018, p.2).

Casula (2018, p.57) corrobora com o Papa Francisco: o primeiro passo vem de Deus, cujo ápice deu-se na encarnação do Filho, Deus e homem, precedência de Deus em relação à humanidade. Um Deus que toma a iniciativa e vem ao “encontro do seu povo, escutando os seus gritos, socorrendo-os e libertando-o de toda forma de escravidão e de opressão”. Diante disso, todo cristão é chamado a experimentar que o Senhor tomou a iniciativa e precedeu-o no amor, e este amor lhe devolveu o sentido da vida (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1João 4,10, p. 2131). Assim, o Papa Francisco escreve:

O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: “Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem se importar que O chamem de glutão e beerrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15) (Francisco, 2013, n. 269).

Neste sentido, o Papa Francisco destaca a importância do encontro pessoal. Ele menciona o episódio da viúva de Naim, conforme descrito no Evangelho de Lucas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 7, 11-17, p.1800). Nessa história, uma viúva estava a caminho de enterrar seu filho único. Jesus, movido por compaixão, interrompe seu caminho, se aproxima e traz vida ao encontro. Ele não apenas mostra ternura, mas também a fecundidade do encontro. Ele devolve o filho à mãe, demonstrando que cada encontro é frutífero e coloca as pessoas e as coisas em seu devido lugar.

O Papa Francisco argumenta que, muitas vezes, as pessoas estão tão envolvidas em seus próprios pensamentos que veem, mas não observam; ouvem, mas não escutam. Ele encoraja a cultivar uma “cultura do encontro” (Francisco, 2016, p. 1) da maneira mais simples, como Jesus fez: não apenas vendo, mas observando; não apenas ouvindo, mas escutando; não apenas passando pelas pessoas, mas parando para interagir com elas. Ele enfatiza a importância de ser movido pela compaixão, de se aproximar, tocar e oferecer conforto.

Nesse contexto, o Papa Francisco convida todos os cristãos, independentemente de onde estejam ou de sua situação, a renovar diariamente seu

encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a decidir se deixar encontrar por Ele, buscando-O incansavelmente todos os dias. Ele enfatiza que ninguém deve se sentir excluído deste convite, pois "ninguém é excluído da alegria trazida pelo Senhor" (Francisco, 2013, n. 3).

Em sua primeira Carta Encíclica, *Lumen Fidei*, sobre a Fé, ele afirma que “A convicção de uma fé que torna a vida grande e plena, centrada em Cristo e no poder de Sua graça, inspirava a missão dos primeiros cristãos” (Francisco, 2013, n. 5). Portanto, na perspectiva cristã, a cultura do encontro está enraizada na fé em Deus que se manifesta em Jesus Cristo. Isso ilumina a compreensão da verdade como “o amor de Deus por nós em Jesus Cristo” (Wolff, 2013, p. 132).

Convicto da sua fé, na fidelidade a Jesus Cristo através do diálogo e do encontro com o outro, a mensagem da Boa Nova de Jesus se torna mais conhecida, autêntica e sempre nova. O Evangelho, como boa notícia, sempre nos convida a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado (Francisco, 2013, n. 88). Logo, para o Papa Francisco,

a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva (Francisco, 2013, n. 24).

Com essas indicações missionárias, o Papa Francisco, pelo neologismo *primário*, exprime a exigência de uma transformação missionária, por “uma Igreja em saída”. E com a chave cristológica ilustra concretamente o modo do exercício desta missão. “Com obras e gestos, a comunidade evangelizadora entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se se for necessário até a humilhação e assume a vida humana” Adquire assim o “odor da ovelha” e ao encontrá-la, a acolhe e a escuta (Francisco, 2013, n. 24; Casulo, 2018, p. 58–59).

No mundo de hoje, marcado pelo terrorismo, as guerras, perseguições, as injustiças sociais, a fome e o fenômeno migratório tornam a casa comum cada vez vulnerável. O desafio que o Papa Francisco lança é o ser “sinal” por meio da cultura

do encontro, considerando que ela exige integrar-se e aprender mediante uma “harmonia pluriforme” (Francisco, 2013, n. 220).

Desse modo, a “cultura do encontro” prioriza o relacionamento igualitário, um espaço de crescimento e amizade que nasce da proximidade. “O isolamento, não; a proximidade, sim. “Cultura do confronto, não”; “cultura do encontro, sim.” (Francisco, 2020, n. 30). Fechar-se em si é provar o veneno amargo das imanências e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (Francisco, 2023, n. 87). Por isso, se faz necessário “sair para unir-se aos outros”, e ao encontrá-lo por meio da escuta ativa¹³, conversar, dialogar, desenvolvendo a cultura do encontro.

Assim, evitam-se conversas que podem girar apenas sobre as notícias, de forma horizontal e cumulativa. No entanto, não se dá uma atenção prolongada e profunda ao coração da vida, nem se reconhece o que é essencial para dar sentido à existência (Francisco, 2020, n. 50). Assim, é preciso “primear”. Sua prática revela isso. Neste sentido, descreveremos seus inúmeros testemunhos na vivência da cultura do encontro. Encontros que toda a carne sofrida de Cristo presente nos mais vulneráveis.

4.2.1 A cultura do encontro na práxis do Papa Francisco

O Papa Francisco, através da dinâmica da cultura do encontro, que se realiza por meio da escuta ativa e do diálogo, tem procurado tocar a carne sofrida de Cristo nas feridas dos irmãos e irmãs mais vulneráveis que sofrem na Igreja e na sociedade.

Portanto, as feridas da sociedade e do mundo são destacadas em seus discursos, abordando várias questões que impactam a paz e o desenvolvimento social e nacional. Ele tem se esforçado para expor tudo que contradiz a cultura do encontro, como as realidades humanas afetadas pela cultura da exclusão, a cultura do descarte e a cultura da globalização e indiferença. Para ele, o discípulo missionário não pode ignorar essas realidades. A misericórdia deve ser a característica distintiva e constante da Igreja que está sempre em missão. Assim, o aspecto missionário de seu papado é definido por uma teologia da Igreja que se dirige às periferias existenciais.

O Dr. José Manuel Martins Lopes relata que o Papa Francisco, consciente desta triste realidade, diz numa entrevista a um canal de televisão português. “Quero

13. Aquela que acolhe e se ouve cada um como é no que diz. Porque escuta se presta atenção empaticamente no esforço de compreender o que os outros dizem e querem dizer ou experimentaram interiormente. Por isso, a escuta deve ser benevolente (Alves; López, 2023, p. 52).

ser muito claro sobre isto: o abuso de homens e mulheres na Igreja – abuso de autoridade, abuso de poder e abuso sexual – é uma monstruosidade! E uma coisa é muito clara: tolerância zero. Zero” (Lopes, 2023, p. 590).

O Papa Francisco, intencionalmente, tem dado prioridade pastoral às periferias do mundo ou às “periferias da Igreja, indo ao encontro das pessoas através das peregrinações, presença em organizações políticas internacionais ou continentais, jornadas mundiais ou continentais da juventude, comemoração dos 500 anos da Reforma, Comemoração dos 70 anos da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas, Encontro Mundial das Famílias e o Encontro Inter-religioso.

Em suas viagens apostólicas, sempre faz parte do protocolo: como chefe do estado, seu encontro com o corpo diplomático e a sociedade civil. Como também realiza um encontro especial com os bispos, sacerdotes e pessoas consagradas. As celebrações eucarísticas na maioria das vezes são momentos de encontro com os cristãos católicos e com o público. Mesmo ao visitar países mais desenvolvidos, realiza encontros com pessoas ou grupos que querem se encontrar com o Papa. Neste contexto, descrevemos o que o dizem os teólogos Nef Ulloa e Guimarães sobre os encontros ecumênicos e diálogo inter-religioso, do Papa Francisco, como experiência de fraternidade e compromisso com a unidade.¹²

tal compromisso tem sido ratificado pela oração comum e pela assinatura de declarações conjuntas com: Bartolomeu, Patriarca Ecumênico de Jerusalém; Kirill, Patriarca de Moscou e de toda a Rússia; Hieronymos, Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia; Karekin II, Cathólikos de todos os Armênios e com Sua Santidade Tawadros, Papa de Alexandria e Patriarca da Sé de São Marcos. Ademais, na Geórgia encontrou-se com Sua Beatitude Elias II, Cathólicus e Patriarca de toda a Geórgia e, finalmente, no Egito, Francisco, mostrou-se solidário com os cristãos coptos que haviam sofrido um atentado à bomba. Finalmente, em recente discurso no encontro ecumênico do Conselho Mundial das Igrejas, encontram-se os elementos do dinamismo da cultura do encontro como convite a viver o ecumenismo hoje (Ulloa; Guimarães, 2019, p. 5).

A missão profética do Papa Francisco destaca os mecanismos que causam desumanização e apresenta três iniciativas globais que promovem a fraternidade em uma única família humana:

1. O Pacto Educativo Global: Este pacto visa reacender o compromisso com as novas gerações, buscando uma educação mais aberta e inclusiva, que valorize a

¹² Preside a Facoltà di Filosofia e Scienze sociali dell'Università Cattolica Portuguesa.

paciência, o diálogo construtivo e a compreensão mútua. É essencial formar uma aliança entre escolas, famílias e sociedades para promover o desenvolvimento integral do indivíduo e a proteção do nosso planeta. O objetivo é unir esforços em uma ampla aliança educacional para criar indivíduos maduros capazes de superar divisões e reconstruir relações para uma humanidade mais fraterna.

2. A Economia de Francisco e Clara: Esta iniciativa busca fortalecer abordagens voltadas para um desenvolvimento humano mais justo e consciente de todas as formas de vida na Terra. Construir uma economia profética significa ver o mundo através dos olhos dos pobres, com foco no bem comum e garantindo uma vida digna para todos, baseada no direito à terra, moradia e trabalho, bem como nos direitos sociais, humanos e de cidadania.

3. O Processo de Escuta Sinodal (2021-2024): Neste projeto, o Papa Francisco deseja ouvir pessoas de boa vontade em todas as Igrejas Locais do mundo sobre suas expectativas em relação à Igreja e seu papel na sociedade. Ele aspira a viver um processo eclesial participativo e inclusivo, dando voz a todos, especialmente àqueles marginalizados por diversos motivos, para contribuir na construção do Povo de Deus por meio da comunhão, participação e missão, lembrando que a salvação é um caminho conjunto.

Para Wolff (2021, p. 820), a cultura do encontro e a cultura do diálogo intensamente motivada e vivenciada pelo Papa Francisco vão além da comunidade eclesial católica porque, fiel ao Vaticano II, Francisco compreende que a humanidade inteira forma “o único povo de Deus”, um rosto pluriforme, como fiéis católicos e membros de diferentes Igrejas e diferentes religiões.

Ao analisar a prática pastoral missionária do Papa Francisco, observa-se que a cultura do encontro significa tornar-se próximo do outro, superando as barreiras e condições que promovem isolamento, indiferença ou irresponsabilidade. Também significa dar um passo adiante e ver o próximo como um irmão, transformando o encontro em uma manifestação do Reino de Deus na sociedade. É essencial aprender a promover o diálogo como meio de encontro, buscando consenso e acordos, mas sempre com o foco em uma sociedade justa, memorável e inclusiva (Francisco, 2013, n. 239).

Em tempos de intolerância e individualismo, marcados pela crise da alterofobia¹³, o Papa Francisco desafia os cristãos contemporâneos a reconhecerem que não estão sozinhos e que têm responsabilidades para com os outros. É necessário resgatar o sentido humano do diálogo como prática da vida cristã, como meio de aproximação e identificação com o outro, seguindo o exemplo do Bom Samaritano (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lc 10,29-37, p.1808).

A Campanha da Fraternidade de 2024, focada na amizade social, reafirma essa responsabilidade social com o objetivo de “despertar para o valor e a beleza da fraternidade humana, promovendo e fortalecendo os laços da amizade social, para que, em Jesus Cristo, a paz seja uma realidade entre todas as pessoas e povos” (CNBB, CF, 2024, p. 7). Seria maravilhoso e libertador se pudéssemos seguir esse caminho, saindo de nós mesmos para nos unirmos aos outros (Francisco, 2013, n. 87).

Nesse contexto, o teólogo Fabio Eliseo Ávila Cabezas, da Universidade Católica do Chile, destaca a importância da dimensão comunicativa entre as pessoas.

A dimensão comunicativa exige sair do conforto para estabelecer uma cultura do encontro. Um desafio urgente é purificar a dimensão comunicativa do sujeito de todo egoísmo e espaço de poder. Às vezes, as posturas fechadas ou autoritárias nas mesas de conferência diálogo impedem progressos nos acordos. Egocentrismo, acompanhado de orgulho, muitas vezes é a fechadura da porta pessoal que impede acolher e aceitar o outro com suas diferenças (Ávila, 2023, p. 3).

Vemos então que os processos comunicativos determinam o modo de expressão das subjetividades em relação à objetividade. Isso pressupõe uma relação com os outros, consequentemente a construção da intersubjetividade. É preciso revigorar a consciência de que somos uma única humanidade. Vencer a tentação de fazer uma cultura dos muros. “Quem se fecha em si, quem levanta muros, acabará escravo dentro dos muros que construiu” (Francisco, 2020, n. 27).

De acordo com o Papa Francisco, conforme mencionado por Wolff (2023, p. 14.132), é necessário adotar mudanças de atitude que se fundamentem no amor fraterno, na bondade e na busca pelo bem do próximo, acolhendo e respeitando cada

¹³ “Medo, rejeição, aversão a tudo aquilo que é outro, tudo o que não sou eu mesmo [...] A outra pessoa, a outra causa, o outro sonho, o outro esforço, tudo, enfim, que não seja eu mesmo, acaba por se tornar desnecessário, ameaçador, destinado à rejeição e até mesmo à extinção” (CNBB. Fraternidade e Amizade social, Texto Base, CF, 2024, p.40, n.73).

pessoa, independentemente de suas diferenças. Tais atitudes concretizam-se por meio dos discípulos de Cristo, que por uma Igreja em saída faz-se “encontro, relação e comunhão, em sua organização e em sua ação missionária, situando cada vez mais numa relação positiva com a realidade plural do mundo atual”. Não como detentora da verdade, mas, como peregrina, não exclui ninguém, e assim coopera na *missio-Dei* mediante a vivência da “cultura do encontro e do diálogo”.

4.3 DIÁLOGO: SIGNIFICADO E DESAFIOS

Segundo com Resende (2014, p. 116), a palavra “diálogo” é originária do substantivo masculino. Sua etimologia é derivada do grego antigo *διάλογος*, conhecido como diálogos, e do latim *dialōgus*. Esses termos são entendidos como uma conversa, discussão ou fala entre duas ou mais pessoas. Teixeira discorre desta maneira:

[...] com base na etimologia grega do vocábulo diálogo, é importante ressaltar a presença de dois termos: ‘dia’ e ‘logos’. A expressão ‘logos’ cobre uma vasta gama de significados, mas indica em particular o dinamismo racional do ser humano, a capacidade humana de pensamento e raciocínio. O termo ‘dia’, por sua vez, expressa uma dupla ideia: alude ao que separa e divide, mas igualmente à ultrapassagem de um limite. Faz parte da natureza do diálogo a busca de uma unidade que preserve e salvide a diferença e a liberdade. O diálogo autêntico traduz um encontro de interlocutores pontuado pela dinâmica da alteridade, do intercâmbio e da reciprocidade. É no processo dialógico que os interlocutores vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, estando ao mesmo tempo disponibilizados pelo enriquecimento da alteridade (Teixeira, 2008, p. 124).

De acordo com Mariotti (2001, p. 6-10), o diálogo é uma metodologia que resulta em uma comunicação aprimorada entre os participantes, caracterizada por observações compartilhadas e novas percepções de ideias. O diálogo opõe-se à fragmentação e ao imediatismo, promovendo conexões e formando redes. A essência do diálogo é a fertilização mútua. Como um processo de conhecimento, Platão já o utilizava para chegar à verdade através das palavras que utilizava quando dialogava com os seus interlocutores e chegava a uma conclusão comum ou a um ponto de encontro. Portanto, no diálogo, é possível que um dos interlocutores tente convencer o outro, contudo, de modo geral, há uma compreensão dos diferentes pressupostos (Alves; López, 2023, p.22).

O diálogo é uma troca de ideias entre indivíduos com o objetivo de alcançar um entendimento comum, partindo da análise de um problema compartilhado. Isso configura um processo colaborativo de investigação e reconhecimento do outro como portador de conhecimento. Paulo Freire destaca o amor como a base do diálogo, que é uma experiência que une em vez de dividir. O objetivo é a interação que conecta, não separa. Em uma conversa dialógica, as pessoas não buscam defender e manter suas próprias ideias e posições. A dinâmica do diálogo é voltada para a criação de conexões e redes. Portanto, “é só no diálogo que a linguagem possui autêntico ser no exercício do entendimento mútuo” (Calmon 2008, p. 143) e, por ser o entendimento, um processo de vida, logo, ele não persegue objetivos. Logo, para o filósofo, dialogar é:

um deixar-se absorver em algo, de tal modo que, nisso, se esqueça a si mesmo. Eis aí o que importa e isso pertence às grandes bênçãos da experiência da arte, às grandes promessas da religião e, por fim, às condições fundamentais do convívio entre homens, de modo humano. O mundo é o solo comum, não palmilhado por ninguém e reconhecido por todos, que une a todos os que falam entre si. Todas as formas de comunidade da vida humana são formas de comunidade de linguagem e formam linguagem. Isso porque a linguagem é, por sua essência, a linguagem da conversação, do diálogo. Ela só adquire sua realidade quando se dá o entendimento mútuo (Calmon 2008, p. 162).

A citação enfatiza a importância da imersão total em experiências, arte e religião, levando ao esquecimento do eu. Destaca a linguagem como a essência do diálogo e do entendimento mútuo, unindo a humanidade. O mundo é visto como um solo comum, reconhecido por todos, reforçando a ideia de comunidade e conexão. A linguagem é, portanto, a chave para a convivência humana.

Os ensinamentos do Papa Francisco sobre a teologia do diálogo visam continuar o magistério conciliar do Concílio Vaticano II, onde a evangelização necessariamente envolve um caminho de diálogo. Como fundamentos teológicos para a missão em diálogo, citamos alguns documentos do Concílio Vaticano II, destacados pelo Papa Francisco, como: A declaração *Nostra Aetate*, que compartilha o diálogo com o Islã e o judaísmo, o decreto *Unitatis Redintegratio* para outras comunidades cristãs não católicas. Em uma visão mais dogmática, *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*.

Portanto, entende-se que a teologia do diálogo implica que, “sem diálogo, a igreja está perdendo a chance de ser um instrumento de paz e de harmonia em um mundo dividido” (Amaladoss, 2013, n. 171), por tantos conflitos, cujas diferenças e

limitações humanas precisam ser superadas através do diálogo. Assim, a missão na forma de diálogo não é mais um fim em si mesma, mas um elemento integral na promoção do Reino de Deus (Amaladoss, 2013).

É preciso levar em consideração que na teologia do diálogo, a linguagem do Papa Francisco, não é especulativa, mas sim missionária, e presta atenção tanto ao interlocutor quanto à mensagem proferida. Sua mensagem dialógica não é tanto para ser “estudada”, mas sim para ser “ouvida”. conforme afirma Spadaro (2023, p.32),

Como bem sublinha Michael Amaladoss, um dos teólogos comprometidos com a igreja do diálogo, o próprio modo de ser de Deus não age sozinho e isolado no mundo, mas chama e envia. Seu diálogo é contínuo, não é exclusivo. Através de gestos e ações, de maneira progressiva, seu amor revela-se de formas simbólicas a todas as pessoas sem distinção, fazendo com que a vocacionada contemple e coopere com seu Reino na comunidade Eclesial e no mundo (Amaladoss, 2000, p. 67.71-76a).

Amaladoss (2000) ainda afirma que se considerarmos a missão como um chamado e envio para um serviço, então ela deve começar como a contemplação que se transforma em diálogo e continua com a profecia. Neste processo de diálogo, o enviado descobre Deus presente na vida das pessoas não apenas olhando, mas também ouvindo e respeitando suas experiências históricas, culminando em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus, a fonte da missão.

Hoje, a tendência da comunidade eclesial é se fechar para o diálogo e realizar o anúncio do Reino, esquivando-se cada vez mais da atitude dialogante com a pluralidade que a cerca. “O objetivo da missão é, então, o Reino de Deus e a Igreja como seu símbolo e serva. Um diálogo que se torna o caminho da missão” (Amaladoss, 2013, p.171. Portanto, num mundo dividido por tantos conflitos a Igreja não dialogando, está perdendo a oportunidade de cumprir sua missão como serva do Reino de Deus. Desta maneira urge a Igreja dialogar com o mundo, focando a atenção em particular sobre a família, a cultura, o desenvolvimento socioeconômico, a vida política e a paz (Amaladoss, 2013).

Estamos cada vez mais conscientes da desordem que permeia a modernidade, intensificada pelo crescente fundamentalismo. É importante enfatizar que o diálogo e a cultura do encontro desafiam todas as crenças a reconhecer que não estão sozinhas e que nossa casa comum demanda uma responsabilidade crescente para com o Outro. Precisamos resgatar o sentido humano do diálogo, como prática da vida cristã

e como meio de aproximação e identificação com o outro, seguindo o exemplo do Bom Samaritano (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,29-37, p. 1808; Pereira, 2016, p.285).

O documento "Diálogo e Anúncio" reforça a filosofia ao enfatizar a importância de entender o diálogo nas relações, caracterizando-o como uma teologia de acolhimento e interação.

o diálogo pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado — com razão — 'o espírito do diálogo' Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa 'o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento' (Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 9).

Concomitantemente, Coelho lista alguns tópicos dos quais brota o clamor pela alteridade e pelo diálogo:

a) O universo inteiro, do microcosmo ao macrocosmo, é feito de diálogo. b) O planeta Terra é uma complexa trama dialógica. c) A comunidade da vida é uma refinadíssima experiência de diálogo. d) A humanidade, feita da terra, é comunicação dialógica com toda a natureza. e) Mulheres e homens expressam-se em diálogo espiritual com o Mistério Divino. f) Em cada núcleo comunitário humano está presente o chamado à comunhão dialógica. g) Em cada fragilidade está um reclamo por encontro e diálogo solidário. h) Em cada criatura caída na estrada está um clamor para que alguém se torne próximo (Coelho, 2013, p. 38).

O Documento "Diálogo e Anúncio" enfatizam que o compromisso da Igreja com o diálogo não se limita apenas à dimensão antropológica, mas é principalmente teológica. Ao longo dos tempos, Deus tem oferecido e continua a oferecer salvação à humanidade por meio desse diálogo. Para permanecer fiel à iniciativa divina, a Igreja deve "participar ativamente de um diálogo salvífico com todos" (Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, 1996, DA n. 38). O Papa Paulo VI ressalta o "diálogo de salvação", por meio do qual Deus, o libertador, aproxima-se da humanidade frágil e vulnerável, que anseia por encontros solidários e diálogo (Paulo VI, 1964, n. 38). No entanto, Deus também respeita a liberdade da pessoa, permitindo que cada um corresponda ou feche os ouvidos à Sua vontade. Diante disso,

é preciso que tenhamos sempre presente essa inefável e realíssima relação de diálogo, que Deus Pai nos propõe e estabelece conosco por meio de Cristo no Espírito Santo, para entendermos a relação que nós, isto é a Igreja, devemos procurar restabelecer e promover com a humanidade. O diálogo da salvação foi aberto espontaneamente por iniciativa divina: 'Ele Deus foi o primeiro a amar-nos' (1Jo 4,10). A nós tocará outra iniciativa, a de prolongarmos até aos homens esse diálogo, sem esperar que nos chamem. O diálogo da salvação partiu da caridade, da bondade divina: 'Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho Unigênito' (Jo 3,16). Nada, senão o amor fervoroso e desinteressado, deve despertar o nosso. O diálogo da salvação não se proporcionou aos méritos dos interlocutores convidados, nem aos resultados que iria conseguir ou que teriam faltado: 'Os são não precisam de médico (Lc 5,31). Também o nosso diálogo deve ser sem limites nem cálculos (Paulo VI, 1964, ES, n. 42).

Este diálogo de Deus com a humanidade, que tem início na criação, se prolonga ao longo da história da salvação. E esse diálogo tem momentos de crise e de constante retomada, sustentada sempre pelo incansável amor dialógico de Deus. Deus dialoga com Adão e Eva (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 3, 8-9, p.37). Este mesmo Deus continua dialogando com a humanidade como o Deus dos patriarcas e das matriarcas:

Abraão, Agar e Sara (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 12,1-5, p.50) de Isaac e Rebeca (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 24, 1-66, p. 63), Jacó, Lia e Raquel (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gênesis 29, 15-30, p.72). O Deus libertador que vê a miséria de seu povo que está no Egito e dialoga com Moisés para libertar seu povo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Êxodo 3, 1-27, p.105). E continua seus mistérios de salvação pelos profetas e profetizas. É o Deus do diálogo.

E, por fim, seu amor dialógico torna-se carne e vem armar sua tenda no meio da humanidade pela pessoa de Jesus de Nazaré, o missionário do Pai, que assumiu toda a natureza humana, menos o pecado (Decreto, [...], 1965, AG, n. 3, p.352). "Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que, o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para o mundo ser salvo por ele" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Jo 3, 16-17, p.1848). E em Jesus o diálogo da salvação ficou ao alcance de todos; foi destinado a todos sem qualquer discriminação (Bíblia de Jerusalém, 2002, Colossenses 3,11, p. 2062).

Jesus, como protótipo da missão em diálogo, de maneira dialógica, revela o Reino que anuncia. Percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 9, 35, p.1720). É o mestre

διδασκαλος, que no seu agir, na força do Espírito Santo, é o Filho que de forma dialógica compartilha a missão do Pai. No exercício da missão do Pai, é modelo de escuta, diálogo e anúncio, revela à humanidade a verdadeira natureza do Pai e transforma toda falsa religião na lei do amor e em atos de misericórdia. Insere-se no meio do povo, vivendo como alguém do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperanças.

De maneira simples, manso e humilde coração, encontrar-se com aqueles de seu tempo, proporcionando atenta escuta, o Reino que anuncia se manifesta e instaura é um reino de compaixão e misericórdia. Participar dele é um presente que Jesus oferece à humanidade ao doar-lhe seu próprio Espírito, que opera nos homens e nas mulheres, que acolhem sua proposta, um novo nascimento (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 3,5-6, p. 1847). Aos pedidos dos leprosos (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 5,12-28, p. 1796), dos cegos (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 11,5, p.1722; Marcos 10, 45–52, p.1775; João 9,1-10, p.1867), da mulher que sofria do fluxo de sangue (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 9,18-26, p.1719; Lucas 8,40-56,p. 1803).

A partir do diálogo e do encontro com o outro, Jesus se dá a conhecer, com suas próprias atitudes, os verdadeiros valores da vida, O seu itinerário missionário se se faz de maneira concreta através do seu encontro dialógico com Levi, cobrador de impostos (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos 2,13-17, p.1762) como também com Judas, o traidor (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos14,44-45, p,1781). Na casa de Zaqueu, com o diálogo de transformação de vida (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 19,1-10, p.1822), pela fé da mulher siro-fenícia (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1732; Mateus 15,21-28, p. 1731),

O encontro com mulher samaritana ele aponta o caminho para chegar ao coração dos que buscam a Deus (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, João 4,5-42,p.1850), encontra uma mulher adúltera e a convida a uma nova vida (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002,João 8,7-11,p. 1783), na acolhida dos gregos que queriam falar com Ele (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002,João 12,20-22,p.1874), restitui a visão ao cego Bartimeu (cf.Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos 10,46-52,p.1775) e toma escandalosamente o samaritano como arquétipo de amor desinteressado ao próximo, amor que carrega a capacidade de identificação e aproximação do outro (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10, 29–37,p. 1808).

Ao se encontrar com os fariseus e doutores da Lei, dialogava sem medo dos confrontos, propondo apurada reflexão sobre o acolhimento e aceitação do outro, a importância da misericórdia que extingue o legalismo gerador de exclusão e sofrimento (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 23, 27–32, p. 1745; Morais, 2016, p.282).

As primeiras comunidades cristãs, por meio da cooperação missionária do Apóstolo Paulo, a partir de Jesus de Nazaré, diante de todos os desafios encontrados, buscaram de forma dialógica munir-se das várias cosmovisões do mundo grego romano a fim de captar suas estruturas essenciais e estabelecer as suas relações, sem sobrepor nada de elaborado de forma puramente mental. Para Paulo, era evidente que não se evangelizava sem o prévio conhecimento do contexto, da realidade e das experiências vivenciais do mundo do outro. Isto é, do modo como a realidade do outro era percebida, para saber dar passos conforme as situações concretas.

Assim, torna-se claro que a missão é concretizada por meio do entendimento da realidade, da cultura local e das experiências vividas. Portanto, “o primeiro passo consistia em aproximar-se dos ambientes que compartilhavam alguma afinidade” (Maia, 2020, p. 108).

O historiador e professor Joaquim Pereira Melo, em sua pesquisa sobre o diálogo entre os primeiros cristãos e o paganismo, destaca a relevância do esforço em estabelecer uma prática de vida cristã baseada no imperativo do diálogo. Ele ressalta que essa abordagem teve grande importância no exercício doutrinal dos primeiros padres da Igreja. Nesse contexto, Santo Agostinho é apontado como o ponto alto da Patrística, vivenciando um diálogo profundo com o pensamento cristão de sua época. “Embora os Padres da Igreja que o precederam também tenham se esforçado para promover um diálogo entre o pensamento cristão e o pensamento clássico, suas contribuições não alcançaram a mesma efetividade” (Melo, 2021, p. 20).

Com Santo Agostinho, o diálogo entre o cristianismo e a cultura clássica ganhou relevância, especialmente no contexto da fé e razão. Em sua formulação da filosofia cristã, observa-se uma integração do pensamento cristão com a filosofia considerada “pagã”, onde a fé é sustentada pela razão natural. No entanto, Agostinho não equiparou o pensamento cristão ao pensamento clássico. De forma criteriosa, em seus diálogos, ele afirmou que não deveríamos temer as verdades presentes no pensamento clássico, pois elas pertencem aos cristãos e devem ser resgatadas em

seu favor (Moreno; Poblador, Del Rio, 1986, apud, Melo, Joaquim Pereira, 2021, p. 20).

É relevante destacar aqui a crítica apontada por Melo. Nesse diálogo com as ideias da tradição clássica, os primeiros pensadores cristãos demonstraram um zelo excessivo e empenho em preservar a doutrina cristã em sua pureza. No entanto, o objetivo desses primeiros padres nem sempre foi apenas a docilidade da escuta e o respeito mútuo. Eles também buscavam a universalidade do cristianismo.

Melo (2021) observa que o processo de diálogo, muitas vezes, expressava-se, de forma ambígua e pendular, alternando entre aceitação e negação. Esse comportamento resultou em um ajuste positivo no pensamento doutrinal que eles desejavam estabelecer.

No contexto do diálogo, o zelo dos cristãos primitivos não visava descaracterizar completamente a originalidade dos princípios cristãos. Ao mesmo tempo em que buscavam a apropriação e adequação às culturas da época, os primeiros padres da Igreja demonstraram criatividade, fornecendo sustentação e fundamentação aos princípios deixados por Jesus Cristo (Melo, 2021, p. 25).

Essa perspectiva é compartilhada por Wolff, o qual acredita que:

dialogar é um modo de ser cristão e ser Igreja, configura a própria identidade humana e religiosa. Mais, diálogo é conteúdo da própria fé no Deus Trindade que tem natureza relacional na comunhão das pessoas divinas e que se relaciona com o mundo e com a história humana, tendo seu ápice na encarnação do Filho (Wolff, 2018, p.7).

A situação não muda, o documento Diálogo e Anúncio indica o diálogo como relações inter-religiosas, positivas e construtivas, contudo, na obediência à verdade e no respeito à liberdade. Ainda recorda que o anúncio é a proclamação do mistério de salvação realizado por Deus para todos em Jesus Cristo. Deve ser um compromisso de fé em Jesus Cristo (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 3.9.10). Ademais, o papa João Paulo II, no seu discurso à cúria romana no dia 22 de dezembro de 1986, institui o fundamento teológico do diálogo como “mistério de unidade”. Segundo ele,

a Igreja é chamada a trabalhar com todas as suas forças (evangelização, oração, diálogo) para que sejam curadas as fraturas e divisões dos homens, que os distanciam do seu início e do seu fim e os tornam hostis entre si; significa também que todo o gênero humano, na infinita complexidade da sua história, com as suas diferentes culturas, é ‘chamado a formar o novo povo de Deus’, no qual se manifesta a bendita união de Deus com o homem

e a unidade da família humana: ‘Todos os homens são, portanto, chamados a esta unidade católica do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal e à qual, de várias maneiras, tanto os fiéis católicos como os outros crentes em Cristo e, finalmente, todos os homens que são chamados à salvação pela graça de Deus’ (*Lumen Gentium* , 13). (João Paulo II, 1986, n. 6-8).

Como consequência, o diálogo deve constituir a Igreja que expressa a fé no Deus comunidade e se configura como uma comunidade de diferentes. Dialogar é uma exigência *ad intra* na Igreja pela sua natureza de comunhão e participação. E é também uma exigência *ad extra* para o bom desenvolvimento da sua missão. Não dialogar é colocar em risco o ser da Igreja e a sua missão. O diálogo é mais que um método da missão. Ele é, sobretudo, conteúdo do Evangelho pregado. Como diz João Paulo II, ‘diálogo é salvação’ (João Paulo II, 1985, n. 35; Wolff, 2018, p.7a).

4.3.1 Teologia do diálogo

Como realizar a opção de uma comunidade eclesial em chave missionária, decididamente em saída, dialogal, como experiência de vida compartilhada em fidelidade ao evangelho de Cristo? Como propor o espírito e a prática do diálogo como método na concretização de uma Igreja em saída missionária? Numa igreja que resiste à eclesiologia do Concílio Vaticano II, logo, do Papa Francisco, com crescente atitudes autorreferenciais, como tornar o diálogo método e conteúdo da missão?

O Documento Diálogo e Missão de 10 de junho de 1984 do secretariado para os não-cristãos, aborda que toda a missão da Igreja deve ser realizada de forma dialogal (Secretariado para os não-cristãos, 1984, nº 29). Portanto a teologia do diálogo possui a lógica de que a missão da Igreja deve ser realizada em conversa com outras pessoas independente do seu modo de crer (Knitter 2010, p. 191.193).

Por isso ele reafirma que a missão da igreja se faz por meio de uma hermenêutica conversacional¹⁴ mediante diálogo correlacional, de forma global, na consciência dos limites e não pretensão de toda verdade. Ademais, para o autor, é a consciência dialógica de ultrapassar as barreiras de todas as perspectivas diversificadas, e ouvir e conversar indo além das nossas limitações. Isto é “sempre uma questão de esperança”. E ainda, “se os cristãos creem que Deus falou de modos

¹⁴ “Uma teoria que tem em vista o passo que damos para além das nossas limitações ao conversar com os outros; aliás, esta é a única forma humana de proceder” (Knitter, 2010, p. 191).

diversos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 1,1, p.2085) e não faz distinção de pessoas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos, 10, 34, p.1920), devem também conversar com essas ‘outras palavras’ (Knitter (2010, p. 191).

Etimologicamente, o termo conversa do latim *versare* “vem de *vertere*, que significa girar em torno, pessoas que falam com outras. A conversa desenvolve amizade, cooperação e todos compartilham um mesmo habitat” (Alves; López, 2023, p. 23). A XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de outubro de 2023 sublinha a palavra conversa como denominação de “conversa espiritual”, ou “conversação espiritual”, isto é, como oração compartilhada em vista de discernimento em comum. (XVI Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, 2023, IL, n. 32, p.13). Considerando que a escuta precede o diálogo, promove-se a participação ativa, a escuta atenta, a intervenção refletida e o discernimento espiritual e o diálogo se concretiza (Sínodo dos Bispos, 2021, VM, n. 9, p.36).

A missão descrita pelo Papa Francisco é uma forma de diálogo, de conversação “respeitosa e amável” (Francisco, 2013, n. 128a). Para Spadaro (2013, p.417) não se trata de *fair play* ou de *captatio benevolentiae* pois evangelizar significa antes de tudo assumir a responsabilidade pela pessoa a quem o Evangelho é anunciado de forma integral considerando todo o contexto humano onde está inserida a pessoa para que ela possa exprimir-se e partilhar “as suas alegrias, as suas esperanças, as suas preocupações pelos seus entes queridos e muitas coisas que enchem o seu coração” (Constituição [...], GS, 1965, n. 1, p.143)

Wolff (2018, p.11-15) menciona que o diálogo faz parte da identidade do Papa Francisco e que, em vista disto, ele possui suas raízes dialógicas na sua própria postura de cidadão do mundo, na sua consciência eclesial e compreensão missionária. O diálogo, na visão do Papa Francisco, fundamenta-se no seu testemunho de comunhão, na forma de como compreende o universo e o mundo. Ademais está em sintonia com a caminhada da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Desse modo, ele propõe uma cultura que assegure o diálogo como forma de encontro que se concretiza na missão em um mundo plural.

Nesse sentido, *Mark Joseph Zammit, da Universidad Pontificia Comillas-Madrid*, destaca a importância do diálogo para a missão, afirmando que:

o homem é concebido não apenas como destinatário da palavra de Deus, mas também manifesta essa revelação respondendo e agindo no mundo, porque a sua natureza é de diálogo, criada pelo amor dialógico de Deus. Como consequência da natureza dialógica do homem, a Igreja, que embora

a sua origem seja divina, se institui no mundo e se forma também no diálogo; sua missão é dialógica. Este pensamento afeta todo o trabalho pastoral da igreja (Zammit, 2019, p, 530).

A teologia do Papa Francisco tem contribuído com respostas precisas para estes contextos. Sobretudo para uma missão em saída, como proposta de que missão é o deslocar-se do “centro” rumo às “periferias”, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20). O método é o diálogo, tão bem utilizado nas suas ações missionárias, abre novas possibilidades de encontros, de convivência e complementariedade, gerando assim uma verdadeira comunidade eclesial não autorreferencial, mas como presença ativa de diálogo e escuta.

As contribuições dos teólogos Klaus Krämer e Klaus Vellguth (2012, p. 7-8) apresentam a história sobre a salvação cristã entendida como diálogo de Deus com a humanidade. As narrativas bíblicas, tanto do primeiro testamento como do segundo testamento, mostram que o relacionamento de pessoa com Deus é de proximidade, cuja estrutura e, de fato, é profundamente dialógica. Deus dirige-se à pessoa, conversa, discute e lhe apresenta tarefas específicas para concretizar seu plano de salvação. Por sua vez, a pessoa também dialoga com Deus, o invoca, dirige-se a Ele com pedidos e súplicas.

Assim, a estrutura do êxodo tem um significado marcado para toda a história de Israel, no qual o diálogo é recorrente do Deus que se revela libertador, como o Deus dos pais que nunca deixou seu povo em apuros. Ele conduz seu povo a situações sempre novas, mantendo sempre uma relação dialógica. E em Jesus de Nazaré, Deus atinge o seu ponto culminante de atos libertadores e salvadores. A vida pública de Jesus, particularmente os episódios de cura, e suas preocupações com os pecadores e excluídos, segue uma estrutura dialógica de Deus com a humanidade, corroborando com. O Papa João Paulo II já dizia que:

dois gestos caracterizam a missão de Jesus: curar e perdoar. As múltiplas curas provam a Sua grande compaixão face às misérias humanas; mas significam também que, no Reino de Deus, não haverá doenças nem sofrimentos, e que a Sua missão, desde o início, visa libertar as pessoas daqueles. Na perspectiva de Jesus, as curas são também sinal da salvação espiritual, isto é, da libertação do pecado. Realizando gestos de cura, Jesus convida à fé, à conversão, ao desejo do perdão (cf. Lc 5, 24). Recebida a fé, a cura impele a ir mais longe: introduz na salvação (cf. Lc 18, 42-43). Os gestos de libertação da possessão do demônio, mal supremo e símbolo do pecado e da rebelião contra Deus, são sinais de que o ‘Reino de Deus chegou até vós’ (Mt 12, 28) (João Paulo II, 1990, n. 14).

Portanto, em todas as suas existências, Jesus de Nazaré não transmitiu a Palavra de Deus, mas também Ele é a Palavra de Deus em pessoa, na qual toda a sua vida torna-se Palavra de Deus. Assim, o evento Cristo pode, portanto, ser chamado de diálogo entre Deus e a pessoa. Desde sua encarnação, morte e ressurreição, sua missão foi de esvaziamento sem reserva de si. Ao colocar-se no nível da humanidade, não usufrua de seu poder enquanto Deus. Ressuscitado, suas aparições dialógicas são expressão de sua essência e missão. Na qual confere sua ação e missão ao alcance universal.

Os discípulos acolhem o envio do Ressuscitado, anunciando sua morte e ressurreição, e pouco a pouco vão levando ao mundo a misteriosa conexão de Deus com a humanidade que todos desejam libertar. A presença dialógica do Deus que se revela e está presente na vida da humanidade: “de fato, foi Ele quem os criou, e é Ele que misteriosamente conduz os povos e a história”; instaurando as pessoas e o mundo (João Paulo II, 1990, n. 16.25).

Nesse sentido, é necessário que o diálogo, como elemento teológico da missão, não seja simplesmente meio motivacional para o anúncio do Evangelho, mas conteúdo da evangelização que se faz por meio de sujeitos comprometidos com a missão, envolvidos em suas diversas organizações. Assim, a luta pela justiça tornar-se-á compromisso necessário de todos os que professam a fé comum em Jesus.

Sobre esta fé comum, todos os cristãos, são chamados a aprofundá-la, purificando comportamentos inadequados que não condiz ao diálogo, ter clareza da linguagem e “empenhados no diálogo, têm o dever de responder às expectativas dos seus parceiros e dar testemunho desta fé quando são chamados a fazê-lo, de dar a razão da esperança que está neles” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Pedro 3,15; p.2117; Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, DA, n. 82).

O anúncio deve comunicar que a Palavra de Deus fala realmente à existência das pessoas. E esta atenção pessoal exprime-se também na formação de uma “língua materna” de evangelização, que se exprime numa “tonalidade que transmite coragem, fôlego, força, impulso” (Francisco, 2013, n. 139). E não se exprime através de ideias abstratas e conceituais ou de silogismos frios, mas graças à “beleza das imagens que o Senhor usou para estimular a prática do bem” (Francisco, 2013, n.142).

Portanto, de acordo com a *Evangelii Gaudium*, os desafios atuais requerem uma Igreja corajosa que não seja derrotada pela “acídia pastoral” (Francisco, 2013, n. 82) ou pela “psicologia do túmulo”, que gradualmente transforma os cristãos em

múmias de museu (Francisco, 2013, n. 83). No entanto, esse diagnóstico nem sempre é seguido por soluções resolutivas e verdadeiramente aplicáveis. O Papa destaca o discernimento evangélico, uma perspectiva de discípulo missionário, para que a missão da Igreja não pretenda abordar tal contexto de maneira neutra e asséptica (Francisco, 2013, n.50). Nesse contexto, a proclamação do Evangelho servirá como alicerce para restaurar a dignidade da vida humana. Por isso,

‘evangelização é missão, mas missão não é somente evangelização’, porque ‘a proclamação do evangelho do Reino que está irrompendo é o primeiro e mais importante fator da missão de Jesus, da missão do Espírito Santo e da missão da Igreja, mas não o único’: missão é também diálogo, promoção humana, testemunho, “todas as atividades que servem para a libertação do ser humano de seu cativeiro, na presença do Deus que está vindo, desde a necessidade econômica até a sensação de estar abandonado por Deus”. (Moltmann 2013, p. 29 *apud* Rasquiete, p.227).

É evidente que os textos da Constituição *Gaudium et spes*, que discute a igreja no contexto contemporâneo, e a declaração *Nostra Aetate*, que aborda a igreja e as religiões não-cristãs, endossam o método do diálogo na teologia e na prática eclesial. “Hoje em dia, tanto a efetividade da ação quanto a necessidade do diálogo exigem esforços coletivos” (Constituição [...] 1965, GS, n. 90, p. 252). O sagrado Concílio tem o objetivo de promover e incentivar o conhecimento e a estima, que serão alcançados principalmente através do método do diálogo fraterno (Declaração [...] 1965, NA, n. 4, p.622.).

Os que são enviados em missões são instigados a realizar uma análise crítica e reflexiva dos métodos e abordagens utilizados na realização de suas missões. Esta análise é de suma importância, pois envolve um exame de consciência rigoroso, no qual os métodos anteriormente empregados são comparados com as novas propostas metodológicas atualmente sugeridas pela Igreja.

Essa comparação permite uma avaliação da eficácia e relevância dos métodos antigos em relação aos novos, possibilitando assim a adaptação e evolução das práticas missionárias. Entre as novas diretrizes propostas pela Igreja, uma delas destaca a necessidade de evitar qualquer método ou expressão que possa ser caracterizado como “europeísmo” no contexto missionário (Ratzinger, 2016, p. 466).

Essa orientação visa garantir que as missões sejam conduzidas de maneira culturalmente sensível e respeitosa, evitando a imposição de uma perspectiva europeia em contextos que possuem suas próprias tradições e formas de

compreender o mundo. Assim, a análise dos métodos missionários é um processo contínuo e essencial para assegurar a efetividade e pertinência das missões no mundo atual.

Ademais, para a concretização da missão em diálogo, como sugerido pelo Papa Francisco, a abordagem é o método do diálogo. Acreditamos que isso abrirá novos caminhos para encontros, convivência e complementaridade, criando assim uma verdadeira prevenção contra todo dogmatismo, fanatismo, totalitarismo e fundamentalismo religioso, "para uma realidade de libertação e fraternidade" (Wolff, 2012, p. 102.103; 2018, p. 181). Além disso, na missão, através do método do diálogo, é possível reverter o poder oculto que está em nosso comportamento para estarmos abertos ao diferente. "É mais fácil estar em missão 'para' eles do que estar 'com' eles em um projeto comum" (Amaladoss, 2000, p. 131).

Sem eliminar as diferenças, que são presentes divinos, o método propõe a realização conjunta da missão para promover a vida, participando da execução do plano de Deus e descobrindo as obras de Deus na vida e na história em direção ao Reino de Deus (Faustino, 1995, p. 17). Assim, o método do "diálogo não é uma estratégia complexa da missão, mas uma teologia que surge do diálogo de Deus com a humanidade" (Suess, 2017, p. 88).

A etimologia da palavra método vem do grego, *μέθοδος*, *methodos*, composta de meta: através de, por meio, e de *hodos*: via, caminho. O seu significado original aponta para o caminho que conduz (Gingrich, 1993, p. 131). Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados. "Assim os objetivos do método do diálogo são: abrir questões, mostrar, estabelecer relações, compartilhar ideias, questionar e aprender, compreender, ver as relações entre as partes e o todo, fazer emergir ideias, e revelar a pluralidade das ideias" (Mariotti, 2001, p. 11).

Brighenti (2013, p.1409) diz que o método é o sistema de mediações concretas que permitem o acesso ao objeto de conhecimento, no nosso caso, o "diálogo". Conforme a natureza do objeto, todo pensar necessariamente requer um método que etimologicamente significa guiar no caminho (Boff, 1998, p. 7). Dessa forma, o método dialógico é adotado como caminho de realização da *missio-Dei* na Igreja. A construção efetiva deste caminho fundamenta-se nas atitudes de escuta, discernimento e decisão, conforme apontadas pelo Papa Francisco.

Por isso, em Nápolis, ele dirige a pergunta aos teólogos e teólogas por ocasião do Simpósio “A teologia depois da *Veritatis Gaudium*:

[...] como nos preservarmos reciprocamente na única família humana? Como fazer prevalecer nas nossas comunidades o acolhimento do próximo e de quem é diverso de nós porque pertence a uma tradição religiosa e cultural diversa da nossa? E eu acrescento: Numa sociedade marcada por intolerância, indiferenças num contexto multirreligioso, quais são as consequências que o método do diálogo poderá delinear? (Francisco, 2018, n. 22).

Portanto, o método dialógico é o encontro entre indivíduos que reconhecem e valorizam a dignidade do outro. Acima de tudo, a reciprocidade sincera em um ambiente de respeito e liberdade é o fator mais importante. Na missão, os parceiros do diálogo só podem existir quando a igualdade é a base das relações. Como o próprio Vaticano II afirma: “de igual para igual” (Decreto [...], 1965, UR, n. 9, p 320). Como o Papa Francisco enfatiza, “o método do diálogo é um exercício agradável entre pessoas que se amam” (Francisco, 2013, n. 142).

O educador Paulo Freire questiona: Como posso dialogar, se me admito como uma pessoa diferente, virtuosa por herança, diante dos outros, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão de fora são “essa gente” ou são “nativos inferiores”? (Freire, 1987, p. 46) Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de pessoas seletas? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Assim, Paulo Freire assegura que:

[...] é necessário ter consciência de que não existe ninguém melhor do que ninguém, mas pessoas que interagem, aprendem e compartilham saberes, enfim, dialogam. No entanto, é fundamental considerar aspectos essenciais, como a confiança, para o desenvolvimento do diálogo, conforme orienta Freire. Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé no homem é um dado a priori do diálogo. O homem analógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder (Freire, 1987, p. 52).

Nesta linha de pensamento, com relevante abertura da igreja, realizada pelo Concílio Vaticano II, o vocábulo diálogo passou a denotar método e conteúdo para a

missão. Por meio deste método, através do discernimento, a *missio-Dei*, o mistério de salvação de Cristo pode estar ao alcance de todos aqueles e aquelas que pertencem à religião cristã. Assim, explana o teólogo João Décio Passos:

A temática do diálogo constitui uma das palavras-chave do Concílio Vaticano II. Para além das ocorrências verbais nos textos conciliares, com conotações e aplicações específicas, deve ser resgatada no espírito e no processo conciliares, como atitude fundante que encaminha pedagogicamente a busca de consenso e que conduz dialeticamente à verdade que se quer afirmar e comunicar. Será correto afirmar que o processo conciliar adotou, por força do confronto das diferenças, por persuasão da palavra e por audição da alteridade, o caminho do diálogo de modo a romper com o método clássico, visível nos demais Concílios, por meio do qual a verdade era reafirmada de modo autoritativo, exclusivista e restritivo. A própria intencionalidade do Concílio, desde à convocação da parte do Papa João XXIII, focada sempre no *aggiornamento*, até a aprovação dos Documentos finais, adota o diálogo como caminho sempre mais consciente, na medida em que a Igreja ali presente dá a si mesma o desafio de discernir e acolher o mundo moderno. E, numa circularidade virtuosa, com essa postura revê a si mesma nos termos de sua definição e missão. Não será muito afirmar que o Vaticano II foi uma escola que adotou o diálogo, aprendeu a dialogar e terminou por ensinar o diálogo como regra de vida para todos os cristãos, não obstante a cultura católica tão consolidada da Igreja mãe e mestra, distante e acima da história (Passos, 2015, 266).

Essa intencionalidade dialógica do Concílio, descrita por Passos, vem confirmar o sonho de João XXIII continuado por Paulo VI, que, não obstante as críticas, provenientes tanto da esquerda progressista como da direita conservadora da Igreja, empenhou-se em manter o caminho do diálogo adotado pelo Concílio Vaticano II. Assim, fez perceber que o Concílio havia enriquecido a Tradição Católica, traçando uma imagem bem mais completa da Igreja.

Paulo VI, o Papa do diálogo, buscou derrubar a barreira que separava a Igreja da cultura moderna, dando ao seu magistério um horizonte muito mais vasto daquele da Igreja (Souza; Gomes, 2014, p. 24). Na Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, que discute os caminhos da Igreja, o Papa Paulo VI dedica um capítulo inteiro ao “diálogo”. Ao longo da Encíclica, o Papa menciona a palavra “diálogo” 65 vezes, lembrando que, embora anteriormente fosse considerado um problema, agora é responsabilidade do Concílio buscar uma solução. Na verdade, o que antes era visto como um “problema” agora se transforma em um chamado da Igreja para uma prática de diálogo (Paulo VI, 1964, n. 5). Diante disso, ele diz:

Veneráveis Irmãos, a antepor a esse estudo algumas considerações, para ficarmos a conhecer mais claramente os motivos que levam a Igreja ao

diálogo, os métodos mais aconselháveis e os objetivos em vista. Queremos dispor os ânimos, não tratar as matérias. Nem podemos desinteressar-nos deste assunto, convencidos como estamos que o diálogo deve caracterizar o nosso cargo apostólico (Paulo VI, 1964; ES, n. 38).

O Papa Francisco, como filho do Concílio Vaticano II, quer que toda comunidade eclesial assuma o diálogo, o *aggiornamento*, como relevantes para a questão da reforma da Igreja. Por isso, fiel aos seus antecessores, busca com veemência firmar este método para toda a Igreja. Em vista da “origem transcendente do diálogo” (Paulo VI, 1964, n. 41), ele é indicado não só como colóquio entre irmãos, mas também o conjunto de relações positivas e construtivas para o verdadeiro caminho eclesial.

A respeito disso, Bevans (2016), no livro *Diálogo Profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*, dedica todo um capítulo de sua obra sobre a missão cristã como diálogo. Discorre, acentuando que o método para a concretude da missão, atualmente, precisa ser pensado e realizado no espírito e, na prática do diálogo, reconhecendo que Deus já está ali antes da chegada do missionário. “Missão não é fazer coisas para pessoas, em primeiro lugar é ser com as pessoas” (Bevans, 2016, p. 39). E, ainda, acrescenta que o método do diálogo deve ser manifesto na totalidade em todas as atividades missionárias e pastorais da igreja. Contudo, diante do exposto, não basta ser somente um diálogo, mas sim um diálogo profético.

Neste sentido, quando o Papa Francisco fala da necessidade de um agir missionário ancorado no diálogo, o seu desejo é que todo diálogo seja precedido pelo discernimento. Conforme exorta o Apóstolo Paulo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Bíblia de Jerusalém, Romanos 12, 2, p.1986). Neste sentido, que, na quarta-feira do dia 31/08, ele inicia um ciclo de catequese na Sala Paulo VI sobre discernimento, na qual afirma que:

No diálogo de Deus com a pessoa: não é por acaso que se trata do primeiro diálogo entre Deus e o homem. O diálogo é: o Senhor dá a missão, é preciso fazer isto e aquilo; e o homem, a cada passo que dá, deve discernir qual é a decisão a tomar. O discernimento é aquela reflexão da mente, do coração que devemos fazer antes de tomar uma decisão (Francisco, 2022, p.3).

A habilidade de discernir é essencial para todos. Deus estabelece um diálogo de redenção com cada indivíduo, fundamentado no uso da inteligência e na vontade pessoal. Dando continuidade à catequese sobre o discernimento (07 de setembro de

2022), o Papa Francisco, citando seu fundador Inácio de Loyola, que passou por uma situação desagradável com uma “ferida na perna”, diz que “discernimento é a ajuda para reconhecer os sinais com que o Senhor se deixa encontrar nas situações inesperadas. Delas pode nascer um encontro que muda a vida para sempre” (Francisco, 2022, p. 3).

Por ser uma realidade antropológica, o diálogo, enquanto método, necessariamente é interpessoal, o que nos leva a auscultar a voz que sai do coração humano e compreendê-la. Neste sentido, a missão em diálogo é a proposta de processo de aproximação, relação fraterna, interpessoal, no qual implica a abertura e disposição sincera para ouvir. Além disso, por mais alheio que pareça, é um colocar-se no lugar, em uma atitude de respeito dialogante.

Por isso, a importância de o indivíduo buscar através do diálogo aqueles pressupostos essenciais, o qual favorece o preencher de toda a ausência, tais como: amizades, relações interpessoais, gestos de solidariedade, comunhão, aceitação do diferente, convivência, partilha, rodas de conversas e outros métodos (Andrade, 2008, p. 195).

A proposta é ampliar a consciência de que a teologia do diálogo é essencial na dinâmica da missão. Esse instrumento não apenas vitaliza as relações, mas também impulsiona o desenvolvimento da missão. Contudo, é importante destacar que “nem toda conversa ou comunicação” entre as partes merece ser chamada de “diálogo”. O verdadeiro diálogo é caracterizado por “respeito e abertura”.

Como afirmado no documento “Diálogo e Anúncio”, um cristão está despreparado para anunciar o evangelho quando não consegue apreciar e respeitar outros crentes e suas tradições (Pontifício Conselho para o diálogo Inter-religioso, 1996, DA, n. 73).

4.3.2 Diálogo intercultural

Para o processo de evangelização, o mundo da cultura nos tempos atuais apresenta vários desafios que precisam ser superados para que o Evangelho, enquanto boa notícia, sinfônica e plural alcance a todos. Entre os desafios, o Papa Francisco destaca: a indiferença relativista, o totalitarismo, a cultura do imediatismo, visível, rápido, superficial, provisório, a globalização, o domínio dos meios de

comunicação e a influência das mass-media que ameaçam os valores tradicionais. Uma sociedade materialista, consumista e individualista (Francisco, 2013, n. 61-65).

Paola (2020, p. 2) afirma que “o cristianismo é crível na medida em que consegue dialogar com a cultura pós-moderna atual e com outras religiões”. Por isso, neste contexto do mundo da cultura e da ciência, o Papa Francisco apresenta um amplo campo para a promoção do diálogo. Ele apela à ciência, incentivando a pesquisa científica e a presença comprometida de teólogos e teólogas para desenvolverem a *missio-Dei* como um espaço de salvação, considerando acima de tudo o propósito evangelizador da Igreja e da teologia.

Com o objetivo de que o evangelho seja ouvido por todos, o Papa Francisco ainda lembra que este diálogo ocupa um lugar de destaque nas culturas profissionais, científicas e acadêmicas. Ele destaca a importância da fé, da razão e da ciência. Por isso, ele afirma que “quando algumas categorias da razão e das ciências são acolhidas no anúncio da mensagem, tais categorias tornam-se instrumentos de evangelização, é a 'água transformada em vinho'” (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Jo 2,1-12, p.1846; Francisco, 2013, n. 132-134). Wolff concorda com o Papa Francisco ao afirmar que:

há de se procurar novos processos de evangelização no mundo multicultural. E a melhor forma de realizar isso é propor um diálogo entre a fé, as culturas, as ciências, as instituições religiosas e a sociedade civil, numa corresponsabilidade pela defesa e promoção da vida humana e da criação inteira (Wolf, 2018, p.49-50).

Neste sentido, o Pontífice, não perde as oportunidades de acompanhar os momentos que o mundo promove em benefício ao diálogo cultural. Exemplo este, é o seu discurso por ocasião da comemoração do dia mundial da Diversidade Cultural criado pela UNESCO em 2 de novembro de 2001 e comemorado no dia 21 de maio. Ele considera este dia como uma oportunidade para celebrar as várias formas de cultura, de diversidade de expressão cultural como também, refletir como elas contribuem para o diálogo. Assim ele descreve na Encíclica *Fratelli Tutti*:

Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura económica e a cultura da família, e a cultura dos meios de comunicação (Francisco, 2020, n. 200).

Em vista disso, Francisco faz o seguinte apelo: Podemos encontrar a verdade juntos no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. Um caminho perseverante, feito de silêncios, capaz de recolher a vasta experiência das pessoas e da diversidade cultural dos povos (Francisco, 2021, p. 2). Conforme descreve o Compêndio da Doutrina social da Igreja: “As culturas manifestem disponibilidade ao diálogo e advirtam a urgência de unir os próprios esforços para favorecer a justiça, a fraternidade, a paz e o crescimento da pessoa humana” (Pontifício Conselho Justiça e Paz, 2011, CDSI, n. 12).

Por isso a importância do diálogo entre fé, razão e ciências, considerando que a intenção do Papa Francisco sempre mantém como foco central o processo de desenvolvimento do ser humano. Ele lembra que este diálogo é um meio extremamente importante para a ação evangelizadora. Além disso, considerando que a fé não teme dialogar com as ciências, pois ambas são provenientes de Deus, este processo dialógico enriquece a sociedade e abre novos horizontes para o caminho da harmonia social.

Neste contexto, atentas à evolução dos tempos e para uma evangelização eficaz, todas as ciências empíricas e outros conhecimentos, como a filosofia e a teologia, não podem se contradizer. No entanto, o Papa Francisco alerta para o cuidado com as ideologias que bloqueiam o caminho do diálogo, com afirmações exageradas do objeto formal, bem como comprovações científicas que ainda não foram suficientemente comprovadas e se estabelecem como se fossem um dogma de fé (Francisco, 2013, n. 242-243).

4.3.3 Diálogo ecumênico em Francisco

Para o Papa Francisco o ecumenismo e o diálogo inter-religioso são vias que possibilitam a cooperação comum, a vivência da unidade e o crescimento dos valores espirituais, humanos e sociais. O diálogo é a chave da missão em perspectiva ecumênica. O desejo do Papa Francisco é a urgente necessidade de um ecumenismo comum no processo evangelizador. Uma missão, *Oikoumene*, isto é para todo mundo e com todo mundo.

O Decreto *Unitatis Redintegratio* do Concílio Vaticano II define “o Ecumenismo como um movimento de unidade que envolve aqueles que invocam o Deus Trino e

confessam Cristo como Senhor e Salvador, não apenas individualmente, mas também em comunidade” (Decreto [...], UR, 1965, n. 1, p. 309).

A palavra “Ecumenismo” tem origem no termo grego “οικουμένη”, “*oikoumene*”, que se relaciona com “οικειν”, significando habitar, e “οικος”, que significa casa, referindo-se à terra habitada (Gingrich, 1993, p.145) Como moradores de uma única terra, temos a responsabilidade de conviver em serviço, cuidado e paz com toda a humanidade. Porém,

mais que enfatizar o significado técnico de ecumenismo, que historicamente assumiu um sentido hermético no mundo cristão, há que se enfatizar o seu significado existencial, de convivência, co-responsabilidade, parceria, o que é comum a toda a humanidade. Ecumenismo diz respeito ao próprio mundo como condição para ser/existir e ao modo de ser no mundo. Amplia-se o horizonte semântico do termo: a *ecumene* abriga todos os seres e todos os credos, alargando a meta da unidade buscada (Wolff, 2005, p.28-29).

Assim sendo, Sinner, (2020, p. 58.63). diz que teologicamente, a Bíblia ensina que a terra pertence a Deus (Bíblia de Jerusalém, 2002, Salmo, 24,1, p. 885), que enviou seu filho ao mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 1,6, p. 2084), e cuja missão se estende por todo o mundo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus, 24,1-4, p. 1746). Jesus expressou seu desejo ecumênico em oração: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 17,21, p. 1888). O Ecumenismo não busca uniformidade ou proselitismo, mas sim a unidade na fé e no serviço ao Deus Trino, respeitando a diversidade

Por esse motivo, o Papa Francisco declara adotar a cultura do diálogo como colaboração comum, como conduta, conhecimento mútuo, como método e critério como caminho para o bem viver do Ecumenismo. O pontífice sublinha que o diálogo entre os discípulos missionários de Jesus significa encontrar-se cada vez mais o crescimento dos valores espirituais, humanos e sociais comuns e assim, “investir estes valores na propagação das mais altas virtudes morais que as religiões solicitam. Significa também evitar as discussões inúteis” (Francisco, 2019, p. 3).

Em sua catequese sobre a Igreja, o Papa Francisco recorda os inúmeros irmãos e irmãs pertencentes a outras confissões ou tradições diferentes que compartilham na unidade a fé em Cristo. O pontífice tem consciência até sente vergonha de que, ao longo da história, os conflitos foram evidentes. As razões das divisões foram as mais diversas: divergências de princípios dogmáticos e morais,

conceitos teológicos e pastorais, motivos políticos, atritos, antipatias e ambições entre as quais se sobressaem a soberba e o egoísmo.

Com efeito, violenta-se a identidade cristã e eclesial do outro, com afirmações gratuitas, infundadas e historicamente preconceituosas. O que vemos aí é uma teologia anacrônica, presente em muitas lideranças das igrejas que não desenvolvem a “cultura do diálogo” e não exercem o “ministério da reconciliação” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2Coríntios 5,18, p.2022; Wolff, 2021, p. 23). Tais comportamentos ao longo da história da Igreja foram causas de desacordos, intolerâncias e incapacidade de ouvir e de aceitar os irmãos e irmãs de visões diferentes. Conforme relata o apóstolo Paulo:

[...] fui informado pelos que são da casa de Cloé, que há contendas entre vós o fato de entre vós usar essa linguagem: ‘Eu sou discípulo de Paulo; eu, de Apolo; eu, de Cefas; eu, de Cristo’. Então, estaria Cristo dividido? É Paulo quem foi crucificado por vós? É em nome de Paulo que fostes batizados?” (1Cor 1,12-13).

Por isso, o Papa Francisco enfatiza que ainda hoje percebe que os relacionamentos nem sempre demonstram respeito e cordialidade. “É doloroso, mas ainda existem divisões!” Em razão disto, ressalta que os cristãos divididos provocam feridas em Cristo, considerando que o desejo do Senhor Jesus sempre foi que seus discípulos permanecessem unidos no seu amor. Neste sentido, ele súplica ao Pai. “Pai Santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 17,11, p.1887).

Por isso, o Papa Francisco ressalta que o Ecumenismo “é uma contribuição para a unidade da família humana” (Francisco, 2013, n. 245). E, acima de tudo, os missionários e missionárias presentes nos diversos continentes, diante das divisões, muitas vezes são motivos de críticas, queixas e sarcasmos que recebem devido ao escândalo da divisão. Assim, Francisco (2013, n. 246) exorta que os cristãos unam-se e decididamente busquem caminhar para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. Ainda alerta para a importância de tudo o que une os cristãos ao dizer:

[...] são tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (Francisco, 2013, n. 246).

Essa fala do Papa Francisco, confirma o seu encontro com a delegação da comunhão mundial das igrejas reformadas, diz que este é um momento repleto de esperança, ao longo do tempo nós precisamos viver cada vez mais. Porque o Ecumenismo é um caminho abençoado que está consoante à oração do Senhor, “para que todos sejam um só” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 17, 21, p.1888). Se faz necessário sempre retomarmos a importância da missão, do abrir-se aos outros, do reavivar a graça de Deus abrindo projetos missionários, e acrescenta: “Com efeito, não é possível comunicar a fé vivendo-a de maneira isolada ou em grupos fechados” é necessária uma comunhão solidária e fecundidade missionária (Francisco, 2016, p.1).

Desse modo, o testemunho comum do Evangelho exige a unidade das igrejas e “convicções” de que a solidariedade é o caminho desejado por Jesus aos seus discípulos”. Assim, na medida que as igrejas se perceberem unidas, recuperando o fundamento teológico da comunidade cristã, reunida em nome de Jesus à solidariedade, a luta pela justiça tornar-se-á compromisso necessário de todos que professam a fé comum em Jesus de Nazaré. Por essa razão, a prática da cooperação ecumênica se realiza em três níveis: pessoal, eclesial, e organizações ecumênicas (Wolff, 2018, p. 346. 349. 356).

Quanto ao diálogo inter-religioso por ocasião do Ano da Misericórdia, aberto em 8 de dezembro de 2015, em sua bula papal onde anunciou o Jubileu, o Papa Francisco fez referência à ênfase, tanto do Islã quanto do judaísmo, à misericórdia divina, ao escrever: “A misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja”. Assim ele escreve na Bula:

[...] a misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja. Ela relaciona-nos com o judaísmo e o islamismo, que a consideram um dos atributos mais marcantes de Deus. Israel foi o primeiro que recebeu esta revelação, permanecendo esta na história como o início duma riqueza incomensurável para oferecer à humanidade inteira. Como vimos, as páginas do Antigo Testamento estão permeadas de misericórdia, porque narram as obras que o Senhor realizou em favor do seu povo, nos momentos mais difíceis da sua história. O islamismo, por sua vez, coloca entre os nomes dados ao Criador o de Misericordioso e Clemente. Esta invocação aparece com frequência nos lábios dos fiéis muçulmanos, que se sentem acompanhados e sustentados pela misericórdia na sua fraqueza diária. Também eles acreditam que ninguém pode pôr limites à misericórdia divina, porque as suas portas estão sempre abertas. Possa este Ano Jubilar, vivido na misericórdia, favorecer o encontro com estas religiões e com as outras nobres tradições religiosas; que ele nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos; elimine todas as formas de

fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação (Francisco, 2015, p.16).

Com efeito, o seu desejo é que cada vez mais unidas pela misericórdia, as religiões, com suas nobres tradições, tornem-se mais abertas ao diálogo para melhor compreensão e conhecimentos de ambos. Dessa forma, pelo diálogo, todas as formas de fechamento, violência e discriminação sejam eliminadas (Francisco, 2015, p.16). Diante de todas essas considerações, o que devemos fazer? O Papa Francisco questiona e sugere que a resposta está na oração, na comunhão e na comunidade, na crescente abertura ao diálogo, aceitando o que é válido e positivo mesmo entre aqueles que têm opiniões diferentes das nossas.

Ele também enfatiza a importância de não nos concentrarmos no que nos divide, mas sim de crescermos juntos através do compartilhamento de boas ações e obras de caridade. Além disso, destaca a capacidade de perdoar e de nos sentirmos cada vez mais como membros de uma única grande família humana. (Francisco, 2014, n. 51-55). Por isso, que diante dos representantes das igrejas e comunidades eclesiais, de outras religiões, assegura o seu desejo: “Pela minha parte, na esteira dos meus Predecessores, desejo assegurar a vontade firme de prosseguir no caminho do diálogo ecumênico” (Francisco, 2013, p.2).

4.3.4 Diálogo inter-religioso em Francisco

O Papa Francisco apresenta este diálogo como uma conversa relevante para a vida humana. Através deste diálogo somos chamados a aprender a aceitar os outros no seu modo de ser diferente, de pensar e se expressar. E afirma que este é um método pelo qual juntos podemos assumir o dever de servir a justiça e a paz. Neste sentido implica firmeza nas próprias convicções religiosas e identidade clara. Contudo, com o coração generoso e aberto para acolher e compreender a religião do outro. “sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos” (Francisco, 2013, n. 251).

Portanto, faz-se necessário considerar a importância do diálogo inter-religioso, teologicamente tão necessário nos tempos atuais. A respeito disso, afirma o Concílio Vaticano II:

A Igreja reprovava, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor,

condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, 'observando uma boa conduta no meio dos homens. (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens' (Declaração [...], 1965, NA, 5, p. 624).

Considerando o que o Concílio assevera, é essencial ter consciência de que a sociedade está imersa na diversidade de religiões com suas expressões mais variadas, como: hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo, ciganos, indígenas e afro. Portanto, na perspectiva do Papa Francisco, e com a revisão de afirmações teológicas e doutrinárias, o esforço de diálogo com as diferentes religiões fortalecerá cada vez mais uma nova interpretação da fé cristã (Wolff, 2018, p. 75-77).

Dessa maneira, o Papa enfatiza que, apesar das dificuldades, particularmente o fundamentalismo de ambas as partes, para a concretização deste diálogo é necessária uma atitude de abertura. Porque "o diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, portanto, é um dever para os cristãos e para outras comunidades religiosas" (Francisco, 2013, n. 250).

4.3.5 Diálogo social para a paz e a fraternidade universal

Considerando que os fatores sociopolíticos são intrínsecos à dimensão da vida, Amaladoss (2006, p. 73) afirma "que os indivíduos são profundamente influenciados pelo contexto social em que vivem", o que apresenta desafios na construção de relações no âmbito da missão em diálogo. Esses fatores incluem questões relacionadas aos direitos humanos, processos de democratização, política, etnia, racismo, grupos e movimentos sociais. Além disso, observamos um aumento da violência física e simbólica, bem como questões relacionadas ao gênero e aos estudos culturais.

O Papa Francisco lembra-se que a maioria das pessoas em nosso tempo enfrentam dificuldades cotidianas, mesmo nos chamados países ricos. O medo e o desespero afetam inúmeras pessoas (Francisco, 2013, n. 52). Por outro lado, o Concílio Vaticano II, em sua Constituição sobre a Igreja no mundo atual (GS), reconhece as complexidades sociopolíticas, destacando que o progresso humano e o desenvolvimento da sociedade estão interligados.

A natureza social do ser humano exige relacionamentos e contatos sociais. Ao interagir com os outros, crescemos em nossas qualidades e tornamo-nos capazes de

responder à nossa própria vocação, servir mutuamente e dialogar com nossos irmãos (Constituição, 1965, GS, n. 25, p.168). Por isso, Wolff (2007, p. 244) ressalta que, diante da situação sociopolítica que afeta a humanidade, existe uma relevante teologia da unidade que sustenta a fidelidade missionária.

A “cultura do encontro” é o método que o Papa Francisco sugere para o diálogo entre a sociedade e os Estados. Essa postura é crucial para fomentar o anseio das pessoas de se reunirem e cooperarem na busca de soluções pacíficas e políticas para lidar com os desafios da modernidade. Assim, a cultura do encontro incentivará as sociedades a estabelecerem conexões e projetos inclusivos para todos. Na sua visita apostólica ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada mundial da juventude, no encontro com a classe dirigente do Brasil em 27 de julho de 2013, o Papa Francisco explicitou que:

entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo com o povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Um país cresce, quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: cultura popular, cultura universitária, cultura juvenil, cultura artística e tecnológica, cultura econômica e cultura familiar e cultura da mídia. É impossível imaginar um futuro para a sociedade, sem uma vigorosa contribuição das energias morais numa democracia que evite o risco de ficar fechada na pura lógica da representação dos interesses constituídos (Francisco, 2013, n.3. p.3).

Dando prosseguimento ao seu discurso, revelou que:

Quando os líderes dos diferentes setores me pedem um conselho, a minha resposta é sempre a mesma: diálogo, diálogo, diálogo. A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom. O outro tem sempre algo para nos dar, desde que saibamos nos aproximar dele com uma atitude aberta e disponível, sem preconceitos. eu a definiria como ‘humildade social’ que é o que favorece o diálogo. Só assim pode crescer o bom entendimento entre as culturas e as religiões, a estima de umas pelas outras livre de suposições gratuitas e num clima de respeito pelos direitos de cada uma. Hoje, ou se aposta no diálogo, na cultura do encontro, ou todos perdemos. Todos perdemos... Passa por aqui o caminho fecundo (Francisco, 2013, n.3. p.3).

Em razão disso, todas as pessoas que têm um papel de responsabilidade em uma nação são convocadas a encarar o futuro “com os olhos serenos de quem sabe discernir a verdade”. Neste contexto, ele considera três aspectos importantes deste olhar calmo e sábio: “primeiro, a singularidade de uma tradição cultural; segundo, a

responsabilidade compartilhada para construir o futuro; e terceiro, o diálogo construtivo para enfrentar o presente” (Francisco, 2013, n. p.2).

Dada a experiência desses âmbitos, entende-se que todos os cristãos enviados à missão têm o dever de prosseguir com esta responsabilidade. De acordo com o magistério do Papa Francisco, é dever da igreja analisar constantemente os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho. Desta forma, ela poderá, em cada geração, fornecer respostas convincentes às perguntas eternas feitas pela humanidade sobre o sentido da vida. Daí a importância de cada vez mais conhecer e compreender o mundo em que vivemos, suas esperanças e aspirações, e seu caráter muitas vezes dramático, que se manifesta na realidade sociocultural e política (Dicastério para o Diálogo Inter-Religioso, 1991, DA, n. 4).

O compromisso com o diálogo social e a paz social, na busca de uma cultura de encontro, é parte integrante da renovação missionária eclesial do Papa Francisco. Ancorado nas fontes das Sagradas Escrituras, ele busca estabelecer seu desejo de um diálogo social, cuja prioridade é a Paz. Por isso, ele afirma que a Igreja proclama o "evangelho da paz" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Efésios 6, 15, p.2046; 2, 14, p.2041). E ao anunciar Jesus Cristo, que é a paz em pessoa, o diálogo social se esforça para que as sociedades concordem em viver juntas em um pacto social em prol da paz. Por essa razão, o Concílio Vaticano II evidencia que:

a paz não é simplesmente ausência da guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas ou resulta de dominação despótica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada “obra de justiça” (Is 32,7). É fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por justiça mais perfeita. [...]. A paz terrena, nascida do amor do próximo, é imagem e efeito da paz de Cristo, vinda do Pai (Constituição [...], 1965, GS, n.78, p.237).

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, que trata da fraternidade e da amizade social, o sexto capítulo é dedicado ao tema do Diálogo e da Amizade Social. O que compreendemos por diálogo? O Papa também nos desafia a pensar: como seria um mundo sem o diálogo paciente e generoso? “Indiferentes perante a verdade e o bem” (Constituição [...], 1965, GS, n.28, p.171). Portanto, “sendo o mundo a *oikoumene* de Deus, é cada vez mais necessário relativizar as estruturas que dificultam o diálogo e a ação social conjunta” (Wolff, 2007, p. 244).

Neste contexto, o Papa Francisco recorda precisamente conceito do verbo dialogar, dizendo que dialogar é: “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se resume no verbo 'dialogar'” (Francisco, 2020, n. 198). Nesse sentido, o diálogo social é tudo o que possibilita o encontro e a ajuda mútua, ou seja, a comunhão. Para nos encontrarmos e ajudarmos uns aos outros, precisamos dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; basta pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O Papa Francisco, ao discursar com membros da Academia da Suécia, assim se expressou:

[...] o diálogo social é uma via mestra para uma nova cultura. ‘Em época de crise, cada pequeno passo que pode aproximar os seres humanos dos outros é de grande importância’. Trata-se da prática diária do encontro e do diálogo: um estilo de vida que não faz manchetes, mas ajuda a comunidade humana a progredir, a crescer na amizade social (Francisco, 2021, p.1).

Tratando de uma prática diária, o Papa Francisco também enfatiza o chamado ao diálogo social, especialmente em relação à Amazônia, um lugar de diversidade cultural representada por seus povos nativos, com os quais somos convidados a aprender a dialogar. Mesmo mantendo nossas próprias convicções, “a dinâmica do diálogo social envolve compreender e aceitar o significado das palavras e ações do outro” (Francisco, 2020, n. 26).

4.4 DIÁLOGO COMO MÉTODO E CONTEÚDO DA MISSÃO

Dada às rápidas transformações, tanto a sociedade quanto a comunidade eclesial estão passando por notáveis mudanças de paradigmas.

Diante deste cenário, surge a questão: Como desenvolver a missão de uma forma teologicamente ontológica, a partir de uma episteme que considere as novas mudanças de paradigma da missão? Papa Francisco responde: “Em uma sociedade pluralista, o diálogo é a via mais apropriada para reconhecer o que sempre deve ser afirmado e respeitado, além do consenso ocasional” (Francisco, 2020, n. 211).

É importante ressaltar que a missão é realizada através de caminhos percorridos por meio dos quais os peregrinos desta jornada buscam autenticamente construir o Reino de Deus a partir do Ressuscitado que caminha ao lado. Assim,

vivenciam experiências e geram vida. À medida que a vida cresce, o contexto transforma-se e novas perspectivas surgem no caminho que se faz diante de novos paradigmas.

O tema do diálogo e do anúncio do evangelho sugere que todos os cristãos são chamados a participar pessoalmente deste caminho para a única missão, a *missio-Dei*, sem a pretensão de conversão e proselitismo, rompendo com o eclesiocentrismo¹⁵ e o etnocentrismo.¹⁶ Nesse sentido, o Papa Francisco afirma: “saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”.

Com o magistério do Papa Francisco, a teologia da missão emerge transformações com marcantes mudanças de paradigmas. A partir dos ensinamentos teológicos do Concílio Vaticano II e de seus antecessores, o pontificado do Papa Francisco, surpreende a comunidade eclesial, a sociedade e o mundo. Isto acontece por meio dos novos modos de anunciar o Evangelho de transmitir o anúncio, com propostas de abordagem inclusiva e compassiva em perspectivas de mudanças de paradigmas. Revela-se que o seu pontificado aponta para o futuro em espírito de liberdade, impactando a Igreja para posturas de compaixão. Portanto,

como discípulos de Jesus reconhecemos que Ele é o primeiro e maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4,44) e ao mesmo tempo o Evangelho de Deus (cf. Rm 1,3). cremos e anunciamos ‘a boa nova de Jesus, Messias, Filho de Deus’ (Mc 1,1). Como filhos obedientes à voz do Pai, queremos escutar a Jesus (cf. Lc 9,35) porque Ele é o único Mestre (cf. Mt 23,8). Como seus discípulos, sabemos que suas palavras são Espírito e Vida (cf. Jo 6,63.68). Com a alegria da fé, somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, n’Ele, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação (CELAM, 2007, DAp, n. 103).

Neste sentido, enquanto discípulos missionários de Jesus Cristo, no anúncio da Boa de Jesus Cristo, não se trata de procurar a mudança por si mesma nem de seguir as modas, mas de ter a convicção de que o desenvolvimento e o crescimento

¹⁵ A Igreja cristã está no centro do plano de salvação de Deus. Só a Igreja é depositária da salvação, e todas as demais religiões estão destinadas a desaparecer e a fundir-se com a Igreja. Tudo no mundo e na história humana aponta para a Igreja, como a seu centro e destino. Está exemplificada esta atitude na conhecida sentença fora da Igreja não há salvação (VIGIL, **Teologia do pluralismo religioso**, São Paulo: Paulus, 2006 p. 64.)

¹⁶ Visão preconceituosa e unilateralmente formada sobre outros povos, culturas, religiões e etnias. Esse conceito refere-se, portanto, ao **hábito de julgar inferior uma cultura diferente da sua própria** cultura, considerando absurdo tudo que dela deriva e considerando a sua como a única correta. PORFÍRIO, Francisco. Etnocentrismo. In: **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm> Acesso em: 25 abr. 2024.

são a característica da vida terrena e humana, enquanto no centro de tudo, segundo a perspectiva do crente, está a estabilidade de Deus.

No discurso à Cúria Romana por ocasião dos votos natalícios, em 21 de dezembro de 2019, Francisco, citando o Cardeal Newman afirma: “Aqui, na terra, viver é mudar; e a perfeição é o resultado de muitas transformações” (Francisco 2019, p. 2). Essa epígrafe citada pelo Papa Francisco revela, o quanto é consubstancial a mudança ao humano.

Dentre as mudanças proposta pelo Papa Francisco, destacam-se: as estruturas eclesiais, a começar pela cúria romana, o processo de desenvolvimento das ações missionárias da igreja por ser este o paradigma de toda a obra da Igreja (Francisco, 2013, n. 15). Além disso, acrescenta-se a ênfase nas questões da justiça social, a ecologia, o bem-viver e a abertura ao diálogo inter-religioso.

Conforme diz o Papa Francisco, em todos os contextos novas culturas estão sendo formadas nestas vastas áreas humanas, nas quais o cristão já não é o único agente promotor ou criador de significado, mas, sim um receptor de outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em desacordo com o Evangelho de Jesus (Francisco, 2013, n. 73). No entanto, na V Conferência geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida (2007), os conferencistas ¹⁷recordam que as mudanças de paradigmas são fenômenos que comprometem o fiel no cumprimento da missão de Deus no mundo atual.

Tais mudanças gerais são desafios que impelem o discípulo missionário a assumir atitudes de acolhida, diálogo e, ao mesmo tempo, de discernimento. Dentre tantos, destacam-se: “uma sociedade cada vez mais polarizada e plural, a globalização, a ascensão dos pobres, exclusão, processo migratório, alterofobia, a intolerância religiosa e política, a diminuição de envio de missionários e missionárias, tanto sacerdotes, leigos e religiosas” (CELAM, 2007, DAp, n.185).

¹⁷ Um grupo de 30 teólogos e pastoralistas, provenientes de diversos países. “Muitas das nossas contribuições foram úteis para a reflexão e os documentos da V Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe”. (Aparecida, SP, 13-31/05/2007). Na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida 266 participantes internos da V Conferência. Eram 162 membros efetivos, 81 convidados pelo Papa, 8 observadores de outros grupos religiosos, cristãos e não cristãos, e 15 assessores (Nery, 2024, p. 1). APARECIDA 2007 – V CONFERÊNCIA. Disponível em: https://amerindiaenlared.org/uploads/adjuntos/141_NERYAparecida2007.doc. Acesso em: 19 maio 2024.

O que pleiteia frente à gravidade destes desafios? Que gestos coerentes de fé são relevantes para argumentar os novos paradigmas? Diante destes contextos, necessariamente para o ser e agir da missão, urge o nascimento de atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a corresponsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs. Papa Francisco recorda que as mudanças de paradigma “exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer sua permanente novidade” (Francisco, 2013, n. 41). Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. de Aparecida reafirma que a missão é universal, pois na qual o Senhor entregou este mundo a todos (CELAM, 2007, DAp, n. 125).

Com a chegada dos novos paradigmas, torna-se necessário demonstrar gestos de solidariedade até os confins do mundo. As mudanças nos paradigmas da missão, como apontado por Suess (2008), remetem ao Concílio Vaticano II, que de maneira abrangente permitiu que a missão de Deus realizada pela Igreja fosse cada vez mais repensada de forma ampla, contextualizada e universal.

Assim, os novos paradigmas que surgiram após o Concílio Vaticano II se apresentam como inserção e inculturação, diante das discrepâncias socioculturais das atividades missionárias, principalmente em gestos de proximidade com os menos favorecidos e vulneráveis da sociedade. Nesse sentido, há uma insistência de que as mudanças de paradigma comecem por uma transformação missionária expressa na prática de uma Igreja em saída como cooperação missionária (Francisco, 2013, n. 20-23; Suess 2008, p. 880).

4.4.1 Missão em diálogo: cooperação entre igrejas-irmãs

Cooperação tem sua etimologia no latim *cooperare*, *cooperari* que em seus diversos sinônimos significam: colaboração, ajuda, apoio, assistência, auxílio, coadjuvação, concurso, contribuição, contributo, participação, solidariedade (Saraiva, 2019, p. 306) Portanto, nos tempos hodiernos, a Igreja em sua ação missionária é vocacionada a cooperar prontamente com as urgentes necessidades que envolvem a humanidade. E o caminho proposto é o de se deslocar do “centro” rumo às “periferias”, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20).

Historicamente, o despertar de cooperação com o projeto “Igrejas-Irmãs das Igrejas do Brasil inicialmente se realizou para a Amazônia, às Regiões do Oeste e nordeste”. Foi, sobretudo, aí que o projeto encontrou, desde o início, maior motivação e expansão. Sua revitalização sempre será certamente importante para uma nova e maior decisiva fase e empenho missionário que favoreça o amadurecimento e a originalidade das Igrejas locais e suscite projetos concretos de solidariedade e reciprocidade (CNBB, 1995-1998, DGAE, n. 248). Logo,

cooperação missionária é aquela ação que promove a efetiva participação do povo de Deus. [...] Por sua natureza, missão é sempre uma tarefa compartilhada, é um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial. Essa participação se realiza essencialmente em três formas: pela comunhão espiritual, pela comunhão dos bens materiais e pela entrega da vida (CNBB, 2016, Doc 108, n. 26).

Com efeito, “chegou finalmente a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares, e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras” (CELAM, 1979, DP, n.368). Sabe-se que os projetos Igrejas-Irmãs, iniciados em 1972, têm sido nos últimos anos uma das iniciativas missionárias expressivas das igrejas particulares do Brasil. Tal vitalidade vem confirmar a abertura missionária e a capacidade de compartilhar os dons espirituais, humanos e materiais com outra igreja. Por isso, a Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida ressalta que se faz necessário o estímulo para que muitos discípulos de nossas Igrejas vão e evangelizem na “outra margem”. Somos Igrejas pobres, mas “devemos dar a partir de nossa pobreza e a partir da alegria de nossa fé” (CELAM, 2007, DAp, n.379).

Papa Francisco assegura que este processo de cooperação ainda é muito lento em nossas comunidades eclesiais. Ele considera que a causa desta lentidão ainda é o medo demasiado que sufocam a prática missionária, a pouca ousadia e a comodidade dos discípulos missionários dos nossos tempos se lançarem com criatividade e assim nos tornamos simplesmente espectadores duma estagnação estéril da Igreja (Francisco, 2013, n. 129).

Deus torna bem-aventurados os que são capazes de perceber a necessidade dos irmãos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Salmo 41,1, p.905). O cuidado paternal de Deus por toda a família humana, no desejo de que todos se tornem irmãos e irmãs. Moisés experimenta em sua missão a solidariedade (Bíblia de Jerusalém, 2002,

Êxodo 17,11, p126). Deus, em seu amor, reconhece e não se esquece dos nossos gestos altruístas em favor dos irmãos (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 6,10, p. 2090).

Essa missão, querida por Cristo, é uma missão de amor, porque Deus é amor (J Bíblia de Jerusalém, 2002, João 4, 8, p.1850). Assim, Jesus, o enviado do Pai, fonte e origem da missão, vivendo plenamente à vontade do Pai, sua prática conteve todos os elementos da missão (Decreto [...], AG,1965, n. 2-7a. p.352-359. n.12, 365; Paulo VI, 1975, n. 26). Neste sentido, o documento Diálogo e Missão, apontado para o Mestre Jesus, assim descreve sua missão:

Segundo os Evangelhos, ele manifesta-se com o silêncio, com a ação, com a oração, com o diálogo e com o anúncio. A sua mensagem é inseparável da ação; anuncia Deus e o seu Reino, não só com as palavras, mas também com os fatos e com as ações que realiza. Aceita a contradição, o insucesso e a morte; a sua vitória passa pelo dom da vida. Tudo nele é meio e caminho de revelação e de salvação (cf. Paulo VI, 1975, n 6-12); tudo é expressão do seu amor (cf. Jo 3,16; 13,1; 1Jo 4,7-19). Assim devem fazer também os cristãos: 'Por isto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros' (Jo 13,35) (Secretariado para os não-cristãos, 1984, DM, n. 15).

Jesus que, desde o princípio, não estava isento de tensões, sua prática foi permeada pela cooperação de muitas pessoas. Com Ele iam não só os discípulos mais próximos, mas também um grupo de mulheres (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 8,1-3, p.1801). Enquanto filhos e filhas, discípulos missionários de Cristo, estamos interligados pelo mesmo envio e compromisso de ser sinal da Boa Notícia. Sobre tudo com consciência de que todos têm o direito de receber o Evangelho. Não com imposição, mas como quem partilha uma alegria (Constituição [...] GS 1965 1, 24; Decreto [...], AG,1965, n. 36, p.392; Francisco, 2013, n. 14).

As primeiras comunidades cristãs nos ajudam na compreensão de atitudes de beneficência como processo de alteridade (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 2,42, p.1905). "Não existiam necessitados entre eles, distribuíam seus bens conforme as necessidades" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 4,34-35, p.1908). Exemplo, também, é a visão que Paulo tem do macedônio que lhe pedia: "vem à Macedônia, socorre-nos" (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 16,9, p.1931).

O evangelista São João, em sua primeira carta, retrata que não podemos fechar o coração às necessidades dos irmãos (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1João.3,17-18,

p.2129). Além disso, a cooperação é um estímulo à vivência da comunhão e do fortalecimento da fraternidade entre as igrejas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 18,1-3, p. 1935; 2,45, p.1905; Romanos 16,3, p.1991).

Na sequência, Timóteo e Apolo se encontram em movimento permanente para apoiar o desenvolvimento da obra evangelizadora (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 16,10-12, p.2016). onde Tito é designado como cooperador de Paulo entre os Coríntios (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2Coríntios 8,23, p.2025). Seguindo o exemplo dos primeiros cristãos, a cooperação missionária entre as Igrejas-Irmãs é uma forma de compreender a existência de carências não atendidas

São regiões nas quais se fazem necessárias a comunhão e a partilha dos bens. “Amai-vos reciprocamente como eu vos ameï” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 13,34, p.1879). São muitas as igrejas que se sentem frágeis e necessitam de ajuda mútua. A cooperação é um gesto de suporte das fragilidades e necessidades de tantas igrejas. Na missão, somos cooperadores de Deus (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gálatas 3,9, p.2034).

A palavra de Deus ilumina e o Magistério da Igreja reafirma quando o Concílio Vaticano II, no capítulo VI do decreto *Ad gentes*, destaca essa prática missionária de cooperação sobre a consciência e a responsabilidade da missão em cooperação, chamando a atenção de que todos devem assumir essa missão, tarefa que é comum e compartilhada (Decreto [...] AG 1965, n. 35, p. 391).

Mais do que alguns atos isolados de generosidade, falta uma nova mentalidade que pense nas necessidades das outras comunidades que clamam missão e cooperação (Francisco, 2013, n. 188-189). Deste modo, o processo de cooperação entre as Igrejas-irmãs diz respeito à alteridade e ações altruístas em favor dos mais necessitados. É uma resposta de fidelidade às interpelações do Concílio Vaticano II, na qual convoca as igrejas e seus pastores ao exercício da corresponsabilidade, à comunhão eclesial, entre si, entre regiões, países, continentes e âmbito universal. Assim afirma o Concílio:

[...] cada um dos Bispos, quanto o desempenho do seu próprio ministério o permitir, está obrigado a colaborar com os demais Bispos e com o sucessor de Pedro, a quem, dum modo especial, foi confiado o nobre encargo de propagar o cristianismo. Devem, por isso, com todas as forças, subministrar às Missões, não só operários para a messe, mas também auxílios espirituais e materiais, tanto por si mesmos diretamente como fomentando a generosa cooperação dos fiéis. Finalmente, os Bispos, em universal comunhão de caridade, prestem de boa vontade ajuda fraterna às outras igrejas, em

especial às mais vizinhas e necessitadas, segundo o venerando exemplo dos antepassados (Constituição [...] LG, 1964, n. 23, p.65).

Enquanto filhos e filhas, discípulos missionários de Cristo, estamos interligados pelo mesmo envio e pelo mesmo compromisso de ser sinal da Boa Notícia. Sobretudo, com consciência de que todos têm o direito de receber o Evangelho. Não com imposição, mas, como quem partilha uma alegria (Constituição [...] GS 1965, n.1, 24, p.167; Decreto [...] AG, 1965, n. 36, p.392; Francisco, 2013, n. 14). Assim sendo, a missão, enquanto cooperação, “é a expressão do bem-querer recíproco, profundo e permanente do Povo de Deus para com a humanidade” (Suess, 2006, p. 133). Neste sentido, pela sua dimensão teológica, geográfica e escatológica, se nota que o horizonte da missão é sempre um movimento de sair de si, de proximidade e cooperação.

Wolff (2014, p. 57) explicita que a expressão Igrejas-Irmãs, enquanto termo técnico no sentido teológico, doutrinal e espiritual, na eclesiologia católica, trata-se da Igreja Local reunida ao redor do Bispo. Ainda recorda que esta forma de convivência não é um dado teológico abstrato, mas compromisso de solidariedade, caridade, fraternidade, intercâmbio e interesses comuns (Wolff, 2014, p. 58). A exemplo do Apóstolo Paulo, devemos também dizer: “*Levai os fardos uns dos outros*” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gálatas 6,2, p.2038). Nos dias de hoje, como é atual essa exortação do Apóstolo Paulo, quando aplicada à denominação tradicional de Igrejas-Irmãs. Assim, nada nos deve desencorajar da colaboração perseverante, afirma o Papa João Paulo II (João Paulo II, 1995, n. 56).

4.4.2 Igrejas-Irmãs, horizonte de proximidade e solidariedade

O Papa Francisco diz que “todas às vezes que aprendemos, como pessoas e comunidades, a olhar para mais alto do que nós mesmos e os nossos interesses particulares, a compreensão e o compromisso recíprocos se transformam em solidariedade” (Francisco, 2020, n. 245). Ainda, o Papa Francisco considera que o fechamento e isolamento em nossos próprios interesses é o que prejudica a proximidade e a cultura do encontro, por isso ele repete: isolamento, não; proximidade, sim (Francisco, 2020, n. 30).

Pela sua dimensão teológica, geográfica e escatológica, se nota que o horizonte da missão é sempre um movimento de sair de si, de proximidade e cooperação. A pessoa, vocacionada, segundo os desígnios de Deus, vai à missão até os confins da terra e até os fins dos tempos. Um partir que não se baseia na vontade própria, mas um desejo que nasce do interior do ser. Uma paixão, um vibrar próprio da vocação cristã que se expressa na cooperação, na solidariedade, na partilha e aproximação às pessoas e aos povos. Um crer e uma disposição de levar a Boa notícia com a consciência de que não existem fronteiras para encontrar as pessoas (CNBB, 2016, Doc 108, p. 23).

Com essa consciência, é perceptível que nos tempos hodiernos a atividade missionária na Igreja, em seus diversos âmbitos de missão, com suas específicas tarefas, seja vocacionada e com prontidão a cooperar com as urgentes necessidades que envolvem a humanidade. Um caminho proposto é o de se deslocar do “centro” rumo às “periferias”. Dois espaços geográficos bem distintos pelas características que desafiam a atividade missionária da Igreja. Por isso, o Papa Francisco insiste que “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20). Assim, instrui a Congregação para a Evangelização dos povos:

A participação das comunidades eclesiais e de cada fiel na realização do desígnio divino recebe o nome de “*Cooperação missionária*” [...] cooperação missionária é o primeiro fruto da animação missionária, entendida como um espírito e uma vitalidade que impele os fiéis, as instituições e as comunidades a uma responsabilidade universal. Por isso toda, toda iniciativa de animação missionária se dirige sempre para o seu objetivo: formar o povo de Deus para a missão universal “específica” e suscitar boas e numerosas vocações missionárias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização (Congregação para a Evangelização dos povos, 2015, CMi, n. 2b).

Diante deste emergir missionário, perguntamos: enquanto cooperação como concretamente a missão pode florescer? Por que estou entrando no “jardim do outro”? Andrade (2015, p. 128) fala que os missiólogos Steve Bevans e Roger Schroeder, a partir de sua vasta experiência missionária nos auxilia nesta resposta por meio de três imagens simbólicas, que implica o comportamento missionário de quem deseja ir à missão.

1º “Saber tirar os sapatos” - é o pedido que Deus faz a Moisés ao lhe conferir a missão. “Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado” (Êxodo 3, 5). “As sandálias representam o que está amoldado ao nosso pé, a forma que acompanha nosso feitio, nossos calos”. Somos habituados a manter na vida determinados padrões que se tornam sapatos, que dão firmeza, segurança. Quando vamos para cooperar na missão de outro, se faz necessário aprender a tirar os sapatos e adquirir a sabedoria: isto é o que deve ser preservado e o que deve ser eliminado da vida para a missão poder florescer.

2º “Entrar no jardim do outro”- jardim é o lugar das mais variadas flores e o espaço de produção de belas flores ao mesmo tempo, de ervas daninhas que danificam a jardinagem. Tudo depende do cuidado da natureza e do jardineiro. Essa imagem representa a posição, a identidade do espaço missionário. Ao adentrar no “jardim do outro” se faz necessário ter consciência do resultado teológico e das consequências que o acompanham. Por isso, que no processo missionário haja uma posição teológica apropriada, um diálogo profético e o reconhecimento das “belas flores” como também as “ervas daninhas”.

3º “Tornar-se um bom hóspede” - o missionário (a) é a pessoa enviada que vem de outro contexto cultural. Será um “hóspede que estabelece sua morada na casa do outro povo e de outra cultura”. Considerando que o hóspede não possui nenhum direito na casa do outro, isto implica um saber deixar e saber chegar. E acima de tudo acolher o que lhe é oferecido. Portanto, com o tempo se espera a transcendência de seu estado de hóspede, isto é, os sentimentos, pensamentos começam a ser expressos conforme o contexto da hospedagem, levando até o compromisso como se estivesse no seu próprio contexto.

Em sequência, sublinha Bevans (2016, p. 117, n. 49) que a missão, “mais do que um modelo teológico que pode estar sujeito a um imperialismo cultural e ao etnocentrismo”, é respeito e discernimento na percepção de como Deus está presente através do trabalho na vida e nas culturas dos povos. A mesma fé será compartilhada como boa notícia de forma dialógica através das palavras e ações. Obviamente, intercalados e inter-relacionados e, acima de tudo, estar consciente das atitudes e fundamentos teológicos. Logo, esta concepção será mais vista como encontro do que como expansão.

O Concílio Vaticano II decreta que todos os fiéis que, enquanto povo de Deus, sujeitos da missão, cooperem no anúncio do Evangelho, segundo as suas

possibilidades, aptidões, carismas e ministérios (Decreto [...] 1965, AG, n. 28.35, p. 386;391; CNBB, 2016, Doc 108, p. 24). Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida diz: “Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos” (CELAM, 2007, DAp, n.548). Logo, o desafio da missão é não se sentir sozinho, mas de forma dialogante, dar as mãos com aqueles que percorrem outros caminhos de fé. O Papa Francisco também ressalta que “devemos sempre lembrar que somos peregrinos e peregrinamos juntos” (Francisco, 2013. n. 244).

Portanto, somos enviados a conversar com o companheiro de estrada. Desta maneira, a cooperação missionária, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é um exercício de comunhão eclesial, tendo em vista que a missão é uma tarefa compartilhada (CNBB, 2016, Doc 108, p. 34.35). Assim, através da oração como exercício de comunhão espiritual; pela partilha dos bens materiais; e pela entrega da vida cooperação missionária com as Igrejas-irmãs, de forma bem concreta, se realiza através dos sujeitos e espaços de missão. Assim ressalta, Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida:

conscientes de que a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral, e sabendo que existem comunidades eclesiais que carecem dos meios necessários, é imperativo ajudá-las, imitando as primeiras comunidades cristãs, para que verdadeiramente se sintam amadas (CELAM, 2007, DAp, n. 545).

Este modelo de missão evangelizadora é aquele que participa das dores e alegrias da humanidade, buscando na compaixão e no cuidado conhecer os sofrimentos que assolam suas vidas (Decreto [...] 1965, AG, n.12, p.321). Neste sentido, a Igreja deve ser o sinal visível deste cuidado, de modo a torná-lo norma de vida para todos. Considerando que sua missão é uma missão de amor, cuja fonte está no amor fontal de Deus. Cada aspecto e cada atividade da Igreja devem, portanto, estar impregnados de caridade, exatamente por fidelidade a Cristo, que ordenou a missão e que continua a animá-la e a torná-la possível na história (Decreto [...] 1965, AG, n. 2-5, p.352-355; Paulo VI, 1975, n. 26; Secretariado para os não-cristãos, 1984, DM, n. 9).

Enquanto cooperação, a missão em diálogo tem como destinatários, e, ao mesmo tempo, sujeito e interlocutor, os povos que clamam: “Vem, e ajuda-nos” (Bíblia

de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 16,9, p.1931). Não obstante os desafios, a igreja, por sua vocação missionária, é vocacionada a “ver, ouvir os clamores e ir ao encontro” (cf Bíblia de Jerusalém, 2002, Êxodo 3,7-8, p.106) dos povos, para o anúncio permanente do Reino como Boa Notícia de libertação. Neste sentido, o projeto Igrejas-Irmãs é para todos os cristãos. Na diversidade dos carismas e ministérios, leigos e leigas, religiosos(as), diáconos permanentes, padres, partilham neste projeto a mesma e a única missão confiada por Jesus (CNBB, 2006, p. 9).

Destacamos, neste exercício eclesial, a vida consagrada que, no cultivar da mística profético-sapiencial, na escuta, na proximidade e na solidariedade, encontra o testemunho da vida consagrada como um grande dom à Igreja (Constituição [...] 1964, LG n. 43, p.92). No cuidado dos sofrimentos que assolam a humanidade e nos diversos serviços alternativos do Reino pelo dom da fidelidade e perseverança. O compromisso com a Missão de Deus se expressa por uma vida consagrada, alternativa, itinerante, profética, inter congregacional, interinstitucional, com um sentido de disposição para estar onde ninguém quer estar.

Nota-se que a vida consagrada, com seus mais variados carismas e dons dados pelo Espírito Santo, se dispõe a compartilhar a vida no contexto autóctones, no compromisso com os projetos das Igrejas-Irmãs. Nesta implementação, urge focar cada vez mais em uma formação para a vida consagrada a partir da interculturalidade, inculturação e diálogo, alicerçada em uma espiritualidade de “olhar fixo em Jesus” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Hebreus 12,2, p.2099) e “uma cosmovisão da contextualidade” (Sínodo dos bispos Assembleia especial para a região pan-amazônica, 2019, IL, p. 51, n. 1-5).

4.4.3 Formas e critérios de cooperação missionária

Existem diversas formas de ajuda missionária. Entre elas destacamos:

- 1. *Cooperação espiritual:*** oração permanente pela missão universal, sacrifício em comunhão com os desafios da missão universal e o testemunho de vida cristã;
- 2. *Cooperação econômica:*** ajuda material aos projetos missionários em regiões mais carentes de recursos financeiros, sobretudo para obras de caridade, formação e promoção humana;
- 3. *Cooperação com a própria vida:*** envio de homens e mulheres, disponíveis à obra do Evangelho, aos campos mais exigentes da missão. Uma Igreja que envia pessoas

missionárias não evangeliza somente o mundo, mas também se auto evangeliza (João Paulo II, 1990, n. 78).

Enviar, acompanhar e manter um missionário são os meios mais eficazes para despertar a consciência missionária no bojo das comunidades cristãs. A partida e o retorno de uma pessoa missionária é uma escola de aprendizados para a Igreja que envia e aquela que recebe. A vida doada à missão *Ad Gentes* interpela as comunidades eclesiais para assumirem o projeto contínuo da Igreja em saída, conforme sugere o Papa Francisco (Francisco, 2013, n. 20).

No que diz respeito aos critérios para a cooperação missionária se destacam: por isso, enquanto expressão da corresponsabilidade missionária de todas as pessoas batizadas e da colegialidade episcopal, o Projeto Igrejas-Irmãs quer estabelecer vínculos estáveis entre (arqui)dioceses e prelazias de todas as regiões do Brasil. Esses vínculos podem ser ainda mais sólidos com a participação e potencialização da Vida Consagrada.

O modo concreto de efetivação da cooperação missionária entre (arqui)dioceses e prelazias dependerão das peculiaridades próprias de cada realidade local. Não obstante, alguns critérios são indispensáveis:

- 1. A solidariedade.** Faz parte da essência do Projeto Igrejas-Irmãs o espírito solidário, tendo em vista a proximidade às realidades mais carentes nos espaços de missão;
- 2. O intercâmbio de dons.** Um projeto de cooperação missionária é uma via de mão dupla. Essa realidade implica um compromisso de ações mútuas. As Igrejas particulares envolvidas ajudam e são ajudadas; recebem e enviam; trocam seus dons de modo que não se reproduza o modelo de missão colonizadora, mas uma partilha honesta e integradora do que cada um tem de melhor.
- 3. A conversão.** Um dos objetivos da cooperação missionária é a conversão no bojo das Igrejas particulares envolvidas. Ambas precisam extrair da experiência proporcionada pelo projeto o mais puro pólen da flor: a maturidade eclesial. São necessárias, para tanto, as mudanças de mentalidade e de estruturas. Na missão, convertem-se as pessoas, as comunidades, os programas pastorais e as estruturas eclesiais. Portanto, não é uma conversão imposta ao diferente, mas um movimento interno da própria Igreja para que ela seja mais fiel à sua vocação de testemunha. Entre as Igrejas-Irmãs haja uma mútua ajuda para que ambas se reconheçam com a mesma dignidade, evitando assim uma relação de superiora-inferiora.

4. Preparação: Para o processo de cooperação entre as Igrejas-irmãs, se faz necessária uma boa preparação de quem será enviado para cooperar. Por isso, é de fundamental relevância a formação antes do envio missionário, na qual se busca evitar toda improvisação e voluntarismo. A formação missionária é obra da Igreja local com a ajuda dos missionários e dos seus Institutos, bem como dos cristãos das jovens Igrejas (João Paulo II, 1990, n.83). Conforme CNBB (2006, p. 15), a formação inclui:

- a) Os cursos missionários oferecidos pelo Centro Cultural Missionário (CCM) da CNBB, em Brasília;
- b) Um bom conhecimento prévio da cultura e da realidade socioeconômico e político da Região onde se vai missionar;
- c) Aprimoramento de formação pastoral no local;
- d) Motivações consistentes, maturidade humano-afetiva, capacidade de trabalho em equipe e comprovada experiência pastoral;
- e) Sólida formação missionária, teológica-pastoral;
- f) Dispor de tempo adequado para retiros espirituais e sua formação continuada;
- g) Conhecer as diretrizes da ação evangelizadora do Regional da CNBB e o plano de pastoral da (Arqui)Diocese ou Prelazia que o recebe.

Constatamos que, desde 1988, a CNBB já indicava metas concretas para a necessidade de revitalização das iniciativas do projeto Igrejas-Irmãs. O apelo assim se destacava: 1) Aprofundamento de reflexão teológica e pastoral sobre a solidariedade com as igrejas necessitadas; 2) definir tipos concretos de projetos e ajuda; 3) escolher, formar, acompanhar os agentes missionários; 4) estar abertos a reciprocidade na ajuda fraterna; 5) criar coordenações diocesanas, regional e nacional para os Projetos Igrejas-Irmãs (CNBB, 1988, Doc 40, n. 125).

Desta forma, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (CNBB, 2019-2023, DGAE, n. 200) confirmam em suas práticas a acolhida das prioridades do Programa Missionário Nacional: formação, animação missionária, missão *ad gentes* e compromisso profético social. O programa está articulado e executado pelo Conselho Missionário Nacional COMINA, mediante grupos de trabalhos (GTs) por prioridades. Dentre estes grupos, se encontra GT *Ad Gentes/Igrejas-Irmãs*, Igrejas-Irmãs, cuja missão é a articulação dos projetos Igrejas-Irmãs.

Urge, portanto, conforme propõe o Programa Missionário Nacional, que cada igreja particular tenha uma igreja-irmã. Neste sentido, se faz necessário: a) atualização dos dados de parcerias existentes; b) incentivo aos projetos missionários entre os regionais; c) identificação das Igrejas particulares que desejam aderir aos projetos igrejas irmãs; d) campanha de incentivo e conscientização; e) envio de equipes missionárias; f) partilha recíproca de experiências de vida; g) motivar a vida consagrada junto aos povos indígenas (CNBB, 2019-2023, PMN, p. 48).

Assim sendo, na dinâmica da cooperação solidária, revelam a multiforme presença do Espírito que fortalece as igrejas a partir de dentro, saindo ao encontro da humanidade que clama missão. Deste modo, cooperar com a missão de Deus é nossa missão. Obviamente, através dos projetos Igrejas-Irmãs, esta cooperação missionária alargará os seus horizontes de caridade ao manifestar solicitude por todos os povos da terra, pois a graça da renovação, indicada pelo Vaticano II, “não alcançará as comunidades se não estenderem o seu amor até os confins da terra e se preocuparem com os que estão longe como se fossem seus próprios membros” (Decreto [...] 1965, AG, n. 37, p. 393).

4.4.4 Cooperação ecumênica

O documento Diálogo e Missão, que por 53 vezes evoca o vocábulo diálogo, afirma que o diálogo se torna, cada vez mais, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca. E a partir do desejo de seu coração, o cristão alimenta o desejo de partilhar a sua experiência de Cristo com os irmãos e irmãs (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Ato dos Apóstolos 26,29, p.1950; Paulo VI, 1064; Paulo VI,1964, n 46).

Nesta perspectiva, o diálogo é igualmente natural, onde ambos os crentes desejam também algo semelhante. E assim, buscarão um diálogo franco e receberão com fidelidade os impulsos do Espírito. Tal diálogo, guiado apenas pelo amor à verdade, não exclui ninguém, nem mesmo àqueles que cultivam os altos valores do espírito humano (Secretariado para os não-cristãos, 1984, DM, n. 40-43).

Portanto, é importante lembrar o que o Papa João Paulo II nos diz, as relações entre os cristãos não se limitam apenas ao conhecimento recíproco, à oração comum e ao diálogo. Eles preveem e exigem, desde já, toda a colaboração prática possível em vários níveis: pastoral, cultural, social e no testemunho da mensagem do

Evangelho. A cooperação de todos os cristãos expressa vividamente as relações pelas quais já estão unidos entre si e apresenta o rosto de Cristo Servo em uma luz mais brilhante. Tal cooperação, baseada na fé comum, não só aparece cheia de comunhão fraterna, mas é uma manifestação do próprio Cristo (João Paulo II, 1995, n., 40).

Neste sentido, o Papa Francisco alerta para a importância de tudo o que une os cristãos ao dizer: São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! “Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós” (Francisco, 2013, n.246).

Dois séculos marcaram as missões e o ecumenismo, o XIX, missões e XX, ecumenismo. Contudo, ainda percebemos serem frágeis as relações entre missão e ecumenismo. Ainda são relações tensas e divergentes, com descartadas possibilidades de uma verdadeira relação ecumênica. Prevalece o exclusivismo confessional que impede o desenvolvimento da missão em perspectiva ecumênica, gerando escândalo de divisão até mesmo com disputa de território entre agências missionárias e igrejas. Apesar dos incansáveis esforços do Conselho Mundial de Igrejas e Conferências de Missão e Evangelização, ainda a missão é entendida como evangelização e conversão a uma determinada denominação cristã (Zwetsch, 2008, p. 357-358).

Bosch (1979) fala em *Unidade na Missão e Missão em Unidade*, destacando aí que a unidade e a missão estão interligadas. Dado os contextos históricos da caminhada ecumênica, ele considera o Concílio Vaticano II “como um milagre, um novo sopro do Espírito”. A *Lumen Gentium* n. 15 destaca que aqueles “selados pelo batismo que os une a Cristo [...] estão, de fato, de alguma forma realmente unidos a nós no Espírito Santo”.

O Decreto sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*) com uma linguagem clara sobre a necessidade de melhores relações e aceitação mútua entre os cristãos. As orientações do Decreto *Ad gentes*, 15, sobre missão evangélica tornam-se impossível continuar a considerar os cristãos não católicos como objeto de missão. E conclui que “ecumenismo não é uma união passiva e semi-relutante, mas uma convivência ativa e deliberada e um trabalho conjunto” (Bosch, 2002, p. 472. p. 474).

Esta busca de unidade é visível no pontificado do Papa Francisco através da realização de diversos encontros realizados com a diversidade religiosa. Citaremos alguns apresentados pelo Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior, do Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP, assim ele descreve que o Papa Francisco,

visitou os irmãos luteranos, na celebração dos 500 anos da Reforma. Aos ortodoxos russos e ao patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, chamado por ele carinhosamente de “meu irmão André”, recordando que ele exerce a função de Pedro, em Roma. Manteve encontros frequentes com o primaz da Igreja Anglicana, Justin Welby. O Papa Francisco propôs três chaves para avançar no caminho comum dos cristãos e aprofundar o ecumenismo: oração, testemunho e missão. Houve encontros fecundos com os irmãos menonitas, os pentecostais, os metodistas, os batistas, os reformados. Particularmente fecundo foi o encontro realizado no Vaticano com a atual moderadora do Comitê central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Agnes Abuom, e o secretário geral do mesmo organismo ecumênico, Rev. Olav Fykse, na manhã de 24/08/2017 em que fez uma oração comum pela unidade, pela paz e reconciliação das igrejas e dos povos. As pontes junto aos judeus, islâmicos, hindus e budistas têm sido edificadas com esmero e sabedoria. Visita como peregrino ao CMI celebrou os 70 anos da entidade ecumênica mundial. Importante encontro inter-religioso em Abu Dhabi, com os irmãos muçulmanos em fevereiro de 2019. Sua visita ao Reino de Marrocos em março de 2019, estabeleceu um salto qualitativo nas relações entre cristãos e islâmicos (Altemeyer, 2019, p. 189).

Vemos assim que o Papa Francisco apresenta um novo rosto da missão, o que Longuini (2006, p.196) denomina este novo rosto da missão, a partir das conclusões do terceiro congresso Latino-Americano de Evangelização. Ele sublinha que a igreja tem como responsabilidade primordial a evangelização de todos os povos, raças e línguas. Essa afirmação vem da compreensão do sacerdócio universal dos crentes. Foi para o cumprimento dessa missão que Jesus Cristo dotou a igreja com os dons e o poder do Espírito Santo.

Na superação das deformações e dicotomias, faz-se necessário, diante dos desafios do mundo de hoje como a globalização, a pós-modernidade, o ressurgimento do racismo, os esoterismos e a crescente deterioração ecológica, os crentes devem buscar uma maior compreensão de uma verdadeira missiologia que a partir da Palavra de Deus em diálogo com as demais missiologias. E Longuini conclui que, para tal missão, faz-se necessário um estilo encarnacional. Segundo ele,

a encarnação é um modelo para a missão da igreja. Na sua encarnação, Jesus identificou-se com a humanidade pecadora, simpatizou com ela nas suas aspirações, arte e fraquezas, e dignificou-a como criatura feita à imagem de Deus. A igreja é chamada a enfrentar a sua missão no estilo de Jesus. Esta realização exige a superação das fronteiras geográficas, culturais,

sociais, linguísticas e espirituais, com todas as suas consequências. Em todo o mundo, o crescimento das grandes cidades e das suas maiorias empobrecidas constitui um desafio de especial urgência. Para responder a todas estas questões é necessário reconsiderar o modelo do Novo Testamento, utilizar adequadamente as ciências sociais e humanas e refletir sobre a prática. Também essencial é a formação espiritual que capacite o missionário para a santidade e a humildade que possibilite o respeito e a valorização de outras línguas e culturas e a fidelidade ao evangelho (Longuini, 2009, p. 196).

Dada a relevância destas tarefas, o Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida faz constante o apelo para que toda ação evangelizadora seja direcionada para que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado como missão em comunhão. Desta maneira, despertará uma nova eclesiologia de comunhão onde caminhar junto em comunidade, diálogo e identidade podem gerar novas formas de discipulado. Constatando que “onde se estabelece o diálogo diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum” (CELAM, 2007, DAp, n.233).

Neste sentido, o Decreto “Ad gentes” Sobre a Atividade Missionária da Igreja assegura que:

os irmãos que creem em Cristo são discípulos de Cristo, regenerados pelo Batismo, participantes de numerosos bens do Povo de Deus. Quanto o permitirem as condições religiosas, deve promover-se a ação ecumênica, de sorte que, banindo toda a aparência de indiferentismo, de confucionismo e odiosa rivalidade, os católicos colaborem com os irmãos separados, em conformidade com as disposições do decreto sobre o Ecumenismo, por meio da comum profissão de fé em Deus e em Jesus Cristo diante dos gentios, na medida do possível, e pela cooperação em questões sociais e técnicas, culturais e religiosas. Colaborem, sobretudo, por amor de Cristo, seu Senhor comum: que o Seu nome os una! (Decreto, [...] 1965, AG, n. 15, p. 369).

Desta maneira, o Magistério pontifício recorda que, no atual contexto, a perspectiva missionária do movimento ecumênico é de grande importância. Neste sentido, insiste na unidade entre os cristãos como instrumento de evangelização, porque a salvação de toda a humanidade deveria ser a constante preocupação daqueles e daquelas que professam sua fé em Cristo. Trata-se, portanto, de um imperativo, porque o ecumenismo diz respeito ao amor de Deus, em Cristo Jesus. Logo, a divisão no anúncio do Evangelho se torna um grave obstáculo (João Paulo II, 1995, n. 98-99). Portanto, a missão ecumênica, como expressão da unidade, desenvolve-se através da cooperação em que “todos os que creem em Cristo com

mais facilidade aprenderão a se estimar e abrirão caminhos para o crescimento da unidade entre os cristãos” (Decreto [...] 1965, UR, n. 12, p.321).

É mister recordar o que nos diz o papa João Paulo II: as relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Preveem e exigem, desde já, toda a colaboração prática possível aos diversos níveis: pastoral, cultural, social e ainda no testemunho da mensagem do Evangelho. A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si, e apresenta o rosto de Cristo Servo em uma luz mais radiante. Tal cooperação, baseada na fé comum, não só aparece densa de comunhão fraterna, mas é uma epifania do próprio Cristo (João Paulo II, 1995, n. 40).

Consideramos então que a missão ecumênica é também expressão da vivência dos cristãos em missão no mundo. Neste sentido, ressaltamos que na comemoração dos 100 anos da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo em 1910, participaram 1.200 delegados de 159 sociedades missionárias. Este evento marcou, de fato, a origem do movimento ecumênico moderno no mundo. Na oportunidade, os participantes apresentam o documento final, na qual declaram:

afirmando a importância dos fundamentos bíblicos de nosso engajamento missionário e valorizando o testemunho dos Apóstolos, santos e mártires, somos chamados a rejubilar com as expressões do Evangelho em muitas nações ao redor do mundo. Celebramos a renovação experimentada através dos movimentos de migração e missão em todas as direções, a forma pela qual todos são equipados para a missão pelos dons do Santo Espírito e a vocação contínua de Deus a crianças e jovens a levarem adiante o Evangelho. Reconhecendo a necessidade de formar uma nova geração de líderes com autenticidade para a missão num mundo de diversidades no século 21, somos chamados a trabalhar juntos em novas formas da educação teológica. Porque somos todos feitos à imagem de Deus, todas as pessoas terão proveito do carisma específico de cada qual. Poderão se desafiar mutuamente para crescerem na fé e no entendimento, compartilhando equitativamente recursos em abrangência global, envolvendo o ser humano por inteiro e toda a família de Deus, e respeitando a sabedoria de nossas pessoas idosas e simultaneamente fomentando a participação de crianças (Documento final da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo em 1910, n. 5-6).

Por conseguinte, também assegura o magistério pontifício:

como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo, não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida

ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. Nisto há de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto (Paulo VI, 1975, 77).

Wolff (2018, p. 349) portanto, assegura que teologicamente a cooperação ecumênica se fundamenta no Batismo, razão comum de nossa profissão de fé. Neste sentido, a cooperação é a visibilidade do testemunho público da fé do Deus encarnado, no qual todo cristão recebeu a missão de testemunhar até os confins do mundo. Assim sendo, os cristãos, na partilha comum dos dons e experiências e na vivência da cooperação, revelam o amor de Cristo que convoca ao serviço e à fraternidade. Ainda segundo Wolff, através de três direções, as Igrejas buscam concentrar suas forças de cooperação:

No **anúncio do *Kerygma***, que tem como conteúdo central a pessoa de Jesus Cristo e seu Reino; **na formação** da consciência, pelos seminários, consultas e simpósios; **na eleição de áreas emergências** de ação, pelas quais a cooperação busca concretizar o anúncio do *Kerygma* e a consciência social no compromisso pela promoção humana segundo os critérios do Evangelho (Wolff, 2018, p. 359).

Contudo, diante de uma sociedade de frágeis princípios cristãos que fragmenta os princípios da comunhão, o processo de cooperação ecumênica precisa ser revisto. Ainda impera uma reconfessionalização ou um espírito antiecumênico de recuos significativos, de não aceitação do trabalho ecumênico oriundo de convicções teológicas e deficiência do próprio trabalho ecumênico (Conselho Mundial das Igrejas, 2009, p. 67). “O critério de reciprocidade é fundamental na cooperação ecumênica”. O testemunho comum do Evangelho exige a unidade das igrejas e “convicções” de que a solidariedade é o caminho desejado por Jesus aos seus discípulos”.

Missão e ecumenismo, são realidades concomitantes e mutuamente condicionantes. Cada vez mais se faz necessário compreender a vocação cristã em chave ecumênica. Não podemos culpar a Deus por nossas divisões, fruto de circunstâncias históricas e idiosincrasias de pessoa de fé. [...] O futuro do ecumenismo em termos missionários está vinculado à capacidade de igrejas e pessoas de fé em assumir um testemunho comum para superar quanto possível qualquer espécie de divisão e concorrências entre as igrejas cristãs e assim promover maior credibilidade ao anúncio do Evangelho (Zwetsch, 2008, p. 364-365).

Assim sendo, à medida que as igrejas se perceberem unidas, recuperando o fundamento teológico da comunidade cristã reunida em nome de Jesus, à solidariedade, a luta pela justiça tornar-se-á compromisso necessário de todos que

professam a fé comum em Jesus de Nazaré. Por isso, a prática da cooperação ecumênica se realiza em três níveis: pessoal, eclesial, e organizações ecumênicas (Wolff, 2018, p. 346. 349. 356).

Destarte, falar de missão em perspectiva ecumênica é compreender a Missão no mundo habitado, a *oikoumene*, isto é, uma missão para todo o mundo e uma missão com todo mundo, onde todos tem muito a oferecer e muito a aprender. Missão e ecumenismo são duas faces da mesma moeda, não existe igreja sem missão e nem igreja que não procure sua unidade em Cristo. Conforme a imagem do corpo, com seus respectivos dons (Sinner, 2009, p. 7.18).

A não consciência entre missão e ecumenismo foi que levou muitas tradições eclesiais ao fechamento, ao não diálogo e ao proselitismo. A própria Igreja católica apostólica Romana, por muito tempo teve dificuldade de reconhecer a importância da contribuição missionária das outras denominações cristãs (Wolff, 2018, p. 217).

A esperança de acolhida veio com o Concílio ecumênico Vaticano II (1962-1965) onde no Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo assegura que “promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos seus principais propósitos” (Decreto [...] 1965, UR 1, p.310). E continua: “Este sagrado concílio, portanto, exorta todos os fiéis a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solicitamente participem do trabalho ecumênico” (Decreto [...] 1965, n. 4, p.314). Dessa maneira, a Igreja, em tempos de Sínodo, como comunhão, participação e missão, destacamos o que sublinha a Comissão Teológica Internacional para o sínodo ao falar e escrever sobre Sinodalidade e caminho ecumênico:

O empenho ecumênico descreve um caminho que envolve todo o povo de Deus e requer a conversão do coração e a recíproca abertura para destruir os muros de desconfiança que há séculos separam entre si os cristãos, para descobrir, compartilhar e alegrar com as muitas riquezas que nos unem como dons do único Senhor em virtude do único Batismo: da oração à escuta da palavra e à experiência do recíproco amor em Cristo, do testemunho do Evangelho ao serviço dos pobres e marginalizados, do empenho para uma vida social justa e solidária àquele pela paz e o bem comum (Comissão Teológica Internacional, 2018, n.115, p.38).

E ainda, o documento *Instrumentum Laboris* afirma que:

uma Igreja sinodal é uma Igreja do encontro e do diálogo. No caminho que percorremos, esse aspecto da sinodalidade emerge com força especial em relação a outras Igrejas e Comunidades eclesiais, às quais estamos unidos pelo vínculo de um só Batismo. O caminho da sinodalidade, que a Igreja

católica percorre, é e deve ser ecumênico, assim como o caminho ecumênico é sinodal. A sinodalidade é um desafio comum que diz respeito a todos os crentes em Cristo, tal como o ecumenismo é, antes de mais, um caminho comum (syn-odos) percorrido em conjunto com outros Cristãos. Sinodalidade e ecumenismo são dois caminhos a percorrer em conjunto, com um objetivo comum: um melhor testemunho cristão. (XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, IL, 2023, n. 24, B.4)

Por essa razão, o Concílio Ecumênico convoca todos os cristãos a se unirem no serviço da *missio-Dei* num compromisso comum de cooperação Missionária, visto que:

nos nossos tempos largamente se estabelece a cooperação no campo social, todos os homens são chamados a uma obra comum, mas com maior razão os que crêem em Deus, sobretudo todos os cristãos assinalados com o nome de Cristo. A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si e apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante. Esta cooperação, que já se realiza em não poucas nações, deve ser aperfeiçoada sempre mais, principalmente nas regiões onde se verifica a evolução social ou técnica. Vai ela contribuir para apreciar devidamente a dignidade da pessoa humana, promover o bem da paz, aplicar ainda mais o Evangelho na vida social, incentivar o espírito cristão nas ciências e nas artes e aplicar toda a espécie de remédios aos males da nossa época, tais como a fome e as calamidades, o analfabetismo e a pobreza, a falta de habitações e a inadequada distribuição dos bens. Por essa cooperação, todos os que crêem em Cristo podem mais facilmente aprender como devem entender-se melhor e estimar-se mais uns aos outros, e assim se abre o caminho que leva à unidade dos cristãos (Decreto [...] 1965, n. UR, n. 12, p. 321).

É crescente a necessidade de o testemunho sair dos compartimentos estanques e unir-se nas questões que afligem a humanidade, no atual momento. Desta forma, a IV Conferência do Episcopado Latino-americano, realizada em Santo Domingo, que teve como tema central Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã, consciente dos desafios da cooperação ecumênica, explicita que é preciso

consolidar o espírito e o trabalho ecumênico na verdade, na justiça e na caridade. – Aprofundar as relações de convergência e diálogo com as Igrejas que rezam conosco o Credo Niceno-Constantinopolitano, partilham dos mesmos sacramentos e da veneração por Santa Maria, a Mãe de Deus, ainda que não reconheçam o primado do Romano Pontífice. – Intensificar o diálogo teológico ecumênico. – Avivar a oração em comum pela unidade dos cristãos e, de modo particular, a semana de oração pela unidade dos que crêem. – Promover a formação ecumênica em cursos de formação para agentes de pastoral, principalmente nos seminários. – Estimular o estudo da Bíblia entre os teólogos e estudiosos da Igreja e das denominações cristãs. – Manter e reforçar programas e iniciativas de cooperação conjunta no campo social e na promoção dos valores comuns. – Valorizar a seção de Ecumenismo do CELAM (SECUM) e colaborar com suas iniciativas (CELAM, 1992, SD, 135).

Nesta linha sugestiva de Santo Domingo, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, também recorda que o “Concílio Vaticano II reconheceu a ação do Espírito Santo no movimento pela unidade dos cristãos. Desde então, temos colhido muitos frutos” (CELAM, 2007, DAp, n. 231). Dentre os frutos dessa Conferência, destacam-se as variadas vinculações entre ecumenismo e missão, como possíveis caminhos sinodais através das organizações eclesiais essenciais para a unidade dos cristãos:

1. Consciência comum das igrejas cristãs: Aqui vemos a importância da unidade dos discípulos de Jesus, firmando a palavra do Mestre: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, [...] para que o mundo creia que tu me enviaste” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 17,21, p.1888). Neste sentido, a igreja católica vê a divisão como obstáculo para a ação missionária. Por isso, considera que missão e ecumenismo estão ligados, pela própria força da evangelização, onde todos os batizados são chamados a se reunirem num só rebanho e um só pastor. Assim sendo, apresentaremos algumas estruturas de diálogo inter-religioso e ecumênico que, pela sua organização, favorecem o diálogo e a missão ecumênica da igreja.

2) Dicastério para o Diálogo Inter-religioso: O Dicastério para o Diálogo Inter-religioso favorece e regulamenta as relações com os membros e os grupos das religiões não compreendidas na designação do nome de cristão, excetuando-se o Judaísmo, cuja competência cabe ao Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos. O Dicastério esforça-se para que o diálogo com os seguidores de outras religiões se desenvolva de forma conveniente, com uma postura de escuta, estima e respeito.

O Dicastério busca favorecer várias formas de relações com outras religiões a fim de que, através da contribuição de todos, se promovam a paz, a liberdade, a justiça social, a proteção e salvaguarda da criação, os valores espirituais e morais. No cumprimento das suas funções, o Dicastério procede e programa as suas iniciativas segundo as Igrejas particulares, as Conferências episcopais, as suas Uniões regionais e continentais e as Estruturas hierárquicas orientais.

3) Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos (DPUC): Sua origem é estritamente ligada ao Concílio Vaticano II. O Papa João XXIII quis que o impacto da Igreja Católica no movimento ecumênico fosse um dos principais cumprimentos do Concílio. Por isso, no dia 5 de junho de 1960, criou um Secretariado para a promoção das unidades cristãs como uma das comissões preparatórias do

Concílio e nomeou o cardeal Augustin Bea como seu primeiro presidente. Foi o início do empenho oficial da Igreja Católica no movimento ecumênico.

O DPUC tem dupla função. Em primeiro lugar, é responsável pela promoção, no seio da Igreja Católica, de um autêntico espírito ecumênico, segundo o Decreto Conciliar *Unitatis redintegratio*. Para tanto, foi publicado um Diretório Ecumênico nos anos 1967-1970, depois reeditado, após revisão, em 1993, com o título: “Diretório para a aplicação dos princípios e normas do ecumenismo”

Atualmente, o DPUC está envolvido em diálogos teológicos internacionais com as seguintes Igrejas e Comunidades mundiais: a Igreja Ortodoxa na totalidade; as Igrejas Ortodoxas Orientais; a Igreja Ortodoxa Síria Malankara; a Igreja Assíria do Oriente; a Conferência Internacional dos Antigos Bispos Católicos da União de Utrecht; a Comunhão Anglicana; a Federação Luterana Mundial; a Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas; o Conselho Metodista Mundial; a Aliança Batista Mundial; uma Igreja Cristã (Discípulos de Cristo); a Conferência Mundial Menonita; líderes de igrejas pentecostais; a Aliança Evangélica Mundial (DPUC, Site oficial).

4) **Conselho Mundial de Igrejas (CMI):** criado em 1948, em Amsterdã, é fruto maduro da aspiração pela superação da divisão dos cristãos. Ele é hoje composto por 349 Igrejas de todas as tradições eclesiais, exceto o catolicismo, e busca manter entre as igrejas-membros um diálogo estável e projetos de cooperação que fortaleçam as relações fraternais.

5) **As comissões de diálogo:** (CNBB - Comissão Episcopal para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso). Para que as orientações ecumênicas do Vaticano II cheguem às igrejas diocesanas e às comunidades paroquiais, o Concílio Vaticano II confiou o trabalho ecumênico especialmente aos Bispos de todo o mundo, para que o promovam e orientem com discernimento (Decreto [...] 1965, UR, 4, 314; CDC, n. 755); A Comissão tem por atribuição promover a unidade dos cristãos e o diálogo inter-religioso no âmbito da Igreja Católica no Brasil, conforme orientações do Magistério e em atenção ao cenário religioso do país.

6) **Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC),** que nasceu no ano de 1982, em Porto Alegre-RS. Composto pela Aliança de Batistas do Brasil, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja 10 Presbiteriana Unida;

7) **Coordenadoria Ecumênica de Serviço:** (CESE), fundada em 1973, é uma organização ecumênica composta por seis igrejas cristãs, sua missão é a promoção,

defesa e garantia de direitos em todo o país; g) O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), fundado em 1979, com o objetivo de congregar pessoas de diversas igrejas no objetivo de uma leitura popular da Bíblia. Ambas buscam a corresponsabilidade e a cooperação na missão.

8) **Cooperação:** A unidade nas questões missionárias, existem notáveis esforços como testemunho da fé na sociedade. Neste sentido, ainda falta o desenvolvimento de projetos comuns que possibilitem a cooperação prática quanto à consciência comum do testemunho da unidade.

9) **Semanas de oração pela unidade cristã (SOUC):** Promovida mundialmente pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pelo Conselho Mundial de Igrejas, acontece em períodos diferentes nos dois hemisférios. No hemisfério norte, entre 18 e 25 de janeiro. No hemisfério sul, por sua vez, no período de Pentecostes. No Brasil, a SOUC é coordenada pelo CONIC.

10) **Campanha da fraternidade ecumênica:** (CFE) A Campanha da Fraternidade é, desde as suas origens, em 1962, na Arquidiocese de Natal–RN, e depois, a partir de 1964, em todo o Brasil, nunca faltou à CFE essa preocupação com o tema, para que, em ambiente quaresmal, se alcance o coração dos cristãos, fazendo-lhes retornar ao coração do Evangelho. Este ano, completando 60 anos, é uma ação evangelizadora da Igreja do Brasil, uma expressão eloquente da necessária e desejada Pastoral de Conjunto. Não é uma ação desta ou daquela pastoral, desta ou daquela comunidade, paróquia ou Diocese, mas de toda a Igreja Católica Apostólica Romana presente no território brasileiro e reunida na comunhão de seus Bispos legítimos sucessores dos Apóstolos, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Em média, a cada cinco anos, ela é ecumênica sob a coordenação CONIC. A primeira foi organizada no ano 2000, e teve como tema “Dignidade humana e paz”, e o lema escolhido foi: “Novo milênio sem exclusões”. O diálogo é o caminho para ver a realidade de uma maneira nova, para viver com entusiasmo os desafios da construção do bem comum”. “Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudessemos trilhar este caminho! Sair de si para se unir aos outros” (Francisco, 2013, n. 87; CNBB, 2023, Texto Base, p. 16.18).

Assim sendo, todo o planejamento das atividades missionárias propõe o esforço de implementar a cooperação, conforme indica o Diretório Ecumênico, que o testemunho comum já é, por si, missionário. Esse afirma que, no contexto de missão,

os católicos podem se agregar a outras Igrejas e comunidades eclesiais. Deste modo, caminha o movimento ecumênico, porque “o fundamento do Batismo e patrimônio da fé nos é comum”. Assim, todos os que são enviados em missão, exorta o diretório, que sejam sensíveis a esta necessidade de cooperação com outros irmãos (Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos (Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos, 2018, DE, n. 205 – 206). Por conseguinte,

os desafios dessas exigências podem ser mais bem enfrentados pela cooperação ecumênica. No contexto sociocultural da Igreja local estão também Igrejas possivelmente interlocutoras e parceiras na missão. Cabe, então, às diferentes dioceses desenvolver a orientação ecumênica que o magistério eclesial propõe, de modo que ali é lugar onde efetivamente acontece o diálogo e a cooperação que expressam o testemunho comum/ecumênico da fé cristã. [...] Trata-se de um *crescendum* na comunhão, criando estruturas que expressam a unidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja. [...]. Urge acentuar na missão mais o que é comum às Igrejas do que o particular. A base para isso é reconhecer a fé comum que impulsiona a caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho (Wolff, 2023, p.53.61.70).

Por isso que o Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida diz: “o contato ecumênico favorece a estima recíproca, convoca à escuta comum da palavra de Deus e chama à conversão aqueles que se declaram discípulos e missionários de Jesus Cristo” (CELAM, 2007, DAp, n. 232).

Desta forma, o Documento convida toda comunidade eclesial para que por meio de preparação participem dos organismos ecumênicos a saber: os ministros ordenados, aos leigos e à vida consagrada seguimento dos pastores, e a juntos realizem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social.

Logo, o episcopado da América Latina e Caribe tem esperança de que a promoção da unidade dos cristãos, seja cada vez mais comprometida pelas Conferências Episcopais e fortalecidos pela luz do Espírito Santo, se consolide e frutifique. Ademais, ainda esperam que o diálogo e a “cooperação ecumênica encaminhem-se para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão” (CELAM, 2007, DAp, n. 233), com possibilidade de testemunho comum e que o diálogo em cooperação missionária possa diminuir o proselitismo e favorecer cada vez mais o conhecimento recíproco

Portanto, é necessário superar toda alterofobia e recuperar o sentido humano da proximidade e tornar-se irmão de todos. Para o Papa Francisco o ecumenismo e o

diálogo inter-religioso são vias que possibilitam a cooperação comum, a vivência da unidade e o crescimento dos valores espirituais, humanos e sociais. O diálogo é a chave da missão em perspectiva ecumênica. O desejo do Papa Francisco é a urgente necessidade de um ecumenismo comum no processo evangelizador. Uma missão, *Oikoumene*, isto é para todo mundo e com todo mundo.

4.4.5 Cooperação inter-religiosa

Para transformar um anúncio missionário que seja autorreferencial e com tendências colonizadoras em um anúncio dialógico, inclusivo e plural, é necessário adotar uma abordagem que valorize o diálogo e a colaboração. Isso implica em ouvir ativamente e respeitar as diversas perspectivas e experiências, buscando compreender e incorporar a riqueza cultural e espiritual de cada comunidade no processo missionário. É um movimento de abertura e humildade, onde a missão não é imposta, mas compartilhada. Nesse sentido, Ribeiro afirma:

num mundo plural e diverso, as perspectivas ecumênicas e do diálogo são fundamentais para qualquer esforço missionário. A missão deve ser realizada e o cristianismo precisa ser vivido entre as culturas, que carecem de solidariedade, respeito e tolerância – e aqui o critério ético e a vida (Ribeiro, 2020, p. 371).

O Magistério da Igreja, no Documento "Diálogo e Anúncio", reitera a importância do diálogo no contexto do anúncio missionário, destacando que o diálogo não é apenas um aspecto da missão, mas uma expressão vital dela. O documento encoraja a integração do diálogo no coração da prática missionária, reconhecendo-o como um caminho enriquecedor para a proclamação da fé.

o diálogo pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado — com razão — "o espírito do diálogo" Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa "o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 9).

O documento "Diálogo e Anúncio" descreve o espírito do diálogo inter-religioso, destacando quatro modalidades de diálogo entre as religiões:

- a) O diálogo da vida: que reflete a convivência humana cotidiana, onde as pessoas compartilham alegrias, tristezas e preocupações em um espírito de abertura e boa vizinhança;
- b) O diálogo das obras: que envolve a colaboração mútua entre cristãos para a libertação e o desenvolvimento das pessoas;
- c) O diálogo dos intercâmbios teológicos: onde especialistas apreciam os valores espirituais presentes nas diferentes religiões, buscando aprofundar o entendimento das heranças religiosas;
- d) O diálogo da experiência religiosa: onde indivíduos compartilham as riquezas espirituais de suas próprias tradições, como oração, contemplação, fé e os caminhos na busca do Absoluto (Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 42).

O anúncio missionário, se faz numa atitude de abertura, acolhida e compartilhando alegrias e tristezas do contexto real em que ambos estão inseridos. Não ao abandono das próprias convicções e identidade religiosa, e coerência com a fé professada, evitando contradições com o falar e o agir. Aqui, o Papa Francisco destaca a convicção de fé de irmãos e irmãs da religião Islã, dizendo: “É admirável ver como jovens e idosos, mulheres e homens do Islão são capazes de dedicar diariamente tempo à oração e participar fielmente nos seus ritos religiosos. “Pois cada um de nós tem em si uma identidade pessoal capaz de entrar em diálogo com os outros com o próprio Deus” (Francisco, 2015, n.252).

Em outras palavras, é essencial evitar qualquer forma de sincretismo conciliador e não buscar aberturas por meio da diplomacia. Essas ações não se opõem ao anúncio missionário, ao diálogo e à abertura para diferentes religiões. Pelo contrário, há uma necessidade de apoio mútuo e cooperação (Wolff, 2018, p. 80-81). Portanto, em um mundo cada vez mais globalizado e plural, com um crescente pluralismo religioso, “este pluralismo é composto por várias tradições religiosas que buscam afirmar a realidade sociorreligiosa, por meio de correntes de espiritualidades autônomas independentes” (Wolff, 2018, p. 73).

Segundo o teólogo Sinner, o pluralismo defende a autenticidade igualitária de todas as religiões, sem que uma seja superior à outra. Isso pode ser resumido na declaração de que “todas as religiões são verdadeiras” (Sinner, 2005, p.9). De acordo

com as declarações *Nostra aetate* e *Dignitatis humnae*, é considerado o princípio da liberdade religiosa, o reconhecimento positivo de cada religião, o valor do diálogo e a cooperação inter-religiosa (Declaração [...], 1965, NA, 5, p.624; Declaração [...], 1965, DH,n.15,p.514). Como podemos então passar de um anúncio missionário autorreferencial, com tendências colonizadoras, para um anúncio de forma dialógica, inclusiva e plural?

Um marco histórico significativo do Concílio de Florença (1439) é a superação do axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” e o reconhecimento dos valores inerentes às religiões, bem como a importância de promover e respeitar esses valores. Conforme Wolff (2018, p. 77.83), “Não pode haver diálogo se os valores religiosos fundamentais dos outros forem questionados”. Esses reconhecimentos foram fortalecidos no magistério pastoral do Papa Francisco, que valoriza o diálogo e a cooperação com as religiões, introduzindo assim uma nova interpretação da fé católica.

Evitando qualquer forma de relativismo, indiferença e sincretismo religioso, não se trata de um diálogo, compartilhamento ou cooperação superficial, mas de um compartilhamento espiritual mais profundo, que envolve oração e contemplação. Portanto, existe um desejo de uma fé compartilhada, com o objetivo de fortalecer a jornada em direção a Deus. Daí a importância do testemunho da própria crença, aprender com a religião do outro e expandir os horizontes da fé (Wolff, 2018, p. 86-95).

O pastor metodista e professor Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro, em seu trabalho “Princípio Pluralista”, apresenta o testemunho do teólogo metodista Inderjit Bhogal, que nos auxilia na compreensão da missão da Igreja diante do pluralismo religioso a partir de três compromissos:

Primeiro **o respeito** como elemento central na teologia cristã, com a importância do relacionamento com pessoas excluídas, empobrecidas, com pessoas de outras confissões de fé, outras culturas e etnias, e com o meio ambiente: “isso significa que a criação é sagrada, que deve ser tratada com respeito e que todas as pessoas são sagradas e abençoadas, de igual dignidade e valor” (Bhogal, 2007, 115). O segundo compromisso é **a aceitação**, cruzando fronteiras, construindo espaços de encontro e relação, na experiência de escuta e aprendizado com o outro. Há uma voz que interpela e um corpo que se coloca em diálogo. Por último, **a vida**, a busca por uma vida abundante, não consentindo com as realidades que provoquem a morte, como: a pobreza imposta, a intolerância religiosa e o fundamentalismo e a degradação ambiental. A promoção da vida, considerando todas as suas implicações práticas e políticas, é o critério central da missão (Bhogal, 2007, p. 115-118 *apud* Ribeiro, 2020, p. 369).

Portanto, o anúncio missionário, levando em conta o pluralismo eclesial religioso, refere-se à convivência harmoniosa de várias crenças religiosas em uma sociedade e comunidade, onde as diferentes religiões coexistem de forma tolerante e respeitosa. Este enfoque promove a diversidade religiosa e a convivência pacífica entre as pessoas. Assim, uma missão focada no pluralismo eclesial religioso inclui:

1. Promoção do Diálogo: Buscar ativamente o diálogo inter-religioso para facilitar a compreensão mútua e minimizar mal-entendidos.
2. Tolerância e Respeito: Estabelecer como meta cultivar uma cultura de tolerância e respeito, reconhecendo e celebrando as diferenças religiosas.
3. Colaboração em Causas Comuns: Trabalhar em conjunto em iniciativas sociais, humanitárias ou ambientais que ultrapassem as barreiras religiosas.
4. Educação Religiosa: Pensar coletivamente e oferecer programas educacionais que promovam a compreensão das diversas crenças, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva.

Ao considerar o anúncio missionário a partir do pluralismo religioso, a ideia é contribuir para a construção de uma sociedade onde a diversidade religiosa seja valorizada e onde as diferenças não se tornem fontes de conflito, mas sim oportunidades para enriquecimento cultural e espiritual.

Urge, portanto, superar as práticas missionárias sacramentalistas e aprofundar o diálogo na igreja com as religiões cristãs e não cristãs por meio do diálogo inter-religioso, bem como o intercultural e o ecumênico, que são teologicamente tão necessários nos tempos atuais. As religiões dos povos indígenas e afrodescendentes, os povos afroameríndios e suas respectivas tradições religiosas, cultos de origem africana, são destacados na pesquisa, valorizando suas liturgias. O magistério da igreja afirma que todas as religiões existentes no mundo, de várias maneiras, buscam atender às inquietações do coração humano, propondo caminhos, ou seja, doutrinas e normas de vida e ritos sagrados (Declaração [...], 1965, NA, n. 2, p.620; CELAM, 2007, DAp, n. 370; Francisco, 2013, n. 15).

Diante do atual contexto de mundo, o professor Dr. Juan José Tamayo Acosta, Diretor da Cátedra de Teologia e Ciências da Religião "Ignacio Ellacuría" Universidade Carlos III de Madrid, levanta as questões tais como: "Qual é e qual deveria ser a atitude e o relacionamento das religiões entre si? Que papel pode e deveriam elas atuarem hoje na sociedade e, de forma mais ampla, no mundo?" Ele assegura que:

as religiões no século XXI a partir de novas perspectivas devem refletir repensar o seu papel no mundo de hoje, especialmente no contexto da globalização, para superar fases anteriores de guerra e confronto. Abrir caminhos de diálogo inter-religioso e assumir suas responsabilidades como instituições relevantes e significativas na formação de uma nova ordem internacional baseada na igualdade, na justiça e na igualdade. Em suma, trata-se de lançar as bases para um *ekumene* de religiões, sem que isso signifique eliminar as diferenças entre elas - pois sua riqueza reside nas diferenças - ou reduzi-las à uniformidade (Tamayo, 2002, p. 55).

Diante desta realidade, penso na significativa contribuição da missão em cooperação das religiões. Como então incentivar a convivência e a cooperação entre as diferentes religiões? O magistério do Papa Francisco favorece encontrar respostas para essa questão, considerando sua persistência no movimento em saída, no diálogo do encontro e de uma igreja decididamente missionária. Para isso, se faz necessário conversão pessoal e pastoral. Este novo jeito de ser Igreja fundamenta-se no diálogo e na cooperação, no serviço fraterno em defesa da vida. Enquanto povo de Deus, como protagonista deste processo, há uma saída missionária em busca de novos espaços de encontro e, de modo especial, com outras religiões (Wolff, (2023, p.14.19).

Wolff (2023, p. 41) ainda vai dizer que, desse “modo, a Igreja em saída revigora o ensino conciliar sobre a comunhão (Constituição [...], LG,1964, n. 4, p.41; 8, p. 46 13-16, p. 57;18, p.59; .21, p.62, 2467; Constituição [...] DV,1965, n.10, p. 127; GS,1965,n.32,p.175; Decreto [...] 1965, UR n. 2-4,p. 310-314, 14, p. 323; 17-19, p.326-327, 22p.329), não mais considerando os aspectos institucionais e jurídicos, mas sobretudo as questões teológicas e espirituais.

Segundo o Papa Francisco, as tarefas comuns são das mais variadas para que este novo jeito de a Igreja ser desenvolva o diálogo e a cooperação, assim ele exorta: A maioria dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade (Francisco, 2015, n. 201).

Por isso, o Papa Francisco, ao falar das religiões a serviço da fraternidade no mundo, insiste que:

as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia

e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor (Francisco, 2020, n. 271).

Com efeito, essa preciosa contribuição a humanidade espera das diversas religiões, considerando primeiramente tudo aquilo que elas têm em comum e os leva à convivência e cooperando umas com as outras numa verdadeira fraternidade, busquem respostas para o que mais afligem o coração da das pessoas nas suas mais variadas vivências. Todas com uma única origem e um único fim. Deus, em cooperação com todas as religiões, constitui uma só comunidade (Declaração [...] NA,1965, n. 1, p.619). Portanto,

o diálogo não é, portanto, um capricho, mas constitui uma condição intrínseca da verdade, porque não é possível aproximar-se sozinhos, fechados no egoísmo dos próprios limites, da riqueza infinita da oferta divina. Unicamente todos juntos, dando e recebendo, num contínuo intercâmbio de descobertas e experiências, de crítica e enriquecimento mútuos, vai-se construindo na história a resposta à revelação salvífica. Por isso que a missão cristã, que nunca sai para o deserto da pura ausência, mas para o encontro com outros rostos do Senhor (Queiruga, 2007, p. 149.151).

Deste modo, dado à relevância da missão de ir aos povos, o diálogo inter-religioso não contrapõe atividade missionária da igreja, “pelo contrário, tem laços especiais com ela e constitui sua expressão” porque compreende como método e meio de conhecimento e enriquecimento recíproco (João Paulo II, 1990, n. 55). Por isso, o Papa João Paulo II afirma que:

a tarefa da Igreja é orientada num duplo sentido: por um lado promover os denominados valores do Reino, como a paz, a justiça, a liberdade, a fraternidade, por outro, favorecer o diálogo entre os povos, as culturas, as religiões, para que, num mútuo enriquecimento, ajudem o mundo a renovar-se e a caminhar cada vez mais na direção do Reino (João Paulo II, 1990, n. 17).

Considerando essas sábias palavras do Magistério Pontifício, o magistério eclesial corrobora ao afirmar que todas as religiões existentes no mundo, de várias maneiras, desejam ir ao encontro das inquietações do coração humano propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e ritos sagrados (Declaração [...] NA,1965, n. 2,p. 620; CELAM, 2007, DAp, n. 370; Francisco, 2013, n..15); Amaladoss (1995, p. 18) também diz que o diálogo inter-religioso é um processo interpessoal entre as várias religiões por meio de símbolos, cultura, língua e sentimentos, no qual envolve os aspectos pessoal e social.

Se Deus é a origem comum e a finalidade de todos os povos, compreender o pluralismo de religiões não é uma questão “caótica”, mas uma construção cujo arquiteto é o próprio Espírito Santo. Assim sendo, o diálogo inter-religioso ainda é algo expressivamente novo na dinâmica das tradições das Igrejas cristãs. Para Tamayo (2002, p.71), o diálogo inter-religioso é motivado por uma realidade inquestionável: a diversidade das manifestações divinas, das vivências do Mistério na história humana, das mediações do divino e dos caminhos para a salvação ao longo da história humana. O Documento Diálogo e Anúncio assim se expressa ao falar do diálogo inter-religioso:

Uma justa avaliação das outras tradições religiosas supõe normalmente um estreito contato com elas. Isto implica, além de conhecimentos teóricos, uma experiência prática do diálogo inter-religioso com os seguidores destas tradições. Mas também é verdade que uma correta avaliação teológica destas tradições, pelo menos em termos gerais, permanece sempre um pressuposto necessário para o diálogo inter-religioso. Devemos nos aproximar sensivelmente destas tradições porque encerram valores espirituais e humanos (Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, 1996, DA, n. 14).

Essa justa compreensão das outras diferentes tradições devem levar à aproximação respeitosa para com as distintas expressões de fé presentes nas diversas religiões. Valorizar a diversidade religiosa é fomentar a união, perceber o que de comum os leva à convivência e, sobretudo, à caridade que as constitui, uma só comunidade na qual o gênero humano se torna cada vez mais unido e irmãos pela fé no mesmo Deus. Neste sentido, o Papa Francisco alerta para a relevância do diálogo com as outras religiões ao exortar que:

uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente – como propõem os Bispos da Índia – estar aberto a eles, compartilhando as suas alegrias e penas. Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria condições sociais. Os esforços à volta dum tema específico podem transformar-se num processo em que, através da escuta do outro, ambas as partes encontram purificação e enriquecimento. Portanto, estes esforços também podem ter o significado de amor à verdade (Francisco, 2013, n. 250).

Toda comunidade cristã é chamada a colaborar nos interesses comuns, no que diz respeito ao bem-viver da vida da humanidade e, sobretudo, cooperar e caminhar em conjunto em direção à verdade, à paz para que toda a humanidade tenha venha, e vida em abundância (Bíblia de Jerusalém, 2002, João, 10,10, p.1869). Além disso, o documento Diálogo e missão recorda que um espírito de diálogo se torna necessário para inspirar cada aspecto da interação da igreja com o mundo (Secretariado para os não-cristãos, 1984, DM, 13.29).

Pamsiewicz (2020, p. 46) destaca três disposições necessárias para o diálogo inter-religioso: 1. A abertura: essencial disposição para qualquer forma de diálogo que se subdividida em quatro dimensões - a si, ao outro, à verdade e ao Mistério. 2. A identidade: disposição fundamental para o diálogo inter-religioso. Clareza de identidade não significa fechamento na própria identidade. 3. Tolerância: refere-se à atitude de preservação do diferente, das diferenças. O respeito pelo que as pessoas possuem de ser, de pensar e de se manifestar de formas diferentes.

O autor supracitado ainda diz: o diálogo inter-religioso configura-se em quatro formas: existencial, ético, místico e teológico.

a) Existencial: refere-se à maneira como cada pessoa vive e testemunha sua experiência de fé.

b) Ético: revela a promoção da vida, da paz, da justiça nos ambientes sociais. O ser humano, em hipótese alguma, pode ser instrumentalizado. Por isso, o cuidado, a solidariedade. Daí a importância de ações políticas de uma educação para a fé, transformadora, cuidadora da vida.

c) Mística: denominado o espiritual. A dimensão transcendental. A abertura do ser humano para o mistério. O diálogo inter-religioso propicia essa espiritualidade compartilhada em benefício das pessoas.

d) O teológico: o que é específico em cada religião: história, doutrinas, verdades, códigos e formas próprias de transmitir (Pamsiewicz, 2020, p. 50-51).

4.4.6 Exemplos de cooperação na dinâmica do diálogo inter-religioso

O Papa Francisco, na sua viagem apostólica ao Cairo - Egito, no Centro de Conferências Al-Azhar, sexta-feira, 28 de abril de 2017, no seu discurso aos participantes na conferência internacional em prol da paz, apresenta três diretrizes

fundamentais que, segundo ele, se estiverem unidas em suas ações poderão favorecer a dinâmica dialogal do diálogo inter-religioso. São elas:

- 1) O dever da identidade, a coragem da alteridade e a sinceridade das intenções. O dever da identidade, porque não se pode construir um verdadeiro diálogo sobre a ambiguidade nem sobre o sacrifício do bem para agradar ao outro; 2) A coragem da alteridade, porque quem é cultural ou religiosamente diferente de mim, não deve ser visto e tratado como um inimigo, mas recebido como um companheiro de viagem, na genuína convicção de que o bem de cada um reside no bem de todos; 3) A sinceridade das intenções, porque o diálogo, enquanto expressão autêntica do humano, não é uma estratégia para se conseguir segundos fins, mas um caminho de verdade, que merece ser pacientemente empreendido para transformar a competição em colaboração (Francisco, 2017, p. 2).

Dada a importância da cooperação missionária entre as religiões, um dos aspectos insistentes no magistério da Igreja, a atitude mais indicada deve ser a de escutar atentamente o outro. Mas para escutar, é necessário ser capaz de fazer silêncio e ouvir com profundo respeito, deixando de lado os preconceitos e desarmando-se de suas concepções teológicas e doutrinárias.

Teixeira (2008, p.128) explicita que o “diálogo requer cortesia espiritual e abertura do coração”. Trata-se de uma tarefa difícil para a vivência dialogal, entretanto, pelo processo espiritual, com esta capacidade chega-se ao desapego e à hospitalidade. Portanto, ele afirma que, para a construção de um diálogo inter-religioso autêntico, supõe-se o reconhecimento dos valores do pluralismo religioso, o qual se desdobra na acolhida do desígnio misterioso de Deus. “Mesmo sendo uma realidade relativamente recente nas relações entre as tradições religiosas, o diálogo inter-religioso cada vez mais se torna expressivo nos tempos modernos” (Teixeira, 2008, p. 128-129).

Dada a importância da cooperação missionária entre as religiões, trazemos como exemplo a organização *Religions for Peace*. Um movimento de cooperação entre as religiões cuja visão é que as comunidades religiosas do mundo cooperam eficazmente para a paz. *Religions for Peace* está empenhada em liderar respostas multi-religiosas eficazes às questões prementes do mundo.

Acreditamos que objetivos ambiciosos e problemas complexos podem ser mais bem enfrentados quando diferentes comunidades religiosas trabalham em conjunto. “Durante 50 anos, *Religions for Peace* tem sido um movimento que muda o mundo e

desafia o status quo através da nossa convicção mútua de que as religiões são mais poderosas, inspiradoras e impactantes quando trabalham juntas.

Convém ressaltar que os mais de 100 conselhos inter-religiosos, em seis regiões no mundo com Secretariado Internacional sediado no Japão, no Quênia, no Peru, no Reino Unido e nos Estados Unidos, que servem o Conselho Mundial para promulgar Plano Estratégico, afirmam que os maiores desafios do mundo é a compreensão de que as religiões em mútua cooperação podem dar uma resposta inter-religiosa inovadora e inclusiva aos problemas que afligem a humanidade.

Nesses conselhos, não somente se encontra a vasta influência e recursos das tradições religiosas, mas também o seu compromisso espiritual para alcançar soluções que não deixem ninguém para trás. O movimento *Religions for Peace* é importante porque tem líderes globais, conselhos inter-religiosos e redes de mulheres e jovens que trabalham juntos para mudar a sociedade ao nível local, nacional e regional. Respondem aos desafios – desde a violência e a discriminação até a degradação ambiental – com soluções ousadas (*Religions for Peace*, RFP, 2020, p.2). Por isso o Papa Francisco é contumaz ao dizer que:

precisamente no campo do diálogo, sobretudo inter-religioso, sempre somos chamados a caminhar juntos, na convicção de que o futuro de todos depende também do encontro entre as religiões e as culturas. Oferece-nos um exemplo concreto e encorajador, neste sentido, o trabalho do Comité Misto para o Diálogo entre o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e o Comité de Al-Azhar para o Diálogo (Francisco, 2017, p. 2).

Com efeito, “ninguém está excluído da mesa do diálogo” (Wolff, 2023, p. 113). O diálogo entre as religiões é abrangente e envolve todas as pessoas de boa vontade, dispostas a se organizarem para o bem viver da humanidade. Com relevância, o pontificado do Papa Francisco visa compreender que toda a pessoa, a comunidade, pode contribuir para a presença e ação de Deus no mundo através da cooperação conjunta para a vivência da paz.

O teólogo Andrés Torres Queiruga diz que, por si, o diálogo autêntico brotará entre as religiões se esquivarmos de posturas pretensiosas de contraposições de religião verdadeira e religiões falsas. “De nós, sim, os outro não, de nós verdadeiros, o outro não” (Queiruga, 2007, p. 139). Considerando que nem uma realização histórica é perfeita, enquanto configuração de comunhão universal, presença salvífica de Deus, todas as religiões na intensidade da verdade se esforçam para alcançar e expressar

a amorosa presença de Deus. Do Deus, sempre maior e presente no meio de nós. E todos buscando-o como o Uno e por isso cooperando-nos mutuamente (Queiruga, 2007, p. 139–142).

A colaboração inter-religiosa, além de ser teológica, tem um significado especial na criação da nova humanidade: abre caminhos inéditos de testemunho cristão, incentiva a liberdade e a dignidade dos povos, incentiva a colaboração para o bem comum, combate à violência gerada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e convivência cidadã; é um campo de benevolência assumido pela Doutrina Social da Igreja (CELAM, 2007, DAp, n. 239).

Desta maneira, em cooperação com os irmãos e irmãs das diversas religiões, com convicções e culturas que buscam a verdade e se dedicam à construção da justiça, é possível, com abertura do coração e da mente de todos, reconhecer a presença de Cristo ao nosso lado. As iniciativas de encontro, diálogo e colaboração são vistas como etapas valiosas nesta jornada comum, e o caminho sinodal do Povo de Deus é considerado uma escola de vida para desenvolver a ética necessária para conversar com todos, sem ironismos ou compromissos.

Ademais, a consciência de cooperação entre as religiões requer a consideração pela humanidade como bem para casa comum. Somos chamados a demonstrar que a catolicidade implica sinodalidade, elemento de unidade na diversidade e de união na liberdade. Logo, a vida e a conversão sinodal do Povo de Deus podem contribuir para a promoção de uma cultura de encontro e solidariedade, de respeito e diálogo, de inclusão e de integração e de gratidão (Comissão Teológica internacional, 2018, n. 118, p. 39).

Concluimos que esta seção sobre a Missão no contexto da cultura do encontro e do diálogo tendo o diálogo como foco deste estudo. As interconexões entre missão e diálogo apresentam a relevância da missão construída de maneira dialógica. Assim, compreendemos que o Papa Francisco é um Papa da missão em diálogo, que vê a missão não como um monólogo, mas como um diálogo, uma conversa que envolve escuta, compreensão e respeito mútuo. Mediante o diálogo, a unidade entre os cristãos será facilitada e a recepção de Jesus Cristo deixa de ser mera diplomacia ou um dever forçado para transformar-se em um caminho imprescindível da evangelização (Francisco, 2013, n. 246).

Trata-se de lançar as bases para uma missão ecumênica e inter-religiosa, sem que isso signifique eliminar as diferenças entre elas, pois sua riqueza reside nas

diferenças ou reduzi-las à uniformidade. Neste horizonte, a missão vem consolidada, permeada pela percepção de uma ação missionária, cujas atitudes estão comprometidas pela dimensão de um comportamento relacional, interpessoal, na valorização das intersubjetividades. Com essas novas atitudes, “o diálogo torna-se, assim, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação recíproca” (Secretariado para os Não-Cristãos, 1984, DM, n. 43).

Portanto, reiteramos o pensamento já citado na pesquisa, “Missão é diálogo, apenas diálogo”. Por essa razão, conforme pesquisado nesta seção, a importância de toda ação missionária, independentemente das fés, é evidente em atitudes provenientes, livres de preconceitos e alienações. Além disso, ter a firme convicção de que a conversão, já indicada pelo próprio Cristo, não é descartada, mas não pode ser o objetivo final de uma ação missionária.

A visão da Igreja e sua missão se baseiam no diálogo com as culturas, a sociedade, o ecumenismo, as diferentes religiões, a paz e a casa comum. Para o Papa Francisco, o diálogo é “uma condição necessária para a paz no mundo e não ofusca a evangelização”. Assim como a evangelização, também implica um caminho de diálogo” (Francisco, 2013, n. 238).

5 POR UMA ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA DIALOGAL

O objetivo desta seção é compreender a realização da missão da igreja, tendo por base a Espiritualidade Missionária (EM), ou seja, uma espiritualidade que, de forma dialogante, é algo dinâmico, que brota da força do Espírito, que conduz o missionário (a) à cooperação da *missio-Dei*. Essa EM é uma práxis que envolve não somente conhecimento mútuo, mas uma disposição sincera em aprender e receber dos outros e, por intermédio deles, os valores positivos de suas tradições.

A partir de conceitos bíblicos e teológicos, apresentaremos que Espiritualidade Missionária é uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo. Essa vivência, que é fortalecida pela docilidade dos impulsos do Espírito, tem sua potencialidade na transfiguração das dimensões existenciais da vida. Portanto, é um modo de viver que não se limita somente no devocional, mas busca penetrar a realidade. Neste sentido, sente-se que cada vez mais o cristão é mobilizado para expressar este ardor, por meio do diálogo nas ações missionárias do cotidiano (CELAM, DAp. 2007, 240. 284).

Num contexto eclesial proliferado por pseudoespiritualidade, muitas vezes, essa espiritualidade missionária se expressa por atitudes desencarnadas e descomprometidas com a missão. Vive-se hoje o apreço por várias formas de “espiritualidade do bem-estar” sem comunidade, sem compromissos” (Francisco, 2013, n. 90). Assim sendo, introduzindo esta seção perguntamos: enquanto cooperador (a) na *missio-Dei* em que se fundamenta minha vida espiritual? Meus momentos de oração alimentam o encontro com os outros? Como cooperar na missão de forma dialógica conduzida pela *Ruah* de Deus?

Essa ligação entre a força do Espírito, reconhecida e assumida, e o presente histórico é uma afirmação constante nos teólogos da libertação que apresentaremos nesta seção como força de encontro de uma espiritualidade nova, missionária encarnada na História. Neste sentido, implica-se um caminho de esvaziamento sem pretensões absolutas, com permuta fraterna dos respectivos dons que favorecem uma maturidade cada vez maior, a qual gera a comunhão e o convívio no contexto contemporâneo de pluralidade.

Por isso, nesta seção, o propósito é pesquisar as questões da EM no contexto da missão em diálogo a partir de uma epistemologia que emana da espiritualidade de convivência plural, por meio do processo de encarnação. Pois a teologia, como ato

de reflexão, e a espiritualidade, como práxis de vida, ambas avançam e tornam o contexto histórico real e autêntico, abrindo caminhos para a harmonia e a unidade na pluralidade.

O teólogo e professor Dr. Maximiliano Herráiz García, padre da Ordem dos Carmelitas Descalços, professor da *Universidad de la Mística*, em Ávila, Espanha, afirma que, mesmo mantendo sua própria identidade, a teologia e a espiritualidade não podem ser separadas. A rigor, não são “duas coisas”, mas duas etapas do mesmo processo. A espiritualidade provoca reflexão teológica (Herráiz, 1989, p. 10).

Apresentaremos que a espiritualidade, no magistério de Francisco, por seu aspecto missionário, tem como caminho formar pessoas ativas na evangelização, aberta e sensível ao contexto plural. Uma Espiritualidade Trinitária, que a partir do seguimento de Jesus Cristo atua de maneira, dialogante, encarnada e contemplativa na vida. Ademais, na real fidelidade à história, buscará o discernimento das realidades, verdadeiro espaço da experiência do mistério.

Teólogos e teólogas latino-americanos nos ajudarão nesta compreensão de que uma autêntica EM. Isto é, a vivência missionária que, na sua essencial, é “contemplação, otimismo soteriológico, postura penitencial, desapego institucional, colaboração com outros evangelizadores, inculturação, respeito pela religião do povo” (Vígil, 2002, p.28).

Ainda que de maneira sumária, a EM, de forma sinodal, terá termo como foco a espiritualidade de comunhão, vida fraterna, do caminhar juntos que por uma diversidade de carismas e ministérios, de maneira sinodal, dialogante e poliédrica, buscam a unidade como filhos e filhas de Deus testemunham, a admirável comunhão do Corpo.

Desta maneira, esta seção visa vislumbrar uma espiritualidade aos mistérios do universo atenta e sensível à alteridade aos cuidados com a natureza, com os pobres e sobretudo atenta os desafios do contexto pluralista. Objetiva-se ainda refletir nesta seção sobre espiritualidade “missionária”, no sentido específico da missão em diálogo, na compreensão da interculturalidade e a vivência sinodal como chave para a missão. Como afirma o Papa Francisco: “Se se incultura a espiritualidade, se se incultura a santidade, se se incultura o próprio Evangelho” (Francisco, 2020, n. 85).

5.1 ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS

O termo “feminino”, espiritualidade, segundo (Saraiva, 2019. p. 1120) tem origem no “latim *Spiritus*, que significa: vento, hálito”. Da palavra grega *πνεύμα, ατός, τό, pneuma* (espírito), quer dizer sopro, hálito, respiração, sopro vital, vida, força espiritual que anima o mundo. Ainda na expressão grega, *πνευματικός*, é aquele que possui o Espírito (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Coríntios 3,1, p.1996; 14.37, p.2012). Ou seja, a pessoa espiritual que vive sob a influência do espírito. Também Neves (2012, p. 75) afirma que “*pneuma*” é uma palavra utilizada para significar “alma, espírito”.

Casaldáliga corrobora com esses conceitos sobre espiritualidade, ao descrever que, a partir do hebraico *ruah*¹⁸, *Spiritus* é, vento, ligeiro, potente e envolvente. O ar que respiramos é o responsável por renovar o nosso organismo e impulsionar o crescimento da vida. Dessa forma, tudo o que tem vida respira. Portanto, “respirar significa inspirar, expirar e suspirar” (Wolff, 2015, p.88).

O texto de São Gregório de Nissa traduzido por Dionizio a partir do século IX ao XI essa expressão espiritualidade passa a ser uma atividade que provém do Espírito Santo. Contudo, a palavra espiritualidade tem seu nascimento na escola francesa do século XVII, com a conotação de relacionamento afetivo com Deus. Este conceito aproxima-se do pensamento do apóstolo Paulo *pneumatikói*, referindo-se ao homem espiritual, cuja meta é a vida em Cristo, santidade perfeita: espírito, alma e o corpo (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 2,13, p.1996; Gálatas 6,1, p.2038; 1 Tessalonicenses 5,23, p.2064; Wolff, 2016, p. 16).

Deste modo, o Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, definiu a espiritualidade como uma vivência integradora, assim ele discorre:

19.A palavra que designa o ar em movimento (Bíblia de Jerusalém, 2002, Ex 10,13, p.115; Jó 21, 18, p. 828), o que sai das narinas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 7,15. 22, p. 44). Ela designa, portanto, a força vital, os pensamentos, os sentimentos e as paixões, nos quais ela se exprime (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 41, 8, p.87; 45,27, p. 94; 1 Sm 1, 15, p. 391; 1Rs 21, 5, p. 502). Na pessoa é um dom de Deus, Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 6,3, p.42; Nm 16, 22, p. 227; Jó 27, 3, p. 833; Sl 104, 20, p. 973; Ecl 12, 7, p. 1084.). Também é poder pelo qual Deus age, tanto na criação (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 1,2, p. 33; Jó 33,4, p. 842) quanto na história da humanidade (Bíblia de Jerusalém, 2002, Ex 31,3p.147) pelos profetas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Jz 3,10, p. 352; Ez 36,28, p.1533) e do Messias (Bíblia de Jerusalém, 2002, Is 11, 2, p. 1272; Rm 1,9, p.1966

[...] por espiritualidade entende-se um estilo e forma de vida conforme as exigências cristãs. Espiritualidade é 'vida em Cristo' e 'no Espírito', que se aceita na fé, se exprime no amor e, repleta de esperança, se traduz na vida quotidiana da comunidade eclesial. Neste sentido, por espiritualidade, que é a meta à qual conduz a conversão, entende-se, não uma parte da vida, mas a vida inteira guiada pelo Espírito Santo. Entre os elementos de espiritualidade que todo cristão deve fazer próprios, ressalta a oração. Essa o levará, aos poucos, a ver a realidade com um olhar contemplativo, que lhe permitirá reconhecer a Deus em cada instante e em todas as coisas; de contemplá-Lo em cada pessoa; de procurar cumprir sua vontade nos acontecimentos (João Paulo II, 1999, n. 29).

Assim sendo, espiritualidade como estilo de vida, uma fé que se exprime no amor, na comunidade eclesial no cotidiano da vida o Padre Jesuíta, Jean-Claude Dhotel de maneira positiva ele define espiritualidade a partir de três características: 1º) uma maneira de falar sobre Deus: Neste sentido, ela está relacionada as questões teológicas, todavia com um diferencial: Não como objetos de conhecimento a partir da revelação, mas, como experiência da pessoa com Deus. 2º) uma espiritualidade propõe um caminho para ir a Deus. Isto é uma maneira pedagógica que indica uma caminhada marcada por estágios com meios para chegar a Deus. 3ª Uma vivência espiritual não se constrói de forma isolada, mas em comunidade, família, grupos. Uma experiência de Deus compartilhada irmãos, irmãs, companheiros que se juntam (Dhotel, 1991, p. 2). Dessa maneira David J. Bosch, ao escrever sobre: *A spirituality of the road*, diz que:

precisamos, de uma nova compreensão de espiritualidade – uma compreensão que é ao mesmo tempo mais profunda e mais ampla do que a maior parte do que tivemos até agora. Isso é especialmente verdadeiro para o missionário e mais especificamente para o missionário hoje. Já passou o tempo em que missionários eram considerados por outros (e possivelmente até por eles mesmos!) como gigantes espirituais. Muitas vezes, no passado, eles tentaram esconder suas deficiências, talvez totalmente inconscientemente, sob todos os tipos de influências externas impressionantes armadilhas. Esta imagem não funciona mais. O missionário de hoje é talvez a pessoa mais exposta em o mundo (Bosch, 1979, p.18, tradução nossa).

Desta maneira, Casaldáliga (1996, p. 21) sublinha que, nos tempos atuais, a palavra “Espiritualidade” não é uma palavra infeliz, porque, hoje, para muitas pessoas, essa palavra pode significar um afastamento da realidade. Além disso, muitos preferem viver tudo o que se opõe à matéria, até mesmo sobre o próprio corpo, tentando viver uma espiritualidade desconectada com a vida. Estas formas de viver

a vida espiritual como realidades opostas ao material e ao corporal provêm da cultura grega, depois se infectando toda uma cultura ocidental.

Contudo, o mesmo não aconteceu na língua hebraica, o mundo cultural semítico, onde espírito significa vida. “Espírito não se opõe à matéria, nem ao corpo, nem à maldade (destruição); opõe-se à carne, à morte (a fragilidade do que está destinado à morte); e opõe-se à lei (a imposição, o medo, o castigo)”. Neste seguimento Casaldáliga (1993, p. 15) apresenta o pressuposto de que a espiritualidade Cristã não se fundamenta em vivências desencarnadas, mas no seguimento do Verbo encarnado. Uma experiência mística de êxodo, profecia e criação.

Vigil corrobora com Casaldáliga ao descrever que nos tempos atuais cada vez mais há necessidade de esclarecimento e compreensão da etimologia da palavra espiritualidade. Desta maneira para ele como já dito,

Espiritualidade: é uma palavra problemática, mas consagrada e inevitável. É problemático porque na sua própria raiz etimológica traz a marca de um dualismo de contraste com o corporal e O material. A espiritualidade vem de ‘espírito’ e espírito é o oposto de “corpo” e “matéria”. Ser espiritual seria não ser corpóreo ou não ser material, e uma pessoa seria tanto mais espiritual quanto mais quanto menos corpóreo ou material fosse, mais longe estava do corpo ou da matéria... Não é isso que hoje pensamos, mas é o que a própria palavra carrega em sua natureza etimológica, e houve etapas na história em que o conceito mostrou fidelidade a essa anticorporeidade e antimaterialidade. Hoje a palavra continua a ser usada porque, apesar de tudo, é consagrada. Foi feito o alerta de que não se quer acomodar os componentes que sua etimologia alude, faz sentido designar como “espiritualidade” aquela dimensão profunda do ser humano, que, em mesmo através da corporalidade e da materialidade, transcende o que há de mais superficial e constitui o coração de uma vida humana com sentido, com paixão, com veneração da realidade e da Realidade: com Espírito (Vigil, 2004, p. 1, tradução nossa).

Dessa maneira, o Espírito, sustenta o vigor e impulsiona a espiritualidade. Diremos então que algo é espiritual por causa da presença que em si tiver de espírito. Portanto, para Casaldáliga, o espírito é substantivo concreto, ao passo que espiritualidade é substantivo abstrato, por isso:

do mesmo modo que amigo é o substantivo concreto do substantivo abstrato amizade. Amigo é aquele que tem a qualidade da amizade; e o caráter ou a forma com que a viver o fará ter um tipo ou outro de amizade, mais ou menos intenso, mais ou menos sincero. O mesmo ocorre com espírito e espiritualidade. Podemos entender a espiritualidade de uma pessoa ou de uma determinada realidade como seu caráter ou forma de ser espiritual, como

o fato de estar adornada desse caráter, como o fato de viver ou de acontecer com espírito, seja esse espírito o que for (Casaldáliga, 1993, p. 23).

Por conseguinte, para a EM, como meta estilo de vida que vê a realidade com um olhar contemplativo. é pressuposto que se refere a uma abordagem de fé centrada na *missio-Dei* para compartilhar crenças, valores ou práticas espirituais com outros. Isso pode envolver a difusão de ensinamentos religiosos, ajuda humanitária ou contribuições para o bem-estar global. Com efeito, “é um agir que se concretiza por meio de atitudes dialógicas” (Wolff, 2015, p.88).

Quando dialogamos, expressamos a nossa interioridade e ao mesmo tempo, aproximamos, acolhemos e interagimos com a interioridade do outro. Wolff (2016, p. 99), ainda diz que “este é um diálogo que vem de uma espiritualidade dialógica, orientado pelo ensino do Vaticano II, aberto para o mistério Divino indo além da Igreja e do cristianismo”.

A partir desses conceitos bíblicos e teológicos, Espiritualidade Missionária é uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo. A partir desse encontro, é vivência que, fortalecida pela docilidade dos impulsos do Espírito, tem sua potencialidade na transfiguração das dimensões existenciais da vida. É uma espiritualidade centrada no único Deus e Senhor, mas que, ao mesmo tempo, vive em contato com as necessidades diárias das pessoas, “as quais buscam uma existência digna, querem desfrutar das belezas da vida, encontrar a paz e a harmonia, lidar com as dificuldades familiares, tratar doenças e assistir ao crescimento dos seus filhos” (Francisco, 2020, n.80).

Portanto, é um modo de viver que não se limita somente no devocional, mas busca penetrar a realidade. Neste sentido, sente-se que cada vez mais somos mobilizados para expressar este ardor, por meio do diálogo, nas ações missionárias no cotidiano (CELAM, 2007, DAp, n. 240. 284).

Considerando que um verdadeiro missionário tem em vista identificar as aspirações legítimas que emergem das manifestações religiosas, muitas vezes incompletas ou equivocadas, ele responderá por meio de uma espiritualidade inculturada (Francisco, 2020, n. 79).

5.2 ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco incansavelmente afirma o valor de uma espiritualidade comprometida com a missão-Dei, ou seja, uma espiritualidade que, conduzida pelo Espírito, leva a pessoa ao compromisso do anúncio do Reino de Deus. Cotidianamente, nota-se nas pessoas, que professam a fé no Deus da vida, no seu Filho feito humano no meio da humanidade, uma relação distante da realidade.

A vivência espiritual entre fé e vida torna-se enfraquecida devido ao exagero com os espaços pessoais de autonomia, expressa numa vivência de fé preocupada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se a relação com O transcendente não fizesse parte de sua própria identidade.

Por isso, assim diz o Papa Francisco: cresce o apreço por várias formas de “espiritualidade do bem-estar” sem comunidade sem compromissos” (Francisco, 2013, n.90). Wolff confirma o que o Papa Francisco diz sobre uma verdadeira espiritualidade cristã ao escrever assim:

[...] o papa lembra que na vida cristã uma espiritualidade autêntica se caracteriza pelas virtudes que Cristo evidencia em sua forma perfeita, como ensinou nas Bem-Aventuras (Mt 5,1-12): ser pobre em espírito, manso de coração, confiante em Deus, buscar a justiça, ser misericordioso, ser puro de coração, promover a paz, enfrentar com fé as perseguições por causa do Reino. As pessoas verdadeiramente “espirituais” são as verdadeiramente virtuosas, e a medida mais segura do crescimento espiritual não é a experiência elevada de uma consciência refinada ou extática, mas a capacidade aumentada de perdoar livremente o mal que recebe e praticar a caridade com alegria (Wolff, 2023, p. 126).

A não vivência desse modo de viver a vida cristã é motivo de preocupação no magistério do Papa Francisco. Segundo o Sumo Pontífice, são experiências espirituais marcadas por momentos religiosos que proporcionam alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pelo anúncio do Evangelho. “São vivências de práticas de oração, porém permeada por um acentuado individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor pela missão de Deus e os processos evangelizador propostos pela ação evangelizadora da Igreja” (Francisco, 2013, n. 78).

5.2.1 Exercícios espirituais: uma pedagogia espiritual para a missão

O Papa Francisco, homem orante, compenetrado, como de todo Jesuíta, sustenta a marca missionária por uma espiritualidade inaciana realizada por meio da prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, seu fundador. Miranda, (2017, p. 176), descreve que os exercícios espirituais têm sua origem no processo de conversão de Inácio de Loyola, que, ainda como leigo, meditando os relatos do evangelho e a vida dos santos, no seu íntimo, aprendeu a captar e interpretar a vontade de Deus.

O objetivo desta Espiritualidade por meio dos EE é que a pessoa possa ser um “contemplativo na ação”, ou melhor, que desenvolva uma sensibilidade para “encontrar Deus em todas as coisas e todas n’Ele” (Loyola, 2000, n. 230). Neste sentido, os traços destes exercícios espirituais implicam: a) respeito à pessoa, à sua subjetividade, na experiência do Espírito que age no coração de cada um. b) Contemplação na ação, isto é, Deus em todas as ações missionárias como uma pedagogia espiritual para realizar a *missio-Dei* (Loyola, 2000, n. 9.24). c) confirma-se a vontade de Deus através da consciência da “Eleição”¹⁹ por meio da cuidadosa. d) Triagem dos desejos, afeições e pulsões presentes na vida da pessoa. e) O discernimento dos espíritos ou moções²⁰ interiores espirituais, que é favorecido descobrir a partir da vida concreta, deixa à pessoa a responsabilidade de buscar o que de fato Deus quer para a sua trajetória histórica (Miranda, 2017, p. 176–177).

A metodologia dos EE segue por breves matérias apresentadas para a oração, pois “não é o muito saber que sacia pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (Loyola, 2000, n. 2). Assim, as anotações prévias e partilha ao orientador dos EE favorecerão ao exercitante o discernimento dos espíritos (Loyola, 2000, n. 8).

Desde modo, os EE consistem numa pedagogia da liberdade que, por meio da contemplação dos mistérios de vida, Jesus Cristo, meditando os mistérios do Reino

¹⁹ A “eleição” significa a assunção do exercitante à comunhão trinitária do Deus vivo pelo Espírito Santo. Aceitando a escolha divina, determinando suas afeições e aspirações à vontade de Deus. É a resposta humana ao chamado divino e sua aceitação (Loyola, 2000, p. 71; p. 62–69).

²⁰ 1. Consolação espiritual: é um estado dinâmico, um movimento para a conversão, para a comunhão com o Deus vivo. É dom, é experiência.

2. Desolação espiritual: No sentido inaciano, significa um movimento contrário ao espírito, afastamento do amor de Deus. A pessoa sente esfriar a fé, a esperança, o amor e a confiança em Deus.

de Deus, Duas bandeiras²¹, os três modos de humildade²². Ao longo de quatro semanas, o exercitante experimenta o mistério da Salvação e a ação salvífica de Cristo na história.²³

Para Perroni (2019, p.48), os EE é um processo linear dirigido ao futuro. É uma mística do *sentire cum Ecclesia*²⁴ na qual, pela moção dos afetos, uma vez purificados alcança-se a plena liberdade de se colocar à disposição da *missio-Dei*. Assim sendo, os EE inicianos, muito bem compreendidos e vivenciados pelo Papa Francisco, querem dispor a pessoa a se sentir chamado a exercitar todas as dimensões do seu ser: “liberdade, memória, intelecto e vontade, assim como exprime a oração que coroa a contemplação para obter o amor” (Loyola, 2000, p.92).²⁵

Uma espiritualidade essencialmente cristocêntrica, isto é, contemplação incessante na vida de Jesus, nos mistérios de sua infância, na sua vida oculta, pública, paixão, morte e ressurreição. Uma espiritualidade missionária baseada no discernimento dos espíritos, cuja meta é a busca constante da vontade de Deus, na prática, vivencial na encarnação do mistério na vida cotidiana. Trata-se de “uma espiritualidade que conduz na ordenação dos afetos e na direção do desejo de Deus na plena liberdade, sem apegos desordenados” (Loyola n. 2000, p.11).

Assim sendo, o Papa Francisco na vivência da espiritualidade Inaciana por meio da prática dos Exercícios Espirituais é um testemunho, um impulsionador da teologia do encontro e do diálogo, através de uma Igreja em saída missionária. Deste modo

²¹ Trata a bandeira de Cristo da de Lúcifer, inimigo da natureza humana. “São imagens simbólicas apresentadas sob duas dinâmicas que o exercitante precisa discernir em sua situação pessoal para se buscar a identificação com Cristo” (Loyola, 2000, p. 62).

²² “1º modo de humildade: abaixar-se e humilhar-se quanto for possível para obedecer em tudo a Deus, nosso Senhor” (Loyola, 2000, p.69).

2º modo de humildade: já não quero e desejo mais riquezas que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve. Disposição de aceitar tudo (Loyola, 2000, p.69).

3º modo de humildade: é a humildade perfeitíssima, incluindo o primeiro e o segundo o desejo de assemelhar-se a Cristo para que a obra de Cristo se cumpra (Loyola, 2000, p.70; p. 62.69).

²³ Princípio e Fundamento (Loyola, 2000, p. 23): a Criação; contemplação sintética do Universo e da História à luz da Santíssima Trindade.

Primeira Semana: Contemplação dos pecados. O Antigo Testamento espera do Salvador, advento.

Segunda Semana: A vida de Cristo Nosso Senhor. O Novo Testamento; presença do Verbo eterno entre nós, da Encarnação à Paixão.

Terceira Semana: A paixão de Cristo, seu Mistério Pascal; sua morte redentora.

Quarta Semana: a Ressurreição e a Ascensão com a proposta dos três modos de orar. Contemplação para alcançar Amor: a Era atual da História (Loyola, 2000, p.11).

²⁴ São 18 normas indicadas por Inácio para o reto sentir que devemos ter na Igreja (Loyola, 2000, p.134, 137).

²⁵ “Tomai, Senhor, é recebei toda a minha liberdade, minha memória e entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que tenho ou possuo, vós me destes. A vós, Senhor, restituo. Tudo é vosso. Dispõe segundo a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, pois ela me basta” (EE, n. 234).

centrado numa espiritualidade cristocêntrica, o magistério do Papa Francisco inspira-se numa espiritualidade do seguimento radical a Jesus Cristo, logo, missionária. São gestos e atitudes dialogantes disponíveis para encontrar o outro.

Por isso, ele afirma que “o diálogo é teológico porque se inspira nas atitudes do próprio Deus que, por sua própria iniciativa, vem ao nosso encontro e intervém em favor do seu povo” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 7,16, p.1800) como Pai das Misericórdias, revelado por Jesus, fonte de toda ação evangelizadora da igreja. Ele nos ama por primeiro. Ele esperava com amor. Sendo o primeiro a amar” (Francisco, 2013, n.3).

5.2.2 Concepção da espiritualidade missionária segundo o Papa Francisco

O Papa Francisco afirma que, na Igreja, faz-se necessária uma espiritualidade que cure, liberte, encha de vida e de paz as pessoas, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária. Sem esta espiritualidade, as pessoas acabarão enganadas por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus (Francisco, 2013, n. 89).

Assim, o Papa Francisco exorta sobre a urgência do desenvolvimento de uma ação missionária com prazer espiritual, de estar próximo da vida das pessoas. A partir do encontro próximo de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor. É um olhar de Jesus que se alonga, cheio de afeto e amor por toda a humanidade. Por meio deste encontro pessoal com o Senhor, “descobrimos que ele quer se servir das pessoas para assim chegar mais próximo de seu povo amado” (Francisco, 2013, n. 268).

Por isso, Pedrosa (2021) diz que é preocupante ver grupos e instituições na igreja que buscam vivenciar uma espiritualidade que nem sempre favorece uma experiência libertadora de encontro pessoal com Jesus Cristo. Segundo a referida autora, esses modos de vivenciar a espiritualidade, atentam, pecam por falta de ardor missionário, se opõe ao querigma e ao anúncio missionário do Deus revelado em Jesus Cristo que pleno Espírito Santo (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 4,1, p.1794; Pedrosa 2021, p.42) Por essa razão, ela recorda o que o Papa Francisco sublinha sobre a verdadeira espiritualidade cristã que:

[...] num contexto eclesial eivado pelas pseudoespiritualidades neopelagianas e neognósticas, Francisco reafirma o enraizamento da espiritualidade cristã no Evangelho, mistério do amor de Deus que se fez carne em Jesus Cristo e segue acompanhando seu povo, no Espírito. Esta fonte espiritual exige abertura sincera à novidade do Espírito de Deus, não engessamento em práticas e teologias que não respondem à sede de espiritualidade de nosso tempo. A encarnação traz o necessário reconhecimento da história e do corpo no caminho espiritual. Igualmente, valoriza as relações integradas com Deus, com os demais, consigo mesmo e com o ambiente (Pedrosa, 2021, p, 62-63).

Por isso que o Papa Francisco exorta sobre a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, “que parecem propor uma espiritualidade sem Deus” (Francisco, 2013, n. 63). São grupos que não se preocupam com a real inculturação do Evangelho junto às comunidades e sociedades, não têm missionariedade. Neste cenário, perguntamos: em que consiste minha vida espiritual? Meus momentos de oração alimentam o encontro com os outros? Como estamos caminhando juntos? Conforme afirma o Papa Francisco “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo, nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” (Francisco, 2015, n. n 216).

Vemos, portanto, que os pressupostos de uma EM, segundo o Papa Francisco, “é um caminho para formar sujeitos ativos da evangelização, adultos na fé e na atuação social” (Pedrosa, 2021, p.46). Urge, portanto, uma ação missionária motivada por uma EM de inserção na vida plural com discernimento das realidades, “expressão de uma real fidelidade à história, verdadeiro espaço da experiência do mistério” (Wolff, 2016, p. 32; Ribeiro, 2020, p. 409).

Pe. José María Vigil, ao falar da Espiritualidade missionária latino-americana, aponta algumas atitudes fundamentais para uma espiritualidade missionária, a saber: “contemplação, otimismo soteriológico, postura penitencial, desapego institucional, colaboração com outros evangelizadores, inculturação, respeito pela religião do povo” (Vigil, 2002, p.28). Diante destas atitudes, como me proponho a viver a minha espiritualidade missionária dialogante que impregne toda ação missionária?

Wolff (2023) diz que o magistério do Papa Francisco visa apresentar a dimensão vivencial da espiritualidade cristã, mais do que mesmo sua definição ou conceito. Assim, Wolff descreve os elementos essenciais da espiritualidade cristã presentes na Encíclica “*Laudato Si*” apresentada pelo Papa Francisco, a saber:

[...] a espiritualidade é uma ‘qualidade de vida’ que fortalece um estilo ‘profético e contemplativo’ (LS 222). Trata-se de uma abertura interior ao bem, à verdade e à beleza, a Deus que se manifesta na interioridade da pessoa (LS 205). Tem-se, então, uma gratuidade de vida confiante em Deus, valorizando devidamente as pessoas, as coisas mais simples e alegra-se com elas. Então tem-se um estilo de vida simples, sóbria, frugal, que evite a ‘dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres’ (LS 222). Essa espiritualidade se expressa por uma ‘sobriedade libertadora’ (LS 223), pelo que ‘quanto menos, tanto mais’. Assim, ‘é possível necessitar de pouco e viver muito’ (LS 223), o que possibilita uma ‘integridade de vida’ e ‘humildade sadia’ (LS 224). Isso é o que permite ‘uma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção’ (LS 226) e dá ‘a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida’ (LS 225). E tal é a base de encontros fraternos entre as pessoas e da relação com a natureza, numa ecologia humana e ambiental integral que permite ‘recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador’ (Francisco, 2015, n.224; Wolff, 2023, p. 125-126).

Assim sendo, é necessário que as comunidades eclesiais, a partir do aspecto vivencial da espiritualidade, busquem dar profundamente um sentido maior e mais concreto de pertença, integridade de vida e confiança em Deus. Logo, é preciso tornar mais estável a participação de toda comunidade eclesial por meio de suas agregações em atitude sinodal em todos os âmbitos da pastoral de conjunto da Igreja (Francisco, 2013, n.105). Aí se encontra o porquê teológico da EM “cujo fundamento encontra-se na Trindade, ou seja, uma espiritualidade: cristológica, pneumatológica e eclesiológica” (Bosch, 2002, p. 468).

Papa Francisco expressa sua admiração pela espiritualidade da piedade popular que ele considera uma verdadeira espiritualidade, uma maneira legítima de viver a fé. É um modo de ser Igreja e uma maneira concreta de ser missionário. Ademais, ainda ressalta que é “espiritualidade encarnada na cultura dos simples”. Não é vazia de conteúdos, porque os descobre pelas vias simbólicas e não pelo uso da razão instrumental. A fé se manifesta mais pelo “*credere in Deum* que o *credere Deum*” (Francisco, 2013, n.124). Neste sentido, Wolf explicita que:

o universo semântico de ‘espiritualidade’ e ‘espírito’ é plural, o que caracteriza sua natureza como algo dinâmico e circunscrito à existência de cada pessoa e de cada comunidade humana. Antropologicamente, espiritualidade é a expressão do espírito de uma pessoa, suas motivações, seus ideais, suas utopias. É a forma como alguém cultiva seu espírito, dando consistência ao horizonte de sentido de seus projetos existenciais. Teologicamente, espiritualidade indica a dimensão religiosa das motivações profundas dos projetos existenciais (Wolff, 2015, p.88).

Por esta razão, o Papa Francisco, ressalta que a exterioridade desta amizade com Deus, se apresenta por longos tempos de silêncio, solidão, dedicados somente

a Deus. Assim, ele cita Santa Teresa de Ávila, que diz que a oração é “uma relação íntima de amizade, permanecendo muitas vezes a sós com Quem sabemos que nos ama”. Por isso, toda a ação missionária tem sua fonte neste encontro amoroso, de amizade com aquele que é o “dono” da missão.

A insistência do Papa Francisco é de “todos precisamos deste silêncio repleto de presença adoradora” (Francisco, 2013, n. 149). A oração confiante é uma resposta do coração que se abre a Deus face a face, onde são silenciados todos os rumores para escutar a voz suave do Senhor que ressoa no silêncio. Com sua mensagem para a Quaresma de 2024, o Papa Francisco complementa seu pensamento ao dizer que:

dimensão contemplativa da vida passa pelo amor de Deus e o do próximo que formam um único amor. Não ter outros deuses é parar na presença de Deus, junto da carne do próximo. Na presença de Deus, tornamo-nos irmãos e irmãos, sentimos os outros com nova intensidade: em vez de ameaças e de inimigos encontramos companheiras e companheiros de viagem (Francisco, 2024, p.3).

A EM, alimentada pelos fundamentos bíblicos, pelos escritos dos profetas, reconhece que a atitude de contemplação e adoração é o contínuo reconhecimento da presença de Deus criador de todo universo que, ao conjugar ternura e força, caminha com sua ternura paterna. Por isso, adoramos o poder infinito. Sem esta espiritualidade, pode-se arriscar colocar no esquecimento o Deus todo-poderoso e criador e não fazer a experiência do Deus libertador presente em toda a criação. Presentificamos dois missionários que souberam viver essa “admiração contemplativa das criaturas que encontramos em São Francisco de Assis, desenvolveu também uma rica e sadia compreensão do trabalho, como podemos encontrar, por exemplo, na vida do São Carlos de Foucauld e seus discípulos” (Francisco, 2015, n. 72-73. 125). Desse modo,

em “primeiro lugar, o missionário deve ser um contemplativo: capaz de transmitir não só ideias, discursos e análises, mas especialmente sua experiência pessoal de Jesus Cristo e dos valores do seu reino”. Somos chamados a experimentar Deus não só nos momentos de oração [...], mas também na vida, na ação, na natureza e na história. O Deus de Jesus revela-se no coração de cada homem e na realidade histórica (Galileia, 1982, p. 136, tradução nossa).

Por conseguinte, o que Papa Francisco aponta transparece também na sua Exortação apostólica *Laudate Deum* do sobre a crise climática, na qual exorta que as

peessoas asseguradas por uma sólida espiritualidade estão atentas aos avanços do crescimento tecnológico, que cada vez mais se desenvolvem pelo seu poder e autodomínio. Estes também necessitam de ser acompanhados, por meio de uma firme ética, de uma espiritualidade que profeticamente contenham limites nesses avanços que nem sempre favorecem o desenvolvimento humano na vivência dos valores (Francisco, 2023, n. 24). Como testemunha Vígil:

A EM é aquela que anima a que se quer inserir “na missão do próprio Deus”, que tem um sonho sobre a humanidade e já o pôs em marcha. Uma ação missionária construída sobre um paradigma ou uma leitura histórica do cristianismo é entendida como um “viver e lutar pela causa de Jesus”, um generoso e denodado esforço para colaborar com Deus na realização do Seu projeto de salvação da humanidade e do mundo. A abordagem e o diálogo com outros povos e outras religiões se inserem nesse mesmo objetivo de alcance histórico, dentro da grande caminhada dos povos para a utopia do sonho de Deus (Vigil, 2002, p.30).

Esse desejo generoso para colaborar com Deus impulsionado pelo “*Ruah*” dará a concretude de uma ação missionária num contexto plural, multifacetado em múltiplos aspectos. Ações não fechadas em si, mas com um olhar hermenêutico, estarão abertas ao diálogo com outros povos, denominações cristãs, outras religiões, considerando todos irmãos e irmãs. “A vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário” (CELAM, 2007, DAp, n. 285). Neste sentido, fazem-se necessários dois movimentos que o sustentam: A saber: o deserto e a missão.

5.2.3 Do deserto à missão

“O Espírito levou Jesus para o deserto. Depois Jesus foi para a Galileia, pregando o Evangelho de Deus” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Marcos 1,12.14, p.1759). Do deserto à missão, é assim que o Evangelista Marcos apresenta Jesus, que, após um longo tempo no deserto na Judeia, que, diferente dos outros espaços geográficos é um deserto composto de pedras e muitas pedras. Neste deserto, “espaço onde se amadurece a liberdade” (Papa Francisco, 2024, p.2) ele encontra-se entre tentações, animais e anjos que os servia, Jesus está preparado para a missão. Enquanto missionário do Pai vai para a Galileia, o lugar da missão pregar o Evangelho do Pai com a Missão que o Pai confiou. Para Casaldàliga:

Compreende-se como diria João da Cruz, 'subir e descer', de ir a Deus e ao Mundo, de contemplar e militarizar simultaneamente; que na verdadeira espiritualidade cristã não há espaço para dicotomias; que todos os crucificados com Cristo sejam relaxados, ao mesmo tempo, na verticalidade e horizontalidade da Cruz, na gratuidade e no esforço, amarrados, como raízes, ao Tempo da História e lançados, como asas, para a Glória da Escatologia (Casaldáliga, 1996, p.13).

Sair do deserto para a missão não é um peregrinar sem sentido, sem consciência do que se está buscando, mas um peregrinar com Jesus, o Bom Pastor, que sai até as encruzilhadas para a buscar a ovelha perdida no deserto. É uma imagem de peregrinar que, para os Padres da Igreja, revela o mistério de Cristo e da Igreja. No mundo, todos “somos a ovelha perdida que, no deserto, já não encontra o caminho. O Filho de Deus não tolera isto; Ele não pode abandonar a humanidade numa condição tão miserável” (Bento XVI, 2005, p.3).

Sair, peregrinar trata-se, portanto, de um tema muito frequente na espiritualidade cristã: É uma atitude que supera todo autorreferencialíssimo e toda distorção de que busca viver uma experiencia de encontro com Deus sem esquivar-se da relação o outro com mundo e com a natureza. "Amarás o teu próximo como a ti mesmo", é “semelhante ao primeiro” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 22, 37-39, p. 1744) e ignorar o segundo torna impossível cumprir o primeiro: “Quem não ama não conhece a Deus” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 João 4, 8, p.2131), e “com isto sabemos que passamos da morte para a vida, quando amamos os nossos irmãos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 João 3, 14, p.2129).

Bosch (1979, p. 60) acredita que “a igreja só descobre a sua verdadeira natureza quando ela se move de um mundo humano para outro, quando ela atravessa fronteiras, sejam elas geográficas, culturais, étnicas, linguísticas ou sociológicas”. Assim sendo, descobrirá que, a partir das fronteiras, o missionário, sendo preeminentemente uma pessoa chamada e enviada para atravessar fronteiras, são pessoas que a partir de uma EM vive a maravilhosa aventura de enriquecimento e renovação pelas muitas fronteiras que ele ou ela atravessa.

Assim, a ação missionária com fundamentos na EM é um “sair”, rumo as periferias e fronteiras existenciais. Isto implica dois aspectos de uma mesma atitude que mantêm uma relação estreita e se alimentam mutuamente - "paixão por Jesus e, ao mesmo tempo, paixão pelo seu povo (Ros Garcia, 2018, p.380). Deste modo, “o caminho da EM é construído de maneira dialógica na proximidade com outro, na pobreza e na itinerância, calçando as sandálias do pescador” (Paleari, 2001, p. 93).

5.3 ESPIRITUALIDADE DIALOGAL

Para o Papa Francisco, “o diálogo é um aporte essencial. Ele não obscurece o processo de evangelização”. Porque a evangelização, implica também um caminho de diálogo” (Francisco, 2013, n. 238).

A EM como força, assegura no anúncio do Evangelho, manifestado em todas as atividades missionárias e pastorais da Igreja (Francisco, 2013, n.250-251). Portanto, para Francisco o diálogo é via decisiva para o anúncio do Evangelho. Em novembro de 2015, em visita aos Estados Unidos, por esta ocasião dirigindo-se aos Bispos faz a seguinte exortação:

[...] o diálogo é o nosso método, não por astuciosa estratégia, mas por fidelidade àquele que nunca se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor (Mt 20, 1-16). Por isso, o caminho a seguir é o diálogo: diálogo entre vós, diálogo nos vossos presbitérios, diálogo com os leigos, diálogo com as famílias, diálogo com a sociedade. Não me cansarei jamais de vos encorajar a dialogar sem medo. Quanto mais rico for o património que tendes para partilhar desassombradamente, tanto mais eloquente há de ser a humildade com que o deveis oferecer. Não tenhais medo de efetuar o êxodo que é necessário em cada diálogo autêntico. Caso contrário, não é possível entender as razões do outro, nem compreender profundamente que o irmão que devemos encontrar e resgatar, com a força e a proximidade do amor, conta mais do que as posições que, apesar de certezas autênticas, julgamos distantes das nossas (Francisco, 2015, p.5).

Com a EM vivida de maneira dialógica a missão da Igreja, torna-se não uma questão interpessoal é desafiante como também é geradora de crescimento convergente. É uma percepção que não deve excluir a abordagem holística, independentemente da percepção sobre o papel exato que tenho da minha tradição histórica de salvação. O diálogo é caminho para o reconhecimento holisticamente do fenômeno da autocomunicação de Deus. Embora tenhamos consciência de nossa própria tradição religiosa, devemos cada vez mais estar abertos e acolhedores à autocomunicação de Deus às outras pessoas (Teixeira, 1995, p. 66-67).

Trata-se de um impulso gerado pelo Espírito que abre a Igreja a cooperar na missão de Deus com todas as realidades políticas, sociais, religiosas e culturais (Francisco, 2013, n. 238). Numa dinâmica constante, é preciso confrontar-se com cada realidade humana e buscar compreender que a luz cristã ilumina as dobras da realidade nas quais as energias do Espírito, do Crucificado, do Ressuscitado estão

despertando. Trata-se de um compromisso espiritual permeado pelo diálogo na busca de uma cultura do encontro, reconhecendo que somos todos irmãos e irmãs.

Contudo, a EM não se esquivava do contexto Histórico. Não basta ser somente um diálogo, mas sim, um diálogo profético (Stephen B, 2016, p. 39). Outrossim, a relação dialogante não é somente um método para a realização da missão, mas um elemento autêntico de missão. Por isso, a relação entre diálogo e anúncio é complexa. Fazendo esforço para compreender esta relação, devemos evitar desde o início qualquer tentativa de reduzir um ao outro.

Alguns tenderiam a dizer que o próprio diálogo é a única forma autêntica de anúncio desde que a Igreja é apenas um entre os muitos caminhos para a salvação; outros tenderiam a dizer que o diálogo é apenas um passo, embora com identidade própria, no processo total que culmina na proclamação. “Enquanto a abordagem anterior rouba proclamação de qualquer significado específico, este último instrumentaliza” (Tan, 2004, p.75).

O Papa João Paulo II afirma que a missão e o diálogo são partes integrantes da ação evangelizadora da Igreja (João Paulo II, 1990, n.55). Sobre isto, o Documento Diálogo e Anúncio, afirma que um diálogo autêntico envolverá não somente conhecimento mútuo, mas também mútuo enriquecimento, ou seja, uma disposição sincera em “aprender e receber dos outros”. Como sublinham as ciências humanas, no diálogo interpessoal, o ser humano faz a experiência das suas limitações, mas também descobre a possibilidade de superá-las e pode caminhar com confiança ao encontro do outro (Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 21.49). Neste sentido, Paulo Freire assevera que:

não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunde. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação (Freire, 1987, p. 45).

Por conseguinte, reafirma o Papa Francisco que o um diálogo é muito mais do que a comunicação duma verdade, mas, pelo prazer de falar é um modo concreto dos que se amam se comunicarem. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo (Francisco, 2013, n. 142).

Portando, “Dialogar tem sido a ânsia de muitos(as), uma urgência para todos, mas nem sempre compromisso comum” (Colet, 2021, p.7).

A evangelização implica também um caminho de diálogo (Francisco, 2013, n. 238). Por isso dada a sua relevância para a missão, o diálogo representa o primeiro desafio a ser enfrentado na ação missionária da Igreja (Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, 1996, DA, n. 4-7). Porque movido pela misericórdia não significa, antes de tudo, discutir ideias e posições em conjunto, mas fazer algo juntos e, sobretudo, "estar" juntos, imergindo tudo na oração. Diálogo é muito mais do que a comunicação duma verdade. Realiza-se pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica através das palavras entre aqueles que se amam. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo (Francisco, 2013, n.142). Neste sentido, firmando a teologia do diálogo, o Papa Francisco resume o verbo dialogar assim:

aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo dialogar. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e contudo, de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor (Francisco, 2020, n. 198).

Sem perder sua própria identidade, ajudar o mundo a viver segundo o Papa Francisco é a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro. De fato, somente num verdadeiro espírito de diálogo, nutre a capacidade de entender o sentido de quem é o outro com o objetivo de estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor. Dessa maneira, Wolff (2016, p. 158) explica que o diálogo é a capacidade de acolher, de estabelecer empatia e simpatia pelo outro e sentir compaixão. E acima de tudo, reconhecer que o outro tem algo a me oferecer. Além disso, eu preciso dele para realizar a missão que o Senhor, fonte da missão, me confiou.

Neste sentido, a teologia do diálogo ensina-nos que o protótipo para a realização da missão é o próprio Deus. Ele não age sozinho e isolado no mundo, mas nos chama e envia. O seu diálogo é contínuo, não é exclusivo. Por meio de gestos e ações, de forma progressiva, o seu amor revela-se de maneiras simbólicas a todas as

peessoas sem nenhuma distinção. Pela sua autocomunicação, revela-se na história, contempla toda a humanidade, nas suas mais variadas culturas e formas religiosas.

Desta maneira, a teologia do diálogo revela que a salvação vai até os confins da terra (Bíblia de Jerusalém, 2002, Is 49,6b, p.1332), cuja vontade salvífica é universal, inclusiva e sem distinção, e por si alcança toda a humanidade através da “missão do Filho e do Espírito Santo” (Constituição [...] 1964, LG, n. 16, p.57; GS, 1965, n. 22, p.165; Decreto [...] 1965, AG, n. 1, p.351). Assim confirma o Papa Paulo VI na *Ecclesiam Suam*:

[...] a história da salvação narra este diálogo longo e variado, a partir de Deus e a travar conversação com o homem, variada e admirável. É nesta conversação de Cristo entre os homens (cf. Br 3,38) que Deus dá a entender alguma coisa mais de si, o mistério da sua vida, admiravelmente una na essência e trina nas pessoas, e diz, em resumo, como quer ser conhecido: Ele é Amor, e como quer ser honrado e servido por nós: amor é o mandamento supremo que nos impõe. O diálogo torna-se pleno e confiado; é convite para a criança, o místico se exaure plenamente nele (Paulo VI. 1964, n. 41).

À vista disso, o Papa Paulo VI ainda apresenta quatro virtudes existenciais para a vivência da EM:

1) **Clareza:** o diálogo supõe e exige compreensibilidade, é mudança de pensamento. Segundo o Papa, “bastaria este seu título para o classificar entre os mais altos fenômenos da atividade e da cultura humana”; e basta, esta sua exigência inicial, para levar o nosso zelo apostólico a rever todas as formas da nossa linguagem: para examinar se ela é compreensível, popular e digna.

2) **Mansidão:** característica buscada e aprendida no próprio ser de Cristo, como Ele nos recomendou: “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 11,29, p.1724). O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A verdadeira autoridade da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso.

3) **Confiança:** essa atitude na missão favorece o desenvolvimento de amizade, de confidências, e exclui tudo e qualquer interesse baseado no hedonismo e no egoísmo.

4) **Prudência:** é a última característica, cuja atitude pedagógica atende precisamente às condições psicológicas e morais de quem ouve segundo as faixas etárias do interlocutor (cf: Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 7,6, p.1715). “Essa

prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis” (Paulo VI, 1964, n.47).

Assim sendo, o seguimento de Jesus, é a base para a EM, portanto, o nosso jeito de missão é o mesmo de Jesus: amor e autodoação. Logo, em comunidade, na comunhão fraterna, irmãos unidos, como servos, somos vocacionados a contemplar e a cooperar com o Reino de Deus no mundo (Amaladoss, 2000, p. 67.71-76). De maneira isolada e sozinhos enquanto cooperadores na missão de Deus, torna-se vulnerável a ação missionária. Logo, faz-se necessário abrir-se aos apelos do Reino de Deus e revestir-se da virtude da humildade, pois não há espaço e lugar para acolher o outro, quem está cheio de si. “Não dialogar é colocar em risco o ser da Igreja e sua missão” (Wolff, 2018, p.7).

Por conseguinte, o próprio Papa Paulo VI descreve que EM, de maneira dialógica, deixa-se transparecer na práxis da missão. Assim,

como o Verbo de Deus se fez homem, assim é necessário que nós nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo, é preciso tomarmos, sem distância de privilégios ou diafragmas de linguagem incompreensível, os hábitos comuns, contanto que estes sejam humanos e honestos, sobretudo os hábitos dos mais pequenos, se queremos ser ouvidos e compreendidos. É necessário, ainda antes de falar, auscultar a voz e mesmo o coração do homem, compreendê-lo e, na medida do possível, respeitá-lo. E quando merece, devemos fazer-lhe a vontade [...]. O clima do diálogo é a amizade; segundo o exemplo e o preceito que Cristo nos deixou (cf. Jo 13,14-17) (Paulo VI, 1964, n. 49).

Por isso que Missão, quando fortalecida por uma autêntica EM, é um processo de comunhão de atividades conjuntas e comunitárias e não de atividades individualistas e isoladas. Este aprendizado vem do próprio Jesus que, desde o princípio, não foi isento de tensões, sua prática foi permeada pela prática do diálogo. Neste sentido, o Papa Francisco reafirma que:

o aprofundamento do querigma faz-se com a experiência do diálogo que nasce da escuta e que gera comunhão. O próprio Jesus anunciou o reino de Deus dialogando com todos os tipos e categorias de pessoas do Judaísmo do seu tempo: escribas, fariseus, doutores da lei, publicanos, doutos, simples, pecadores. A uma mulher samaritana Ele revelou, na escuta e no diálogo, o dom de Deus e a sua própria identidade: abriu-lhe o mistério da sua comunhão com o Pai e da superabundante plenitude que brota desta comunhão. A sua divina escuta do coração humano abre, por sua vez, este coração ao acolhimento da plenitude do Amor e à alegria da Vida. Nada se

perde com o diálogo. Ganha-se sempre. No monólogo todos nós perdemos, todos (Francisco, 2019, 6).

Assim, seguindo a forma de como Jesus anunciou o Reino de Deus, esse diálogo é uma forma de acolhimento. Ademais o Papa Francisco ainda considera que EM de maneira dialógica como um “método de discernimento”, relacionado ao *Kerygma* são como proclamação da Palavra de amor, dirigida a cada pessoa e que, no coração de cada um, quer fixar morada (Francisco, 2019, p.2).

5.3.1 Caminhos para uma espiritualidade missionária dialógica

A espiritualidade é uma preocupação constante do Papa Francisco, como uma linha estrutural interna de suas exortações, discursos e mensagens. Desta maneira, queremos evidenciar a potencialidade transformadora das suas indicações para uma espiritualidade missionária que envolve toda a pessoa para consequentemente desenvolver a partir de dentro um compromisso de uma ação missionária menos autorreferencial, logo mais sinodal. Em vista disto, ele oferece calorosos convites a “Sim” aos desafios de uma espiritualidade missionária; “sim, aos novos relacionamentos gerados pelo seguimento de Jesus Cristo no compromisso de sua missão, o Reino de Deus. Dando relevância à EM o Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida diz que:

[...] é necessário formar os discípulos numa espiritualidade de ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida. O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana (CELAM, 2007, DAp 284).

Por isso que Bosch (1979, p. 59) poeticamente se expressa assim: “Para nós não há véu sobre o rosto, todos nós refletimos como num espelho o esplendor do Senhor”. Para completar sua expressão poética ele apresenta o poema de Beatrice Cleland:

Não apenas pelas palavras que você diz,
Não apenas em seus atos confessados
Mas da maneira mais inconsciente
Cristo é expresso.

É um sorriso beatífico?
 Uma luz sagrada em sua testa?
 Oh, não – eu senti Sua presença enquanto
 Vocêriu agora há pouco.
 Para mim não foi a verdade que você ensinou,
 Para você tão claro, para mim ainda obscuro,
 Mas quando você veio até mim você trouxe
 Uma sensação Dele.
 E dos seus olhos Ele me acena
 E do seu coração Seu amor é derramado,
 Até eu perder você de vista e ver
 O Cristo em vez disso (Cleland apud Bosch, 1979, p. 59).

O entusiasmo pela evangelização baseia-se nesta convicção e seguimento. Uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, confiante, apaixonada, não convence ninguém” (Francisco, 2013, n. 266). Todavia, pela fé é alguém que consegue reconhecer que a luz do Espírito irradia na escuridão (Loyola, 2000, p. 82). Em vista disto, nomearemos algumas indicações do Papa Francisco que sinalizam a vivência de uma EM.

1. Vive a alegria do evangelho (Francisco, 2013, n. 274).

Ros García (2018, p.378), escrevendo sobre a espiritualidade na “*Evangelii gaudium*”, afirma que a alegria do Evangelho é missionária, daí o porquê do testemunho da alegria de toda ação missionária da Igreja. Uma alegria que brota do Espírito por considerar que a maior alegria de Deus é o retorno do pecador. Assim recorda os três relatos de Lucas capítulo 15, as três parábolas sobre a misericórdia e a alegria de Deus "por um pecador que se arrepende". Jesus não está preocupado com o número de convertidos, mas com o fato de que a alegria de Deus é ouvida e contagiosa. Isto é também o que é decisivo na espiritualidade do evangelizador (Francisco, 2013, n. 274). “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (Francisco, 2013, n. 83).

2. Um agir missionário que se encarna nas limitações humanas (Francisco, 2013, n. 40).

O tema encarnação é um dos temas centrais, dentro do quadro do seguimento de Jesus, porque Jesus é o modelo: Deus encarnado. “O Verbo se fez carne” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 1,14, p.1842), que se rebaixou à condição da humanidade (Bíblia de Jerusalém, 2002, Filipenses 2, 6-8, p.2049). Ademais tornou-se história, cultura, tornou-se gente. Como processo a encarnação é um ato: O bispo Casaldàliga

ao falar sobre o processo da encarnação, citando Santo Irineu diz que “Deus está se acostumando lentamente com os seres humanos. “Somente entrando na carne podemos dar testemunho e ser testemunhas do Deus encarnado”

A encarnação é para a salvação. A libertação passa pela encarnação” Desta maneira a EM favorece nos aproximar de Deus imitando-o, seguindo-o, entrando com ele na história, com a mesma vontade com que ele o fez, não exatamente fugindo ou evadindo-se, não buscando-o fora da história. “Procuramos encontrá-lo encarnado no dia a dia da história e seus processos. O caminho de Deus é o caminho da encarnação na história. Por isso, quanto mais tendemos a ele, mais nos encarnamos na história (Casaldaliga, 1996, p.115.116).

Deste modo, o Papa João Paulo II já dizia que a encarnação exige que a Igreja não seja estrangeira, não seja eurocêntrica nem etnocêntrica, que se descentralize, que se faça autóctone, que dê vez e participação à liderança local e a toda a comunidade nativa e, sobretudo, respeite a identidade cultural e religiosa dos povos pela inculturação do diálogo inter-religioso (João Paulo II, 1990, n. 52-57).

3. Privilegia o diálogo como forma de encontro, busca de consenso e sem exclusões (Francisco, 2013, n. 239).

“Diálogo com o mundo, contato permanente com ele. Nada do que é humano é estranho ao missionário (a) As alegrias e as esperanças, os sofrimentos e as dores dos humanos, especialmente dos pobres, são também nossos. E isso nos leva a analisar permanentemente os sinais dos tempos (Casaldaliga, 1996, p.198).

“O missionário (a) é um mestre que ensina e que, ao mesmo tempo, nunca deixa de aprender do outro” Sabe que precisa ensinar compartilhar a vida, os conhecimentos a palavra de Deus, contudo, não considera o outro uma “tabula rasa, ou um mundo que necessita ser preenchido, por isso, não despeja sobre os outros seus conhecimentos, mas troca saberes a partir do que o outro tem a oferecer (Paleari, 2001, p. 79).

Por isso, conforme ensina o Papa Francisco, “vive a proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (Francisco, 2013, n. 165). Vai ao encontro de todos não é apenas aqueles que parecem a nossos olhos mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. “Não tenhais medo de ir e levar Cristo a todos os ambientes, até às periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente” (Francisco, 2019, n. 177).

4. Tem consciência que sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor o ardor se apaga (Francisco, 2013, n. 262).

Na verdade, toda a sã espiritualidade implica acolher simultaneamente o amor divino e adorar, com confiança, o Senhor pelo seu poder infinito (Francisco, 2015, n. 73). “É urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir todos os dias que somos depositários de um bem que humaniza, que nos ajuda a levar uma nova vida (Francisco, 2013, n. 264). Como diz o Catecismo da Igreja Católica:

e conhecesse o dom de Deus!” (Jo 4, 10). A maravilha da oração revela-se precisamente, à beira dos poços onde vamos buscar a nossa água: aí é que Cristo vem ao encontro de todo o ser humano; Ele antecipa-Se a procurar-nos e é Ele que nos pede de beber. Jesus tem sede, e o seu pedido brota das profundezas de Deus que nos deseja. A oração, saibamo-lo ou não, é o encontro da sede de Deus com a nossa. Deus tem sede de que nós tenhamos sede d'Ele (Catecismo da Igreja Católica, 1992, n. 2560).

Deste modo, a EM impulsiona o missionário a uma vida centrada em Deus, sem descuidar das pessoas (Francisco, 2020, n. QA, 80). Por isso, para o Papa Francisco, torna-se impossível desenvolver uma busca de soluções para as questões que afligem a ecologia sem uma profunda vida interior fundamentada numa verdadeira espiritualidade missionária (Francisco, 2020, LS n. 63). Desta maneira, Segundo Galileia (1985, p.29) aponta que “a espiritualidade tem duas dimensões, articulada e inseparável, distinta e autônoma: a mística e o compromisso com um amor”. Porém, para não perder sua identidade o missionário deve estar sempre em comunhão com as fontes espirituais da Igreja (Segundo Galileia, 1985, p.245). Dessa maneira, uma verdadeira espiritualidade se sustenta através da prática: dos sacramentos, oração pessoal e comunitária e sobretudo no contato diário com a Bíblia; e uma modalidade concreta é a “*Lectio Divina*” que ajuda a escutar aquilo que o Senhor nos quer dizer por meio de sua Palavra que nos transforma pelo Espírito (Francisco, 2013, n.152).

5. Uma espiritualidade que alimenta uma paixão pelo cuidado da casa comum (Francisco, 2015, n.216).

Toda a ação missionária alimenta-se de uma mística comprometida com a missão, inserida nas questões sociais (Francisco, 2015, n. 262). Ademais, para o

Papa Francisco, é impossível cultivar desenvolver uma paixão pelo cuidado do mundo sem uma mística que anima, sem “uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária”. A prática cristã, sobretudo a missão, nem sempre soube cultivar este valor do cuidado pela casa comum.

Neste sentido, sublinha Papa Francisco, que a EM não está “desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” É necessário cada dia buscar uma conversão ecológica (Francisco, 2015, n. 216). Trata-se também de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos que se torne cada vez mais uma relação pessoal com um “Tu”, Como exemplo, há a espiritualidade indígena, uma espiritualidade de interconexão com a natureza, ou seja, uma espiritualidade de gratuidade que ama.

6. Vive uma espiritualidade global que brota do coração da Trindade (Francisco, 2017, n. 6).

O documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida recorda que a Trindade, Amor, Deus uno e trino, os quais são unidade e comunhão inseparáveis, é a que possibilita um autêntico encontro com Jesus Cristo. Do coração da Trindade, o missionário vive uma experiência que lhe permite superar o egoísmo para nos encontrar plenamente no serviço para com o outro (CELAM, n. DAp 240). Desta forma, a EM essencialmente é trinitária. Seu relacionamento pessoal está com Deus Pai, com Jesus Cristo e com o Espírito Santo.

Cabe ressaltar que “o próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem nos salvar sozinhos” (Francisco, 2013, n. 178). O coração da Trindade transborda pela humanidade. Um amor que não se contenta, mas que se comunica e, ao sair de si, reintegra-se com toda criatura. Um Deus que, pela sua autocomunicação, se revela na história, contempla toda a humanidade nas suas mais variadas culturas e formas religiosas. Dessa maneira, revela a salvação, vai até os confins da Terra (Bíblia de Jerusalém, 2002, Isaías 49,6b, p.1332). Sua vontade salvífica é universal, inclusiva, sem distinção e por si alcança toda a humanidade através da “missão do Filho e do Espírito Santo” (Constituição [...] 1964; LG, n. 16, p. 57; GS, n. 22,164; Decreto [...] 1965, AG, n. 1, 321).

Assim, pela permanente disposição dialogal, a missão, como proximidade histórica, encarnação, será *pericórese*, a exemplo do Deus Uno e Trino, intercomunicação e interpenetração ontológica que a todos deseja salvar. É o ser de Deus que se desdobra à toda humanidade, sem distinção de raças, credos e culturas, por uma unidade que não se confunde, oferecendo a todos o diálogo de salvação (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Timóteo 2,4, p.2070). Com o Papa Francisco, chegamos à fonte e recuperamos o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão.

7. “Não se apega a sonho e projetos de sucesso cultivados pela vaidade”
(Francisco, 2013, n. 82).

Essas palavras do Francisco revelam sua fidelidade ao magistério conciliar, onde afirma que, pelo impulso do Espírito, o enviado participa da vida e missão d'Aquele que se esvaziou de si (Bíblia de Jerusalém, 2002, Filipenses 2,7, p.2049), assumindo a condição de servo. Perseverante somente no caminho do Mestre, fará tudo para todos, esquivando-se de todo sucesso e vaidade. Por isso, deve ser uma pessoa de oração, fortaleza e caridade (Francisco, 2013, n. 24–25).

8. “Não se deixa levar pelo pragmatismo cotidiano e pela mesquinhez”
(Francisco 2013, n. 83).

A missão pelo qual somos enviados (as) como cooperação na missão de Deus, não é um ornamento, que posso deixar de lado e realizá-la segundo minhas vontades e projetos comumente pessoais. Por isso, para manter vivo o ardor missionário,

é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele ‘vem em auxílio da nossa fraqueza’ (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de O invocar constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos! (Francisco, 2013, n. 280).

Assim impelidos pelo Espírito, a missão no coração do povo é algo que não posso arrancar do meu ser. “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste

mundo” (Francisco, 2013, 273). Amaladoss (2000, p. 56) diz que se levarmos em conta a missão como um chamado e envio para um serviço, então ela deve começar como contemplação que se torna diálogo e continua profecia. Neste processo de um diálogo, o enviado descobre Deus presente na vida das pessoas não só olhando, mas ouvindo e respeitando suas experiências históricas, culminando assim em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus fonte da missão.

Por obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária das pessoas, encurta as distâncias, abaixa-se e se for necessário chegar até a humilhação e assumindo a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Além disso, ao contrair o cheiro das ovelhas a comunidade dos discípulos missionários acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam.

A Igreja que sabe “envolver-se” tem como exemplo o próprio Jesus que lavou os pés aos seus discípulos (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 13, 5, p.1877). O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: “*Sereis felizes se o puserdes em prática*” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 13, 17, p.1878; (Francisco, 2013, n, 24).

9. Vive a fidelidade (*pistis*) amor a Deus e o ser fiel (*pistós*) aos irmãos (Francisco, 2018, n. 112).

Nota-se aqui ao coração da EM, fundamentada nos ensinamentos do evangelho que interagem o amor a Deus e aos irmãos através do diálogo amoroso independente da fé que outro professe. Os missionários conduzidos pelo Espírito não abandonam a missão em momentos difíceis deixando-se levar pela própria ansiedade. De forma resiliente, e transcendente se mantem ao lado das pessoas mesmo que não lhe proporcione qualquer satisfação imediata. “Suporta as contrariedades, as adversidades da vida, as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos” (Francisco, 2018, n. 107).

10. Com convicção, vive a vida fraterna, acolhendo os pobres e abandonados (Francisco, 2020, n. 165).

Esta vocação missionária tem a ver com o nosso serviço aos outros. Com efeito, a nossa vida na terra atinge a sua plenitude, quando se transforma em oferta. Uma vida fraterna onde reconhece que somos todos irmãos e irmãos. Não somente

aos que estão mais próximos, mais abertos. Desta forma, a EM busca esquivar-se de uma espiritualidade sem Deus, uma afetividade sem comunidade nem compromisso com os que sofrem. Urge, estar próximo dos pobres e abandonados que muitas vezes são vistos como perigosos (Francisco, 2019, n. 184.254).

Coelho (2013, p. 21) discorre que para esta EM dialógica faz-se necessário o reconhecimento do dinamismo da comunhão, da gratuidade nas relações, disposição para o encontro, abertura à alteridade. Além disso, ainda, sustenta a importância da sensibilidade em relação à riqueza vinda do próximo e profunda compaixão com o sofrimento e a vida dos mais fragilizados. Importante também é a virtude da humildade que permite a hospitalidade mútua, fidelidade às próprias convicções sem torná-las absolutas. Também, a busca conjunta da verdade, da beleza, da bondade, da unidade, e da espiritualidade dialogal. Concomitantemente, o autor lista alguns tópicos dos quais brota o clamor pela alteridade e pelo diálogo:

a) O universo inteiro, do microcosmo ao macrocosmo, é feito de diálogo. b) O planeta Terra é uma complexa trama dialogal. c) A comunidade da vida é uma refinadíssima experiência de diálogo. d) A humanidade, feita da terra, é comunicação dialogal com toda a natureza. e) Mulheres e homens expressam-se em diálogo espiritual com o Mistério Divino. f) Em cada núcleo comunitário humano está presente o chamado à comunhão dialogal. g) Em cada fragilidade está um reclamo por encontro e diálogo solidário. h) Em cada criatura caída na estrada está um clamor para que alguém se torne próximo (Coelho, 2013, p. 38).

11. Num cenário religioso pluralista ser capaz de recriar a adesão mística da fé (Francisco, 2013, n, 70).

O vocábulo mística, a partir do sentido original grego, significa mistério, segredo. Por isso, é este caminho como força que envolve toda a pessoa. Trata-se de uma força que não se vê, mas que dá sabor ao existir da pessoa. É o que envolve os desejos e as motivações. É o que se vive e se experimenta (Panazzolo, 2006, p. 117-118). Neste universo místico, a partir da realidade plural, de interface plurirreligiosa, a mística cristã é chamada a aprender das experiências místicas de outras religiões. Assim, o diálogo com as diferentes espiritualidades necessita cada dia ser reinventada, considerando como o “Divino se relaciona, ama e interagem em cada pessoa como *mysterium salutis* (mistério de salvação)” (Bingemer, 2020, p.145). O Concílio Vaticano recorda-nos que:

por nossa parte, o desejo de um tal diálogo, guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém; nem aqueles que cultivam os altos valores do espírito humano, sem ainda conhecerem o seu autor; nem aqueles que se opõem à Igreja, e de várias maneiras a perseguem. Como Deus Pai é o princípio e o fim de todos eles, todos somos chamados a ser irmãos. Por isso, chamados pela mesma vocação humana e divina, podemos e devemos cooperar pacificamente, sem violência nem engano, na edificação do mundo na verdadeira paz (Constituição [...] 1965, GS, n. 92b, p.553).

“No diálogo com as culturas e as religiões, a Igreja anuncia a Boa Nova de Jesus e a prática do amor evangélico que Ele prega como uma síntese de todo o ensinamento da Lei, das visões dos Profetas e da vontade do Pai” (Francisco, 2019, p.2). “O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. “O objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor” (Francisco, 2020, n. 271).

Este modo de ser somente será possível mediante uma sólida espiritualidade de diálogo, na qual requer discernimento interior e uma reflexão teológica sobre o significado das diversas tradições religiosas no desígnio de Deus, e sobre a experiência daqueles que encontram nelas o seu alimento (Secretariado para os não-cristãos, 1984, DM, n. 78). Neste sentido, Wolff (2016 p. 19) expõe, que a “espiritualidade do diálogo é intercâmbio, interação, comunhão de existenciais diferentes”.

12. Com o olhar em maria, vive um estilo mariano (Francisco, 2013, n, 288).

Viver uma EM é também olhar para Maria, mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai “à pressa” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 1, 39, p.1787). Além disso, vive a dinâmica da justiça, da ternura, da contemplação e do caminho para os outros. Com sua força revolucionária de ternura e afeto, revelou para a humanidade que a virtude da humildade não é dos fracos, mas dos fortes.

Wolff (2023, p.364) descreve que por meio de Maria o povo de Deus fiel à sua espiritualidade mariana fortalece sua confiança em Deus para melhor servir e louvar a Deus. Frente aos projetos injustos de morte como Maria devem reconhecer que o Todo Poderoso os fortalece. Por isso não há o que temer. “Deus assiste e fortalece a resposta das igrejas ao apelo para a missão de reconciliação, justiça e paz, entre elas e no mundo”

Assim, olhar para Maria Missionária é reconhecê-la com discípula fiel que escuta a palavra e guarda em seu coração (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 2, 19, p.1790). Que louvava a Deus porque derrubou dos tronos os poderosos, e despediu os ricos de mãos vazias (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 1, 52.53, p. 1788; Francisco, 2013, n. 288).

“Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro do que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Isaías 52, 7, p.1339). O professor, Dr. Jonathan Y. Tan da *Xavier University, Cincinnati, Ohio*, descreve que missão é testemunho dos valores do Reino de Deus junto as pessoas, responder às suas necessidades, com sensibilidade à presença de Deus nas culturas e outras tradições religiosas, através da presença, solidariedade, partilha e palavra (Tan 2004, p. 74). Este testemunho missionário é explicitado pelo teólogo Regazzoni que diz:

[...] diante da missão explícita, hoje reconhecemos a força extraordinária de muitos missionários que cumpriram uma missão latente. Sobretudo aqueles que quiseram servir a missão na contemplação e com a sua oração escondida (Santa Teresinha), com presença em silêncio no coração do Islão (Irmão Carlo de Foucauld), ou do mundo hindu e budista. Missão de oração, sacrifício e martírio, “semente de novos cristãos” (Tertuliano) (Regazzoni, 2022, p.1, tradução nossa).

Sublinhando o caminho de como vivenciar uma práxis missionária fortalecida pela EM, descrevemos o que diz o Apóstolo Paulo que, juntamente com Silvano e Timoteo, diz: “o nosso Evangelho foi pregado não somente com palavras, mas com grande eficácia no Espírito Santo e com toda convicção” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Tessalonicenses 1,5, p.2060). Para isso, toda ação missionária precisa articular uma pauta de conduta e de ações práticas condizentes com a proposta evangélica. “Evangelizar é uma partilha autêntica da graça de Deus, da vida em abundância oferecida em Cristo por meio do Espírito” (Wolff, 2018, p. 116).

Neste sentido, o missiologista Padre Paulo de Coppi (1997) apresenta as Bem-aventuranças do missionário (a) na vivência da EM no cotidiano da missão.

1. Vive sua missão a partir de Cristo. Assim vive enamorado de Cristo, e n’Ele confia como o mais necessário e absoluto, certo de que não será desiludido. Por isso, mantém seu ideal e utopia pelo Reino, e não perde tempo em coisas secundárias, porque Deus acompanha os que seguem o seu ritmo;

2. Esforça-se para viver em oração saboreando diariamente as riquezas da Palavra de Deus, porque isto dá sentido à sua vida. Cada manhã diz "Pai Nosso", levando em seu coração todas as raças, povos e línguas, porque não se conforma com uma vida mesquinha, mas, aberta e solidária com toda humanidade;

3. Se sabe necessário onde a Igreja o chama, porém, que em nenhum lugar, se sente indispensável, porque experimentará, o prazer do dever cumprido;

4. Nada tem, e o que possui, ele gasta no serviço de seus irmãos, porque Cristo é toda a riqueza, por isso, é obediente, sabe colocar seu ouvido no coração de Deus;

5. Sabe discernir, com sabedoria, o que convém calar e falar em cada circunstância, porque nunca terá que arrepender-se de haver ofendido um irmão;

6. Sempre tem um tempo para contemplar a Deus, aos homens e ao mundo, porque entende o valor de ser filho, irmão e senhor;

7. Tem tempo para fazer felizes as pessoas, encontra tempo para os amigos, vive a amizade social, busca a leitura, o lazer, porque compreendeu o mandamento do amor e se conhece humano e necessitado;

8. Sabe prender-se à cruz e fazer dela um instrumento de salvação, porque ela é sua fortaleza, o trampolim para a Páscoa;

9. Vendo suas forças gastas, não perde o dinamismo de sua juventude, sabe aceitar cada etapa de sua vida, porque Deus aceitará sua oferta e o plenificará;

10. Tem Maria por Mãe e modelo de mulher evangelizadora, porque ela faz com que o missionário seja o primeiro evangelizado (Coppi, 1997).

5.3.2 Espiritualidade missionária plural

Presentemente, a interculturalidade é um fato que desafia todo e qualquer projeto mundial ao se destinar à humanidade. Com processo migratório e ascendência, provocado cada vez mais pelas guerras, muitos povos de diferentes cantos da terra estão juntos no mesmo território, cada um trazendo consigo sua própria cultura, história. Por si, só vivemos hoje num mundo multicultural. A monocultura idade ou homogeneidade cultural não existe mais. Apesar de sua riqueza a interculturalidade é um desafio que se torna a única saída para as sociedades multiculturais.

Para viver a interculturalidade e anunciar o Evangelho na sociedade multicultural de hoje, é necessário adquirir uma mentalidade de mudança fortalecida

pela práxis de uma profunda EM cuja força vem do Espírito. Um modo de viver que só é possível se viajarmos para o outro, talvez seja melhor viajar em uma pista aberta, sem perdermos e, ao mesmo tempo, sem fecharmos para o outro. É um chamado para sair de mim mesmo, para ouvir, uma escuta que me muda sem mais nada.

Por isso, Herráiz (1989) diz que a EM apresenta uma intuição central diante dos desafios da atualidade que afetam a configuração da maneira de ser missão na América Latina. O Espírito que sai ao encontro do povo cristão não inventa, nem a tira da história, mas a encontra na história e nela reside, tornando-se o agente portador da luz e da força do evangelho de Jesus. Mas o princípio é claro e não pode ser questionado: o Espírito não encoraja o crente fora da história. Em última análise, porque Ele também é o animador da história. E nos chama para “salvar” a história, “introduzindo” o Reino nela (Herráiz, 1989, p. 29).

O referido autor ainda continua dizendo que a palavra de Deus sempre iluminará a realidade intercultural e abrirá caminhos de história. Ao mesmo tempo, que situação concreta geográfica, cultural e espiritual permitirá revelar a hermenêutica das páginas bíblicas. Diante do contexto plural e intercultural, se faz necessária uma existência criativa e nova nas quais a riqueza insondável de Cristo, iluminada progressivamente, historicamente, pelo Espírito, se faz presente, uma espiritualidade exigente de fidelidade ao Espírito. “Não há passado, por mais rico que nos pareça, que esgote o Espírito; nem qualquer presente que não seja portadora de uma” nova” graça e de um compromisso” (Herráiz, 1989, p. 29–30, Tradução nossa).

Por isso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) afirmam que:

a cultura deve ser considerada como o conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintivas da sociedade ou de um grupo social, e que abrange, além da arte e da literatura, estilos de vida, formas de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças. Respeito pela diversidade de culturas, a tolerância, o diálogo e a cooperação, num clima de confiança e compreensão mútuas, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais, uma maior solidariedade com base no reconhecimento da diversidade cultural, na consciência da unidade da humanidade e no desenvolvimento de intercâmbios. Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das

capacidades criadoras que alimentam a vida pública (UNESCO, 2002, N. 1-2) .

Dada a riqueza da diversidade cultural que se manifestam em nossa sociedade, a sociologia apresenta uma compreensão à qual ela chama de hermenêutica diatópica, ou seja, uma interpretação entre duas ou mais culturas em vista de identificar preocupações isomórficas, isto é, embora as raças sejam distintas, diferentes, existe entre elas a busca do conviver de maneiras semelhantes. Partindo do enunciado de que todas as culturas são incompletas elas podem ser enriquecidas pelo diálogo, contrapondo assim ao comportamento *Swadeshi*, ou seja, a pessoa é capaz de cercar-se do que é seu, excluindo ou impedindo a aproximação do que está ao seu redor. Aplicando este comportamento, Mahatma Gandhi já dizia que essa é uma atitude muito visível no contexto religioso, quando se firmam nas próprias tradições e se exclui tudo o que está próximo do seu contexto religioso (Souza, 2014, p. 32-33). Wolff (2020) entende por interculturalidade

a relação entre diferentes sistemas simbólicos que expressam modos de vida de pessoas, grupos, civilizações. Para que essa relação seja positiva, é necessário que se afirme a justiça cultural que rompe com pretensões imperialistas de uma cultura sobre outras, superando hegemonias culturais de povos dominantes que se impõe assimilando as culturas dos dominados (Wolff, 2020, p. 6).

Por essa razão, o Papa Francisco assegura que “a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (Francisco, 2013, n. 117). Daí ele destaca “a importância da missão em todas as realidades socioculturais” (Francisco, 2013, n. 30). Porém, “avançar num processo dialógico de missão intercultural é ter o cuidado de não pensar num anúncio com fórmulas pré-estabelecidas” (Francisco, 2013, n. 129).

E ainda no dia mundial da diversidade cultural²⁶ ele aponta que diante da Diversidade Cultural devemos, juntos, buscar a verdade no diálogo. Como ele diz: “Podemos buscar juntos a verdade no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios, capaz de

²⁶ Instituído pela UNESCO no dia 21 de maio de 2002, o dia mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento. Essa data celebra, não apenas a riqueza das culturas do mundo, mas também o papel essencial do diálogo intercultural para transformar a sociedade e alcançar a paz entre línguas e religiões diferentes. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/node/66708>. Acesso em: 07 nov. 2023.

recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e da diversidade cultural dos povos” (Francisco, 2021, p. 1). O Papa Francisco ainda assegura que:

permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar. Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza deste rosto pluriforme (Francisco, 2013, n. 116).

Todavia, ainda nos deparamos com uma ação missionária excludente com acentuada legitimação no etnocentrismo e na assimetria paternalista. Ademais, com sinalizada por relações assimétricas, ou seja, uma imposição de identidade superior sobre o “outro”, o “primitivo” / “selvagem” em diferentes aspectos, raciais, religiosos, sexuais. Ainda, atualmente, os efeitos benéficos desta missão são a conquista, a civilização dos povos conquistados, considerados menos civilizados (Arnold, 2014, p.30–31).

O prof. Dr. Stefan Paas, Professor de Missiologia na Universidade Teológica Kampen, e Professor de Missiologia e Teologia Intercultural na *Vrije Universiteit Amsterdam*, ao escrever sobre Teologia Intercultural e Missão relata sobre as ideias que expressam o elemento central do que é “intercultural”. Assim, ele diz que o próprio cristianismo, por sua natureza missionária, surgiu como uma rede interligada de experiências locais. A própria universalidade do Evangelho, o ser para todos, neste sentido, ele o considera como intercultural como seguimento lógico da missão. O movimento missionário “trans” cultural, original, deve inevitavelmente dar caminho para o movimento “inter” cultural da irmandade daqueles que acolhem o Evangelho, isto é boa notícia para todos. Assim, ele afirma que “o encontro missionário em si é intercultural” (Paas, 2017, p. 134).

Dado o exposto, nos tempos hodiernos, cooperar na *missio-Dei*, estar na missão em diálogo é cruzar-se com o processo de interculturalidade, passando por uma árdua travessia para testemunhar o evangelho de maneira consistente e eficaz em um mundo cada vez mais plural. Dadas as mudanças que ocorreram em nossa sociedade, ainda em alta velocidade, a interculturalidade torna-se um novo nome para a missão atual, porque a interculturalidade é um testemunho da vida na vida cotidiana, uma fraternidade universal de unidade na diversidade.

Vemos que as pesquisas visibilizam que o diálogo intercultural refere-se à comunicação e a interação entre pessoas de diferentes culturas, buscando compreensão mútua e respeito pelas diferenças. Envolve a troca de ideias, valores e práticas para promover a harmonia e a cooperação entre culturas diversas. Por isso, o posicionamento do teólogo Rudolf von Sinner é que:

[...] trata-se, antes, de uma reflexão aprofundada decorrente do contato entre culturas e religiões. Por essa razão, fazem parte desse contexto também a teologia ecumênica, a teologia das religiões e projetos mais recentes, como o da teologia comparativa. A teologia intercultural pretende ser, em primeiro lugar, uma ciência da percepção que não deve estar subordinada a juízos normativos ou intenções táticas, mas estar incumbida de um processo de compreensão. Nessa ciência, trata-se precipuamente da percepção da existência de abordagens teológicas autônomas no Sul. Por causa da multiplicidade de formas de expressões muitas vezes não codificadas por escrito, entram em cogitação aqui especialmente também a troca de experiências, narrativas, bem como imagens e outras obras de arte. À teologia intercultural interessa, portanto, em primeiro lugar, uma percepção diferenciada de formas de fé e de reflexão sobre elas, do tipo que não se encontra nos manuais dogmáticos clássicos nem pode ser visto por uma perspectiva de missão unilateralmente negativa, associada ao colonialismo. (Sinner, 2012, p. 48).

Von Sinner ainda enfatiza, a teologia intercultural tem sua fonte nos processos e encadeamentos da missiologia. Portanto,

[...] a 'teologia intercultural/missiologia deve ser descrita como uma disciplina teológica que reflete (1) a relação entre o cristianismo e as religiões e visões de mundo não cristãs e (2) a relação entre o cristianismo ocidental e suas variantes culturais não ocidentais'. Além disso, em conexão com a ciência da religião, ela é 'de relevância fundamental para a totalidade da teologia evangélica no horizonte dos desafios globais'. Desse modo, se bem vejo, enfatiza-se, entre outras coisas, o seguinte: (1) O cristianismo reconhece-se como policêntrico e suas muitas formas de expressão de qualquer modo têm em princípio os mesmos direitos, de modo que o centro passou a ser ocupado pela relação entre as teologias nas diversas culturas e não mais pelo trabalho missionário de determinada origem (Sinner, 2012, p.47).

Por consequência, a interculturalidade da missão a impulsiona para uma episteme a partir das teologias pluralistas, cujo processo de alteridade ecumênica tem em vista dar visibilidade à realidade de fronteira, partir dos contextos fronteirístico dando empoderamento aos grupos subalternos. O teólogo Tamayo (2012. p.136–147) afirma que o fazer teológico implica hoje uma nova episteme. É necessário buscar uma teologia que leva ao desprendimento do pecado, para posturas humildes que asseguram relações de reciprocidade com as diferentes culturas e credos.

Nota-se um modo de missionar a partir da compreensão da alteridade, da proximidade e do diálogo, equacionando as relações socioeconômicas, culturais e religiosas, considerando as subjetividades.

Em verdadeiro estilo dialógico, a Igreja, em sua ação missionária, está pronta não só para oferecer, mas também para receber do mundo. Ela não apresenta uma mera visão negativa do mundo moderno, com a sua secularização ou até mesmo com o ateísmo, mas tenta dialogar com ele, focando a atenção em particular sobre a família, a cultura, o desenvolvimento socioeconômico, a vida política e a paz.

O Doutor, Francisco Štěch, Th.D, Membro da Sociedade Europeia de Teologia Católica e, até o presente, pesquisador, Universidade Charles, Faculdade Teológica Protestante, Praga, República Tcheca, focaliza o que diz o Concílio Vaticano II no Decreto *Ad gentes*, isto é, que, para afirmar a presença de Cristo na cultura e que o Espírito Santo age misteriosamente nas culturas, o decreto aponta as “Sementes da palavra” (*lat. semina Verbi*) (Decreto [...] 1965, AG, n. 11, p.364).

Essa semente está presente em todos os contextos culturais antes mesmo da presença do missionário. Portanto, Stech reforça que os missionários são chamados a adotar um espírito de humildade, parceria e diálogo com povos em suas diversidades culturais específicas. Ademais, “são chamados a viver em plena participação com a cultura e a comunidade particular das pessoas onde vivem” (Štěch, 2020, p. 36).

O teólogo Tan (2014), por sua vez, sublinha que Missão significa diálogo. Na dimensão da *missio-Dei* o diálogo e o anúncio são integrais, mas dialéticos e complementares. Porque a cooperação missionária inclui: estar com as pessoas, responder às suas necessidades, com sensibilidade à presença de Deus nas culturas e outras tradições religiosas, e testemunho dos valores do Reino de Deus através da presença, solidariedade, partilha e palavra a partir do contexto cultural e respeito às tradições religiosas. Por isso, é fundamental a aceitação de uma base ontológica, sociológica e existencial. Por este motivo, para ele, “é de suma importância à igreja local afastar-se da mentalidade *plantatio ecclesiae*” (Tan, 2004, p.74.77).

Para a superação desta mentalidade se faz necessário uma teologia do sentar-se juntos ao redor da mesma mesa, conforme sublinha o professor Dr. John Roxborough do Departamento de Teologia e Religião da Universidade de Otago, Dunedin, Nova Zelândia e membro vitalício da Associação Internacional para Estudos Missiológicos. Diante de um cristianismo global, continua-se para encontrar um lugar

à volta da mesa teológica para todos os blocos culturais a fim de que possam participar como parceiros plenos da mesma mesa. Sucessivamente, as teologias: negras, indígenas, teologia da libertação, feminista e latino-americana. Estas teologias têm lugar à mesa da nossa compreensão de Deus, e a missiologia pode estar em melhor posição do que às vezes parece intermediar uma conversa entre iguais (Roxborough, 2014, p.120, tradução nossa).

O contexto cultural e filosófico, marcado pela fenomenologia e pelo existencialismo, ajuda a teologia a abandonar uma visão essencialista da realidade e superar posições absolutistas da verdade, entendendo-a como processo, o que implica relação, diálogo, interação de experiências e de saberes (Wolff, 2023, p. 28).

Wolff (2007, p.35), ao expor sobre o contexto pluralista eclesial dos tempos atuais, descreve-o como uma situação de perplexidade e de difícil discernimento de suas indagações que se manifestam “com resistências e temor ou como exigência de diálogo, tolerância e cooperação”. Ademais, também se dificulta uma leitura teológica de forma consistente devido à compreensão do pluralismo dentro do âmbito eclesial manifestado através da diversidade cristã e religiosa. Todavia, conforme dita a sociologia, isto é, a própria representação das diversas expressões da diversidade cultural dos povos.

Por outro lado, o Ecumênico teólogo Wolff afirma que, embora tenham caráter semelhante, este pluralismo sociocultural dos povos não justifica o pluralismo eclesial, considerando que o mesmo é doutrinal e como religioso transcende o social. Destarte, o conflito eclesial tem sua origem no zelo pela própria fé, pela profissão do credo, no interior da diversidade das igrejas, levando-nos a afirmar que o pluralismo é, portanto, o resultado da afirmação da própria fé de cada denominação cristã ou religião.

Logo, urge, na missão, “abrir caminhos de diálogo para interculturalidade tanto no âmbito eclesial como sociocultural” (Wolff, 2007, p. 36). Assim, o missionário inculturado, a partir de uma EM pelo processo de encarnação na cultura e na tradição espiritual daqueles a quem se dirige, a mensagem da Boa Nova não só lhes seja inteligível, vindo ao encontro de suas aspirações mais profundas (cf. Paulo VI, 1975, n. 20. 62, Secretariado para os não-cristãos, 1984, n. 70).

5.4 ESPIRITUALIDADE SINODAL, CHAVE PARA A MISSÃO

A espiritualidade sinodal refere-se à busca de uma vida espiritual de escuta e comunhão em sintonia com a ideia de sinodalidade na Igreja em todo seu contexto eclesial. Este modo abrangente, implica uma participação ativa da comunidade e uma abertura ao diálogo e discernimento coletivo nas decisões eclesiais. Sendo assim, visa a um caminho de discernimento espiritual, e neste caminho é sempre o Senhor que nos faz conhecer, decidir e projetar caminhos para o futuro: um caminho centrado numa experiência de vida nova em Cristo, fonte e vigor de toda missão da Igreja. Para o Papa Francisco, “a sinodalidade missionária deve ser um processo de implementação para uma Igreja sinodal, um pré-requisito indispensável para um novo impulso missionário que envolve todo o Povo de Deus” (Francisco, 2018, n. 118).

Sínodo 2023 – Documento Preparatório ao falar da espiritualidade sinodal diz que:

a espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de “caminhar juntas”, de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja? (Sínodo, DP, 2023, p.15).

Com essas palavras do Francisco, nota-se que sinodalidade, como chave missionária, de maneira formal, no magistério do Papa Francisco, já é um convite desde o início do seu pontificado, quando, pela primeira vez, este substantivo surge na carta apostólica em forma de “*motu proprio*” *Mitis Iudex Dominus Iesus* e ele diz que é um sinal de sinodalidade na Igreja, o ofício dos metropolitas (Francisco, 2015, p.3).

Também na abertura da 70ª Assembleia Geral dos bispos da Conferência episcopal Italiana em 22 de maio de 2017, em seu discurso como Bispo de Roma, o Papa Francisco já revelava seu desejo por uma Igreja sinodal ao expressar que hoje, para enfrentar a complexidade e os desafios da missão e pastoral da igreja de forma decidida com *parrésia*, ele não vê outro horizonte ao não ser por meio da sinodalidade. “Caminhar juntos é a via constitutiva da Igreja” (Francisco, 2017, p. 2). Assim, o

pontificado do Papa Francisco já se inicia com um modo missionário e sinodal. Em vista disso, a Comissão Teológica Internacional do sínodo diz que:

o éthos da Igreja povo de Deus convocado pelo Pai e guiado pelo Espírito Santo para formar em Cristo “o sacramento, isto é, o sinal e o instrumento da união com Deus e da unidade de todo gênero humano” se libera e se alimenta da conversão pessoal à espiritualidade de comunhão. A espiritualidade da comunhão confere uma alma ao dado institucional com uma indicação de confiança e abertura que responde plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do povo de Deus. Em concreto, trata-se de fazer emergir a espiritualidade de comunhão “como princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades” (Comissão Teológica Internacional, 2018, n.107-108).

Riccardo Cristiano, jornalista vaticanista, desde o pontificado de João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco, desenvolve interesse pelo diálogo inter-religioso. Em 10 de outubro de 2021, ele fez uma análise da motivação do Papa Francisco por uma igreja sinodal. Para Riccardo, desde a eleição do Papa Francisco, em 2013, o seu objetivo é uma Igreja sinodal. Como ele mesmo disse naquela noite de 2013, vocês elegeram o bispo de Roma e falou de sinodalidade ao expressar “vamos caminhar junto: bispo e povo. Este é o caminho”. A Igreja sinodal não é uma igreja clerical, mas povo de Deus. Uma Igreja missionaria onde a mesa comum é construída por todos.

E assim caminho, intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, teve seu início de forma solene nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental foi a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, de 30 de setembro a 25 de outubro de 2023.

O Papa Francisco convida agora a Igreja da América Latina e Caribe para caminhar junto. Desejo expresso por meio de sua mensagem por vídeo no dia de 24 de janeiro de 2021, convidando a América para iniciar o caminho rumo à Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Um convite que não se estendeu apenas ao episcopado, mas a todos para participar plenamente nesta nova experiência, caminhando juntos como Povo de Deus.

Foi a primeira vez que se realizou na América Latina uma Assembleia Eclesial e com a participação de muitas pessoas, homens e mulheres de diferentes idades e diferentes vocações e ministérios em nossa Igreja. Foi uma participação marcada com

muito interesse, alegria, dedicação e comprometimento durante todo das diferentes modalidades no processo de escuta (CELAM, 2021, DDC, p.7).

A pesquisa revela que este processo sinodal, caminhar juntos, tem sua vivência, na prática, do povo de Israel, conforme descreve Girolami (2021, p. 19) ao dizer que Moisés, em sua missão, via-se atarefado, visto que tinha que resolver sozinho as questões de toda comunidade judaica. Porém, ao ouvir os conselhos de seu sogro Jetro, concordou não caminhar sozinho e aceitou buscar ajuda e compartilhar sua liderança com outros membros da comunidade, elegendo os setenta anciãos que assumiriam os serviços num caminhar com Moisés (Bíblia de Jerusalém, 2002, Êxodo 18, 13-27, p.127).

Ainda, Girolami (2021, p. 17-18.23), nos três seguintes parágrafos, descreve o movimento missionário organizado por Jesus de Nazaré, como um caminhar juntos, a afirmar que Jesus em sua missão sempre procurou caminhar com sua comunidade de missão. A memória evangélica recorda que uma das primeiras escolhas implementadas pelo Jesus, o Mestre da Galileia, foi estabelecer um grupo permanente e estável que o acompanhou em sua viagem missionária. Os sinóticos dão destaque a um grupo privilegiado no círculo dos seus discípulos: “Ele escolheu Doze, aos quais chamou apóstolos” (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 10,2, p.1720; Marcos 3,14, p.1763; Lucas 6,13, p.1798).

O quarto Evangelista, porém, prefere a categoria de “discípulo” sem sobrecarregá-la ao termo “apóstolo”. A missão de Jesus, vivida em forma comunitária, sim, estava enraizada na experiência fundadora de Israel. Este movimento enviado ao mundo pelo próprio Jesus de Nazaré, como igreja nascente, por fidelidade a Jesus de Nazaré, vida e depois sua morte e ressurreição, recebem o nome “caminho”, em grego *ἡδόδος* (Gingrich, 1993, p.143; cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 19,23, p.1938; 24,14, p.1946), nome ao qual, prefixando a preposição “com” (*σύν*), ir junto com (Gingrich, 1993, p. 197) podem obter o termo “sínodo”.

Diante dos desafios da missão de terem que redefinir a missão recebida de Cristo não restringe a responsabilidade pela decisão apenas aos “apóstolos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 14,4, p.1927). Barnabé e Paulo também são definidos como tal como interventores na Assembleia (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, At 15,12, p.1929), Lucas não se refere apenas aos discursos de Pedro e Tiago. Portanto, fazem parte desta assembleia: Doze; todos aqueles que receberam uma

posição a ser definida “apóstolos”; aqueles que, de acordo com a prática judaica, lideram a comunidade.

Sucessivamente acontecera no “Concílio” de Jerusalém (Bíblia de Jerusalém, 2002, Atos dos Apóstolos 15,5-21, p.1930) num processo de discernimento, uma escuta em comum do Espírito. Assim, o primeiro “Concílio” da igreja não foi administrado apenas por Pedro guia dos Doze, mas também a participação e o reconhecimento de participação de todos. Podemos inferir aí uma primeira experiência sinodal, de uma Igreja de “ministérios” ligados à liderança da comunidade. Todavia essa a prática conciliar, sinodal a partir do século II, concentrará a representatividade da comunidade cristã apenas nos bispos, cuja tarefa é tomar decisões para toda a comunidade cristã.

Por isso, Rui Saraiva, jornalista e correspondente da Rádio Vaticano, discorre sobre a conferência de Dom Edgar Peña Parra, Substituto para os Assuntos Gerais da Secretaria de Estado do Vaticano, presente em Fátima-Portugal, assim:

A sinodalidade não é nova na vida da Igreja. A partir do Concílio Vaticano II o conceito de sinodalidade matura nas experiências das igrejas particulares e da Igreja Universal. O próprio termo ‘sinodalidade’, que é um substantivo recém-criado e o correspondente adjetivo ‘sinodal’, ambos que derivam da palavra sínodo, entraram já no uso quotidiano e demonstram o quanto a sinodalidade esteja no coração do renovamento promovido pelo Concílio Vaticano II (Saraiva, 2022, p. 1).

Percebe-se, portanto, que no processo sinodal a espiritualidade sinodal que tem como base comunhão confere uma alma ao dado institucional com uma indicação de confiança e abertura que responde plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do povo de Deus. Por conseguinte, o teólogo Drº Carlos María Galli ao escrever sobre *La “Iglesia sinodal” según el Papa Francisco. Escucha recíproca, discernimiento comunitario, desborde del Espíritu*, diz:

A sinodalidade expressa a vida e a missão da Igreja. Esta nova palavra tem como pano de fundo o verbo Grego συνοδεύω (synodeúō), que significa “ir com”, “estar em Caminho junto”, “acompanho”. No particípio presente designa o “acompanhantes”, como aquele grupo que estava com Saulo no caminho. para Damasco (cf. Atos 9:7). O substantivo συνοδία (sinódia) significa um “grupo de viajantes” ou “de pessoas a caminho”, como aquela caravana de piedade popular que compunha a família de Jesus e Peregrinos retornando da festa da Páscoa em Jerusalém (cf. Lucas 2:44) (Galli, 2022, p.508.Tradução nossa).

Até o momento, o sínodo que conhecemos é o sínodo dos bispos, instituído por Paulo VI como instrumento de consulta ao papa, contudo um começo para a igreja sair de um modelo somente hierárquico, piramidal para uma igreja do povo de Deus. Foi um início para o caminho sinodal. Sinodalidade não significa "voto majoritário", significa "seguir o espírito", ou seja, discernir os sinais dos tempos, buscar juntos o caminho do Espírito. Neste caminhar de sinodalidade que “Francisco pôde ver a grande lição para o mundo, para a sociedade, para a democracia em crise (Cristiano, 2021, p.2). Deste modo, o teólogo prof. Drº Antônio Luiz Catelan Ferreira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro diz que:

os fundamentos da sinodalidade, o Papa os indica a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II. Ele se refere explicitamente aos números 10 e 12 da Constituição dogmática *Lumen gentium*, do Concílio Vaticano II: todos os batizados como constituintes do povo de Deus; a unção espiritual dos fiéis e a infalibilidade *in credendo*; o *consensus fidelium*; a participação do povo de Deus na função profética de Cristo. Nesse contexto, o papa expressa o propriamente sinodal do *sensus fidei*: ele se caracteriza como um ‘olfato’ para discernir as novas estradas que o Senhor abre para a Igreja. Trata-se do discernimento pastoral (Ferreira, 2018, p. 395).

Assim sendo, a vocação sinodal original do povo de Deus é interpelada. A dinâmica da sinodalidade é a circularidade entre o *sensus fidei* com o qual todos os fiéis são agraciados. Esta circularidade promove a dignidade batismal e a responsabilidade de todos, reconhece a presença dos carismas propagados pelo Espírito Santo no povo de Deus, reconhece o ministério específico dos pastores em comunhão colegial e hierárquica com o Bispo de Roma, assegurando que os processos e eventos sinodais sejam realizados com fidelidade ao *depositum fidei* e escuta do Espírito Santo para a renovação da missão da Igreja (Comissão Teológica Internacional, 2018, p, 18, n. 72).

A visibilidade desta EM de circularidade dá-se através dos diferentes carismas, ministérios e serviços, expressão de uma eclesialidade de comunidade, expressão da vitalidade do ser Igreja (CNBB, 2014, p.12). São elementos convergentes de uma eclesiologia dialogante em vista da *Koinonia*. Portanto, é preciso deixar-se interpelar sempre pela pergunta: como podemos ser verdadeiramente vivenciar uma EM de forma sinodal se não vivemos “em saída” em direção a todos para juntos irmos em direção a Deus?

Conforme o Papa Francisco (Francisco, 2015, p. 2), o caminho da sinodalidade é exatamente o que Deus espera da Igreja no Terceiro Milênio. Qual é a razão pela

qual a identidade e o comportamento da igreja são pautados pela sinodalidade, em vista da missão? Como já citado, primeiramente, a missão é a identidade e a essência da igreja, conforme afirmado pelo Concílio Vaticano II, “a Igreja peregrina é missionária por natureza” (Decreto [...] 1965, AG, n. 2, p. 352). Com este adjetivo, “missionária”, quer dizer que a missão da Igreja é a sua vocação, identidade, razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade (Silva, 2022, p. 273). Portanto,

a sinodalidade missionária não diz respeito apenas à Igreja a nível universal. A necessidade de caminhar juntos, dando um verdadeiro testemunho de fraternidade numa vida comunitária renovada e mais evidente, diz respeito antes de tudo a cada comunidade. É necessário, portanto, despertar em cada realidade local a consciência de que somos povo de Deus, responsável por encarnar o Evangelho nos diversos contextos e em todas as situações quotidianas. Isto implica afastar-se da lógica da delegação que tanto condiciona a ação pastoral (CELAM, 2018, SDV, DF, p. 128).

Da perspectiva da evangelização integral, a sinodalidade missionária inclui o serviço da Igreja no caminho de todos os membros da família humana. Francisco acredita que o mundo precisa de uma perspectiva. O Sínodo aspira superar conflitos e discrepâncias paralisantes, e consegue aprimorar métodos de comunicação que ajudem a estabelecer conexões e caminhar juntos. A sinodalidade ajuda as pessoas a serem mais solidárias e amigas. A diaconia social da sinodalidade pode contribuir para a manutenção da justiça, da paz e do cuidado com a casa comum em uma sociedade globalizada e fragmentada (Galli, 2022, p. 547). Por conseguinte,

[...] a missão, em chave sinodal, não é o proselitismo, o que leva a uma Igreja autorreferencial, eclipsando o Reino de Deus, do qual é sacramento. É necessário “ser uma Igreja credível, um sacramento do Reino”. A missão consiste no anúncio alegre e gratuito de Jesus Cristo e do seu mistério. Páscoa para toda a humanidade, numa relação intercultural inserido em um mundo plural e diverso. Aponta-se que o horizonte mais claro é o que se abre ao desafio da evangelização na diversidade. O como ser discípulos missionários em meio à diversidade de contextos, situações e complexidade do mundo? É urgente “atender aos temas da evangelização, respeitando sua cultura, convidando-os a participar, aproximando-se de seu modo de vida e entendendo sua visão de mundo”. A missão consiste em encarnar o Evangelho nas culturas, ajudando a formar Igrejas locais nativos, com a cara dos povos que os compõem. Para uma igreja Encarnada corresponde a uma evangelização inculturada e inculturadora da Igreja como instituição, na sua organização e nas suas estruturas (CELAM, 2021, SN, n. 55).

Assim, “Sinodalidade e missão são dois aspectos ligados porque a sinodalidade enriquece a missão” e na vivência da EM energiza o processo sinodal da Igreja

(CELAM, 2021, SN, n. 57). Portanto, a sinodalidade contribui para que todos os batizados se tornem sujeitos ativos da missão evangelizadora. E como povo de Deus, é chamado a caminhar próximo à humanidade peregrina, numa postura de diálogo e serviço ao mundo, em vista de uma fraternidade universal. Salienta-se ainda que “o mundo precisa de uma ‘Igreja em saída’ que rejeite a divisão, que volte o seu olhar à humanidade e ofereça-lhe, mais que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um” transbordamento do dom” que responde ao grito da humanidade e natureza”.

Na missão evangelizadora, os outros não são apenas destinatários, mas também interlocutores, porque os discípulos missionários estão situados numa relação horizontal e em comunhão com todas as pessoas de boa vontade, nas quais atua o Espírito de Deus. Por isso, a “vida sinodal da Igreja se realiza graças à efetiva comunicação de fé, de vida e de empenho missionário ativado entre todos os seus membros” (Comissão Teológica Internacional, CTI, 2018, n. 110).

Assim, a sinodalidade leva a “missionariedade” aberta, à participação de um intercâmbio sem fronteiras, sem construção de muros. Urge assumirmos cada vez mais de maneira sistemática as orientações do Concílio Vaticano II para uma renovação permanente da Igreja na sua fidelidade a Jesus Cristo e na sua missão evangelizadora (CELAM, 2021, SN, n. 99).

O principal objetivo do caminho sinodal que a Igreja está realizando com as palavras-chave *comunhão*, *participação*, *missão* vem firmar a urgência de uma ação missionária que comporta naturalmente uma cooperação missionária, cada vez mais estreita, de todos os seus membros a todos os níveis. Este caminho não é uma negação da Igreja sobre si mesma; não é um processo de consulta popular para determinar, como em um parlamento, o que é necessário ou não acreditar e agir segundo as preferências humanas. Ao invés disso, “é preciso caminhar como os discípulos de Emaús, escutando o Senhor ressuscitado, que não cessa de se juntar a nós para nos explicar o significado das Escrituras e para nos dar o pão, a fim de que possamos prosseguir com a força do Espírito Santo” (Francisco, 2023, p.4).

Nesta missão evangelizadora, o outro não é apenas destinatário, mas também interlocutor, porque os discípulos missionários estão situados numa relação horizontal de comunhão com todas as pessoas de boa vontade, nas quais atua o Espírito de Deus. Por isso, a “vida sinodal da Igreja se realiza graças à efetiva comunicação de fé, de vida e de empenho missionário entre todos os seus membros” (Comissão

Teológica Internacional, n. 110). Onde todos são guiados pelo Espírito Santo, dotados do dom da fé (*sensus fidei*). E assim, pela diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre-se horizonte para o exercício cotidiano da comunhão, através do qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para circular a caridade (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 12,4-12, p.2008).

Assim, de maneira sinodal, dialogante e poliédrica, a unidade dos filhos de Deus com a diversidade de graças, ministérios e atividades testemunha, na variedade, a admirável unidade do Corpo místico de Cristo. A sinodalidade leva ao “missionarismo” aberto, à participação de um intercâmbio sem fronteiras, sem construção de muros. Urge assumirmos cada vez mais de maneira sinodal as orientações do Concílio Vaticano II para uma renovação permanente da Igreja na sua fidelidade a Jesus Cristo e na sua missão evangelizadora (CELAM, 2023, SF, n. 99).

5.4.1 Comunidade eclesial em missão

Convém ressaltar que “a comunidade eclesial autêntica é necessariamente missionária e toda missão se alicerça na vida da comunidade e tende a gerar pela força do Espírito novas comunidades” (CNBB, 2019-2023, p. 17, n.8). Enquanto missionária, a comunidade eclesial é a expressão do Povo de Deus a caminho. Ademais, esta Comunidade eclesial em missão é um mistério que tem suas raízes na Trindade, mas se concretiza na história como um povo peregrino e evangelizador que transcende todas as necessidades institucionais.

O “povo de Deus que habita entre os povos da terra” (Constituição [...] 1964, LG, n. 13, p.53; Francisco, 2013, n. 114-115) é composto também pelos fiéis cristãos que, pela fé e pelo batismo, são sujeitos eclesiais. Com base na caridade, “constituem um só Corpo de Cristo” (Constituição [...] 1964, LG, n. 3, p.40), em que cada membro e cada Igreja “comprometem os seus dons com as outras pessoas e com a Igreja” (LG 13) (CELAM, 2018, AE, 158).

Cabe ressaltar, ainda, que “a Igreja de Jesus Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, mesmo que sejam pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão” (Constituição [...] 1964, LG, n. 26, p.70). Enquanto povo de Deus inseridos numa Igreja local, em sinodalidade com seus pastores e suas comunidades, a comunidade eclesial chamada a anunciar Jesus Cristo e vivenciar a missão numa profunda comunhão com a Igreja Universal. “Todas

elas são formadas à imagem da Igreja universal, nas quais e pelas quais subsiste a Igreja Católica una e única” (Constituição [...] 1964, LG, n. 23, p.65).

Miranda, (2018, p. 41) sublinha que todo povo de Deus, independentemente de sua função tarefa, é um sujeito de evangelização. Desta maneira, toda a missão da igreja compete a toda a comunidade eclesial em missão. Neste sentido, o Papa Francisco, seguindo o magistério do Vaticano II, fala da igreja não a partir da hierarquia, mas a partir de base, o povo de Deus. É simples a compreensão: todos são guiados pelo Espírito Santo, dotados do dom da fé (*sensus fidei*).

Além disso, a maneira criativa do Papa Francisco evangelizar afirma que o Povo peregrino de Deus é chamado a evangelizar e a ser evangelizado para “tornar presente o Reino de Deus no mundo” (Francisco, 2013, n. 176). O Reino “é libertação de tudo aquilo que oprime o ser humano” (Paulo VI, 1975, n. 9) e renova todas as coisas, pois leva a “uma conversão radical, uma profunda mudança de coração e mente”. Modo de ver” (Paulo VI, 1975, n. 10).

A EM, de maneira sinodal, requer da ação missionária habilidade para percorrer o caminho juntos no comprometimento e participação na vida e na missão da Igreja”, uma vez que “Levando em conta que cristão, é corresponsável pela vida e pela missão da comunidade e chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade e respeito dos específicos ministérios e carismas, no qual cada um desses obtém a sua energia do único Senhor (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 15,45,p.2015; CNBB, 2019-2023, p. 32, n.39).

Por isso, como cooperadora da *missio-Dei* e servidora do Reino de Deus, a Igreja é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e tornar-se cada vez mais uma comunidade missionária. Uma comunidade eclesial que reflete na terra o amor e a comunhão das pessoas da Santíssima Trindade (CNBB, 2016, Doc.105, p. 90, n. 171). E assim, a comunidade eclesial em missão fortalecida pelo profetismo do Papa Francisco saberá dizer “não” a tudo que a impede de cooperar na missão de Deus, tornando o Reino de Deus o “já” na história. Logo, é preciso dizer

não a uma economia da exclusão’. ‘Não à cultura do descartável’(EG 53). ‘Não à globalização da indiferença’ (EG 54). ‘Não ao fetichismo do dinheiro’ (EG 55). ‘Não à especulação financeira’ (EG 56). ‘Não ao dinheiro que domina ao invés de servir’ (EG 58). ‘Não à desigualdade social que gera violência’(EG 59). “Não à fuga dos compromissos”(EG 81). ‘Não ao pessimismo estéril’(EG 84). ‘Não ao mundanismo espiritual’ (EG 93). ‘Não à guerra entre nós’ (EG 98-99) (Francisco, 2013, n. 53.99).

Todavia, a comunidade eclesial, enquanto discípulos e missionário de Jesus, terá força para gritar:

‘Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário’ (EG 80). ‘Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!’ (EG 83). ‘Não deixemos que nos roubem a esperança!’ (EG 86). ‘Não deixemos que nos roubem a comunidade!’ (EG92) ‘Não deixemos que nos roubem o Evangelho!’ (EG 97). ‘Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!’ (EG 101) (Francisco, 2013, n. 80.101).

Em razão disso, a comunidade eclesial fortalece sua fidelidade no anúncio de Jesus Cristo, recordando que a missão que acontece em diálogo é sempre antecipada pelo testemunho. “Pois a missão supõe proximidade, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação e compromisso com a justiça social” (CNBB, 2014, DOC 100, n. 186). Por isso, a comunidade eclesial missionária sabe ir à frente, sem medo, tomar iniciativas, ir ao encontro das pessoas, vai até as encruzilhadas para se aproximar dos afastados e excluídos. “Tendo experimentado a misericórdia com ardor missionário, vive um desejo inexaurível de ofertar misericórdia” (Francisco, 2013, n. 24).

Enfim, Suess (2015, p.17) sublinha que a missão de uma comunidade eclesial é a defesa da vida. É o anúncio de um Deus “Emanuel”, um Deus conosco, que se encarnou no mundo. Assim, a comunidade em missão é o povo de Deus, comunidade construída por comunidades que lutam a partir da fé e cientes de sua conversão permanente. “A Igreja é uma Igreja profética, sacerdotal e serviço real onde todos os seus membros são sujeitos de vida teológica rumo à santidade. Eles recebem diversos carismas de Deus para servir ao bem comum” (CELAM, 2021, AE n. 171).

5.4.2 Ministérios e carismas

O vocábulo ministério, traduzido para a língua portuguesa, tem sua origem no termo latino *ministerium*, que, por sua vez, foi traduzido do grego *diakonia* que encontramos no segundo testamento como serviço, ou serviço das mesas (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lucas 10,40, p.1810. De algum modo, é o carisma de servir à comunidade, prestar um serviço à comunidade eclesial (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2º Timóteo 4,1, p.2077) ou um papel de servidor da comunidade (Bíblia de Jerusalém, 2002, Colossenses 4,17, p.2059). No decorrer da História, “a palavra ministério recebeu várias dimensões ligadas ao serviço, ao culto sacral e à pastoral, sendo

compreendida como: autoridade eclesiástica, governo, hierarquia, dignidade e poder” (Almeida, 2015, p.617).

O Papa Francisco diz que, desde os seus primórdios, a comunidade cristã conheceu uma forma difusa de ministerialidade, concretizada no serviço de homens e mulheres que, obedientes à ação do Espírito Santo, dedicaram a sua vida à edificação da Igreja (Francisco. 2021, n. 2, p. 2). Hoje, quando se fala de ministérios, logo se pensa nos ministérios “instituídos” aqueles mais conhecidos como: leitor, acólito, catequista. Estes ministérios caracterizam-se por uma intervenção pública da Igreja, um ato específico de instituição e por uma certa visibilidade. Embora “não exija o sacramento da ordem, estes ministérios estão ligados ao ministério ordenado, no qual desenvolvem várias formas de participação na missão” (Francisco, 2023, n. 1).

Com o Concílio Vaticano II e os movimentos Bíblicos, ecumênicos, litúrgicos redescobriram sua originalidade de múnus, serviços e missionariedade temos então que a igreja, para realizar a missão de Deus, é organizada e governada com uma variedade admirável.

assim como num mesmo corpo temos muitos membros, e nem todos têm a mesma função, assim, sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros (Rm 12,4-5). Um só é, pois, o Povo de Deus: 'um só Senhor, uma só fé, um só Batismo (Ef. 4,5); comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo; comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisa. Nenhuma desigualdade, portanto, em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo, porque não há judeu nem grego, escravo nem homem livre, homem nem mulher: com efeito, em Cristo Jesus, todos vos sois um' (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gálatas 3, 28, p.2034; Cl 3,11, p.2058; Almeida, 2015, p.618).

Em favor da edificação do corpo de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais. Porém,

a igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação é comum a todos. Sendo que “um só e o mesmo é o Espírito que opera estas coisas” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Coríntios 12,11, p.2008). A distinção estabelecida entre os ministros ordenados e o restante do Povo de Deus contribui para a sinodalidade, já que os pastores e os demais fiéis estão ligados reciprocamente por uma vinculação comum: O Batismo.

Assim, pelo Batismo todos os fiéis têm a sua raiz no sacerdócio comum: leigos, sacerdotes, consagrados, religiosos, crentes em Cristo, seus discípulos, chamados a

participar na missão que Ele confia à Igreja. De fato, cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo (Constituição [...] 1964, LG, n.32, p, 78; CELAM, 2007, CELAM, 2007, DAp n.162); Almeida, 2015, p. 618; Francisco, 2023, p. 2).

Deste modo, a unidade orgânica da diversidade de funções assegurará maior vitalidade missionária e será sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos. “Cada comunidade é chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos que o Espírito presenteia aos fiéis” (CELAM, 2007, DAp, n.162). Assim, de maneira sinodal, dialogante e poliédrica, a unidade dos filhos de Deus com a diversidade de graças, ministérios e atividades testemunha, na variedade, a admirável unidade do Corpo místico de Cristo. Conforme diz o Apóstolo Paulo:

e aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, há o dom dos milagres, depois o das curas, o das obras de assistência, o de governo e o das diversas línguas. Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Fazem todos os milagres? Possuem todos o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Aspirai, porém, aos melhores dons. Aliás vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa todos os outros (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1 Cor 12, 28-31, p. 2008).

Essa diversidade de carismas, ministérios e serviços ainda hoje abre horizontes para o exercício cotidiano da comunhão, através do qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para circular a caridade (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Coríntios 12,4-12, p.2008). Por isso, o Concílio Vaticano II sublinha que, para o desenvolvimento da Igreja, de toda comunidade cristã e para enraizar nos corações o reino de Cristo, fortificá-lo e estendê-lo mais longe, urge a necessidade dos diversos ministérios e carismas. Estes, suscitados pelo apelo divino no seio da comunidade eclesial, devem ser encorajados e cultivados por todos com pretenso cuidado (Decreto [...] 1965, AG, n. 15, p.369).

Por meio de uma autêntica EM sinodal, esses ministérios e carismas suscitados na Igreja das mais variadas formas de ação missionária, vivem a sinodalidade por meio dos conselhos Diocesano e paroquial da Ação Evangelizadora, dos conselhos econômicos, dos conselhos de missionários paroquial e diocesano como também das assembleias tanto paroquialmente quanto diocesano. Nesta ministerialidade, destacam-se os diversos ministérios ativos desenvolvidos pelas mulheres na

comunidade eclesial em todas as estâncias da Igreja. O seu ministério constitui uma força cotidiana tanto para a Igreja como para a sociedade (Wolff, 2018, p. 115).

As comunidades eclesiais de base (CEBs), como formas privilegiadas de vida em comunidade, possuem um forte acento missionário em diálogo e sinodalidade. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida afirma que as CEBs são um instrumento que permite ao povo “chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos” (CELAM, 2007, DAp, n. 178).

Sobre estes serviços o Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos sublinha que os leigos, exercem, com efeito, apostolado com a sua ação para evangelizar e como povo Deus tem uma missão de testemunhar Cristo ao impregnar e aperfeiçoar as realidades de mundo conforme o espírito do Evangelho (Decreto [...] 1965, AA, n. 2, p. 539).

Também acentua o Papa Francisco que as CEBs vivenciam uma EM libertadora porque “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja” (Francisco, 2013, n. 29) Assim, em suas organizações, florescem os ministérios que de forma dinâmica trazem vitalidade à Igreja com seus pequenos grupos de reflexão da Palavra, e diversos ministérios, tanto eclesial como social, para o fortalecimento da vivência da missão em fraternidade e solidariedade (CNBB, 2014, Doc. 100, n.28–230).

Concluindo esta quinta seção sobre por uma espiritualidade missionária dialogal, compreendemos que toda ação missionária, para ser autêntica no fiel seguimento de Jesus e do anúncio do seu Reino, urge estar fortalecida pela força do Espírito que conduz a missão. A pesquisa desta seção, norteadas por teólogos e teólogas que asseguram como diálogo, a partir de uma vivência latino-americana com enfoque numa espiritualidade libertadora, teve sua culminância nas bases de uma espiritualidade que partiu do seu próprio conceito “Espírito” que sustenta e conduz o processo histórico da missão a partir de cada contexto vivenciado, porque o espírito não se opõe à carne, à vida concreta.

A pesquisa ainda esclareceu que *Pneuma* (em grego) ou *Ruah* (em hebraico) sustenta a vida e fortalece toda ação missionária. Assim sendo, por uma abordagem epistemológica, buscou-se a valorização de uma EM de convivência plural no respeito às demais espiritualidades que dinamiza as diversas religiões. Vimos que a teologia

enquanto reflexão ilumina o mistério presente em todas as autênticas espiritualidades que têm por fundamento o Deus Uno e Trino.

A partir do mistério da Trindade, compreendemos a necessidade de uma nova concepção de espiritualidade. Apreendemos, também, que do deserto à missão, a exemplo de Jesus, é ir a Deus e ao Mundo, contemplar e militarizar simultaneamente; que na verdadeira espiritualidade cristã não há espaço para dicotomias. É seguir a Cristo e, ao mesmo tempo, servir à humanidade.

Além disso, a centralidade da seção esteve na vivência existencial do Papa Francisco, cuja marca é uma espiritualidade cristocêntrica praticada por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. A partir desta prática espiritual, ele insiste: se faz necessário um retorno ao essencial, aquele que ninguém pode tirar, o único necessário. Neste sentido, ele insiste na prática diária de oração, pela Leitura orante, momentos de adoração e, ao mesmo tempo, de proximidade e vivência da amizade social, reconhecendo que somos todos irmãos e irmãs.

A propósito da espiritualidade missionária plural, a pesquisa apontou o aspecto da interculturalidade da missão como uma episteme a partir das teologias pluralistas, marcadas pelo pluralismo religioso em suas diversas expressões. Revelou ainda que o processo de alteridade ecumênica tem em vista dar visibilidade à realidade de fronteira, partir dos contextos fronteirístico dando empoderamento aos grupos subalternos. Assim, é necessário buscar uma teologia que leva ao desprendimento, à humildade que sustenta relações de reciprocidade.

Compreendemos, portanto, que no processo sinodal a espiritualidade sinodal que tem como base comunhão confere uma alma ao dado institucional com uma indicação de confiança e abertura que responde plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do povo de Deus. A espiritualidade da comunhão confere uma alma ao dado institucional com uma indicação de confiança e abertura que responde plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do povo de Deus. Em concreto, trata-se de fazer emergir a espiritualidade de comunhão manifestado pela diversidade de carismas e ministérios. Assim, “o diálogo das religiões é, em maior profundidade, um diálogo das espiritualidades” (Wolff, 2016, p. 97).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta pesquisa, retomamos como dever responder à indagação inicial da tese: Como realizar missão de forma dialogal como experiência de vida compartilhada em fidelidade ao evangelho de Cristo, considerando o magistério do Papa Francisco, diante do emergente pluralismo tanto religioso como social? Neste sentido, o construto da pesquisa teve seus avanços no alcance do objetivo geral cuja intenção foi verificar os elementos que configuram a missão em diálogo, considerando especificamente o magistério do Papa Francisco em contexto plurirreligioso e multicultural.

Especificamente, visou à compreensão de missão hoje e seu processo evolutivo a partir do Concílio Vaticano II, pertinente à teologia do diálogo na perspectiva do magistério do Papa Francisco. Como também se refletiu o sentido da missão no ser e agir do Papa Francisco, como o perfil missionário da Igreja hoje. A missão relacionada à cultura do encontro e do diálogo foi investigada a partir da análise do conceito do diálogo como método e constitutivo da missão. Também procurou estabelecer o vínculo entre missão, diálogo ecumênico e inter-religioso no ensino da missão no Pontificado do Papa Francisco. Sobre a espiritualidade missionária, a pesquisa apontou elementos como vivência fundamental para a participação na *missio-Dei* tendo por base uma espiritualidade missionaria dialogal.

Considerando o objeto de estudo, o processo de investigação foi o caminho basilar do pontificado e magistério do Papa Francisco a partir do seu modo de ser e de agir que revela tanto para a Igreja como para a sociedade um compromisso com a *missio-Dei*. Vimos que por meio do método teológico do diálogo ele tem suscitado novos métodos, novas expressões em todo o processo de evangelização da Igreja, no prosseguimento do “*aggionamento*” proposto pelo Vaticano II.

As cinco seções metodologicamente organizadas na pesquisa trouxeram a compreensão por meio da mediação do referencial teórico a partir de fontes teológicas bíblicas, fontes primárias do magistério do pontificado do Papa Francisco, do magistério da Igreja, na qual o próprio Papa Francisco buscou suas inspirações para a motivação de uma Igreja em saída.

Publicações científicas como artigos, periódicos e livros catalogados e pesquisados, de teólogos e teólogas, cujas pesquisas estão em sintonia com a *missio-Dei* e o magistério do Papa Francisco, também favoreceram o alcance dos objetivos

da tese. Por esta razão, foi possível obter a visão teológica de que Teologia se faz acolhendo as dores e os sofrimentos do mundo, em uma atitude missionária de proximidade, de diálogo, de respeito, sensibilidade e compaixão.

Na compreensão dos fundamentos teológicos, assegurou-se então a importância de sair de uma Igreja hegemônica baseada em uma evangelização de cunho doutrinário para uma Igreja inclusiva de missão em diálogo. Assim sendo, o Papa Francisco, com seu modo de missionar, tem construído pontes em vez de muros. O seu agir demonstrado na pesquisa revelou que a teologia do diálogo se torna o marco relevante que aponta caminhos para uma nova visão eclesiológica na construção do Reino de Deus, como chave hermenêutica da missão.

Desde modo, a segunda seção teve como objetivo compreender a missão hoje, como também o desenvolvimento do seu processo evolutivo. Por meio da investigação dos fundamentos bíblicos e teológicos, foi possível compreender que todo o povo escolhido e enviado por Deus é chamado a ser luz das nações até os confins do mundo. Jesus Cristo, o missionário enviado do Pai, por gestos e palavras assume a *missio-Dei* pelo anúncio do Reino de Deus.

A tese considera que diálogo para o anúncio é decisivo porque a missão em diálogo tem sua forma holística e não dicotômica. Neste prosseguimento à pesquisa, ao descrever o processo evolutivo da missão, traz presente os conceitos tanto no sentido plural quanto no singular. Assim, a missão no magistério do Papa Francisco foi enfatizada levando em conta o seu ser e agir missionário, o que nos leva a considerar que a missão se encontra na própria vida existencial do Papa Francisco. Como ele mesmo diz: “Eu sou uma missão nesta terra”, enviado para estar com os outros e ser para os outros” (Francisco, 2013, n. 273).

Vimos que o perfil missionário de Igreja, no pontificado do Papa Francisco, vislumbra a novidade do seu papado, processo da Igreja em saída, como proposta de que missão é o deslocar-se do “centro” rumo às “periferias”, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (Francisco, 2013, n. 20). Além disso, Igreja misericordiosa precisa alcançar a Igreja pobre com os pobres, e o cuidado com a casa comum. Ademais, os horizontes de sua missão reavivam uma ação missionária tanto *ad intra* quanto *ad extra*.

O entendimento da teologia do diálogo centralizou-se na quarta seção. Aqui, a pesquisa mostrou que a missão em perspectiva dialógica é enriquecida pela

interculturalidade, avança em direção a uma nova episteme num processo de alteridade ecumênica e diálogo inter-religioso, lançam luzes sobre as realidades limítrofes. Entendeu-se que a teologia do diálogo implica que, sem dialogar, o enviado a missionar perderá a oportunidade de ser um instrumento de paz e de harmonia em um mundo fragmentado por tantos conflitos e intolerâncias, onde as diferenças e limitações humanas precisam ser superadas através do diálogo.

Sem dúvida, em um contexto plural, a missão só será possível pela perspectiva ecumênica em diálogo. Por meio do diálogo, se faça considerando o contexto das culturas e da ciência, do diálogo entre fé, razão e ciências, os quais são espaços onde o Papa Francisco assegura o compromisso que também abrange a *missio-Dei*. Como afirma o magistério da Igreja: todas as religiões existentes no mundo, de várias maneiras, desejam ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e ritos sagrados (Declaração [...] 1965, NA, n. 2, p. 620; Francisco, 2013, n. 15).

Contudo, vimos que missão em diálogo, no pontificado do Papa Francisco, não obstante as perseguições, dificuldades, desafios enfrentados e até mesmo certos momentos de incongruências de um papado, eficaz na desconstrução de um paradigma eclesiástico e teológico cultural historicamente limitado, do que na construção de novos paradigmas. Um pontificado rico em gestos e possibilidade de missão em diálogo, mas frágil ao nível de estruturas eclesiásticas, visivelmente prevalecendo uma acentuada autorreferencialidade (Faggiol, 2021, p. 1).

A seção quarta descreveu, portanto, o diálogo como método e conteúdo da missão. A investigação desta seção mostrou que a teologia do Papa Francisco contribui com respostas precisas para a missão em diálogo. O método é o diálogo, que bem utilizado nas ações missionárias, abre novas possibilidades de encontros, de convivência e cooperação, gerando assim uma verdadeira comunidade eclesial não autorreferencial, mas como presença ativa de diálogo e escuta.

Pela Palavra de Deus e o pensamento teológico, compreendemos na seção quinta que Espiritualidade Missionária é uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo numa vivência fortalecida pela docilidade e impulsos do Espírito de maneira dialogante, encarnada e contemplativa na vida. A espiritualidade missionária plural considerando o cristianismo global, a consideramos finalmente que deve encontrar um lugar à volta da mesa teológica para todos os blocos culturais. Sucessivamente, as teologias: negras, indígenas, teologia da libertação, feminista e

latino-americana. Além disso, a sinodalidade, enquanto espiritualidade do caminhar junto, de comunhão, dialogante e poliédrica, busca a unidade como filhos e filhas de Deus.

Por meio da pesquisa, vimos que, à luz do magistério do Papa Francisco pelo diálogo, o processo missionário torna-se um espaço em que cada pessoa, cada comunidade e culturas transmitem seus valores e, ao mesmo tempo, acolhem as ricas experiências provenientes do outro. Confirmou o que diz o Papa Francisco (2020, n. 134): “Não é necessário dizer para que serve o diálogo, é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo”.

As fontes documentais pesquisadas do magistério da Igreja pertinentes à missão em diálogo sugeriram pistas de abertura e chave missionária para a Igreja em saída. Os ensinamentos do concílio Vaticano II, considerados pelo Papa Francisco, revelaram no estudo que todo processo missionário deve ser coerente com a *missio-Dei*. Neste sentido, ele necessita ser dialógico com a consciência de que Evangelizar é acima de tudo tornar o Reino de Deus presente com atitudes de que o Reino de Deus já chegou e está entre vós (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus, 12,28, p. 1725; Francisco, 2013, n. 176).

Esse modo de missionar considerará a realidade plurirreligiosa e multicultural pela interrelação, cultural, ecumênica e diálogo inter-religioso, conforme a pesquisa apontou que a evangelização e o diálogo inter-religioso se apoiam e se alimentam reciprocamente (Francisco, 2013, n. p. 251). Ademais, são tantas e tão valiosas o que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (Francisco, 2013, n. 246).

O tema de estudo esboçou que estar em diálogo com o outro se constitui em princípios ensinados por Jesus Cristo. Na *missio-Dei*, no seguimento de Jesus, o diálogo é um imperativo à obediência ao Evangelho, no qual Jesus súplica ao Pai, para “que todos sejam um” (Bíblia de Jerusalém, 2002, João 17, 21, p. 1888). Desta maneira, se faz necessária uma nova eclesiologia de comunhão onde caminhar junto em comunidade, diálogo e identidade podem gerar novas formas de discipulado. “Onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum” (CELAM, 2007, DAp, n. 233).

Neste processo dialógico, a tese conclui que “o diálogo é um aprendizado que se adquire com o exercício cotidiano” (Wolff, 2023, p. 149). Portanto, o(a) missionário(a) enviado(a) deve estar aberto para desaprender, aprender e reaprender. Ademais, a proposta é assumir cada dia um modo de ser dialogante como presença do reinado de Deus. Não obstante, essa pesquisa não aspirou chegar à concretude de uma resposta à missão em diálogo na perspectiva do Papa Francisco, mas aponta caminhos relevantes para a dinâmica da missão em diálogo. Pois “não dialogar é colocar em risco o ser da Igreja e sua missão” (Wolff, 2014, p. 7).

Não temos a pretensão de apresentar a elaboração de um paradigma para a missão em diálogo. Todavia, desejamos que essa pesquisa seja uma contribuição para a abertura de ação missionária de forma dialógica. Visto que a prática missionária continua condicionada por múltiplas vertentes ambivalentes, frágeis atitudes que não permitem o expressivo diálogo e reconhecimento de que somos todos irmãos e irmãs (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mateus 23,8, p. 1745).

Enfim, consideramos que para o Papa Francisco, a missão fundamenta-se no diálogo, na abertura ao outro e no respeito à dignidade de cada pessoa. Ele enfatiza que a missão não deve ser um ato de proselitismo agressivo ou imposição, mas um testemunho de vida que inspira e convida ao encontro com Cristo. Portanto, a abordagem ao diálogo e à missão, presente nesta pesquisa, reflete a ideia central do pontificado de Francisco: uma Igreja “em saída”, que vai ao encontro das periferias humanas e existenciais, e que promove a fraternidade e a paz.

Neste prosseguimento, a partir do já dissertado na Tese, destacamos alguns pontos a partir da visão missionária do Papa Francisco que penso ser essenciais para a concretização na prática de missionar. 1. Diálogo com outras religiões e culturas: O Papa defende a importância de construir pontes, e não muros. Ele acredita que o diálogo inter-religioso é essencial para a paz e o entendimento entre os povos, sempre respeitando as diferenças e buscando pontos em comum. 2. Testemunho de vida: Mais do que palavras, Francisco sugere que a melhor forma de evangelizar é por meio do exemplo. A missão deve refletir a compaixão, a misericórdia e o amor de Cristo em ações concretas. 3. Inclusão e acolhimento: A missão deve ser inclusiva, acolhendo todos, especialmente os marginalizados e vulneráveis. Francisco destaca que a Igreja deve estar sempre a serviço dos pobres e oprimidos. 4. Escuta ativa: O diálogo exige escuta. O Papa Francisco ressalta que o missionário deve estar disposto a ouvir as preocupações e necessidades do outro, sem julgamento ou preconceito,

reconhecendo a presença de Deus em todos. 5. Missão como serviço: Para Francisco, a missão deve ser orientada pelo serviço humilde. Não se trata de conquistar adeptos, mas de servir, com uma atitude de respeito e solidariedade.

Portanto, para o Papa Francisco, ser missionário nos tempos atuais exige uma abordagem centrada no testemunho de vida, a partir de uma espiritualidade do seguimento de Jesus de Nazaré, na proximidade com os outros e na compaixão. Ele frequentemente sublinha que a missão não se trata de proselitismo ou imposição de crenças, mas de ser uma presença viva do Evangelho em um mundo marcado por desigualdades, conflitos e indiferença.

Por isso, finalizamos firmando alguns pontos importantes de como o Papa Francisco vê a missão nos dias de hoje:

1. Igreja "em saída" Francisco fala constantemente de uma Igreja "em saída", ou seja, uma Igreja que não fica fechada em si mesma, mas que vai ao encontro das pessoas, especialmente aquelas nas periferias, tanto físicas quanto existenciais. Ser missionário (a) hoje implica sair de si mesmo e do próprio conforto para levar a mensagem de Cristo aos que mais precisam de apoio, acolhimento e esperança.

2. Testemunho de vida. Em vez de focar em discursos ou pregações, o Papa enfatiza a importância de evangelizar pelo exemplo. As ações falam mais alto que as palavras, e o missionário deve ser um sinal vivo da misericórdia e do amor de Deus. Francisco insiste que um missionário autêntico é aquele que vive o Evangelho, praticando a compaixão, a justiça e o serviço aos outros.

3. Acolhimento e misericórdia. O missionário, segundo Francisco, deve ser um agente de acolhimento e misericórdia, especialmente em tempos de polarização e exclusão. Ele pede que a missão seja inclusiva, sem discriminações, abraçando todas as pessoas, independentemente de sua origem, religião ou situação social. Para o Papa, a missão deve ser marcada pela capacidade de construir pontes e não muros.

4. Escuta e diálogo: Nos tempos atuais, o Papa Francisco valoriza profundamente o diálogo. O missionário é chamado a escutar ativamente as pessoas, entender suas realidades e, a partir dessa escuta, oferecer uma presença de esperança. O diálogo inter-religioso e intercultural é essencial para a missão, sobretudo em um mundo cada vez mais pluralista e globalizado.

5. Proximidade com os pobres e marginalizados. O Papa Francisco sublinha que a missão tem que se voltar prioritariamente para os pobres, os excluídos e os sofredores. Ele exorta os missionários a se aproximarem dos mais vulneráveis e

marginalizados da sociedade, oferecendo-lhes solidariedade, dignidade e esperança. Ser missionário, nesse sentido, é ser solidário com os últimos, seguindo o exemplo de Cristo.

6. Cuidado com a criação e a casa comum: O Papa também inclui o cuidado com a criação como parte da missão. A crise ecológica afeta os mais pobres de maneira desproporcional, e o missionário é chamado a promover a justiça social e ecológica, defendendo o cuidado da nossa "casa comum" e a dignidade de todas as formas de vida.

7. Humildade e serviço: O missionário (a), segundo o Papa Francisco, não deve ter uma atitude de superioridade, mas de humildade e serviço. Evangelizar não é sobre ganhar seguidores, mas sobre servir com amor e humildade. A missão deve ser sempre feita com o coração aberto e com uma atitude de respeito pelas culturas e tradições dos outros. Em suma, ser missionário (a) hoje, na perspectiva do Papa Francisco, é viver a fé de forma dialógica, de maneira autêntica, próxima e compassiva, tornando presente o Reino de Deus a partir dos que mais necessitam por meio do serviço, da escuta e do acolhimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Antônio. Ministérios. In: **Dicionário do Vaticano II**/ Dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches. São Paulo: Paulus, 2015.

ALTEMEYER JR, Fernando. Os muitos partos do bispo de Roma, In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs). **Francisco Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013. p.p 104-119.

ALTEMEYER JR, Fernando. Sexênio do Papa Francisco, **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano XV**, n. 59, 2019. P.p. 186-192.

ALVES, Juan Antonio Guerrero; LÓPEZ, Óscar Martins; **Conversa no Espírito: discernimento e sinodalidade**. Brasília: CNBB, 2023.

AMALADOSS, Michael. Concílio: um olhar indiano, **Revista UHU On-line**, nº 171, jan, 2013, São Leopoldo, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias2013/516764-concilio-um-olhar-indiano-artigo-de-michael-amaladoss>. Acesso em: 28 nov. 2023.

AMALADOSS, Michael. **Missão e Inculturação**. Tradução Barbar Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2000.

AMALADOSS, Michael. **Promover a Harmonia: Vivendo em um mundo Pluralista**. São Leopoldo: Unisínos, 2006.

AMALADOSS, Michael. "La mission comme prophétie". (128): 270, 1992; Id. "Le Royaume, but de la mission". **Spiritus** (140): pp. 298-302, 1995.

ANDRADE, Joachim. Tradições, transições e transformações: missão além de ad gentes. **Revista. Pistis Prax, Teologia. Pastoral**, Curitiba, v. 10, n. 3, 477-504, set./dez. 2018.

ANDRADE, Joachim. Novo paradigma da missão na visão antropológica. In: **Caminhos para a missão: fazendo missiologia contextual**, Labonté, Guy; Andrade, Joachim (Orgs), abc BSB Editora Ltda, 2008.

ANDRADE, Joachim. Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver, In: **Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação**, Luiz Carlos Susin. (Org), São Paulo: Paulinas, 2015. p.p. 128-148.

AQUINO, Francisco Jr. Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus, In: **Francisco, Renasce a Esperança** Passos, J. Décio, Soares, A. M. Ligório (Org.) São Paulo: Paulinas, 2013.p. 28-44.

APOCALIPSE. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14, 6.p.2156.

APOCALIPSE. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14, 6.p. 2156.

APOCALIPSE. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 11, 15; 12, 10, p.2153- 2154

APOCALIPSE. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14, 6, p.2156.

APOCALIPSE. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. ap. 14, 6, p.2156.

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA (ABEFC), **A economia de Francisco e Clara**: Denúncia as violências financeiras e anúncio de economias para o bem viver. Disponível em: (<http://economiadefranciscoeclara.com.br/cartilha-economia-para-o-bem-viver-dos-povos/>). Acesso em: 03 jan. 2024.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,8, p.1900.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,12-35 p.1907-1908.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 8,8-25, p. 1915.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 9,15, p.1917.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,34-35, p.1920.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 13, 32; p.1926.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14,4, p.1927.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 15,5-21, p.1930.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 16,9, p.1931.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 17, 22-31, p. 1934.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 18,1-3, p. 1935; 2,45, p.1905.

ATOS, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 19,23, p.1938.

ATOS, *In: BÍBLIA*. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 24,14, p.1946.

ATOS, *In: BÍBLIA*. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 28, 31, p.1953.

ÁVILA Cabezas, Fabio Eliseo. El diálogo social y la cultura del encuentro. Un desafío urgente para el desarrollo integral y la paz en Colombia **Cuadernos de teología** – Universidad Católica del Norte Antofagasta, Chile, 2023 <https://doi.org/10.22199/issn.0719-817-4924>

BAZAGLIA, Paulo. Tocados, libertados, servidores, **Liturgia Diária**, Ano 33. Nº 386, 5º Domingo do Tempo Comum. São Paulo: Paulus, 2024.

BEATTIE, Tina. Avanços e os limites nos debates sobre o espaço da mulher na Igreja no pontificado de Francisco, **Revista Instituto Humanitas Unisinos- IHU On-Line**. nº 522 | Ano XVIII | 21/5/2018. A virada profética de Francisco: Uma “Igreja em saída” e os desafios do mundo contemporâneo, São Leopoldo: 2018. p.p 4-71.

BENTO XVI, Papa. **Homilia na imposição do pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério Petrino do bispo de Roma praça de São Pedro**, 24 de abril de 2005, Santa Missa pelo início do Ministério de Sumo Pontífice Bento XVI. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html Acesso em: 17 fev. 2024.

BEVANS, Stephen. Revisiting mission at vatican ii: theology and practice for today's missionary church. Theological studies. Disponível em: https://www.academia.edu/80367529/revisiting_mission_at_vatican_ii_theology_and_practice_for_todays_missionary_church?hb-sb-sw=80367522. Acesso em: 24 nov. 2023.

BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger P. Constants in Context: Theology of Mission for Today Maryknoll. May 2013. **Theological Studies** 74(2):261-283. 74(2):261-283. DOI:10.1177/004056391307400201.

BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger P. **Diálogo profético**: Reflexões cristãs hoje. tradução, Joachim Andrade. São Paulo: Paulinas, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**, tradução em língua portuguesa diretamente dos originais, São Paulo: Paulus, 2002. p.p.2206

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mística inter-religiosa, *In: Dicionário do pluralismo religioso*/Claudio de Oliveria Ribeiro, Gilbraz Aragão; Roberlei Panasiewicz (Orgs) São Paulo: Recriar, 2020. p 140-146.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Papa Francisco – Igreja em saída: de onde para onde?** Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/papa-francisco-igreja-em-saida-de-onde-para-onde/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. Sinais proféticos que indicam o caminho, In: SANCHES, Wagner; FIGUEIRA, Eulálio (Orgs). **Uma Igreja de portas abertas, nos caminhos do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas 2016. p. 123-125.

BOSCH, David J. **A spirituality of the road**. Pennsylvania (EUA): Herald Press, 1979. Disponível em: https://www.shbcare.org/docs/A_Spirituality_of_the_Road.pdf. Acesso em: 03 jan. 2024.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Komdôrfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BOSCH, David J. **Transforming Mission**: Paradigm Shifts in Theology of Mission (20th Anniversary Edition) (American Society of Missiology Series). New York: 2011.

BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada**. Princípios pedagógicos e passos metodológicos. São Paulo: Paulinas, 1998.

BRIGHENTI, Agenor. Uma Instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, J. Décio; SOARES, A. M. Ligório (Org.) **Francisco. Renasce a Esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013.p. 28-44.

CALMON, Ana, Maria. O ato de compreender: Uma ontologia do diálogo na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, **Tese de doutorado**, 2008, p.p 253, Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. 2008.

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CASULO, Lucio, **Rostos, gestos e lugares – A cristologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola 2000.

CERETI, Giovanni. O ecumenismo, dos teólogos ao povo. **Revista IHU on-line**. 13 junho 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/556228-o-ecumenismo-dos-teologos-ao-povo>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CODA, Piero. **A Igreja e o Evangelho – Nas fontes da teologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COLET, Raquel de Fátima. (2021). A dimensão pedagógica do diálogo: encontros e reencontros no caminho de uma fraternidade sororal. **Caminhos De Diálogo**, 9(14), 9–17. <https://doi.org/10.7213/cd.a9n14p9-17> 2021, p.9-17.

COLOSSENSES, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,13s, p.2056.

COLOSSENSES, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,11, p. 2062.

COLOSSENSES, *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,17, p.2059.

COMBLIN, José. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. **Revista Vida Pastoral**. Documentos e Concílios, Nº 243, pp. 17-22, 2005.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, PARA O SÍNODO. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**, Roma, 2018.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MISSIONÁRIA DE EDIMBURGO (1910). **“Um chamado comum” – Documento final de Edimburgo** 06/06/2010. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/conselho-mundial-de-igrejas-cmi-1/um-chamado-comum-documento-final-edimbu. Acesso em: 29 jan. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. **Cooperação Missionária**, Instrução da Congregação para a Evangelização dos povos. Brasília: CNBB, 2015.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). DOCUMENTO PARA EL DISCERNIMIENTO COMUNITARIO - En la Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe, México: CELAM, 2021.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). **Síntesis de la Fase Continental del sínodo de la sinodalidad en América Latina y el Caribe**, México: CELAM, 2021.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe. **“Hacia una Iglesia sinodal en salida a las periferias. Reflexiones y propuestas pastorales a partir de la Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe**. México: CELAM, 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Santo Domingo**: Texto Conclusivo da IV Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe, 7. ed. Tradução oficial. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2. ed. Brasília, CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Carta pastoral del consejo episcopal latinoamericano** (CELAM) discípulos misioneros custodios de la casa común Discernimiento a la luz de la encíclica Laudato, Bogotá – Colômbia: CELAM, 2018.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A natureza e missão da Igreja-Um passo rumo a uma declaração conjunta**, traduzido por Nelson Kilpp, São Leopoldo: Sinodal, Paulinas, 2009.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o Ecumenismo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome**, CNBB, Doc 69, Brasília: CNBB, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, **Documento da CNBB, 94, 2011-2015**. Brasília: Edições CNBB. 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de Comunidade**: uma nova paróquia - A conversão pastoral da paróquia, Doc. 100, Brasília: CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, **Doc. 109, 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: **Doc, 54, 1995-1998**, Brasília: Edições CNBB, 1985.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e Cooperação Missionária**, Orientações para a animação Missionária da Igreja do Brasil. Doc, 108, Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Texto Base, Campanha da Fraternidade 2024**, Brasília: CNBB, 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igrejas-Irmãs na Amazônia, a Igreja que alarga a sua tenda**. Brasília: Edições CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Programa Missionário Nacional**, 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja**: comunhão e missão, na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura., 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade-Sal da terra e Luz do mundo**, doc. 105. Brasília: CNBB, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Irmã Regina da Costa Pedro é nomeada como primeira mulher a dirigir as pontifícias obras missionárias** 01/12/2022, Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/irma-regina-da-costa-pedro-e-nomeada-como-primeira-mulher-a-dirigir-as-pontificias-obras-missionarias-pom>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento de Santarém 50 anos: Gratidão e Profecia**, Brasília: CNBB, 2022.

CONSTITUIÇÃO dogmática *Lumen gentium* sobre a igreja. In: CONCÍLIO VATICANO, 2, 1962-1965. **Compêndio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-114.

CONSTITUIÇÃO dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965, **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações, Petrópolis: Vozes, 2015. p. 121-139.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965. **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações, 31ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.p. 143-256.

1ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 15,1; p.2012.

1ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 3,1, p.1996.

1ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 14.37, p.2012.

1ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 12,11, p.2008.

1ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 12, 28-31, p. 2008.

2ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 10,16, p. 2027.

2ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 12, 9, p.2029.

2ª CORINTIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.Cap. 8, 9, p.2024.

CRISTIANO, Ricardo. **Chiesa in uscita, Chiesa missionaria. Qual è la svolta sinodale**. Disponível em: <https://formiche.net/2021/10/chiesa-sinodo-la-svolta-sinodale/#content>. Acesso em: 03 fev. 2024.

DANIEL. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 9,4, p.1571.

DANIEL. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,24, p.1562.

DECLARAÇÃO *Nostra Aetate* sobre a relação da Igreja com as religiões não - cristãs. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965, **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.619-625.

DECLARAÇÃO *Dignitatis humanae* sobre a liberdade religiosa, In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965, **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações, Petrópolis: Vozes, 2015. p.600-616.

DECRETO *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965, **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações 31. ed. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.p 309-332.

DECRETO *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965, **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações, 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p.p 352-399.

DECRETO *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965. **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p.529-564.

DECRETO *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, in: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO, 2, 1962-1965. **Compêndio do Vaticano II**, Constituições, decretos declarações., Petrópolis: Vozes, 2015. p.440-483.

DEUTERONÔMIO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,7, p.262.

DEUTERONÔMIO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 15, 9, p.277.

DISCATÉRIO PARA A PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, **Vademecum**, Pacto Educativo Global. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2024.

DICASTERO PER LA PROMOZIONE DELL'UNITÀ DEI CRISTIANI. **Mensaje del Santo padre Francisco con ocasión de la XI Asamblea del Consejo mundial de iglesias**, Karlsruhe, 31 de agosto al 8 de septiembre de 2022. Roma Città del Vaticano. Disponível em <http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/it/papa-francesco/2022>. Acesso em: 07 jan. 2024.

DICASTERO PER IL DIALOGO INTERRELIGIOSO. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/romancuria/pt/dicasteri/dicastero-dialogo-interreligioso.index.html#dicasteri>. Acesso em: 30 jan. 2024.

DICASTERO PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, **Dichiarazione “Fiducia supplicans”** sul senso pastorale delle benedizioni del 18.12.2023. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/12/18/0901/01963.html>. Acesso em: 03 jan. 2024.

DICIONÁRIO BIBLICO. **Misericórdia**. Disponível em: <https://www.dicionariobiblico.com.br/misericordia/>. Acesso em: 20 out. 2023.

DIETRICH, L. J., Almeida, N. M. de Dunne, V., Silva, R. A. da, & Marques, M. A. Pluralismo religioso e estudo crítico da bíblia: Desafios à missão, ao diálogo inter-religioso e às teologias cristãs africanas, **Revista Pistis & Praxis, Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 581-603, set./dez.2020.

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do Pluralismo Religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,17, p. 2042.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 5, 5; p.2045.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6, 15- 21, p.2046-2047.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1 Timóteo 3,8, p.2071.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,4-7, p.2047.

EKSTRÖM, Bertil. **História da Missão**. Londrina: Descoberta, 2001.

ÊXODO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3, 1-27. 13-14, p. 105-106.

ÊXODO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 17,11, p.126.

ÊXODO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 18, 13-27, p.127.

ÊXODO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 19,4-5, p.129.

ÊXODO. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 34,6s, p.152.

EZEQUIEL. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 16,3-14. p.1485.

FAGGIOLI, Massimo, **Misericórdia e pobres**: as palavras-chave do pontificado de Francisco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/562640-misericordia-e-pobres-as-palavras-chave-do-pontificado-de-francisco-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 18 out. 2023.

FAGGIOLI, Massimo. **Os limites de um pontificado (parte II)**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/598060-os-limites-de-um-pontificado-parte-i-artigo-de-massimo-faggioli>. 15 abril 2020. Acesso em: 19 mai. 2024.

FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. **Aparecida; guia para leer el documento y crónica** Buenos Aires: San Pablo, 2007.

FERREIRA, Antônio Luiz Catelan. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco, **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago.2018, p.p 390-404.

FILIPENSES. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,17, p.2051.

FILIPENSES. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,7, p.2050.

FILIPENSES. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2, 6-8, p.2049.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia**: minha visão para a Igreja. Tradução do prefácio Cristina Marianij. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Caminhar com Jesus**: O coração da vida cristã São Paulo: Fontonar, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Catequese sobre a Igreja**. Tradução de Hugo C. da S. Cavalcante. São Paulo: Fons Sapientiae, 2014.

FRANCISCO, Papa. **O Evangelho da vida nova**: Seguir Cristo, servir o homem, Tradução de Francisco Morás, organização dos textos de Giuliano Vigini. Petrópolis: Vozes, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**: Encíclica sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa, **Evangelii Gaudium**: A alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. ***Laudato si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Laudate Deum***: sobre a crise climática, São Paulo: Paulus, 2023.

FRANCISCO, Papa. ***Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal - Querida Amazônia**: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***, sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018,

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit***: aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós sinodal, *Amoris Laetitia***: sobre ao amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Constituição apostólica *Veritatis Gaudium***, sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Constituição Apostólica *Prædicate Evangelium* sobre a Cúria**

FRANCISCO, Papa. **Romana** e o seu serviço à Igreja no mundo, disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-prædicate-evangelium.html. Acesso em: 03 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Encontro com os cardeais e colaboradores da cúria romana para a troca de bons votos de Natal (22/12/2014)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/pa-pa-francesco_20141222_curia-romana.html. Acesso em: 03 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Apresentação das felicitações de Natal à cúria romana discurso do Papa Francisco**, Sala Clementina (21/12/2015). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/pa-pa-francesco_20151221_curia-romana.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Encontro com os representantes dos meios de comunicação social discurso do Santo Padre Francisco**, Sala Paulo VI Sábado, 16 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 12 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta do Papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa->

francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 19 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae Vultus**: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Diálogo com os Bispos da Polônia (Cracóvia)**, 27 de julho de 2016). Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-vescovi.html. Acesso em: 08 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Visita do Papa Francisco a Nápoles por ocasião do Simpósio** “A teologia depois da *Veritatis Gaudium* no contexto do mediterrâneo” discurso do santo padre Praça diante da Faculdade de Teologia da Itália Meridional Sexta-feira, 21 de junho de 2019. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_tologia-napoli.html. Acesso em: 12 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Francisco no Dia da Diversidade Cultural**: juntos, buscar a verdade no diálogo. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-05/papa-francisco-tuite-dia-mundial-diversidade-cultural-dialogo-21.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Cultura do encontro, base para um mundo mais unido e reconciliado**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-02/papa-audiencia-instituto-europeu-estudos-internacionais-suecia.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Diálogo, responsabilidade social e respeito a cultura**. Disponível em: <https://centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/desdobramentos/391-papa-fala-sobre-dialogo-responsabilidade-social-e-respeito-a-cultura>. Acessado em: 14 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa santa Marta. **Por uma cultura do encontro** Terça-feira, 13 de setembro de 2016 disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. Meditações matutinas na Santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta. **Miserando atque eligendo**, Quinta-feira, 21 de setembro de 2017. Disponível em: [Vtican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170921_miserando-atque-eligendo-pt.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170921_miserando-atque-eligendo-pt.html). Acesso em: 17 mai. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso de Sua Santidade Papa Francisco à classe dirigente do Brasil, no Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, RJ**, no dia 27 de julho de 2013, Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html. Acesso em: 01 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do pontifício conselho para a cultura.** Sala do Consistório, 7 de fevereiro de 2015, Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html. Acesso em: 25 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco a uma delegação da comunhão mundial das igrejas reformadas sexta-feira, 10 de junho de 2021.**

Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2016/6/10/chieseriformate.html>. Acesso em: 06 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do santo padre Papa Francisco em Letônia - Catedral Evangélica Luterana de Riga.** Segunda-feira, 24 de setembro de 2018, Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180924_incontroecumenico-riga-lettonia.html. Acesso em: 31 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do santo padre Papa Francisco aos participantes na conferência internacional em prol da paz Cairo** — Centro de Conferências Al-Azhar Sexta-feira, 28 de abril de 2017. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html. Acesso em: 02 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco por ocasião da abertura da 70ª Assembleia geral da Conferência Episcopal Italiana,** Sala do Sínodo Segunda-feira, 22 de maio de 2017. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170522_70assemblea-cei.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia plenária do Dicastério para os leigos, a família e a vida.** Sábado, 22 de abril de 2023. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/april/documents/20230422-plenaria-laicifamigliavita.html>. Acesso em: 06 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral,** Sala Paulo VI. Quarta-feira, 31 de agosto de 2022. Catequeses sobre o discernimento. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220831-udienza-generale.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Francisco e o papel das mulheres na Igreja.** Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>. Acesso em: 21 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Peregrinação Ecumênica a Genebra por ocasião do 70º aniversário da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas.** Encontro Ecumênico. Discurso do Santo Padre, Genebra - Centro Ecumênico WCC. Quinta-feira, 21 de junho de 2018. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html. Acesso em: 02 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa santa Marta.** Como a flor da amendoeira. Sexta-feira, 8 de junho de 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180608_flor-amendoeira.html. Acesso em: 02 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência, comum.** Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 05 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o dia mundial das missões 2017-** A missão no coração da fé cristã. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html. Acesso em: 23 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2023 [22 de outubro de 2023] Corações ardentes, pés ao caminho** (cf. Lc 24, 13-15). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20230106-giornata-missionaria.pdf> Acesso em: 23.jan.2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica em forma de “Motu Proprio” do Sumo Pontífice Francisco *Mitis Iudex Dominus Iesus***, sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no código de direito canônico. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20150815_mitis-iudex-dominus-iesus.html. Acesso em: 23 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2023 [22 de outubro de 2023] Corações ardentes, pés ao caminho** (cf. Lc 24, 13-15). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20230106-giornata-missionaria.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. Carta apostólica sob forma de “motu próprio” ***Antiquum Ministerium*** pela qual se institui o ministério de catequista. Brasília, DF: Edições CNBB, 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 06 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para a quaresma de 2024**, Disponível em: [vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/20231203-messaggio-quaresima2024.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/20231203-messaggio-quaresima2024.html). Acesso em: 14 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz terra, 1987.

GÁLATAS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

GÁLATAS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,10- 21, p. 2033.

GÁLATAS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,9, p.2034.

GÁLATAS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6,1-2, p.2038.

GALILEIA. **El camino de la espiritualidad.** Bogotá: Paulinas, 1985.

GALLI, Carlos María. La “Iglesia sinodal” según el Papa Francisco. Escucha recíproca, discernimiento comunitario, desborde del Espíritu, **Revista Medellín** / Vol. XLVIII / N.º 185 / Septiembre - diciembre (2022) / pp. 503-563 - ISSN 0121-4977 / Bogotá-Colombia.

GALLI, Carlos María. La teología pastoral de *Evangelii Gaudium* en el proyecto misionero de Francisco. **Revista Teología Tomo**, L Nº 114 • Agosto 2014: 23-59.

GALLI, Carlos María. Líneas teológicas, pastorales y espirituales del magisterio del Papa Francisco, **Revista Medellín**, / vol. XLIII / No. 167 / enero - abril (2017) / pp. 93-158 - ISSN 0121-4977 / Bogotá-Colombia.

GALLI, Carlos María. Pablo VI y Francisco La alegría de Cristo, **Revista Studi e Ricerche**, 17 de dezembro 2016. P.p.4-46, disponível em: <http://generacionfrancisco.org.ar/documentos/Galli%20%20PABLO%20VI%20Y%20FRANCISCO.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1, 27-28. 31, p. 33-34.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3, 8-9, p.37.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,1-5, p. 49-50.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 20,13; p.59.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 24, 1-66, p. 63.

GÊNESIS. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém.* Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 29, 15-30, p.72.

GÊNESIS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 47,29; p.97.

GINGRICH, F. Wilbur – **Léxico do Novo Testamento – Grego-português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIROLAMI, Maurizio. Atti 15: un inizio di prassi sinodale nella chiesa nascente, **Rivista Studia Patavina** – Facoltà Teologica del Triveneto, 68 (2021) p.p. 17-28.

GOLFI, Tullo. Conversão. *In*: FIORES, Stefano de; GOLFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. Tradução da edição Espanhola, adaptada por Augusto Guerra, Isabel Fontes. São Paulo: Paulus, 1993.

GREGORY, William P. Pop Francis' Theology of Mission, **International Review of Mission**, vol 111, number 2, November 2022, World Council of Churches, pp. 322-351. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 21, 18, p. 828. Acesso em: 02 out. 2023.

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,1, p.2085.

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,5-13, p.2086.

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,1, p.2085.

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,6, p. 2084

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6,10, p.2090.

HEBREUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,2, p.2099.

HERRÁIZ García, Maximiliano. **La oración. experiencia liberadora**. Espiritualidad de la liberación y experiencia mística Teresiana. Salamanca: Ediciones Sigúeme, 1989.

HOLANDA, Aurélio, Buarque. **Dicionário Aurélio Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Maralto Edições, 2020.

IRARRAZAVAL, Diego. En un cambio de época ¿qué Misión? **Rede Latino-americana de Missiologos e Missiologas**, Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Diego-Irarrazaval.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

ISAÍAS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 43,7, p.1321.

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 49,6, p. 1332.*

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 54,10. p.1342.*

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14,1s; p.1275.*

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 27,11, p.1293.*

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 49,6b, p.1332.*

ISAÍAS. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 52, 7, p.1339.*

JÓ. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 33,4, p. 842.*

JÓ. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 27, 3, p. 833.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,14, p.1842.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,16, p.1848.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,5-42, p.1850.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,10, p.1869.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,27, p.1870.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 20,26, p.1893.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,5-6, p. 1847.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4, 8, p.1850.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 13, 5.34, 13, 5, p.1877- 1879.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 17,11- 21, p. 1887- 1888.*

JOÃO. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 17, 21, p.1888.*

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica Novo Millênio Ineunte** do Sumo Pontífice ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000. São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II, Papa. ***Redemptoris Missio***: sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. Discorso di Giovanni Paolo II alla Curia romana per gli auguri di natale, Lunedì, 22 dicembre 1986, Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/december/documents/hf_jp-ii_spe_19861222_curia-romana.html. Acesso em: 27 dez. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America***, sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão solidariedade na américa. São Paulo: Paulinas, 1999.

JOÃO XXIII, Papa. **Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do ss. Concílio, Ecumênico Vaticano II**, 11 de outubro de 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 20 out. 2023.

JUÍZES. *In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3, 15, p. 352.*

KIM, Kirsteen. Mission **Theology of the Church**. Disponível em: https://www.academia.edu/4389263/Mission_Theology_of_the_Church?email_work_card=title. Acesso em: 11 fev. 2023.

KRÄMER, Klaus Claus. Mission is Dialogue, only Dialogue. In: VIGIL, José María, **Escritos Sobre Teología Del Pluralismo** Cruzando la teología latinoamericana de la liberación con la teología del pluralismo religioso, en camino hacia nuevos paradigmas. pp 429-437. Edición digital, 2012.

KRÄMER, Klaus; VELLGUTH, Klaus. **Mission in dialogue: Approaches to a Communicative Understanding of Mission**. Quezon City: Claretian Publications Philippines, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/32652738/Vigil_et_Alii_Mission_and_Dialogue_Approaches_to_a_Communicative_Understanding_of_Mission_English_. Acesso em: 19 out. 2023.

KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das outras Religiões**. Tradução Luiz Fernando Gonçalves Pereira. São Paulo: Paulinas, 2008.

KLOPPENBURG, Boaventura, **Compêndio do Vaticano II** - Constituições, decretos declarações, 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

KOPIEC, Maksym Adam. **L'evangelizzazione nel recente magistero dei papi – Tra le sfide, il manda e la carita**. Roma: Terni, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/35961010/LEvangelizzazione_LIBRO_pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

LAFONT, Ghislain. **Movimenti e religiosi in “missione”**: alcune domande, Disponível em: [https://www.settimananews.it/chiesa/Movimenti e religiosi in "missione": alcune domande](https://www.settimananews.it/chiesa/Movimenti_e_religiosi_in_missione) – SettimanaNews. Acesso em: 04 jan. 2024.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.

LEE, Brian Yong. **Discovering Pope Francis**: the roots of Jorge Mario Bergoglio's thinking/ Brian Y. Lee and Rev. Thomas L. Knoebel. Collegeville: Liturgical Press, 2019.

LIENEMANN-PERRIN, Chistine. Conversão no contexto inter-religioso - Uma perspectiva missiológica, **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 2, p. 61-80, 2005.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LONGUINI Neto, Luiz. **EL Nuevo rostro de la Mision**, Los movimientos ecuménico y evangelical em el protestantismo latino-americano, tradución Roseli Schrader Giese, São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

LÓPEZ Fermín Rodríguez **¿Una fundamentación teológica para el diálogo interreligioso?** Disponível em: https://www.religiondigital.org/opinion/fundamentacion-teologica-dialogo-interreligioso-cristiano-iglesia-fraternidad-interreligiones_0_2314568572.htm. Acesso em: 16 fev. 2021.

LOPES, José Manuel Martins. Abusi in nome di Dio? **La Civiltà Cattolica**, Quaderno, 4164, pag. 587 – 599, Anno 2023, Volume IV, Roma: Itália, 2023.

LOURENÇO, Vitor Hugo. **Uma Igreja “em saída”, segundo a *Evangelii Gaudium***: Contexto significado e implicações pastorais. 2016. 179 f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016. Orientador: Agenor Brighenti. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. 1,39-53; p.1787.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,19, p.1790.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,3, p. 1792.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4, 1- 43; p. 1795-1796.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 5, 1-30; p. 1796-1798.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6,13-38, p.1799.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 7, 11-17. 34-50 p. 1798- 1801.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 8,1-3.40-56, p. 1801-1803.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 9,1-6 p.1804.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,1-12, 10. 9-3. 10,40 p. 1807-1810.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,49, p. 1813.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 13,6-9, p.1813.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 15, 1-32; 2-15, p.1816.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 19,1-10, p.1822.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 24, 13-35, p. 1833.

LUCIANI, R. La opción teológico-pastoral del pontificado de Francisco. **Razon y fé** **tomo** 273, n. 1411-1412, 2016. p. 459-471.

LUCIANI, R. La opción teológico-pastoral del Papa Francisco, **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Brasil, v. 48, n. 1, p. 81-115, jan./abr. 2016 p. 82-115.

MAÇANEIRO, Marcial. **Teologia das Religiões Salvação e religiões não-cristãs**. Dissertação (mestrado). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: Acesso em: 16 fev. 2021.

MAÇANEIRO, Marcial. “Ecologia e solidariedade”. Proposições da Encíclica Laudato si’. In: ZACHARIAS, R.; MANZINI, R. (Orgs). **A doutrina social da Igreja e o cuidado com os mais frágeis**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MADRIGAL, Terrazas Santiago. **“Las raíces espirituales y teológicas de la reforma del Papa Francisco”** XXXIV Curso de teología, 2017-2018. Santander: Universidad de Cantabria, 13 febrero 2018. Disponível em: <https://web.unican.es/campuscultural/Documents/Aula%20de%20estudios%20sobre%20religi%C3%B3n/2017-2018/Cantabria.REforma.FRANCISCO.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MADRIGAL, Terrazas Santiago. **A unidade prevalece sobre o conflito - Ecumenismo do Papa Francisco**. Brasília: CNBB, 2019.

MAIA, Tânia Maria Couto. O diálogo evangelho-cultura na experiência missionária de Paulo, **Revista Fronteiras**, Recife, v. 3, n. 1, p. 93-118, jan./jun., 2020.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 16,15, p.1795.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,1, p.1762.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,1; p. p.1759.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6,8s, p. 1767.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6, 37, p.1768.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10, 45–52, p.1775.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,13-17, p.1762.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 14,44-45, p.1781.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1,12.14, p.1759.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,46-52, p.1775.

MARCOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,14, p.1763.

MARIOTTI, Humberto. Diálogo: um Método de Reflexão Conjunta e Observação Compartilhada da Experiência, **Revista Thot**, nº 76, outubro de 2001, São Paulo: Palas Athena, 2001. p.p, 6-22.

MARTÍNEZ, Julio L. Per una teologia morale in uscita, **La Civiltà Cattolica**, Quaderno, 4164, pag. 523 - 537. Anno 2023, Volume IV, Roma: Edições Loyola; Scripta Publicações, 2023.

MATARAZZO, Carmine. La tenda di Dio tra gli uomini Lo stile pastorale del cardinale Jorge Mario Bergoglio a partire dalla V Conferência del Celam di Aparecida, **Rivista della Diocesi di Pozzuoli** n.1-4 gennaio/dicembre 2012. Pp 9-99.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. . Cap. 28, 19-20, p. 1758.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4,23; p. 1710.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 11,5; p. 1522.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 9,35; 10, 1-16, p.1720.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 28,19, p.1758.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 5,7, p.1710.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 25, 34-40, p.1750.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 11,5, p.1722.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 9,18-26, p.1719.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 15,21-28, p. 1731.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 23, 27–32, p. 1745.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 24,1-4, p. 1746.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 22, 37-39, p. 1744.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 11,29, p.1724.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 7,6, p.1715.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 10,2, p.1720.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,28, p. 1725.

MATEUS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. Mateus 23,8, p. 1745.

MCELWEE, Kate. A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. **Jornal, National Catholic Reporter**. Disponível em: <https://www.ncronline-org.translate.google.com/opinion/guest-voices/evolution-pope-francis-women-some-movement-more-needed/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MELO, Joaquim Pereira. A formação cristã e o diálogo dos primeiros padres com o paganismo de sêneca. **Revista História da Educação (Online)**, 2021, v. 25: e101189 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/101189>.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=a3ke>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MICKENS, Robert. A Radical teologia do Papa Francisco. **La Croix International**, 05-07-2019. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/590666-a-radical-visao-teologica-do-papa-francisco>. Acesso em: 18 out. 2023.

MORAIS, Pedro da Silva. Diálogo e cultura do encontro: um itinerário cristão em tempos de fundamentalismo, **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 17, jan/jun, 2016, p. 277-286. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto>. Acesso em: 18 out. 2023.

NEF ULLOA, Boris Agustin; Barbosa Guimarães, Adriana. A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco, **Franciscanum - Revista de las ciencias del espíritu**, vol. 61, núm. 172, Universidad de San Buenaventura, Bogotá- Colômbia, (2019): p.1-19. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3435/343565769009/343565769009.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

NERY, José. Israel. O mundo secularizado e Pluricultural, no qual nos cabe ser Discípulos Missionários, **Missão no mundo Pluricultural**. Brasília: Ed. CNBB, 2013. NEVES, Orlando Loureiro. **Dicionário da origem das palavras** (Portuguese Edition) Portugal, Alfragide: Oficina do livro, 2012.

OSÉIAS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 6,6. p.1592.

PAAS, Stefan. Intercultural Theology and Missiology. **Intercultural Studies and Intercultural Theology**, Vol. 1 No. 1 (2017). Disponível em: <https://journal.equinoxpub.com/ISIT/article/view/124>. Acesso em: 02 ago. 2023.

PALEARI, Giorgio. **Espiritualidade e missão**, São Paulo: Paulinas, 2001.

PALUMBO Egídio. **Essere chiesa “in uscita” oggi**. Disponível em: <http://www.parrocchiadiquinto.it/sites/default/files/articoli/allegati/ART.%20CHIESA%20IN%20USCITA.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAMSIEWICZ, Roberlei. Diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, Claudio Ribeiro de; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (Orgs). **Dicionário do pluralismo religioso**. São Paulo: Recriar, 2020.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos**: Introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2006.

PASSOS, Décio João. “Diálogo”. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

PASSOS, Décio João. **Os grandes temas do pontificado do Papa Francisco**. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/os-grandes-temas-do-pontificado-do-papa-francisco/>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAULO VI, Papa. Carta Encíclica **Ecclesiam Suam**, sobre os caminhos da Igreja. Disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html (06 de agosto de 1964). Acesso em: 06 abr. 2020.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Paulinas, 1975.

PEDRO, Costa. Regina. Bem-vinda. Entrevista concedida a Fabricio Preto. **Revista de Serviço de Animação Missionária (SIM) – Pontifícias Obras Missionárias, POM**, Ano 51, janeiro-abril 2023, p.p 8-9. Brasília, 2023. Disponível em: <https://pom.org.br/sim-no-1-janeiro-a-abril-2023/>. Acesso em: 15 out. 2023.

1 PEDRO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4, 8, p.2118.

1 PEDRO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3,15; p.2117.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco: uma reforma a partir de dentro da Igreja, **Revista de cultura teológica**, Ano XXIX - Nº 98 - Jan - Abr 2021, p.p.35-66.

PERETTI, Clélia.; QUEIROZ, Ivoneide. Mulher e Ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco. **Revista de cultura teológica**, v. XXIX, p. 133-152, 2021.

PERRONI, Marinella. **Querigma e profecia: A hermenêutica bíblica do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F; REA, John. In: **Dicionário Bíblico**. Tradução Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CBAD, 2007.

PONTIFICAL COUNCIL FOR INTERRELIGIOUS DIALOGUE WORLD COUNCIL OF CHURCHES. **Serving a Wounded World in Interreligious Solidarity**, A Christian Call to Reflection and Action During COVID-19 and Beyond. Disponível em: https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/bollettino/documentazione-linkata/ServingWoundedWorld_.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS (POM). **Campanha Missionária 2016**. Disponível em: <https://pom.org.br/wp-content/uploads/2016/12/novena-2016-aprovado.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e Anúncio** São Paulo: Paulinas, 1996.

PRIETO, Victorino Pérez. Los desafíos del Papa Francisco a la teología hoy desde su Encíclica Laudato si, **Congreso Internacional de Teología Interpelaciones del Papa Francisco a la Teología Hoy**. Hermann Rodríguez Osorio (Compilador) Bogotá, Colombia, 15 de Diciembre de 2017. P. 182-187.

RASCHIETTI, Stefano. Perspectivas decoloniais do sínodo para a Amazônia. **Revista Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 12, p. 58-76, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/26820>. Acesso em: 11 set. 2023.

RATZINGER, Joseph, (1969). **O novo Povo de Deus**. Tradução de Clemente Rafael Mahl. São Paulo: Molokai, 2016.

REGAZZONI, Gian Quinto. **Non esistono missionari in pensione**, disponível em: <http://www.settimananews.it/missioni/non-esistono-missionari-pensione>, 2022. Acesso em: 13 dez. 2023.

1 REIS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

RELIGIONS FOR PEACE. **Strategic Plan 2020-2025**. Disponível em: <https://www.rfp.org/wp-content/uploads/2020/12/STRATEGIC-PLAN-FINAL.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. **Libertação e Gratuidade - Reflexões Teológicas Sobre a Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2013.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. **Princípio pluralista**, São Paulo: Loyola, 2020.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. **Teologia protestante latinoamericana**: um debate ecumênico. São Paulo: Terceira Via, 2018.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Religiões brasileiras afrodiáspóricas e diálogo interreligioso. In: **Diálogo inter-religioso, religiões a caminho da paz**. São Paulo: Paulinas, 2018.

ROMÁN, José Manuel. "La realidad de las misiones en América Latina". In: *Antropología y evangelización*, por Celam- Departamento de Misiones, 191-212. Bogotá: CELAM, 1969.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 15, 20; p. 1990.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,3, p.1986.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 8, 22, p. 1980.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12, 2, p.1986.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 16,3, p.1991.

ROS GARCÍA, Salvador. La exhortación Evangelii gaudium: Guía espiritual de nuestro tiempo. **Revista de Espiritualidad**, Madrid, v. 77, n. 308, p. 371-395, julio-sep- Año XXIX - Nº 98 - Jan - Abr 2021 66 Revista De Cultura Teológica ISSN - Impreso 0104-0529 / Eletrônico: <http://revistas.pucsp.br/culturateo> tiembre, 2018.

ROXBOROUGH, John. Missiology after "Mission"? **International Bulletin of Missionary Research**, Vol. 38, No. 3 p.p 120 -126, July 2014, Guidelines for contributors to the International Bulletin of Missionary Research can be found online at www.internationalbulletin.org/node/377. julho/ University of Otago, Dunedin, Otago, Nova Zelândia, 2014.

RÜPPELI, Gert. **Changing mission – from Edinburg 1910 to Edinburg 2010 - Mission and "res publica Christiana"**, Disponível em: https://www.academia.edu/42117336/MISSION_and_res_publica_Christiana?email_work_card=view-paper. Acesso em: 31 dez. 2023.

SAILER, Gudrun. Com Francisco, mais mulheres estão trabalhando no Vaticano. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 08 de março de 2023, Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-03/10-anos-papa-francisco-mais-mulheres-trabalhando-no-vaticano.html>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SALMO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 146, 3, p.1015.

SALMO. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 36,6-11, p.898.

SALMO. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 24,1, p. 885.

SALMO. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 41,1, p.905.

1 SAMUEL. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 20,8-15; p.418.

2 SAMUEL. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 7,12-15; p.440.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Disponível em:
https://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf
 Acesso em: 05 nov. 2023.

SARACCO, J. Norberto. El Papa Francisco y la Unidad en la Misión, **C LAR ITAS | Journal of Dialogue & Culture** | Vol. 6, No. 2 (October 2017) p.p. 36-42.

SARAIVA Rui. **Sinodalidade e sinodal: palavras que “entraram já no uso cotidiano” da Igreja**. Disponível em:
<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-05/sinodalidade-e-sinodal-palavras-que-entraram-pena-parra.html>. Acesso em: 04 fev. 2024.

SARAIVA, Francisco, Santos, **Novíssimo dicionário latino português**. 13. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2019.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão**, *Vademecum* para o Sínodo sobre a Sinodalidade, Vaticano: Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2021.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. **Igreja e as outras religiões**: Diálogo e Missão. São Paulo: Paulinas, 1984.

SILVA, Dirce Gomes da. Sinodalidade: paradigma para a missão em diálogo. **Anais do II Congresso brasileiro de teologia pastoral a sinodalidade no processo pastoral da Igreja no Brasil**. Belo Horizonte: FAJE, 2022.

SINNER, Rudolf von. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões, **Caderno Teologia Pública**, UNISINOS, São Leopoldo, Ano 2, Nº 9, 2005. Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologia publica.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

SINNER, Rudolf von. Ecumenismo, Claudio Ribeiro de Oliveira, Gilbraz Aragão, Roberlei Panasiewicz (Orgs), **Dicionário do pluralismo religioso**. São Paulo: Recriar, 2020.

SINNER, Rudolf von. **Missão e Ecumenismo na América Latina: Parceria na Missão de Deus**/ Organizado por Rudolf von Sinner – São Leopoldo/Quito: Sinodal, 2009.

SINNER, Rudolf von. O cristianismo a caminho do Sul, **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 52 n. 1 p. 38-62 jan./jun. 2012.

SINODO DEI VESCOVI - XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA. **Documento finale**: I giovani, la fede e il discernimento vocazionale. Roma: Editrice Vaticana, 2018.

SÍNODO 2023 – DOCUMENTO PREPARATÓRIO. Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Sinodo-2023-Documento-Preparatorio.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SOARES, Afonso Maria Ligório. **Teologia em saída: para reaprender a aprender com as religiões e suas vivências plurais**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SOUZA Ney; GOMES, Edgar Silva. Os papas do vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea, **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-27, jan.abr. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/18264>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SPADARO, Antônio. **El sueño del Papa Francisco**: El rostro futuro de la Iglesia. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2013. p.32.

SPADARO, Antônio. La diplomazia di Francesco La misericordia come processo político **La Civiltà Cattolica**, 3975 (2016), pp. 209-226.

SPADARO, Antônio. **Evangelii Gaudium**” Raíces, estructura y sentido de la primera exhortación apostólica del Papa Francisco. Disponível em: [https://www.laciviltacattolica.es/2023/11/24/evangelii-gaudium/?utm_source=La+Civilt%C3%A0+Cattolica+ES&utm_campaign=834528db1cEMAIL_CAMPAIGN__24_11_2023&utm_medium=email&utm_term=0_91b80bb7cd-834528db1c-588479417&ct=t\(EMAIL_CAMPAIGN__24_11_2023\)](https://www.laciviltacattolica.es/2023/11/24/evangelii-gaudium/?utm_source=La+Civilt%C3%A0+Cattolica+ES&utm_campaign=834528db1cEMAIL_CAMPAIGN__24_11_2023&utm_medium=email&utm_term=0_91b80bb7cd-834528db1c-588479417&ct=t(EMAIL_CAMPAIGN__24_11_2023)). Acesso em: 24 nov. 2023.

ŠTĚCH, František. Mission inter gentes as a consequence of mission ad gentes? reflections 55 years after the decree on missionary activity of Vatican II and later developments in roman catholic missiology, **Acta Missiologica** | No. 2 | Vol. 14 | 2020 | This work has been supported by Charles University Research Centre program No. 204052, Czech Republic.

SUESS, Paulo. A missão no canteiro de obras do Vaticano II. Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois de sua promulgação. **REB, Revista**

Eclesiástica Brasileira, 66(261), <https://doi.org/10.29386/reb.v66i261.16>. 2006. p. 115–136.

SUESS, Paulo. A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, **Revista online Unisinos**, São Leopoldo, 2018.

SUESS, Paulo. Francisco: nome novo, programa impossível, In: **Francisco, Renasce a Esperança**, Passos, J. Décio, Soares, A. M. Ligório (Org.) São Paulo: Paulinas, 2013. p. 166-176.

SUESS, Paulo. **Introdução à teologia da Missão**: convocar e enviar: Servos e testemunhas do Reino. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SUESS, Paulo. **La Nueva Evangelizacion**: Desafios históricos y pautas culturales , QUITO - ECUADOR, EDICIONES ABYA-YALA, 1993.

SUESS, Paulo. **Missão e Misericórdia**, A transformação missionaria da Igreja segundo a *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2017.

SUESS, Paulo. Para um novo paradigma da missão no atual contexto da América Latina e do Caribe. Com Aparecida além de Aparecida. **REB, Revista Eclesiástica Brasileira**, 68(272), 870–891. 2008, <https://doi.org/10.29386/reb.v68i272.1412>.
SUESS, Paulo. **Projeto Missionário**. São Paulo: Paulinas, 2019.

TAMAYO, Juan José. **Las religiones, em tempo de globalizacion**, Ecumene de las religiones, Universidade Bíblica Latinoamericana, Madrid: UBL, 2002.

TAMAYO, Juan José. **Otra teologia es posible**: pluralismo religioso, interculturalidad y feminismo. España: Herder, 2012.

TAN, Jonathan Y. Missio Inter Gentes. Towards a New Paradigm in the Mission Theology of the Federation of Asian Bishops Conferences (FABC). **Mission Studies**. Pasadena (EUA), v. 21, 2004, p. 65-95.

TEIXEIRA, Faustino. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: a arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio. **Revista Convergência**, v. 34, n. 327, p. 520-529, nov. Brasília: CRB, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso. **Revista Convergência**, Ano XXXVII nº 356, Brasília, CRB, 2002.

1 TIMÓTEO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1 Timóteo 3,8, p.2071.

2 TIMÓTEO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4, 1, p.2077.

TITO. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 2,11, p.2080; 3,4, p.2080.

TOBIAS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 4, 7, p.668.

TOBIAS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 12,9, p.677.

TORRES Queiruga, Andrés. **Autocompreensão cristã** - diálogo das religiões. Tradução Jose Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**, Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VIGIL, J. M. (2004). Traços da espiritualidade missionária a partir da América Latina. **REB-Revista Eclesiástica Brasileira**, 64 (253), 27–40. <https://doi.org/10.29386/reb.v64i253.1743>.

VIGIL, J. M. La nueva relevancia de la espiritualidade, *Diakonía* XXVIII (septiembre 2004) 80-100, **Revista “Diakonía”**, XXVIII (septiembre 2004) 80-100, Universidad Centroamericana de Managua. Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/20204243/CASALD%C3%81LIGA_VIGIL_Espiritualidade_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o_4a_edi%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 08 jan. 2024.

VILAS Boas, Alex. Francisco e a Teologia da Cultura. *In*: **Rev. Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 3, 761-788, set./dez. 2016, p.p. 762-788. WOLFF, Elias. “A reconfiguração do movimento ecumênico e a busca de uma teologia ecumênica na América Latina”. **Theologica Xaveriana** 189 (2020): 1-XX. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx70>.

WOLFF, Elias. A recepção do Magistério do Papa Francisco pela Igreja Católica no Brasil: princípios e urgências para a missão. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 802-832, maio/ago. 2021.

WOLFF, Elias. A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo, **Revista de cultura teológica**, Ano XXIX - Nº 98 Jan - Abr 2021, p.p 12-33.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja**: ensaio de eclesiologia Ecumênica. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLFF, Elias. “A reconfiguração do movimento ecumênico e a busca de uma teologia ecumênica na América Latina”. **Theologica Xaveriana** 189 (2020): 1-XX. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx70>.

WOLFF, Elias. **Caminhos de diálogo para uma Igreja em saída**. Petrópolis: Vozes, 2023.

WOLFF, Elias. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil, História, Teologia, Pastoral**. São Paulo: Paulinas, Paulus, Sinodal, 2018.

WOLFF, Elias. Comunhão. In: **Dicionário do Concílio Vaticano II**/dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches. São Paulo: Paulus, 2015.

WOLFF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso, **Revista Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 81-111, jan./abr. 2015.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: Contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

WOLFF, Elias. **Igreja em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

WOLFF, Elias. Igrejas e ecumenismo: uma relação identitária, **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 2, p. 18-30, 2005.

WOLFF, Elias. Maria no diálogo ecumênico. Contribuições para as relações entre católicos e protestantes na América Latina, **Teología y Vida** 64/3 (2023) 337-366 Pontificia Universidad Católica de Chile. Facultad de Teología [337 <http://orcid.org/0000-0003-2479-234>.

WOLFF, Elias. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano, **Revista Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, Ano XV, nº 39, set/dez, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406>. Acesso em: 05 nov. 2023.

WOLFF, Elias. **Unitates Redintegratio, Dignitates Humanae, Nostra Aetate**: textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

WOLFF, Elias. **Vaticano II, 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014.

XAVIER, José Donizete. A Doutrina social da Igreja interpretada por Francisco. A Encíclica Laudato Si'. In: SANCHEZ, Wagner Lopes; FIGUEIRA, Eulálio A.P.(Orgs). **Uma Igreja de Portas abertas, nos caminhos do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 89-104.

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPO. **Instrumentum laboris XVI**, Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos para a primeira sessão, Roma, (outubro de 2023). Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2024/07/09/0560/01156.html#po>. Acesso em: 09 jul. 2024.

ZAMMIT, Mark Joseph. “La Iglesia Se Inclina Hacia El Hombre Y Hacia El mundo”: El Puesto Central Del diálogo De Pablo VI En El Concilio Vaticano II, **Estudios Eclesiásticos. Revista de investigación e información teológica y canónica** 94, no. 370 (septiembre 16, 2019): 513–556. Disponível em:

<https://revistas.comillas.edu/index.php/estudioseclesiacos/article/view/11102>. Acesso em: 19 out. 2023.

ZAMPIERI, Paola. Per una Chiesa aperta e in dialogo. **Revista Settimana News** 10 de outubro de 2020, Disponível em: <https://www.settimananews.it/teologia/chiesa-aperta-dialogo/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana, São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.